Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Psicologia

Bruno Pinto de Albuquerque

Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião

Rio de Janeiro
2017

Bruno Pinto de Albuquerque

Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião

Dissertação de Mestrado apresentada para a banca examinadora no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise inserido no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/IP/UERJ) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise, com área de concentração em Pesquisa e Clínica em Psicanálise.

Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro
2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A345 Albuquerque, Bruno Pinto de.
Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião / Bruno Pinto de Albuquerque. – 2017.
240 f.

Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Religião – Teses. 3. Pfister, Oskar, 1873-1956 – Teses. 4. Freud, Sigmund, 1856-1939 – Teses. I. Jorge, Marco Antonio Coutinho. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Bruno Pinto de Albuquerque

Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião

Dissertação de Mestrado apresentada para a banca examinadora no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise inserido no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA/IP/UERJ) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise, com área de concentração em Pesquisa e Clínica em Psicanálise.

Aprovada em 22 de março de 2017.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge (Orientador)

Instituto de Psicologia – UERJ

_____

Profª. Dra. Doris Luz Rinaldi

Instituto de Psicologia – UERJ

_____

Prof. Dr. Jean-Michel Vivès

Université Nice Sophia-Antipolis

Rio de Janeiro

2017

Sentes teu Criador, mundo?
Procure-o acima do céu estrelado!
Irmãos, acima do céu estrelado
deve morar um Pai amado.
[Ahnest du den Schöpfer, Welt?
Such ihn überm Sternenzelt!
Brüder, überm Sternenzelt
muss ein lieber Vater wohnen].
(Ode à alegria [Ode an die Freude], de Friedrich Schiller,
cantada no 4º movimento da 9ª Sinfonia de Ludwig van Beethoven)

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial minha mãe, meu pai e meus avós, mas também a meus irmãos, primos e tios, que me possibilitaram trilhar um caminho singular de apropriação da herança simbólica que me transmitiu.

Aos meus queridos amigos, que me acolheram nos momentos mais alegres e mais difíceis ao longo da construção deste trabalho.

À minha psicanalista Edna Chernicharo, que pacientemente suporta comigo a árdua travessia da fantasia de um sujeito dividido ($) entre a religião ($S_1$) e a psicanálise ($S_2$).

Aos analisandos que confiaram à minha escuta o que lhes habita de mais estranho e íntimo.

Aos membros do Grupo de Estudos "Psicanálise & Religião" do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, pela grata surpresa de terem aceitado percorrer comigo longos trechos da aventura desta pesquisa.

Ao jesuíta Ricardo Torri de Araújo, sj, por me apresentar a este tema em seus cursos "Psicanálise e espiritualidade" e "Religião e subjetividade", e desde então sustentar comigo um diálogo interminável.

Ao jesuíta espanhol Carlos Domínguez Morano, sj, a quem expresso minha gratidão por sua produção teórica sobre o diálogo entre psicanálise e religião; desejo que nossa correspondência possa se tornar tão longa quanto foi aquela entre Freud e Pfister.

Ao monge beneditino alemão Anselm Grün, osb, pelos livros que me acompanharam durante longos anos e inspiraram profundamente a iniciar os estudos sobre psicologia e espiritualidade; sua gentileza ao responder os e-mail's deste jovem pesquisador aumentaram o desejo de visitá-lo na abadia de Münsterschwarzach.

À psicanalista Denise Maurano, que me incentivou com entusiasmo carinhoso a prosseguir no trabalho de pesquisa explorando novos territórios no diálogo entre psicanálise e religião.

À psicanalista Karin Hellen Kepler Wondracek, pelo frutuoso diálogo que iniciamos, pelo convite a escrever sobre Pfister num tratado de psicologia clínica e pela iniciativa de traduzir para a língua portuguesa não apenas a correspondência entre Freud e Pfister e o ensaio *A ilusão de um futuro*, mas também de realizar uma extensa pesquisa sobre a curiosa vida e obra do *Analysenpfarrer* [pastor analista]; sem o seu trabalho este meu não teria sido possível.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por acolherem meu projeto de pesquisa na instituição e por terem contribuído para o seu desenvolvimento ao longo das disciplinas.

À professora doutora Doris Luz Rinaldi da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro das bancas de qualificação e de defesa de dissertação, pelas pontuações que testemunham uma leitura atenta e por ter me recebido em sua pesquisa acadêmica quando eu estava apenas engatinhando no campo da psicanálise, no início da Graduação em Psicologia.

Ao professor doutor Jean-Michel Vivès da Universidade de Nice, membro das bancas de qualificação e de defesa de dissertação, pelas valiosas contribuições nas ocasiões em que assistiu às minhas apresentações e pelo incentivo ao meu trabalho de pesquisa.

Ao meu orientador Marco Antonio Coutinho Jorge, por tão grande generosidade em nos transmitir a psicanálise com tanto entusiasmo e simplicidade, não poderia encontrar palavras para expressar minha gratidão, a não ser através do meu trabalho, despertado pelo seu desejo de despertar o desejo de despertar.

Ao mistério inesgotável e inominável da vida, a quem alguns de nós ousamos chamar de Deus, por motivos que a cada dia não cessam de não-todo se escrever.

RESUMO

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. *Sigmund Freud e Oskar Pfister:* um diálogo sobre psicanálise e religião. 2017. 240 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação consiste numa investigação do diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister sobre psicanálise e religião, que se desenvolveu ao longo de três décadas de correspondência epistolar. Sendo judeu e ateu, o pai da psicanálise investigou o fenômeno religioso a partir do campo teórico-clínico que inaugurou, introduzindo questões novas com a hipótese do inconsciente. Sendo pastor e psicanalista, o cura de almas protestante realizou a curiosa combinação de exercer a psicanálise em sua prática pastoral. Para Freud, a religião é uma ilusão originada da experiência de desamparo fundamental, que mobiliza a projeção da relação de ambivalência afetiva frente ao pai na construção da imagem de Deus. Para Pfister, a psicanálise é um meio de desenvolver e depurar a religião. Entremeamos a investigação de suas cartas com a apresentação de algumas de suas principais obras sobre o tema, dedicando uma atenção especial ao debate sobre a ilusão em *O futuro de uma ilusão*, livro ao qual Freud se refere como a sua declaração de guerra à crença religiosa, e *A ilusão de um futuro*, artigo ao qual Pfister se refere como sua controvérsia amigável.

Palavras-chave: Sigmund Freud. Oskar Pfister. Psicanálise e religião.

RESUMÉ

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. *Sigmund Freud et Oskar Pfister:* un dialogue sur psychanalyse et religion. 2017. 240 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Cette dissertation se compose d'une investigation du dialogue entre Sigmund Freud et Oskar Pfister sur psychanalyse et religion, qui s'est développe au long de trois décennies de correspondance épistolaire. En étant juif et athé, le père de la psychanalyse a étudié le phénomène religieux à partir du champ théorique-clinique qu'il avait innauguré, en introduisant de nouvelles questions avec l'hypothèse de l'inconscient. Comme pasteur et psychanalyste, le cure des ames protestant a effectuer la curieuse combinaison d'exercer la psychanalyse dans son pratique pastorale. Pour Freud, la religion est une illusion originée de l'expérience de l'impuissance fondamental, qui mobilise la projection de la relation d'ambivalence affective devant le père dans la construction de l'image de Dieu. Pour Pfister, la psychanalyse est un moyen de développer et déboguer la religion. Nous avons entremêlé l'investigation de leur cartes avec la présentation de quelques-unes de ses principales ouvres sur le sujet, en consacrant une attention particulière au débat sur l'illusion dans *L'avenir d'une illusion*, le livre à qui Freud se réfère comme son déclaration de guerre contre la croyance religieuse, et *L'illusion d'un future*, article à qui Pfister se réfère comme son controverse amicale.

Mots-clés: Sigmund Freud. Oskar Pfister. Psychanalyse et religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UMA HISTÓRIA DE MUITOS (DES)ENCONTROS 9

1 **O INÍCIO DA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA RELIGIÃO** 14

1.1 **Sigmund Freud, um judeu completamente ateu** 14

1.2 **A religião nos primeiros estudos sobre a histeria** 25

1.3 **Atos obsessivos e práticas religiosas** 29

1.4 Oskar Pfister, um psicanalista cura de almas 35

1.5 **Um encontro inesperado** 39

1.6 **As primeiras trocas de ideias** 46

2 **A INVESTIGAÇÃO PSICANALÍTICA DAS ORIGENS EDÍPICAS DA RELIGIÃO** 54

2.1 **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância** 54

2.2 **Um discípulo fiel** 57

2.3 **Totem e tabu** 67

2.4 **Algumas controvérsias teóricas e políticas** 82

2.5 **Psicologia das massas e análise do eu** 90

2.6 **A maturidade de uma amizade** 100

3 **O DEBATE SOBRE A ILUSÃO** 118

3.1 **O futuro de uma ilusão** 118

3.2 **As primeiras reações** 150

3.3 **Uma controvérsia amigável** 158

3.4 **A ilusão de um futuro** 167

3.5 **Um conflito entre pulsão de morte e sentido da vida** 201

3.6 **As últimas cartas** 214

CONSIDERAÇÕES FINAIS – PSICANÁLISE E RELIGIÃO: DIÁLOGO COM OU SEM FUTURO? 225

REFERÊNCIAS 231

INTRODUÇÃO – PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UMA HISTÓRIA DE MUITOS (DES)ENCONTROS

Ao inventar a psicanálise como um novo campo teórico-clínico de investigação e tratamento do sofrimento psíquico, Sigmund Freud construiu uma consistente teoria do psiquismo que o permitiu investigar de uma maneira completamente nova os fenômenos subjetivos e culturais. O conceito de inconsciente que formulou repercutiu em diversos outros campos, levantando questões e convocando-os a repensar suas próprias bases. Ouvindo durante longos anos os analisandos que se queixavam dos sofrimentos de que padeciam e, paralelamente, estudando a história da cultura e das religiões, Freud construiu a hipótese de que na origem da crença em Deus entra em cena o desejo inconsciente por um pai idealizado que possa, por meio de seu amor, garantir proteção contra o desamparo fundamental inerente à condição humana.

Sendo judeu e ateu, Freud sempre se interessou por estudar a religião[1] à luz da psicanálise, procurando abordá-la a partir da dinâmica psíquica inconsciente. Em suas *Obras completas*, a religião aparece desde o primeiro texto, um relatório de estudos em Paris e Berlim sobre o fenômeno histérico, de 1886, até o último, uma anotação de 23 de agosto de 1938 na qual procura situar a experiência mística na sua topologia psíquica: "O misticismo é a obscura autopercepção do reino exterior ao eu[2], do isso[3]" (FREUD, 1941/1938[2006]). Também seu último livro publicado foi o resultado de décadas de reflexão sobre *O homem Moisés e a religião monoteísta*[4].

[1] Ao abordar o tema "religião e psicanálise" no *Dicionário Internacional da Psicanálise* organizado por Alain de Mijolla, Odon Vallet definiu religião como "um conjunto de crenças e de práticas comuns a um dado grupo social e ligando este a uma instância superior, geralmente uma divindade ou um homem divinizado" (VALLET, 2005, p.1600), de modo que seguiremos esta definição no presente trabalho.

[2] A *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (*ESB*) adota o termo "ego", mas a tradução mais fiel ao termo alemão usado por Freud (*Ich*) é "eu", de modo que o substituiremos por este último sempre que o termo aparecer.

[3] A *ESB* adota o termo "id", mas a tradução mais fiel ao termo alemão usado por Freud (*Es*) é "isso", de modo que o substituiremos por este último sempre que o termo aparecer.

[4] Para um estudo aprofundado e sistemático do tema da religião ao longo da obra de Freud remetemos o leitor à obra *El psicoanálisis freudiano de la religión: análisis textual y comentario crítico* [A psicanálise freudiana da religião: análise textual e comentário crítico], de Carlos Domínguez (1991). Para uma pesquisa desse tema na correspondência entre Freud e Pfister, remetemos à obra *Psicanálise e religião: um diálogo interminável – Sigmund Freud e Oskar Pfister* (2008), do mesmo autor.

Dentre as diversas amizades que Freud desenvolveu ao longo da vida, aquela que nos parece a mais curiosa foi a que manteve com Oskar Pfister, um pastor suíço liberal que se tornou psicanalista mantendo a fé cristã e, mais do que isto, transformou a psicanálise em seu instrumento na prática pastoral. Tendo se conhecido em 1909 por intermédio de Carl Gustav Carl Gustav Jung, os dois se mantiveram amigos até o falecimento de Freud, trocando correspondências ao longo de três décadas[5].

O objetivo desta dissertação é explorar os fundamentos do diálogo entre psicanálise e religião através das cartas entre Freud e Pfister, entremeadas com algumas de suas principais obras psicanalíticas sobre o tema. Em contraste com as *Obras completas* de Freud publicadas na língua portuguesa, os trabalhos de Pfister se encontram em sua grande maioria publicados apenas em língua alemã. Considerando esta limitação, assim como o ápice do diálogo epistolar, nosso enfoque recairá privilegiadamente sobre o debate acerca da abordagem freudiana da religião como ilusão, desencadeado a partir da publicação do livro de Freud, *O futuro de uma ilusão* (1927), que foi comentado e criticado amigavelmente por Pfister no artigo *A ilusão de um futuro* (1928), publicado com a aprovação de Freud na *Imago*, a principal revista à época de interface da psicanálise com a cultura.

O primeiro capítulo trata do início da abordagem psicanalítica da religião, começando pela investigação de alguns traços biográficos de Freud. Tendo iniciado o estudo psicanalítico da religião interpretando que as mulheres acusadas de possessão demoníaca e queimadas como bruxas na Idade Média deviam sofrer de ataques histéricos, o pai da psicanálise passa a comparar a religião a uma neurose obsessiva universal, analogia que sustentará até o fim de sua obra. Em seguida, apresentaremos elementos da biografia de Pfister para indicar certos traços que favoreceram esse encontro inesperado de um clérigo cristão com a psicanálise. Seu contato inicial com Freud aconteceu através de Jung, a quem havia procurado como supervisor do atendimento pastoral. Após o rompimento entre Freud e Jung, Pfister permaneceria durante alguns anos como o único psicanalista em Zurique.

No segundo capítulo abordaremos a investigação psicanalítica das origens edípicas da religião, explorando a noção freudiana de que a imagem de Deus é construída a partir do relacionamento com o pai. Na sequência, apresentaremos o livro *Totem e tabu*, considerado por

[5] Para Joel Birman, essas cartas possivelmente consistem no documento mais importante da história da psicanálise no que se refere ao seu diálogo com a religião: "A correspondência entre Freud e o pastor Pfister, estabelecida de forma sistemática entre 1909 e 1938, constitui talvez o arquivo discursivo mais importante para balizarmos a relação entre os discursos psicanalítico e religioso, considerando que algumas das teses fundamentais deste debate foram assumidas na vivacidade de um diálogo amigo e cordial, onde os interlocutores assumiram posições discordantes face a esta problemática" (BIRMAN, 1988, p.123).

alguns autores como o principal texto freudiano sobre religião. Nele, Freud se apoia em pesquisas da antropologia social para oferecer uma hipótese psicanalítica para a origem do totemismo, que os estudiosos da época acreditavam ser uma fase inicial necessária ao desenvolvimento de todas as culturas. Assim, esclarecer a origem do totemismo significaria elucidar as origens da cultura, da moral e da religião. Freud identifica alguns pontos de concordância entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos – esse é o subtítulo da obra –, traçando uma conexão entre a proibição do parricídio e a interdição do incesto, vigentes nas culturas chamadas de primitivas, e os desejos inconscientes infantis e edípicos que descobriu na clínica da neurose. Apoiando-se numa hipótese de Darwin, Freud constrói o mito científico do assassinato do pai primevo, construindo sua hipótese de que a religião surgiu como um desdobramento desse acontecimento primordial que reencena a ambivalência afetiva frente ao pai. Não temos acesso às reações de Pfister a esse importante ensaio, de modo que na sequência exploraremos algumas das controvérsias teóricas e políticas entre os dois. O pastor de Zurique divergia em alguns pontos essenciais da teoria pulsional, apreendendo-as numa totalidade global do organismo. Freud se queixava que Pfister não reconhecesse na clínica a parcialidade das pulsões e procurasse encontrar uma harmonia no conjunto da ópera. Nesse período da correspondência encontramos também algumas controvérsias sobre o funcionamento da Sociedade Psicanalítica de Zurique, que parecia se assemelhar em alguns pontos a uma instituição religiosa. Por fim, veremos a investigação freudiana dos efeitos sobre o eu de uma inserção na massa. Freud identifica o líder como um ponto no qual converge o ideal do eu dos membros do grupo, o que possibilita a coesão e a identificação entre eles. Ele interpreta a motivação psíquica para esse fenômeno como um reavivamento da necessidade de submissão ao pai da infância (do ponto de vista ontogenético) e ao pai primevo (do ponto de vista filogenético). Assim, analisa a hierarquia da Igreja a partir dos laços libidinais, encontrando em seu fundamento o desejo de ser amado pelo pai.

A maturidade da amizade entre Freud e Pfister permitiu que travassem um debate sobre a noção psicanalítica de ilusão. A epígrafe desta dissertação condensa o ponto de discordância entre Freud e Pfister. Para Freud, a crença num Pai acima do céu estrelado é uma ilusão, que ele define como não sendo necessariamente um erro, mas sim uma crença carregada de desejo que despreza a verificação da realidade, que é mobilizada pelo desamparo fundamental e que engendra um anseio pelo amor e pela proteção do pai. Segundo ele, a religião é uma ilusão e uma neurose infantil fadada a desaparecer com o amadurecimento da humanidade proporcionado pelo progresso científico. As primeiras reações a esse livro foram bastante enérgicas, tanto por parte dos psicanalistas quanto dos religiosos, mas em sua maioria pouco

consistentes. Uma das reações que Freud mais valorizou foi a de Pfister, que escreveu com o seu consentimento uma amigável controvérsia, na qual o pastor se dedica a analisar cada uma daquelas que chama de as acusações de Freud à religião. Para Pfister, a religião genuína não é uma neurose, e sim uma tentativa de cura da neurose, que procura deformá-la. Ele também chama a atenção para o conceito de ilusão conforme elaborado por Freud para enfatizar que a ilusão pode conviver com a realidade. Assim, conclui que o prognóstico de que a religião desapareceria era uma ilusão de Freud que desconsiderava os postulados da filosofia da ciência. O pastor considerava a psicanálise um meio para desenvolver e amadurecer a religião, constantemente lamentando que Freud desprezasse a religião e a música. Pfister corrobora a indicação de Freud de que a essência da religião é se ocupar com a pergunta pelo sentido da vida, mas a discussão sobre a pulsão de morte ocorreria somente na correspondência privada. O pastor considerava a pulsão de morte como um declínio da pulsão de vida, mas Freud lhe responde que a pulsão de era uma hipótese inevitável.

Um quarto capítulo havia sido planejado para tratar dos últimos estudos psicanalíticos da religião na história da cultura, mas o trabalho já estava bastante extenso e deixaremos para desenvolvê-lo em outra oportunidade. Seria igualmente importante explorar outros textos de Freud muito importantes para o estudo psicanalítico da religião: *Uma neurose demoníaca do século XVII*, *Uma experiência religiosa*, *O mal-estar na cultura*, *A questão de uma Weltanschauung* e *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Também teria sido proveitoso discutir a principal obra de Pfister, *Cristianismo e angústia*, e comparar esses dois últimos estudos. Freud estudou a origem do monoteísmo na história do judaísmo através do mito do assassinato do pai primevo, enquanto Pfister estudou a história do cristianismo a partir da teoria psicanalítica da angústia. Inserimos trechos desses textos nas notas de rodapé, mas temos consciência de que cada um deles mereceria seu próprio subcapítulo.

A partir das trilhas abertas por Freud e Pfister, diversos autores empreenderam seus próprios caminhos na investigação deste (des)encontro entre psicanálise e religião. A maneira como a questão foi abordada ao longo da história da psicanálise apresentou matizes tão diversas que variam desde a incompatibilidade completa, cuja posição considera este diálogo impossível, até o concordismo ingênuo, cuja harmonia que se imagina alcançar impede o reconhecimento de diferenças fundamentais. Em todos os casos, entretanto, a correspondência entre o pai da psicanálise e o pastor suíço, assim como seu debate público sobre a ilusão, forneceram as bases nas quais outros autores sustentaram suas posições. A proposta deste trabalho é retomar essa correspondência na esperança de apresentar os elementos que permitam

a cada um se posicionar em relação à possibilidade ou não de um diálogo entre os campos da psicanálise e da religião.

1 **O INÍCIO DA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA RELIGIÃO**

1.1 **Sigmund Freud, um judeu completamente ateu**

Apesar de sua origem judia, Freud se declarou ateu desde a juventude, um "judeu completamente ateu" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.84) – foi assim que ele se referiu a si mesmo numa carta a Pfister datada de 9 de outubro de 1918. Com efeito, Ernest Jones nos informa em sua biografia do pai da psicanálise que o tema "Freud e a religião" se tornou objeto de diversos livros e ensaios, despertando mais controvérsias e condenações do que todos os seus textos, excetuando talvez os que tratam do tema da sexualidade. Assim, o biógrafo indica que, para abordar tal questão, é interessante diferenciar a atitude pessoal de Freud e seus escritos sobre religião: "Podemos considerar separadamente a atitude pessoal de Freud em relação à religião e os trabalhos em que contribuiu para a compreensão de certos aspectos da religião"[6] (JONES, 1989c, p.345). Assim, seguiremos esta indicação, percorrendo brevemente alguns pontos importantes para uma apreciação da posição pessoal de Freud frente à religião, antes de empreendermos uma investigação de suas contribuições psicanalíticas à investigação do tema.

Schlomo[7] Sigismund Freud, filho de Salomon Jakob Freud e Amalie Freud, nasceu em 6 de maio de 1856, em Freiberg (atual Příbor), na Morávia, uma pequena cidade de maioria católica que pertencia ao Império Austro-Húngaro e atualmente pertence à República Tcheca. Havia um pequeno número de famílias judias, dentre as quais a família Freud. Jakob Freud se casara três vezes, sendo a terceiro delas com Amalie Nathansohn, mãe de Sigismund, o primogênito, e de outros dois meninos e cinco meninas.

Jakob lia e escrevia em hebraico com facilidade e havia estudado aprofundadamente o Talmud, um livro sagrado dos judeus que contém as discussões dos rabinos sobre a lei, a ética, os costumes e a história judaica. O pai de Jakob (que também era o primogênito) era o rabino Schlomo Freud, filho do rabino Ephraim Freud, e morreu dez semanas antes de Sigismund nascer. Assim, o pequeno Sigismund recebeu o nome herdado do avô que falecera pouco antes

[6] No início do primeiro volume da biografia, Jones afirmara: "Não se conhece muita coisa sobre a formação religiosa de Freud. Houve, é bem verdade, a babá católica, tendo talvez sua assustadora influência contribuído para a posterior aversão de Freud pelas crenças e cerimônias cristãs. Seu pai deve ter sido educado como judeu ortodoxo, sendo o próprio Freud, certamente, versado em todos os costumes e festas judaicas" (JONES, 1989a, p.32). Analisaremos brevemente esses pontos adiante.

[7] Trata-se de um nome de origem bíblica, Salomão, cujo uso Freud abandonará desde a idade escolar.

e que pertencia a uma linhagem de rabinos. Parece haver existido certo favoritismo de Jakib pelo primogênito de seu último casamento, como podemos depreender pelo fato de que apenas o nascimento e a circuncisão de Sigismund foram anotados pelo pai na página de comemorações da Bíblia da família.

O ambiente no qual Freud cresceu era marcado por uma tensão muito grande entre religião e ciência, o que teria levado sua família a modificar sua religiosidade. Jakob Freud pouco a pouco ia adotando uma vivência religiosa menos tradicional que a de seus ancestrais, uma forma de judaísmo influenciada pelo Iluminismo que tentava adaptar a religião mosaica ao mundo moderno. Abandonando o hassidismo, movimento ortodoxo que promovia o misticismo judaico como fundamental à fé judaica, Jakob Freud aderiu à Haskalah, movimento do Iluminismo judaico que incentivava a integração com a sociedade europeia e a valorização da educação secular aliada ao estudo do hebraico e da história judaica.

De fato, a Bíblia da família era a edição organizada por Ludwig Philippson, fortemente marcada por essa última vertente: era bilíngue (hebreu e alemão) e continha uma série de ilustrações e comentários extensos sobre história e cultura de vários povos. Freud aprendera a ler com o pai nesta Bíblia, sobre a qual reconhecerá quase ao fim da vida que exerceu sobre ele uma grande influência[8]. Entretanto, nada indica que o interesse de Freud pela história bíblica tenha ultrapassado a esfera do conhecimento histórico ou do valor ético e viesse a alcançar para ele uma dimensão religiosa, como notou seu biógrafo Ernest Jones:

> Quando Freud falava do fato de ter sido muito influenciado pela leitura, desde cedo, da Bíblia, pode ter desejado referir-se apenas ao sentido ético, além de seu interesse histórico. Cresceu privado de qualquer crença em um Deus ou Imortalidade, nunca parecendo ter sentido necessidade dela. As necessidades emocionais que geralmente se manifestam na adolescência tiveram expressão primeiro em vagas cogitações filosóficas e, logo depois, em uma fervorosa adesão aos princípios da ciência (JONES, 1989a, p.33).

A babá de Freud, Monika Zajic, era uma senhora tcheca católica a quem o pequeno Sigismund era muito apegado. Ela lhe falava do céu e do inferno e o levava à Igreja, de onde ele voltava brincando de celebrar a missa em casa. A babá desapareceu misteriosamente, retornando à lembrança de Freud durante o processo que denominou de sua autoanálise. Numa carta a Wilhelm Fliess datada de 3 e 4 de outubro de 1897, Freud se refere a ela como "uma

[8] Em sua autobiografia de 1925, Freud escreverá: "Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse" (FREUD, 1925/1924[2006], p.16). Comparando as ilustrações da Bíblia com as peças da coleção arqueológica que Freud iniciaria após a morte de seu pai, alguns autores encontraram fortes correlações, dentre os quais Ana-María Rizzuto (2011).

mulher velha e feia, mas esperta, que me contou uma porção de coisas a respeito de Deus todo-poderoso e do inferno e que me deu uma opinião elevada acerca das minhas próprias capacidades" (FREUD, 1950/1892-1899[2006], p.312). Em carta a Fliess datada de 15 de outubro de 1897, a mesma na qual menciona pela primeira vez a universalidade da noção que viria a ser nomeada como complexo de Édipo[9], Freud conta que perguntou à mãe se esta se lembrava da velha senhora, e Amalie lhe contou o que de fato havia acontecido.

> Perguntei a minha mãe se ela ainda se recordava da babá. "Naturalmente", disse ela, "uma pessoa de idade, muito esperta. Estava sempre levando você à igreja: depois, quando você voltava, você costumava pregar sermões e falar-nos a respeito de Deus todo-poderoso. Durante meu resguardo, quando Anna nasceu" (ela é dois anos e meio mais nova do que eu), "descobriu-se que ela era ladra, e todas as moedas novas e reluzentes de *kreuzers* e *zehners* e todos os brinquedos que tinham sido dados a você foram encontrados entre os pertences dela. Seu irmão Philipp foi buscar um policial, e ela pegou dez meses de cadeia[10] (FREUD, 1950/1892-1899[2006], p.314).

Quando Sigismund tinha por volta de quatro anos a família se mudou para Viena. Sigismund entrou no *Gymnasium* no outono de 1865, cerca de um ou dois anos antes da idade comum, e ainda assim viria a se destacar repetidamente como o melhor aluno da classe e obter o diploma *summa cum laude*, com distinção e louvor.

Por volta dos dez ou doze anos, num passeio com o pai no qual este transmitia ao filho algumas de suas visões de mundo, Freud se decepcionou profundamente ao descobrir que o pai não era tão poderoso quanto imaginava[11].

> Eu devia ter dez ou doze anos quando meu pai começou a me levar com ele em suas caminhadas e a me revelar, em suas conversas, seus pontos de vista sobre as coisas do

[9] É nesta carta que Freud escreve o famoso trecho em que verifica pela primeira vez a universalidade do que chamará de complexo de Édipo: "Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas" (FREUD, 1950/1892-1899[2006], p.316).

[10] O desaparecimento da babá parece ter deixado fortes impressões no pequeno Sigismund. Na mesma carta, ele escreve pouco depois: "Ao sentir falta de mamãe, temi que ela tivesse desaparecido de mim, tal como acontecera, pouco antes, com a velha babá" (FREUD, 1897[2006], p.315).

[11] Ao tratar da psicologia do escolar, Freud escreverá: "De todas as imagens (*imagos*) de uma infância que, via de regra, não é mais recordada, nenhuma é mais importante para um jovem ou um homem que a do pai. [...] Um rapazinho está fadado a amar e a admirar o pai, que lhe parece ser a mais poderosa, bondosa e sábia criatura do mundo. O próprio Deus, em última análise, é apenas uma exaltação dessa imagem do pai, tal como é representado na mente durante a mais tenra infância" (FREUD, 1914b[2006], p.249). Mas, segundo Freud, o menino em idade escolar começa a perceber as limitações do próprio pai: "Descobre que o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres; fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar seu lugar na sociedade; e então, em regra faz com que ele pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou. [...] É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores [...] Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância" (FREUD, 1914b[2006], p.249).

> mundo em que vivemos. Foi assim que, numa dessas ocasiões, ele me contou uma história para me mostrar quão melhores eram as coisas então do que tinham sido nos seus dias. "Quando eu era jovem", disse ele, "fui dar um passeio num sábado pelas ruas da cidade onde você nasceu; estava bem-vestido e usava um novo gorro de pele. Um cristão dirigiu-se a mim e, de um só golpe, atirou meu gorro na lama e gritou: 'Judeu! saia da calçada!'" – "E o que fez o senhor?", perguntei-lhe. "Desci da calçada e apanhei meu gorro", foi sua resposta mansa. Isso me pareceu uma conduta pouco heróica por parte do homem grande e forte que segurava o garotinho pela mão. Contrastei essa situação com outra que se ajustava melhor aos meus sentimentos: a cena em que o pai de Aníbal, Amílcar Barca, fez seu filho jurar perante o altar da casa que se vingaria dos romanos. Desde essa época Aníbal ocupava um lugar em minhas fantasias[12] (FREUD, 1900[2006], p.226-227).

No colégio, Freud realizou seus estudos num ambiente marcado pelo humanismo, que valorizava a história antiga e a literatura clássica e contemporânea, assim como incluía o estudo de grego e latim, além das matérias comuns à época. Tais estudos influenciariam a paixão que Freud demonstrou ao longo de toda a sua vida como pesquisador de variados temas referentes à história das civilizações. Ele estudou religião, história bíblica e hebraico com o professor Samuel Hammerschlag entre 1871 e 1873 ou talvez desde que ingressou no *Gymnasium*. Suas notas na disciplina de educação religiosa (mosaica) eram altas e entre os dois cresceu uma amizade que perduraria até a morte do professor, ocasião na qual Freud escreveria um afetuoso necrológio em sua memória, publicado em 11 de novembro de 1904:

> S. Hammerschlag, que há cerca de trinta anos encerrou suas atividades como professor da religião judaica, era uma dessas personalidades que possuem o dom de marcar indelevelmente o desenvolvimento de seus alunos. Possuía uma centelha da mesma chama que iluminou os espíritos dos grandes videntes e profetas judeus, centelha essa que só se extinguiu quando a idade avançada debilitou suas forças. [...] A instrução religiosa era para ele um meio de despertar o amor das humanidades, e através da história judaica conseguia desobstruir as fontes de entusiasmo ocultas nos corações jovens e fazê-las fluir até ultrapassarem as limitações do nacionalismo ou do dogma. Aqueles alunos seus que mais tarde puderam privar com o mestre o seu próprio lar, nele encontraram um amigo paternal e solícito e descobriram a compassiva bondade que era a característica fundamental de sua natureza (FREUD, 1904[2006], p.234).

[12] Interpretando um de seus próprios sonhos, Freud tece suas associações a respeito da cidade de Roma e se identifica com Aníbal, o general cartaginês considerado o maior dos táticos militares da história, que enfrentou o Império Romano. A respeito desta figura histórica, Freud afirmou: "Aníbal, com quem eu viera a me assemelhar [...] fora o herói predileto de meus últimos tempos de ginásio. Como tantos meninos daquela idade, eu simpatizara, nas Guerras Púnicas, não com os romanos, mas com os cartagineses. E quando nas séries mais avançadas comecei a compreender pela primeira vez o que significava pertencer a uma raça estrangeira, e os sentimentos anti-semitas entre os outros rapazes me advertiram de que eu precisava assumir uma posição definida, a figura do general semita elevou-se ainda mais em meu conceito. Para minha mente juvenil, Aníbal e Roma simbolizavam o conflito entre a tenacidade dos judeus e a organização da Igreja Católica. E a importância crescente dos efeitos do movimento anti-semita em nossa vida emocional ajudou a fixar as idéias e sentimentos daqueles primeiros anos" (FREUD, 1900[2006], p.226).

Antes de entrar para a faculdade, Freud declarou interesse pelo estudo de assuntos humanísticos. Embora tenha empreendido uma carreira médica, ele se interessava mais pelas grandes questões da humanidade do que pelo estudo do corpo humano e suas patologias[13].

Ao ingressar para estudar medicina, Freud cogitou a possibilidade de estudar concomitantemente filosofia e se interessava por diversas aulas. Seria impossível considerar neste trabalho as múltiplas e variadas influências intelectuais de Freud neste período de sua formação acadêmica[14]. Embora seja importante considerar estas heranças, dentre as quais se encontram movimentos tão distintos quanto o materialismo mecanicista, o Iluminismo francês e o Romantismo alemão, a criação da psicanálise extrapola qualquer tentativa de reduzi-la a tais influências. Em consideração aos objetivos do presente estudo nos limitaremos a comentar brevemente aquelas que afetaram a atitude de Freud em relação à religião. Já nesta época ele se referia a si mesmo como ateu[15] e tratava os temas religiosos com irreverência[16], como atestamos numa carta escrita ao amigo Eduard Silberstein em 8 de novembro de 1874:

> Ficaria com pena se tu, o jurista, negligenciasses inteiramente, por exemplo, a filosofia, enquanto eu, um ímpio estudante de medicina e empírico, ouço duas preleções sobre filosofia e leio Feuerbach em companhia do Paneth. Uma delas trata – escuta e pasma! – da existência de Deus, sendo que o professor Brentano, que as lê, é uma esplêndida pessoa, sábio e filósofo, embora ache necessário sustentar a diáfana existência de Deus com os seus pareceres. Vou te escrever o mais breve possível, tão logo um argumento dele venha a se referir diretamente à questão (por ora, ainda não passamos das pré-indagações), a fim de não te apartar do caminho da salvação pela fé (FREUD, 1871-1881[1995], p.90).

---

[13] Em sua autobiografia, Freud escreverá: "Nem naquela época [de escola], nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico. Fui, antes, levado por uma espécie de curiosidade, que era, contudo, dirigida mais para as preocupações humanas do que para os objetivos naturais" (FREUD, 1925/1924[2006], p.16).

[14] Essas influências incluem, por exemplo, estudiosos ingleses da natureza (John Tyndall, Thomas Huxley, *Sir* Charles Lyell e Charles Darwin) e cientistas alemães (Hermann Helmholz e Ernst Brücke).

[15] Um ano antes de sua morte, Freud afirmará: "Nem em minha vida privada nem em meus escritos jamais fiz segredo de minha absoluta falta de fé" (FREUD apud GAY, 1992, p.52). Peter Gay chega a dizer que "Freud aproveitava, ou criava, todas as oportunidades possíveis para ostentar sua descrença" (GAY, 1992, p.21). É curioso que, apesar disso, pessoas próximas a Freud, inclusive membros de sua família, não tivessem clareza a respeito de sua posição; seu sobrinho Harry Freud, inclusive, não achava que o tio fosse ateu (GAY, 1992, p.13).

[16] A irreverência com a qual Freud trata o tema da religião e da crença em Deus comparece pontualmente ao longo de sua obra. Ao tratar dos chistes que atacam dogmas religiosos e a crença em Deus, ele conta uma história atribuída ao poeta Heinrich Heine – ao qual Freud se referiu como "meu companheiro de ateísmo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.159) –, que teria feito um chiste blasfemo no leito de morte. Quando um amável padre lhe convidou a se lembrar de que a graça de Deus poderia lhe trazer esperanças de ser perdoado, Heine teria dito: "Com certeza ele me perdoará: é seu ofício" ["*Bien sûr qu'il me pardonnera: c'est son métier*"]. Freud interpreta que, neste caso, "no moribundo, quando jaz impotente, acende-se a consciência de que criara um Deus e o adotara de certo poder para utilizá-lo quando surgisse a ocasião. O que se supunha ser a criatura revela-se, no próprio instante de sua aniquilação, como criador" (FREUD, 1905c[2006], p.113).

Freud e seu amigo Paneth escreveram cartas ao professor Brentano demonstrando objeções às suas teses. Brentano os convidou para lhe visitarem em sua casa e respondeu às questões dos alunos, conquistando sua admiração. "Sobre este homem notável (ele crê em Deus, é teólogo (!) e darwiniano, e um cara malditamente arguto, até genial) e, sob diversos pontos de vista, ideal, irás ainda ouvir outras coisas, oralmente" (FREUD, 1871-1881 [1995], p.115). Sob a influência de Brentano, Freud em sua adolescência se interessou por algum tempo pela relação entre filosofia e ciências naturais e pela questão da existência de Deus[17].

Embora provavelmente tenha sido a única pessoa que levou Freud a titubear por um momento em sua convicção ateísta, não foi Brentano quem exerceu efeitou duradouro em suas concepções sobre Deus, mas sim a obra do filósofo Ludwig Feuerbach, aquele que "entre todos os filósofos, eu mais estimo e admiro" (FREUD, 1871-1881[1995], p.115), como escreve a Silberstein, afirmando em seguida: "me alegro por esse batalhador versátil a favor de 'nossas' verdades" (FREUD, 1871-1881[1995], p.115). Suas teses sobre a religião em *A essência do cristianismo*, a obra magna do autor, são muito semelhantes às que Freud sustentará em *O futuro de uma ilusão*. Para Feuerbach, Deus é uma projeção para o exterior do desejo de perfeição do homem e a religião é uma forma de alienação. Segundo ele, o sentimento de dependência radical diante da natureza é a essência da religião, de modo que o homem constrói uma representação fantasística de Deus que satisfaça aos seus próprios desejos. Assim, alguns comentadores[18] identificam Feuerbach entre os autores aos quais Freud se refere de uma maneira generalizada em seu ensaio sobre a ilusão, onde ele afirma:

> [...] não disse nada que outros homens, melhores do que eu, já não tenham dito antes de mim, de modo muito mais completo, energético e impressivo. Seus nomes são bem conhecidos e não vou citá-los porque não quero dar a impressão de estar procurando colocar-me entre eles. Tudo o que fiz – e isso constitui a única coisa nova em minha exposição – foi acrescentar uma certa base psicológica às críticas de meus grandes predecessores[19] (FREUD, 1927a[2006], p.44) .

[17] Numa carta a Silberstein datada de 27 de março de 1875, Freud escreve: "Desde que Brentano entrou em disputa comigo sobre seu Deus, de uma forma tão ridícula e leviana, receio que algum belo dia venha a ser aprisionado por provas científicas a favor do espiritismo [...] e assim por diante. Isto acontece porque tenho sido pouco dogmático em tudo quanto creio, apegando-me apenas à convicção lógica. [...] Na verdade, o seu Deus é apenas um princípio lógico e que, como tal, foi aceito por mim. [...] Não possuímos o genuíno conceito de Deus, o que podemos ter, a esse respeito, é somente uma analogia, pois o genuíno conceito de Deus não pode ser dado através de disposições humanas. Por mais extravagante que isso pareça, há aí muita sensatez e muito método supérfluo. Em resumo, é impossível refutar Brentano antes de ouvi-lo, estudá-lo e saqueá-lo. Um dialético tão arguto exige que a gente afie a sua própria força na dele, antes de fazê-las competir" (FREUD, 1871-1881[1995], p.126).

[18] Ver, por exemplo, Boelich (1995, p.243), no posfácio de *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*.

[19] Ernest Jones se refere à obra *The Illusion of the Epoch*, de H. B. Acton, no qual este encontrou semelhanças dignas de nota entre os escritos de Freud e Feuerbach, citando um trecho de uma obra deste autor: "A religião é

O mais importante professor de ciências naturais de Freud foi também aquele que mais lhe deixou fortes impressões: Ernst Brücke, fisiologista alemão internacionalmente conhecido que lecionava em Viena e era diretor do Instituto de Fisiologia[20]. Freud trabalhou sob sua supervisão entre 1876 e 1882, tendo assistido às suas famosas aulas de fisiologia, nas quais Brücke lhe transmitiu a atitude materialista e positivista, que na época era considerada a mais avançada em filosofia e ciência e que influenciaria a construção da psicanálise[21].

Por meio de sua inserção acadêmica, Freud teve acesso à cultura geral de um alemão cultivado, que se sobrepôs à cultura judaica transmitida pela família. Seu interesse por inúmeros assuntos o conduziram a adquirir uma cultura multifacetada, que abrangia temas tão distintos quanto os textos bíblicos, história do Egito antigo, mitologia grega, teatro shakespeariano e clássicos literários alemães, entre outros.

Tendo completado seus estudos médicos investigando os fenômenos da histeria com Jean-Martin Charcot na Salpêtrière, em Paris, Freud retornou a Viena para fixar-se como médico, curiosamente inaugurando seu consultório num domingo de Páscoa, no dia 25 de abril de 1886. No mesmo ano, Freud se casou com Martha Bernays, submetendo-se a contragosto às cerimônias matrimoniais judaicas, por exigência da lei austríaca[22], e recebido as bênçãos de Amalie: "A mãe de Freud [...] preservou alguma crença na Divindade. Assim, quando ele estava prestes a estabelecer-se como chefe de família, ela pediu para ele as bênçãos do Deus Todo-Poderoso" (JONES, 1989a, p.33).

A religião era para Freud e Martha a maior zona de tensão no casamento. Martha havia sido criada numa família judaica que observava estritamente a ortodoxia judaica e até então

---

o sonho da consciência desperta; o sonho é a chave para os mistérios da religião" (FEUERBACH apud JONES, 1989c, p.355). O filósofo também se referiu à religião como uma ilusão. Segundo ele, a relação entre a "razão e a religião dá-se apenas para que seja destruída uma *ilusão* – mas uma ilusão nem um pouco desprezível, cujo efeito sobre a humanidade, de fato, é absolutamente pernicioso" (FEUERBACH apud GAY, 1992, p.64, grifo no original). Da mesma forma, Freud se referia a si mesmo como um "destruidor de ilusões" que tinha "passado uma grande parte" da vida destruindo "as próprias ilusões, bem como as da humanidade" (FREUD apud GAY, 1992, p.64-65).

[20] Freud dirá a respeito de Brücke que ele "teve mais influência sobre mim do que qualquer outra pessoa em toda minha vida" (FREUD, 1927c[2006], p.243).

[21] O ensino de Jacques Lacan consistiu em grande medida num retorno à obra de Freud munido de muitas elaborações de outras disciplinas surgidas no século XX, em particular a linguística e a antropologia estrutural, que permitiram ao psicanalista francês retomar as construções freudianas em sua teoria do significante, evidenciando a materialidade da linguagem com a qual a psicanálise opera. Para uma discussão desta questão, ver *A materialidade da psicanálise*, organizada por Anna Carolina Lo Bianco (2011).

[22] A aversão de Freud pelas cerimônias e comemorações em geral e especialmente pelas religiosas continuaria ao longo do tempo. No Natal de 1920, ele escreveria a Pfister, contente porque um livro organizado em sua homenagem fora cancelado: "Alegrou-me muito que o livro do meu Jubileu tenha caído na água. Sou extremamente avesso a festividades" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.104).

nunca havia questionado as crenças de sua tradição religiosa. Entretanto, Freud não aceitava que Martha continuasse celebrando suas práticas religiosas, emergindo-se veementemente contra elas.

> Freud era não só um descrente indiferente, como também um ateísta convicto determinado a afastar sua noiva de todo aquele disparate supersticioso. Ele era inflexível, absolutamente imperioso em sua constante demanda, muitas vezes enraivecida, de que ela abandonasse aquilo que, até então, não havia questionado por um único momento (GAY, 2012, p.55).

Freud também sofreu com o antissemitismo. Durante a sua infância, os judeus que viviam em pequenas comunidades da Europa Oriental eram obrigados a sofrer severas restrições no âmbito civil, sendo excluídos de profissões e negócios, forçados a viver na pobreza e ser vigiados com hostilidade, de modo que sua religião era vivida num contexto comunitário que exigia uma forte solidariedade entre os pares. A identidade judaica era mantida através dos rituais e das prescrições morais. "O que os fazia e os mantinha judeus era sua religião. Sua dieta rígida, seus 613 mandamentos (*mitsvos*), a observância do *shabat* e o hebraico como idioma religioso comum impediam qualquer assimilação com seus vizinhos cristãos" (RIZZUTO, 2011, p.42). Em sua autobiografia, Freud escreverá sobre o ambiente antissemita da universidade em que estudara.

> Quando em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu. Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha "raça" (FREUD, 1925/1924[2006], p.16).

A tradição judaica imprimiu suas marcas nos traços de caráter de Freud, como ele próprio salientou[23], assim como em sua obra[24]. Apesar disso, uma de suas grandes preocupações era que a psicanálise não fosse identificada como uma ciência judaica, motivo pelo qual o ingresso no movimento psicanalítico de Jung e Pfister, que eram cristãos protestantes da Suíça, seria recebido por Freud com entusiasmo.

Quando Freud completou 35 anos, seu pai lhe presenteou com a Bíblia da família, escrevendo uma dedicatória em hebraico, na qual expressava o desejo de que o filho voltasse a se interessar por sua tradição religiosa[25]. Contudo, embora Freud fosse profundamente

[23] Dentre os vários exemplos que poderíamos citar, fazemos referência ao fato de que Freud considerava algumas de suas superstições como seu "misticismo especificamente judaico" (FREUD apud GAY, 2012, p.75). Numa carta de 16 de abril de 1909 endereçada a Jung, ele se referiu às suas superstições com números: "Nisto o senhor há de ver outra confirmação da natureza especificamente judaica de meu misticismo" (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.270). Entretanto, a principal característica atribuída por Freud à influência de sua herança judaica era a possibilidade de tratar de temas marginais suportando corajosamente toda oposição, como podemos depreender do discurso que ele enviará para ser lido em 6 de maio de 1926 numa reunião dos B'nai B'rith (Filhos da Aliança), uma ordem da qual participou desde 1895 em Viena e que representava os interesses culturais, intelectuais e caritativos dos judeus. Nele, afirmará que foi indicado a participar desse grupo na época em que se sentia a solidão ocasionada após trazer à tona suas teorizações a respeito da sexualidade e das pulsões, de modo que este se tornou seu "primeiro auditório" (FREUD, 1941/1926[2006], p.266). Ele escreverá: "O fato de vós serdes judeus só me poderia ser agradável, pois eu próprio sou judeu, e sempre me parecera não somente indigno como positivamente insensato negar esse fato. O que me ligava ao povo judeu não era (envergonho-me de admitir) nem a fé nem o orgulho nacional, pois sempre fui um descrente e fui educado sem nenhuma religião, embora não sem respeito pelo que se denomina de padrões 'éticos' da civilização humana" ((FREUD, 1941/1926[2006], p.265). E acrescentará que eram outras as características que o interessavam no mundo judeu: "muitas forças emocionais obscuras, que eram mais poderosas quanto menos pudessem ser expressas em palavras, bem como uma nítida consciência de identidade interna, a reserva segura de uma construção mental comum" ((FREUD, 1941/1926[2006], p.265). Além disso, referirá à sua origem judaica duas de suas características que considerava indispensáveis: "Por ser judeu encontrei-me livre de muitos preconceitos que restringiam outros no uso de seu intelecto, e como judeu estava preparado para aliar-me à Oposição e passar sem consenso à 'maioria compacta'" ((FREUD, 1941/1926[2006], p.266). Antes de encerrar, Freud afirmará: "Não posso dizer se fui um autêntico Filho da Aliança no vosso sentido da palavra. Estou quase inclinado a duvidar disso; muitas circunstâncias excepcionais surgiram no meu caso" ((FREUD, 1941/1926[2006], p.266). Vale destacar também que alguns autores atribuem o elevado caráter ético de Freud à sua herança judaica: "A personalidade de Freud tinha sido fortemente moldada pelas tradições de sua comunidade judaica. Ele manteve a ideologia patriarcal, com sua crença na dominação do homem e subordinação da mulher, sua devoção à família extensa e seus severos costumes puritanos". No original: "*Freud's personality had been strongly shaped by the traditions of his Jewish community. He kept the patriarchal ideology, with its belief in the domination of man and subordination of woman, its devotion to the extended family, and its severe puritanical mores*" (ELLENBERGER, 1970, p.427). Essa hipótese não nos parece implausível, se considerarmos o quanto o próprio Freud tinha em alta conta a ética judaica, como atestamos em seu último livro, *O homem Moisés e a religião monoteísta* (FREUD, 1934-1938/1939[2006]) e, em particular, o quanto admirava a figura de Moisés, diante de cuja estátua ficara admirado, como descreveu em *O Moisés de Michelângelo* (FREUD, 1914a[2006]).

[24] Há uma considerável bibliografia traçando conexões entre a tradição judaica e a técnica psicanalítica inventada por Freud – ver, por exemplo, *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition*, de David Bakan (1958[2004]), que trata da influência da Kabalah na criação da psicanálise. Anna Freud certa vez chegou a dizer que a psicanálise era uma criação judaica (GAY, 1992, p.13). Para uma apreciação mais detalhada a respeito das peculiaridades da condição judaica de Freud e de suas implicações na construção da psicanálise, remetemos o leitor à obra *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*, de Betty Fuks (2000).

[25] Jakob Freud escreveu a seguinte dedicatória: "Meu querido filho, / Foi no sétimo ano de tua existência que o espírito de Deus começou a levar-te para o estudo. Eu diria que o espírito de Deus te falou: 'Lê em Meu livro;

interessado pela religião, o interesse que demonstrava era exclusivamente científico e investigativo, tendo ele dito certa vez a Jones que nunca havia acreditado em um mundo sobrenatural (JONES, 1989c, p.347). Embora tivesse se dedicado a estudar diversas crenças, tais como as religiões romana, grega e egípcia, dentre outras religiões da Antiguidade, seu interesse se concentrava prioritariamente na tradição judaico-cristã: "De modo quase inevitável, esse interesse era essencialmente dedicado à fonte das religiões judaica[26] e cristã[27], as que lhe eram mais próximas" (JONES, 1989c, p.346).

Ao construir a psicanálise, Freud tratou a crença religiosa de maneira semelhante aos mitos, às construções especulativas e à metafísica, considerando-os como projeções do funcionamento psíquico inconsciente no mundo exterior e estabelecendo o projeto de traduzi-los em postulados metapsicológicos.

> A investigação psicanalítica das neuroses [...] empenhou-se em estabelecer sua conexão com a vida pulsional[28] e as restrições a ela impostas pelas exigências da civilização, com as atividades do indivíduo normal em fantasias e sonhos, e com as criações da mente popular no campo das religiões, dos mitos e dos contos de fada (FREUD,1910[1909]/2006, p.231).

Seu biógrafo afirma: "Por toda a vida, [Freud] achou que não era o ateísmo, e sim a crença religiosa que precisava ser explicada. Como psicanalista, começou fazendo justamente

---

estarão abertas para ti fontes do conhecimento e do intelecto.' Trata-se do Livro dos Livros; é o manancial que os homens sábios abriram e do qual os legisladores extraíram as águas de seu conhecimento. / Tu tiveste neste Livro a visão do Todo-Poderoso, tu ouviste de boa vontade, tu agiste e tentaste voar alto, sobre as asas do Espírito Santo. Desde então, preservei a mesma Bíblia. Agora, em seu trigésimo quinto aniversário, retirei-a de seu descanso e a entrego a ti como sinal de amor de teu velho pai" (FREUD apud GAY, 1989, p.32-33).

[26] Quanto à atitude de Freud frente à religião judaica, Ernest Jones escreve que, para Freud, "os rituais e práticas que constituem uma boa parte da religião eram um incômodo antiquados; no entanto, ele tinha seu ensinamento ético em alta conta" (JONES, 1989c, p.347).

[27] Freud considerava a religião cristã católica mais como uma regressão do que um avanço em relação ao judaísmo, particularmente devido ao valor nela ocupado pela devoção à Virgem Maria e aos santos, mas principalmente por haver experimentado os efeitos do antissemitismo, como indica Jones: "Como judeu, [Freud] estava destinado a ter preconceito contra o Cristianismo em geral, a religião que infligira a seu povo, ao longo dos séculos, inenarráveis sofrimentos. Todavia, na prática ele era bastante tolerante, como manifestam suas cartas a Pfister, incentivando-o a fazer uso da fé cristã em seu trabalho psicanalítico" (JONES, 1989c, p.348). Em relação ao cristianismo protestante, Freud demonstrava ser mais tolerante em suas cartas a Pfister. Peter Gay nos oferece indicações sobre a atitude de Freud frente às tradições religiosas: "Em seu trabalho científico, a religião tornou-se o inimigo principal, o inimigo ideal. [...] o catolicismo romano ocupava uma posição particularmente conspícua no catálogo de vilões a serem esmagados. [...] Mas a Igreja Católica era apenas o pior de todos os vilões. Para Freud, todas as religiões estavam contaminadas pela superstição" (GAY, 1992, p.67).

[28] A *ESB* adota o termo "instinto" (e seu derivado, "instintual") para traduzir o termo em inglês (*Instinct*), mas a tradução mais fiel ao termo alemão usado por Freud (*Trieb*) é "pulsão" (e seu derivado, "pulsional"), de modo que o substituiremos por este último sempre que o termo aparecer.

isso" (GAY, 2012, p.529). Peter Gay também sugere que o próprio Freud admitia que sua abordagem da religião não era impessoal ou exlusivamente científica, mas estava intrinsecamente conectada à sua posição intelectual e política. Além disso, seus traços biográficos influenciaram a constituição de sua posição ateísta, o que, entretanto, foi usado de maneira abusiva por alguns comentadores que procuraram diferenciar a abordagem psicanalítica da religião da abordagem especificamente freudiana detendo-se não sobre os argumentos de Freud, mas sobre elementos isolados de sua biografia.

> Freud seria o primeiro a admitir que seu incansável assédio contra aquela ilusão, a religião, era tudo menos uma investigação desinteressada, impessoal, científica. Imerso como estava na cultura europeia, ele havia tecido o engajamento na luta pela supremacia da ciência na própria trama de seu estilo intelectual. Mas suas vivências e seu desenvolvimento emocional também deixaram marcas nesse processo. Como era de se esperar, os comentadores lançaram-se sobre essas origens subterrâneas de seu ateísmo[29] (GAY, 1992, p.65).

No livro *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, o pai da psicanálise tornaria público seu ambicioso projeto de traduzir a metafísica em metapsicologia.

> De fato, creio que grande parte da visão mitológica do mundo, que se estende até as mais modernas religiões, *nada mais é do que a psicologia projetada no mundo externo*. O obscuro reconhecimento (a percepção endopsíquica por assim dizer) dos fatores psíquicos e das relações do inconsciente espelha-se – é difícil dizê-lo de outra maneira, e aqui a analogia com a paranóia tem que vir em nosso auxílio – na construção de uma *realidade sobrenatural*, que se destina a ser retransformada pela ciência na *psicologia do inconsciente*. Poder-se-ia ousar explicar dessa maneira os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade etc., e transformar a *metafísica em metapsicologia* (FREUD, 1901[2006], p. 254, grifos no original).

[29] Conferir, por exemplo, o artigo "O amor na psicanálise freudiana" no livro *Psicanálise e religião*, de Gregory Zilboorg (1969), onde o autor defende que Freud teria sido levado a recusar a religião e fazer desta uma análise profundamente falha em consequência da experiência traumática com a babá católica que desapareceu repentinamente. Ver também a obra *Por que Freud rejeitou Deus?*, de Ana-María Rizzuto (2011), psicanalista de orientação winnicottiana que em 1997 recebeu o Prêmio Pfister da *American Psychiatric Association*, onde a autora procura construir uma interpretação psicodinâmica dos motivos inconscientes que teriam determinado o ateísmo de Freud, analisando a relação com seu pai, sua mãe e sua babá. Também William Meissner considerou a atitude de Freud em relação à religião como uma posição pessoal: "Parece evidente que as opiniões de Freud sobre a religião, talvez mais que qualquer outro aspecto de seu trabalho e de sua psicologia, refletem ambivalências e conflitos subjacentes não resolvidos, provenientes das camadas mais primitivas de sua psique" (MEISSNER apud GAY, 1992, p.65). Sobre esta questão, Peter Gay afirma: "Nada há de errado em analisar o primeiro analista; a visão de mundo por ele adotada e o fervor com que a defendeu devem ter sido, como se diz, sintomáticas. [...] Mas o projeto científico que ele procurou realizar ao longo de sua vida adulta foi muito mais longe que suas origens. E mais, os exemplos de análise selvagem [...] sequer chegaram perto de esgotar as situações complexas, diversificadas, em que aquele projeto se originou" (GAY, 1992, p.66). Além disso, os dados biográficos de Freud em nada interferem na validade ou não de sua teoria: "É claro que uma disciplina tão francamente autobiográfica como a psicologia profunda de Freud, tão subjetiva em seus dados, apresenta necessariamente traços da mente de seu fundador. Mas certamente a validade das proposições psicanalíticas não depende do que possamos desvendar sobre seu formulador" (GAY, 2012, p.16-17).

Os primeiros psicanalistas compartilhavam inteiramente da visão de Freud a respeito da religião, como indicou Peter Gay: "Sua concepção da religião como o grande inimigo era inteiramente partilhada pela primeira geração de psicanalistas" (GAY, 2012, p.536). Entretanto, psicanalistas de gerações posteriores discordaram deste ponto, o que, segundo o biógrafo, não teria agradado a Freud e seu círculo vienense inicial: "As tentativas de alguns psicanalistas posteriores em reconciliar psicanálise e religião nunca teriam encontrado a menor simpatia por parte de Freud e seus colegas" (GAY, 2012, p.536). Quando Freud contou a Jones que estava trabalhando num estudo psicanalítico da religião[30], este respondeu numa carta datada de 31 de agosto de 1911 que, para ele, evidentemente a religião era o "último e mais sólido bastião daquilo que pode ser chamado de *Weltanschauung* anticientífica, antirracional ou antiobjetiva, e sem dúvida é dela que podemos esperar a resistência mais intensa e o ápice da luta"[31] (JONES apud GAY, 2012, p.536).

Após esta breve incursão pela formação religiosa de Freud e sua atitude frente à religião, portanto, iniciemos nosso percurso pelo tema em sua obra, partindo dos primeiros estudos sobre os fenômenos histéricos.

1.2 **A religião nos primeiros estudos sobre a histeria**

A primeira referência que encontramos na obra de Freud sobre o tema da religião aparece no período conhecido como pré-psicanalítico, enquanto estudava a histeria, percurso que desembocaria na criação da psicanálise. Desde o primeiro texto de sua obra, *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, Freud procurava ampliar sua abordagem dos fenômenos psíquicos para investigar o campo da cultura, traçando uma equivalência entre as histéricas e as mulheres julgadas como feiticeiras na Idade Média: "é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio" (FREUD, 1956/1886[2006], p.45).

No verbete *Histeria* que produziu para ser publicado em uma enciclopédia, Freud volta a comparar as histéricas às mulheres consideradas feiticeiras: "Na Idade Média, as neuroses

[30] Tratava-se de *Totem e tabu*.

[31] O próprio Jones (1934) publicaria um estudo sobre a *Psicanálise da religião cristã*.

desempenharam um papel significativo na história da civilização; surgiam sob a forma de epidemias, em consequência de contágio psíquico, e estavam na origem do que era fatual na história da possessão e da feitiçaria" (FREUD, 1888[2006], p.77). Comparando a descrição dos fenômenos de possessão nos documentos medievais aos sintomas histéricos cujo estudo só pôde avançar a partir das investigações de Charcot, Freud conclui que a sintomatologia de ambos não era muito diferente: "Os pobres histéricos, que em séculos anteriores tinham sido lançados à fogueira ou exorcizados, em épocas recentes e esclarecidas, estavam sujeitos à maldição do ridículo; seu estado era tido como indigno de observação clínica, como se fosse simulação e exagero" (FREUD, 1888[2006], p.77). Assim, distúrbios da sensibilidade na histeria, tais como a presença de áreas anestésicas e não-hemorrágicas, haviam sido consideradas no período medieval como sinais demoníacos (*sigmata Diaboli*) e prova de feitiçaria (FREUD, 1888[2006], p.81).

No texto *Um caso de cura pelo hipnotismo*, Freud afirma que as blasfêmias violentas e a linguagem erótica das monjas medievais eram a forma como estas expressavam naquele contexto seus delírios histéricos: "Não é mera coincidência que o delírio histérico das monjas durante as epidemias da Idade Média tenha assumido a forma de blasfêmias violentas e linguagem erótica desenfreada" (FREUD, 1892-1893[2006], p.168). Nesse mesmo texto, ele se aproxima do que viria a constituir a noção de inconsciente, afirmando que as ideias recalcadas operam por uma contravontade, cuja emergência considera "predominantemente responsável pela característica demoníaca tão freqüentemente mostrada pela histeria" (FREUD, 1892-1893[2006], p.168).

Em *Prefácio e notas de rodapé à tradução das Conferências das terças-feiras, de Charcot*, Freud acrescenta um comentário à descrição dos ataques histéricos de meninos de boa educação acompanhados por explosões de linguagem obscena: "Penso que isso em nada difere do fato conhecido de que os delírios histéricos das monjas se manifestam sob a forma de blasfêmias e imagens eróticas" (FREUD, 1892-1894[2006], p.180). Nos delírios histéricos "emerge um material sob a forma de ideias e impulsos à ação que a pessoa, em seu estado sadio, rechaçou e inibiu – muitas vezes, inibiu mediante um grande esforço psíquico" (FREUD, 1892-1894[2006], p.180).

Nos *Estudos sobre a histeria*, que foram escritos com o médico Joseph Breuer, este destaca o caráter patogênico do conflito entre as representações sexuais e morais: "Tais são os tormentos da dúvida religiosa a que muitas pessoas sucumbem e muitas outras sucumbiram no passado" (BREUER apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.230). Segundo Breuer, o sofrimento psíquico das dores de consciência, gerado pelo conflito entre as lembranças de

pensamentos ou ações de caráter sexual e a educação moral, atinge uma intensidade maior quando o paciente sente que sua felicidade ou salvação estão em risco. "Com efeito, o primeiro aparecimento das sensações ou representações sexuais, por si só, é muitas vezes suficiente para acarretar um intenso estado de excitação, por causa de seu conflito com a representação profundamente enraizada da pureza moral" (BREUER apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.230). O sentimento de impureza e a angústia moral podem desencadear fenômenos como náuseas, tosse nervosa ou espasmos, mas o destino saudável para conflitos como estes é outro: "Há uma reação normal apropriada à excitação provocada por representações muito nítidas e inconciliáveis – a saber, comunicá-las pela fala" (BREUER apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.231). Nesse sentido, Breuer se refere ao sacramento da confissão, no qual os católicos procuram alívio para os seus conflitos, a fim de enfatizar o valor terapêutico da *talking cure* [cura pela fala].

> Encontramos o mesmo anseio como um dos fatores básicos de uma grande instituição histórica – o confessionário católico romano. Dizer as coisas é um alívio; descarrega a tensão, mesmo quando a pessoa a quem elas são ditas não é um padre e mesmo quando não se procura qualquer absolvição (BREUER apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.230).

Breuer se refere a Santa Teresa d'Ávila como a "padroeira da histeria"[32] (BREUER apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.251) e, assim como Freud, interpreta os relatos de possessão demoníaca como testemunhos de manifestações histéricas:

> A divisão da mente é a consumação da histeria. [...] A parte expelida da mente é o demônio pelo qual a observação ingênua dos supersticiosos dos tempos primitivos acreditava que esses pacientes se achavam possuídos. É verdade que um espírito estranho à consciência de vigília do paciente exerce domínio sobre ele, porém o espírito não é de fato um estranho, mas parte dele mesmo (BREUER apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.267).

No mesmo livro, Freud escreve a respeito de uma senhora idosa que sofria de ataques de angústia: "Desde a menopausa ela ficara excessivamente devota, e em cada visita costumava receber-me armada de um pequeno crucifixo de marfim oculto em sua mão, como se eu fosse o Demônio" (FREUD apud FREUD; BREUER, 1893-1895[2006], p.288). Nos atendimentos, ela se lembra que na juventude leu um livro que chamava de edificante e que fazia uma menção que considerava suficientemente respeitosa ao tema da sexualidade. Apesar disto, a jovem

[32] Por outro lado, Lacan em *O seminário, livro 20: mais, ainda* irá se contrapor à interpretação das experiências relatadas por Santa Teresa d'Ávila como sendo manifestações histéricas, sustentando que elas engendram um gozo feminino ou místico mais além do campo sexual.

irrompeu em lágrimas e atirou o livro para longe. Depois ela se lembra de que seu primeiro ataque de angústia aconteceu quando acordou na madrugada após um alegre jantar com a família em que estava presente um tutor de seus irmãos por quem ela havia se apaixonado. Assim, fica clara a relação entre o excesso de sua devoção e a tentativa de encobrir seus conflitos relativos ao campo da sexualidade, projetando em Freud aquilo que rejeitava como demoníaco em si mesma.

Numa carta a Fliess datada de 17 de janeiro de 1897, Freud escreve que sua teoria da histeria era de tal maneira próxima aos relatórios de possessão demoníaca que aquela não lhe parecia mais tão original:

> Aliás, que diria você se eu lhe contasse que toda aquela minha história da histeria, história original e novinha em folha, já era conhecida e tinha sido publicada repetidamente uma centena de vezes – há alguns séculos? Você se lembra de que eu sempre disse que a teoria medieval da possessão pelo demônio, sustentada pelos tribunais eclesiásticos, era idêntica à nossa teoria de um corpo estranho e de uma divisão (*splitting*) da consciência? Mas por que é que o diabo, que se apossava das pobres bruxas, invariavelmente as desonrava, e de forma revoltante? Por que as confissões delas sob tortura tanto se assemelham às comunicações feitas por meus pacientes em tratamento psíquico? Dentro em breve, precisarei pesquisar a bibliografia do assunto (FREUD, 1950/1892-1899[2006], p.290).

Na carta seguinte, datada de 24 de janeiro de 1897, Freud volta a escrever sobre o tema das bruxas, que continuava lhe instigando:

> Ganha força a idéia de trazer à cena as bruxas, e penso que ela vai direto ao alvo. Começam a avolumar-se os detalhes. O seu "vôo" está explicado; o cabo de vassoura em que montam é provavelmente o grande Senhor Pênis. [...] A história do diabo, o vocabulário dos palavrões populares, as cantigas e hábitos da tenra infância – tudo isso, atualmente, está adquirindo significação para mim (FREUD, 1950/1892-1899[2006], p.291).

É interessante notar que, desde este período anterior à publicação de *A interpretação dos sonhos* em 1900, considerado o marco inaugural da psicanálise, Freud já procurava encontrar elos de conexão entre os fenômenos que observava na clínica e a história das civilizações – traço que marcará sua abordagem psicanalítica da religião do início ao fim.

> Em minha mente está-se formando a ideia de que, nas perversões, das quais a histeria é o negativo, podemos ter diante de nós um remanescente de um culto sexual primevo que, no Oriente semítico (Moloch, Astarte), em certa época, foi, e talvez ainda seja, uma religião... [...] Portanto, venho sonhando com uma religião demoníaca primeva, cujos ritos são executados secretamente, e compreendo o tratamento severo prescrito pelos juízes das bruxas. Os elos de ligação são abundantes (FREUD, 1950/1892-1899[2006], p.292).

Por fim, outra breve menção a um elemento religioso nos primeiros estudos sobre a histeria aparece no caso Dora: "Diante da Madona Sistina deixou-se ficar *duas horas*, sonhadoramente perdida em silenciosa admiração. Ante a pergunta sobre o que tanto lhe agradara no quadro, não soube dar nenhuma resposta clara. Finalmente, disse: 'A Madona'" (FREUD, 1905/1901[2006], p.94-95, grifo no original). A partir de diversos elementos da associação livre, Freud interpreta o ato da jovem de contemplar longamente o quadro da Virgem Maria: "A '*Madona*' era, obviamente, a própria Dora"[33] (FREUD, 1905/1901[2006], p.101).

Freud retornaria ao tema do demônio, que marcou sua primeira inserção na investigação do fenômeno religioso, muitos anos depois, mas seu passo seguinte seguiu numa outra direção: investigar as semelhanças entre os atos obsessivos e as práticas religiosas, ambos passíveis de serem denominados como rituais ou cerimoniais[34].

1.3 **Atos obsessivos e práticas religiosas**

Em 1905, Freud escreveu a seguinte anotação: "Religião como neurose ob[sessiva] – Religião privada" (FREUD apud GAY, 2012, p.529). Embora tenha se dedicado a explorar o tema da religião desde o início de sua obra, como vimos, o primeiro ensaio inteiramente dedicado ao tema foi escrito dois anos depois dessa anotação: *Atos obsessivos e práticas*

[33] Domínguez condensa a importância do caso Dora para a abordagem freudiana da religião indicando o inconsciente como o conceito-chave: "O Caso Dora, com esta simples alusão ao mundo religioso, mostra um dado cheio de interesse: Freud encontra uma representação religiosa que é utilizada para representar e camuflar ao mesmo tempo toda uma série de desejos inconfessáveis do sujeito. Uma vez mais, a religião mostra assim sua outra cara nesse mais além, não sobrenatural, e sim psicológico, que é o mundo inconsciente" ["*El* Caso Dora, *con esta simples alusión al mundo religioso, muestra un dato lleno de interés: Freud encuentra una representación religiosa que es utilizada para representar y camuflar a la vez toda una serie de deseos inconfesables del sujeto. Una vez más, la religión muestra así su otra cara en ese mas allá, no sobrenatural, sino psicológico, que es el mundo inconsciente*"] (DOMÍNGUEZ, 1991 p.49, tradução nossa).

[34] Além de propor uma hipótese psicanalítica para a origem da crença nos demônios em *Totem e tabu*, que retomará em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud escreverá também o texto *Uma neurose demoníaca do século XVII*, época em que já abordará a religião a partir da problemática edípica e no qual analisará os documentos relativos à história de um pacto que o pintor Christoph Haizmann teria efetuado com o demônio. Freud concluirá que a figura do demônio é construída a partir do polo hostil do complexo paterno expelida pela consciência (FREUD, 1922/1923[2006]). Em sua biografia de Freud, Elisabeth Roudinesco fará uma crítica das interpretações freudianas dos casos de possessão demoníaca: "A mulher histérica comparada a uma feiticeira, o diabo substituto do pai lúbrico, a religião como tradução de uma neurose obsessiva originária da infância ou da noite dos tempos: tais eram os três vieses pelos quais Freud pretendia abordar a questão. Mais uma vez, esse raciocínio sofria de um grande defeito, que consistia em interpretar retroativamente, como casos patológicos que apenas a ciência psicanalítica pudesse esclarecer, fenômenos de possessão. Sob efeito de sua mania interpretativa, Freud, como seus discípulos, também se expunha a uma crítica que não servia em nada aos interesses de sua doutrina" (ROUDINESCO, 2016, p.370).

religiosas. Nele, Freud aproximará pela primeira vez a religião da neurose – aproximação que sustentará ao longo de toda a sua obra, sendo grande parte de sua posterior teorização sobre a religião um desenvolvimento e aprofundamento desta analogia.

Encomendado para o volume inicial da *Zeitschrift für Religionpsychologie* [Revista de Psicologia da Religião], o texto foi escrito em um momento no qual Freud se afasta do estudo da histeria e começa a abordar a neurose obsessiva. O artigo foi apresentado para a Sociedade Psicanalítica de Viena em 2 de março de 1907 – a primeira reunião em que Jung esteve presente (JONES, 1989b, p.339). Na passagem de uma ênfase no estudo da histeria para a neurose obsessiva, uma particular distinção entre esses tipos clínicos parece fundamental para a abordagem psicanalítica da religião: enquanto na histeria os sintomas se manifestam predominantemente no corpo, na neurose obsessiva eles se expressam por meio de uma linguagem semelhante à do sistema consciente, da cultura, da moral e da religião[35].

Freud inicia o pequeno artigo indicando que o termo "cerimonial" é usado para se referir tanto aos atos obsessivos quanto às práticas religiosas. Para Freud, a semelhança não é apenas superficial, sendo possível, a partir da compreensão dos atos obsessivos, "estabelecer inferências sobre os processos psicológicos da vida religiosa" (FREUD, 1907[2006], p.109). Toda atividade pode se tornar um ato obsessivo "se for complicada por pequenos acréscimos ou se adquirir um caráter rítmico através de pausas e repetições" (FREUD, 1907[2006], p.110). Tais atos cotidianos são realizados de modo a que não haja interrupção ou a presença de outras pessoas e o neurótico atribui a eles uma atmosfera de sacralidade que se deve, segundo Freud, à "especial consciência que cerca sua execução e a angústia[36] que surge com qualquer falha" (FREUD, 1907[2006], p.110). Embora as obsessões pareçam destituídas de sentido, podendo até mesmo ser considerados, em casos leves, como se fossem simplesmente uma "intensificação de hábitos ordeiros muito justificáveis" (FREUD, 1907[2006], p.110), o sujeito não consegue

[35] Na introdução ao caso clínico do Homem dos Ratos, que publicaria dois anos depois, Freud indicará que a linguagem da neurose obsessiva se aproxima mais da consciência e, portanto, deveria ser de mais fácil compreensão do que a histeria; entretanto, não é isto o que acontece: "[...] é preciso admitir que uma neurose obsessiva não é, em si, algo fácil de compreender – é muito menos fácil do que um caso de histeria. Na realidade, o fato é que esperaríamos achar o contrário. A linguagem de uma neurose obsessiva, ou seja, os meios pelos quais ela expressa seus pensamentos secretos, presume-se ser apenas um dialeto da linguagem da histeria; é, porém, um dialeto no qual teríamos de poder orientar-nos a seu respeito com mais facilidade de vez que se refere com mais proximidade às formas de expressão adotadas pelo nosso pensamento consciente do que a linguagem da histeria. Sobretudo, não implica o salto de um processo mental a uma inervação somática – conversão histérica – que jamais nos pode ser totalmente compreensível" (FREUD, 1909b[2006], p.140).

[36] Embora a *ESB* tenha adotado o termo "ansiedade", por ter sido composta a partir da tradução do termo em inglês (*Anxiety*), a tradução mais fiel ao termo alemão usado por Freud (*Angst*) é "angústia", de modo que o substituiremos por este último sempre que o termo aparecer.

deixar de realizá-los, pois "a qualquer afastamento do cerimonial manifesta-se uma intolerável angústia, que o obriga a retificar sua omissão" (FREUD, 1907[2006], p.109).

Assim, tanto os cerimoniais neuróticos quanto os religiosos acarretam escrúpulos de consciência em caso de negligência, requerem a exclusão de todos os outros atos (proibição de interrupção) e apresentam uma extrema consciência e minuciosidade na sua execução. Por outro lado, enquanto os cerimoniais neuróticos costumam variar muito de um sujeito para outro, são realizados em segredo e parecem absurdos, os religiosos ocorrem de modo padronizado, são celebrados pública e comunitariamente e possuem um sentido simbólico. "Sob esse aspecto a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular"[37] (FREUD, 1907[2006], p.111).

Entretanto, apesar da aparente falta de sentido das obsessões, a investigação psicanalítica revela que "todos os detalhes dos atos decisivos possuem um sentido, que servem a importantes interesses da personalidade, e que expressam experiências ainda atuantes e pensamentos investidos com afeto"[38] (FREUD, 1907[2006], p.111). Assim, tal como os sintomas histéricos, os sintomas obsessivos escondem (e ao mesmo tempo revelam) um sentido inconsciente e sexual. Apesar disto, o neurótico desconhece o sentido do ato que realiza e dos motivos que o induzem a realizá-lo, mas pode conscientizar-se dele através de uma psicanálise[39].

---

[37] Neste trecho Freud parece matizar a comparação entre a neurose obsessiva e a religião, como fará adiante, ao considerar a neurose obsessiva como o "correlato patológico da formação de uma religião" (FREUD, 1907[2006], p.116). Em *Totem e tabu*, Freud compara a neurose obsessiva a uma caricatura da religião (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.85). Ao mesmo tempo, entretanto, em que introduz naquele texto tal nuance, ele parece não atribuir grande importância a ela, pois logo em seguida afirma que a principal diferença estaria no caráter privado (no caso das neuroses) ou público (no caso da religião): "A divergência reduz-se, em última análise, ao fato de as neuroses serem estruturas associais; esforçam-se por conseguir, por meios particulares, o que na sociedade se efetua através do esforço coletivo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.85). Outra indicação de que talvez Freud não considerasse toda forma de religião como neurótica pode ser o fato de que ele se refira ocasionalmente a uma sublimação religiosa, pois, de acordo com sua teoria dos destinos pulsionais, onde há recalque, não pode haver sublimação e vice-versa.

[38] Cerca de uma década depois, na conferência intitulada *O sentido dos sintomas*, Freud voltará a afirmar este ponto: "Os sintomas neuróticos têm, portanto, um sentido, como as parapraxias e os sonhos, e, como estes, têm uma conexão com a vida de quem os produz" (FREUD, 1916-1917/1915-1917[2006], p.265).

[39] No período de elaboração desse artigo, ao afirmar que "nos atos obsessivos tudo tem sentido e pode ser interpretado" (FREUD, 1907[2006], p.113), Freud parecia mais otimista quanto à possibilidade de decifração dos enigmas representados pelos sintomas do que se mostrará num período posterior. Ao final de sua obra, em *Análise terminável e interminável*, ele dará maior destaque aos limites da interpretação e do tratamento analítico: "Nosso objetivo não será dissipar todas as peculiaridades do caráter humano em benefício de uma 'normalidade' esquemática, nem tampouco exigir que a pessoa que foi 'completamente analisada' não sinta paixões nem desenvolva conflitos internos. A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do eu; com isso, ela se desincumbiu de sua tarefa" (FREUD, 1937[2006], p.266-267).

> Uma das condições da doença é o fato de que a pessoa que obedece a uma compulsão, o faz sem compreender-lhe o sentido – ou, pelo menos, o sentido principal. É somente através dos esforços do tratamento psicanalítico que ela se torna consciente do sentido do seu ato obsessivo e, simultaneamente, dos motivos que a compelem ao mesmo. Esse fato importante pode ser expresso da seguinte forma: o ato obsessivo serve para expressar motivos e idéias *inconscientes* (FREUD, 1907[2006], p.113, grifo no original).

Embora essa característica pareça comprometer a analogia entre os cerimoniais obsessivos e os religiosos, na medida em que estes possuem um sentido simbólico, Freud indica que tal diferença é apenas aparente e se esvai quando se leva em consideração que, assim como o neurótico, o religioso desconhece o sentido do ato que realiza.

> [...] também o indivíduo normalmente piedoso executa o cerimonial sem ocupar-se de seu significado, embora os sacerdotes e os investigadores científicos estejam familiarizados com o significado, em grande parte simbólico, do ritual. Para os crentes, entretanto, os motivos que os impelem às práticas religiosas são desconhecidos ou estão representados na consciência por outros que são desenvolvidos em seu lugar (FREUD, 1907[2006], p.113, grifo do autor).

A partir da investigação psicanalítica dos atos obsessivos, Freud descobriu que estes encobrem um sentimento inconsciente de culpa que remonta a experiências da primeira infância, mas é revivido constantemente por novas situações. Assim, o ritual é executado de modo a que o neurótico consiga se defender contra as tentações que experimenta. Partindo de sua experiência clínica, Freud interpreta a dinâmica psíquica subjacente às práticas religiosas.

> O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos corresponde à convicção dos indivíduos piedosos de serem, no íntimo, apenas miseráveis pecadores; e as práticas devotas (tais como orações, invocações, etc.) com que tais indivíduos precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter o valor de medidas protetoras ou de defesa (FREUD, 1907[2006], p.114).

O sentimento inconsciente de culpa decorre do recalque de uma pulsão que esteve presente na constituição do sujeito e que, embora tenha se expressado durante a infância, posteriormente sucumbiu à censura, ativando uma consciência especial que funciona como uma formação reativa psíquica dirigida contra os objetivos pulsionais. No entanto, tal defesa é constantemente ameaçada pela pulsão, cuja força é percebida como uma tentação. Assim, o êxito da neurose obsessiva é apenas parcial, na medida em que reiterados esforços psíquicos são necessários para contrabalançar a constante pressão pulsional, gerando um conflito interminável. Diante de tal insuficiência das medidas de proteção, surgem as proibições, que têm como finalidade manter à distância situações que poderiam originar tentações. Nesse sentido, Freud indica que os atos obsessivos têm a tendência a se aproximar dos atos proibidos, gerando uma conciliação entre forças psíquicas antagônicas.

> Essas manifestações reproduzem, assim, uma parcela daquele mesmo prazer que pretendiam evitar, e servem à pulsão recalcada[40] tanto quanto às instâncias que o estão reprimindo. Na verdade, ao passo que a enfermidade progride, os atos que de início se destinavam principalmente a manter a defesa aproximam-se progressivamente dos atos proibidos pelos quais a pulsão pôde expressar-se na infância (FREUD, 1907[2006], p.115).

Freud também compara as práticas religiosas à tendência dos cerimoniais obsessivos de se aproximarem dos atos proibidos, chamando a atenção para o fato de que ela pode ser igualmente observada na tendência das pessoas piedosas de recaírem no pecado e procurarem se redimir através de penitências.

> Afinal, o sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a angústia expectante sob a forma de temor da punição divina nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose. [...] também na vida religiosa a supressão da pulsão revela-se um processo inadequado e interminável. Na realidade, as recaídas totais no pecado são mais comuns entre os indivíduos piedosos do que entre os neuróticos, dando origem a uma nova forma de atividade religiosa: os atos de penitência, que têm seu correlato na neurose obsessiva (FREUD, 1907[2006], p.115).

Além disso, a formação de compromisso se faz presente quando, em nome da religião, os fiéis se sentem autorizados a realizar justamente os atos que ela própria proíbe.

> O caráter de conciliação que os atos obsessivos possuem em sua qualidade de sintomas neuróticos não é tão evidente nas práticas religiosas correspondentes. Mas também nestas descobrimos esse aspecto das neuroses quando lembramos a freqüência com que são cometidos, justamente em nome da religião e aparentemente por sua causa, todos os atos proibidos pela mesma – ou seja, as expressões das pulsões por ela recalcadas (FREUD, 1907[2006], p.116).

Sob o pano de fundo do dualismo pulsional que começava a se afirmar, Freud afirma que a principal semelhança nas dinâmicas subjacentes à neurose e à religião está na renúncia pulsional que cada uma delas engendra, sendo que a principal diferença é que na religião tal renúncia recai sobre as pulsões egoístas, que não são exclusivamente sexuais, enquanto nas neuroses ela recai sobre as pulsões sexuais[41].

---

[40] A *ESB* traduz como "repressão" (e seu derivado, "reprimido") o termo em inglês (*Repression*), mas a tradução mais fiel ao termo alemão usado por Freud (*Verdrängung*) é "recalque" (e seu derivado, "recalcado"), de modo que o substituiremos por este este último sempre que o termo aparecer.

[41] Vale lembrar que em 1907 a dualidade pulsional teorizada por Freud era a de pulsões do eu ou pulsões de autoconservação x pulsões sexuais. Com a introdução do conceito de narcisismo, ambas seriam consideradas pulsões sexuais, sendo a oposição entre libido do eu x libido do objeto. A partir de 1920, com a publicação de *Mais além do princípio de prazer*, a oposição passa a ser entre pulsões sexuais ou pulsões de vida x pulsão de morte. Para uma análise freudiana da religião sob a ótica desta última dualidade pulsional, remetemos o leitor à sua obra *O mal-estar na cultura*.

> A formação de uma religião parece basear-se igualmente na supressão, na renúncia, de certos impulsos pulsionais. Entretanto, esses impulsos não são componentes exclusivamente da pulsão sexual, como no caso das neuroses; são pulsões egoístas, socialmente perigosos, embora geralmente abriguem um componente sexual (FREUD, 1907[2006], p.115).

Em seguida, Freud se dedica a explicitar que o mecanismo do deslocamento psíquico se encontra em ação nos cerimoniais obsessivos e religiosos. Os atos obsessivos se prendem a ações cotidianas e banais, expressando-se através de restrições e regulamentações que são aparentemente tolas, mas que se encontram numa conexão íntima com a tentação em questão e com o mal esperado como punição a ela, de modo que ocorre uma "substituição do elemento real e importante por um trivial" (FREUD, 1907[2006], p.116). Assim, Freud conclui a respeito do mecanismo de defesa subjacente aos rituais obsessivos: "É essa tendência para o deslocamento que modifica progressivamente o quadro clínico, terminando por transformar um fato extremamente banal em algo da maior urgência e importância" (FREUD, 1907[2006], p.116). Seguindo a linha de argumentação do artigo, ele estenderá tal interpretação analítica dos atos obsessivos às práticas religiosas:

> É inegável que também no campo religioso existe uma tendência para o deslocamento de valores psíquicos, e em sentido análogo, de forma que os cerimoniais triviais da prática religiosa gradualmente adquirem um caráter essencial, tomando o lugar dos pensamentos fundamentais. Por isso é que as religiões sofrem reformas de caráter retroativo, que visam estabelecer o equilíbrio original dos valores (FREUD, 1907[2006], p.116).

Freud resume as principais inferências às quais chegou sobre as práticas religiosas a partir de seu estudo comparativo com os atos obsessivos.

> Diante desses paralelos e analogias podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva como o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. A semelhança fundamental residiria na renúncia implícita à ativação das pulsões constitucionalmente presentes; e a principal diferença residiria na natureza dessas pulsões, que na neurose são exclusivamente sexuais em sua origem, enquanto na religião procedem de fontes egoístas (FREUD, 1907[2006], p. 116).

Para concluir o artigo, Freud escreve o que parece ser seu primeiro comentário sobre o lugar ocupado pelas religiões na cultura: o avanço da civilização engendra uma progressiva renúncia pulsional reforçada pelas religiões.

> A renúncia progressiva às pulsões constitucionais, cuja ativação proporcionaria o prazer primário do ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana. Uma parcela desse recalque pulsional é efetuado por suas religiões, ao

> exigirem do indivíduo que sacrifique à divindade seu prazer pulsional[42] (FREUD, 1907[2006], p.116-117).

Assim, tanto em sua investigação dos sintomas histéricos quanto dos atos obsessivos, Freud reconheceu no campo da religião uma defesa contra impulsos inconscientes e sexuais. Portanto, segundo ele, há uma relação de oposição entre a religião e as pulsões.

1.4 **Oskar Pfister, um psicanalista cura de almas**

"Oskar Pfister, pastor em Zurique". Era assim que Pfister costumava assinar seus textos psicanalíticos[43]. Embora tenha se correspondido com Freud por três décadas e escrito 264 artigos e/ou livros, a maioria deles sobre psicanálise[44], a vida e a obra de Pfister permanecem em grande medida desconhecidas da maior parte do movimento psicanalítico[45], talvez em consequência de seu intenso envolvimento com a religião, que marcou tão profundamente sua forma de exercer a psicanálise através de seu ofício de pastor protestante. Efetivamente tratava-se de um homem "habitado por dois mundos" (WONDRACEK, 2005, p.12), que realizou um "percurso peculiar e inquietante na psicanálise, que alguns analistas consideram como [...] o elo perdido entre os desenvolvimentos de Freud e Jung" (GOMEZ, 2000, p.2). De fato, trata-se de um percurso tão inusitado que alguns autores questionam se Pfister foi de fato um psicanalista.

---

[42] Freud continuará desenvolvendo a noção de uma progressiva renúncia pulsional num artigo que publicará no ano seguinte, intitulado *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*: "Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão das pulsões. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. [...] Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação pulsional foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado 'santo' o proveito assim obtido pela comunidade" (FREUD, 1908[2006], p.173).

[43] Iniciando com essa assinatura o verbete "Oskar Pfister" de seu *Dicionário de psicanálise*, Roudinesco & Plon se referem a Pfister como um "homem original" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.588).

[44] Temos acesso aos títulos dos livros e artigos publicados por Pfister graças à compilação da bibliografia completa de suas obras completas que foi publicada por Karin Wondracek (2005) como anexo ao seu livro *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*.

[45] No V Congresso da Associação Internacional de História da Psicanálise, David Lee apresentou o trabalho *Oskar Pfister: A Protestant Clerygman in a Non-Christian Movement* [Oskar Pfister: um clérigo protestante em um movimento não-cristão], no qual considerou o pastor suíço como "um dos personagens mais interessantes e menos pesquisados da história do movimento psicanalítico" (LEE apud WONDRACEK, 2005, p. 11).

> [...] parece necessário não ignorar o fato de que, sob certo ponto de vista, o ponto de vista de Freud, por mais que este o tenha atenuado, Oskar Pfister nunca poderia almejar ter sido um psicanalista autêntico. A razão para essa exclusão prévia reside no fato de que Freud concebeu que o seu modelo psicanalítico do psiquismo humano era incompatível com qualquer outro modelo dessa realidade; de maneira bastante enfática e particular destacou as *visões de mundo*, mormente a religiosa, como obstáculos à investigação científica autêntica dos fenômenos (GOMEZ, 2000, p.4, grifo no original).

O percurso de Pfister na psicanálise se encontra intimamente relacionado ao seu desconforto em relação à teologia, na medida em que sentia dificuldade para conduzir a cura de almas orientando-se pela sua formação religiosa, tendo se engajado no movimento psicanalítico em decorrência daquilo que considerava uma incapacidade da teologia de responder às questões da modernidade (ROUDINESCO, 2016, p.372).

Pfister nasceu em 23 de fevereiro de 1873 no bairro suburbano de Wiedikon, que pertence atualmente à cidade de Zurique, na Suíça. Seu pai era um pastor liberal e sua mãe era uma devota pietista, de modo que seus pais adotavam duas tendências muito distintas no campo da teologia cristã protestante. O movimento da teologia liberal aconteceu entre o final do século XVIII e o início do século XX visando a relativizar a autoridade da Bíblia e estabelecendo uma mescla desta com a filosofia e as ciências da religião. Por sua vez, o movimento pietista surgiu na Igreja luterana alemã no final do século XVII com o objetivo de renovar a fé cristã por meio de uma ênfase nos sentimentos e na mística como fundamentos da experiência religiosa, contrapondo-se à teologia racionalista, que localizava na razão o fundamento sólido para a religião e a fé.

O pai de Pfister decidiu estudar medicina para se tornar médico não apenas da alma, mas também do corpo. Essa abertura para outros campos do saber é um traço distintivo da teologia liberal que viria a ter grande influência na vida de seu filho Oskar, inclusive na sua busca que acabaria por fazê-lo se encontrar com a psicanálise[46]. Mas o pai morreu antes que o filho completasse três anos de idade; este se recordava de seu funeral num dia úmido e nebuloso como sendo sua primeira lembrança de infância (WONDRACEK, 2005, p.16).

Dentre suas lembranças de infância, Pfister confere uma ênfase especial ao terrível episódio que assistiu de seu melhor amigo ter sido espancado e falecido alguns dias depois desse castigo da professora por ter dormido em sala de aula, o que fez com que ele quisesse expulsar a professora do velório: “Não acredito estar enganado quando penso que esta experiência chocante influenciou a minha prática educadora branda e ajudou a cunhar o

[46] A posição liberal de Pfister se evidenciará claramente na carta de abertura do artigo *A ilusão de um futuro*: “Se tão somente as pessoas forem tornadas boas e felizes, com ou sem religião, o querido Deus aprovará este trabalho com um amável sorriso” (PFISTER, 1928[2003], p.19).

princípio de, *em primeiro lugar, dar às crianças a chance de falar*" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.17, grifo no original).

Após a morte do pai, a mãe de Pfister passou a sustentar com dificuldade a ele e aos três irmãos mais velhos como professora de piano. Em dissonância com a tendência liberal do pai, a família materna acreditava na superioridade da fé sobre a razão, de modo que a comunidade cristã luterana pietista na qual cresceu marcou o futuro pastor tanto pelo aconchego que oferecia quanto pela estreiteza dogmática. Seu tutor, parente por parte de mãe, chegou a impedir que Pfister e seus irmãos tivessem acesso à biblioteca do pai, com medo de se desviarem da ortodoxia pela teologia liberal (WONDRACEK, 2005, p.16-18).

A vocação para ser pastor parece ter se originado na identificação com o pai e sido reavivada pela oposição à fé cristã de um professor de história na escola, que "não perdia nenhuma oportunidade para desfazer toda crença" (WONDRACEK, 2005, p.19). A viva reação do aluno foi considerar que o professor provavelmente estava se referindo à teologia dogmática ortodoxa, o que testemunha que desde então ele discernia formas distintas de religiosidade. Ele próprio escreveria: "Exatamente isto me deu forças para retomar meus sonhos de criança e escolher o estudo da Teologia" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.19). Talvez também o contato com Freud, uma notável figura paterna e ateia, tal como seu professor, tenha contribuído para atualizar continuamente o interesse de Pfister em revitalizar sua prática como pastor de almas (WONDRACEK, 2005, p.19).

Ao longo de sua formação religiosa, Pfister estudou teologia e filosofia em Zurique, Basileia e Berlim, assim como história da arte, ciências sociais e psicologia, tendo inclusive estabelecido contato com Wilhelm Wundt, considerado o fundador da psicologia moderna. No entanto, ele se decepcionou tanto com a teologia quanto com a psicologia, pois estas lhe pareciam "demasiadamente preocupadas com detalhismos que as afastam dos reais problemas da alma"[47] (PFISTER, 1928[2003], p.19). Pfister preferia a filosofia e sua tese de doutorado, intitulada *Die Genesis der Religionpsychologie A. E. Biedermanns* [A gênese da psicologia da religião de A. E. Biedermann], foi aprovada com louvor em 1897. Nela, o pastor estudou o fundador da teologia liberal suíça com o objetivo de "compreender e não só sentir o que se passa na religião" (WONDRACEK, 2005, p.20). Numa retrospectiva de sua vida em 1927, Pfister se referirá a essa tentativa como uma decepção. Embora tivesse se esforçado muito para esclarecer as "condições originais da piedade" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.20) por meio do estudo das obras de diversos filósofos e teólogos, considera que tal pesquisa apenas

[47] Apesar disso, o pastor suíço viria a se lamentar em diversas ocasiões que Freud não houvesse tido contato profundo com as tradições teológica e filosófica e tampouco se interessasse por elas.

lhe serviu "para chegar ao banal resultado de que em religião, como em qualquer outro processo psíquico, o intelecto, o sentimento e a vontade agem juntos" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.20).

Ao longo do início de seu percurso religioso, o pastor se afastou da corrente teológica metafísico-especulativa, considerando-a excessivamente abstrata, voltando-se mais para o exame crítico da fé piedosa vivida e celebrada pelo povo[48]. Assim, examinou criticamente a religião recorrendo à lógica, à teoria do conhecimento, à psicologia e à sociologia. A teologia liberal lhe possibilitava dialogar com as ciências sociais e o método histórico-crítico de leitura da Bíblia o permitia afastar-se do dogmatismo. Assim, a opção pelo liberalismo teológico figurava como uma herança paterna através da qual Pfister conseguia se afastar do pietismo da mãe. Por outro lado, a herança pietista também exercia forte influência sobre ele, particularmente na ênfase tanto na vivência da fé quanto no lugar central reservado aos sentimentos na devoção religiosa. O apreço pela música também foi herdado pela mãe. Desse modo, em certo sentido, Pfister combinava as heranças paterna e materna, de modo que a habilidade para integrar aspectos aparentemente contraditórios seria desde então um importante traço seu (WONDRACEK, 2005, p.20-21).

No mesmo ano em que terminou seu doutorado em filosofia, Pfister começou a atividade pastoral. Seu relato sobre esse período é cheio de entusiasmo:

> Sentia-me como se eu estivesse saindo de um longo e fechado casulo hibernal para uma paisagem primaveril luminosa. Amava o trabalho de pregação no púlpito, a cura de almas com doentes, aflitos e desorientados, a assistência aos pobres e principalmente o ensino religioso. [...] Um ensino vivo, que apresentava a religião como salvação, fonte de alegria e apoio (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.21-22).

Em 1898, Pfister se casou com Erika Wunderli, com quem teria um filho no ano seguinte, Oskar Robert Pfister, que se tornaria médico psiquiatra em Zurique.

A cura de almas e a pedagogia se entrelaçaram desde cedo no pastoreio de Pfister, mas ele logo percebe a ineficácia dos métodos tradicionais. Assim, em 1903 ele publicou o texto *Die Unterlassungssünden der Theologie gegenüber der modernen Psychologie* [Os pecados de omissão da teologia para com a psicologia], no qual se queixa deles. Alguns anos depois, em 1906, ele publicou outro texto nesta mesma linha argumentativa, intitulado *Das Elend unserer wissenschaftlichen Glaubenslehre* [A miséria da nossa doutrina científica da fé], onde criticaria

[48] Contudo, Pfister não deixará de considerar a metafísica como fundamental e até mesmo necessária para o estabelecimento das ciências, como veremos em seu debate com Freud sobre a ilusão.

a linha metafísica-especulativa da teologia, valorizando a consideração da fé vivida. No ano seguinte, 1907, ele escreveu *Die Reform unserer Ausbildung zum Pfarrer* [A reforma da nossa educação para pastores], propondo reformas no ensino teológico, de modo a retirar a ênfase do plano teórico-dogmático e aproximá-lo do sofrimento humano, tarefa à qual ele próprio se dedicará numa "cura de almas aberta à singularidade de cada pessoa" (WONDRACEK, 2005, p.23).

Buscando novos caminhos para sua atividade como cura de almas, Pfister em 1908 procurou supervisão junto ao psiquiatra Jung, assistindo com ele suas primeiras aulas sobre psicanálise, tornando-se membro da Sociedade Freud de Zurique e se dedicando aos três pilares da formação analítica: análise pessoal (realizada em 1911 com Franz Riklin, cunhado de Jung, que optará pela psicologia profunda junguiana após a controvérsia entre Freud e Jung), estudo teórico e supervisão. Pfister envia a Freud em 1909 seu artigo *Wahnvorstellungen und Schülerselbstmord* [Ideias delirantes e suicídio de alunos], iniciando uma correspondência que mobilizaria não apenas cartas, mas também encaminhamentos de pacientes e trocas de livros e artigos, além de confidências pessoais.

1.5 **Um encontro inesperado**

Num breve percurso pela biografia de Pfister, entrevimos alguns de seus traços biográficos que viriam a favorecer seu interesse pela psicanálise: a abertura do pai para as diferentes ciências que pudessem ampliar a prática religiosa, a ênfase da mãe na centralidade da vida afetiva no campo religioso, a decepção com o distanciamento da teologia e da psicologia em relação às experiências religiosas das pessoas e o interesse por dialogar com concepções paradoxais.

Desde 1902, todos os seguidores de Freud eram judeus e ele não havia demonstrado interesse em tornar nenhum deles seu sucessor. Assim, ele ficou agradecido com a surpresa do interesse de Jung e Pfister, que poderiam infundir novo vigor ao movimento psicanalítico[49]. Dentre os vários amigos de Freud, Peter Gay considera que a amizade com Pfister foi

[49] É considerando este principal motivo que Peter Gay afirma: "Freud encarava esses suíços que tanto admiravam o seu trabalho como abençoados por três virtudes negativas: não eram velhos, não eram vienenses, e não eram judeus" (GAY, 1992, p.86).

"certamente a menos provável e uma das mais pacíficas"[50] (GAY, 1992, p.84). Enquanto Freud construiu a psicanálise partindo da neurologia, Pfister chegou a ela partindo da filosofia da religião no contexto do idealismo alemão.

Freud foi apresentado a Pfister por intermédio de Jung. Numa carta endereçada a Freud no dia 7 de janeiro de 1909, Jung se referiu a Pfister pela primeira vez: "O pastor Pfister, homem inteligente e amigo meu, deu início a uma grande campanha de propaganda de suas idéias" (JUNG apud MCGUIRE, 1976, p.244).

Dez dias depois, em 17 de janeiro de 1909, Freud lhe respondeu: "Seu corajoso amigo Pfister me enviou um artigo[51] que hei de agradecer com vagar. A atitude dele – um pastor protestante – é de fato louvável, embora para mim seja meio desconcertante ver a ΨA[52] arrolada na luta contra o 'pecado'"[53] (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.245). Nesta mesma carta, em que deixou transparecer sua ambivalência inicial em relação a Pfister, Freud também fala de suas expectativas de que Jung se tornasse seu herdeiro no movimento psicanalítico: "Estamos indo adiante, não há dúvida; se sou Moisés, o senhor é Josué e tomará posse da terra prometida da psiquiatria, que só poderei entrever de longe"[54] (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.246).

No dia seguinte, 18 de janeiro de 1909, Freud endereçou sua primeira carta a Pfister, agradecendo pelo envio do trabalho, que daria início a uma correspondência de quase trinta anos, e na qual encontramos elementos importantes para compreender o lugar que Pfister ocupava para Freud nesse momento inicial.

> Não posso me satisfazer apenas em lhe agradecer pela remessa do trabalho *Representações delirantes e suicídio de alunos*; tenho também de expressar minha

[50] Embora a maioria de seus amigos fossem ateus, Freud também cultivou amizades com pessoas religiosas, de maneira que Pfister de modo algum foi o único. Podemos incluir nesta lista também Samuel Hammerschlag, Wilhelm Fliess, Joseph Breuer, James Putnam, Carl Gustav Jung, Ludwig Binswanger, René Laforgue, Romain Rolland, Theodor Herzl, Arthur Schnitzler e Arnold Zweig.

[51] Tratava-se do artigo *Wahnvorstellung und Schülerselbstmord* [Representações delirantes e suicídio de alunos], publicado por Pfister na *Schweizer Blätter für Schulgesundheitspflege* [Jornal Suíço de Cuidados em Saúde Escolar] naquele mesmo ano de 1909.

[52] Freud costumava usar a letra "psi" do alfabeto grego seguida da letra "a" do alfabeto romano em maiúsculo como abreviatura para o termo "psicanálise".

[53] Sobre essa referência inicial, Peter Gay escreverá: "Freud tendia a ver a ironia: ali estava a psicanálise ateia sendo engajada na luta contra o pecado. Mas logo mudou seu tom de pilhéria; mais do que um aliado a ser utilizado, Pfister revelou-se uma companhia a ser desfrutada" (GAY, 2012, p.201).

[54] Freud faz referência à história bíblica do Êxodo, na qual Moisés, após ter libertado o povo hebreu da escravidão no Egito e lhe conduzido durante quarenta anos pelo deserto, não pôde entrar na Terra Prometida, entregando o povo aos cuidados de Josué. Para um estudo mais específico sobre a complexa relação de Freud com Moisés, consultar, por exemplo, *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável*, de Yosef Yerushalmi (1992), e *Freud e o legado de Moisés*, de Richard Bernstein (2000).

> satisfação porque nossas pesquisas psiquiátricas encontraram guarida num cura de almas espiritual[55], que tem livre acesso às almas de tantos indivíduos jovens e valorosos. Costumamos censurar nossa psicanálise, meio na brincadeira mas no fundo também com seriedade, dizendo que ela necessita de uma situação normal que permita seu uso, e que, organizadas, as anormalidades da vida da alma lhe impõem uma barreira; de modo que ela encontra suas melhores condições justamente onde dela não se necessita, isto é, nos sãos. Devo supor que este *optimum* seja alcançado nas circunstâncias em que o senhor atua. Nosso amigo comum, C. G. Jung, frequentemente tem mencionado seu nome para mim; estou contente em poder ligar a ele agora um conteúdo mais definido e espero que o senhor não vá privar-me de suas demais obras (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.23).

Vemos que o primeiro ponto valorizado por Freud é o fato de que Pfister em seu ofício de pastor tenha a oportunidade de praticar a psicanálise junto a pessoas que não estavam procurando um médico para tratar de doenças nervosas. Em 19 de janeiro de 1909, Jung voltou a escrever sobre Pfister em sua próxima carta a Freud.

> Pfister, um excelente sujeito, é decerto um neurótico, mas não dos piores. Tem uma inteligência estupenda, não teme nada e é temível na defesa de nossa causa. Com ela há de fazer alguma coisa. O quê? Não sei nada. Essa mistura de teologia e medicina, por estranho que pareça, é do meu agrado[56]. A atual preocupação dele, perfeitamente admissível num homem tão inteligente, é decerto a sublimação. Dentro em breve o senhor há de receber mais um longo estudo que escreveu[57]. Ele não pára (JUNG apud MCGUIRE, 1976, p.247).

Jung chama a atenção para o valor de Pfister à causa analítica em consequência de sua inteligência e coragem, além de indicar o interesse do pastor no conceito freudiano de sublimação e se referir positivamente ao que ele considera uma mistura entre teologia e

---

[55] O termo utilizado por Freud em alemão é *Seelsorger*, que não possui uma tradução equivalente no português e significa "o religioso que cuida das pessoas de uma igreja e as dirige para Deus". Quando usado como substantivo, refere-se à "atividade de cuidar, aconselhar e orientar a pessoa" – ver a nota de Wondracek, tradutora das *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, organizada por Ernst Freud & Heinrich Meng (2009, p.24).

[56] Podemos ver aqui uma indicação do que viria a ser um dos principais motivos para o posterior rompimento da amizade e da colaboração entre Freud e Jung. Este abandonaria a psicanálise para criar a psicologia analítica. Além de negar a noção de sexualidade infantil e defender a ideia de uma libido dessexualizada como sendo a energia que mobiliza o psiquismo, também concorrerão para este rompimento visões distintas sobre a religião, que poderiam ser sinteticamente assim apresentadas: enquanto Freud priorizava a ontogênese em relação à filogênese, Jung fazia o contrário. Em certa medida, *Totem e tabu* foi escrito também como uma reação às teses de Jung, como o próprio Freud afirma no primeiro parágrafo do prefácio à primeira edição (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.17). Nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, ocasião posterior ao rompimento com Jung, Freud se referirá ao período no qual este ainda se encontrava no campo da psicanálise como uma "época em que ele [Jung] era apenas psicanalista e ainda não aspirava a ser profeta" (FREUD, 1916-1917/1915-1917[2006], p.277).

[57] Tratava-se de *Psychanalytische Seelsorge und experimentelle Moralpädagogik* [Cura psicanalítica de almas e pedagogia moral experimental], publicado em 1909 no *Protestantische Monatschefte*, um periódico protestante.

medicina. Em 25 de janeiro de 1909, Freud lhe relata sua surpresa pelo fato de Pfister haver publicado um trabalho psicanalítico num periódico cristão protestante:

> Recebi outra carta de Pfister[58], muito inteligente e cheia de substância. Ora veja só, eu e os *Protestantische Monatschefte*! Mas se é assim, para mim está bem. Sob certos aspectos um psicanalista que ao mesmo tempo é um clérigo trabalha em melhores condições e além disso, suponho, não há de estar interessado em dinheiro (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.252).

Em 9 de fevereiro de 1909, Freud anuncia que irá apresentar o trabalho de Pfister na Sociedade Psicanalítica das Quartas-Feiras, que se reunia semanalmente em sua casa.

> Excelentíssimo doutor, / Reli hoje novamente seu precioso trabalho, o qual vou relatar amanhã no nosso pequeno círculo, e certamente teria necessidade de ouvir mais do senhor do que posso depreender da publicação e de lhe dizer mais do que se consegue registrar numa carta. Talvez ainda surja uma oportunidade para tal troca de ideias. Para hoje quero apenas focalizar a diferença entre sua atividade e a atividade médica (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.24).

Ao diferenciar aqueles que procuram o tratamento psicanalítico dos que procuram o tratamento religioso da cura de almas, Freud indica que, na situação analítica em que ele e outros estavam acostumados a trabalhar, os neuróticos sofrem há muito tempo e não esperam do analista um aperfeiçoamento no que diz respeito à moralidade, mas apenas o alívio para o seu sofrimento. Entretanto, para que uma análise promova efeitos duradouros são necessários dois fatores, ambos relacionados aos destinos da pulsão: satisfação e sublimação.

> O êxito continuado da psicanálise seguramente depende da ocorrência de dois resultados: que haja descarga de satisfação e que se domine a pulsão recalcitrante. Se na maioria das vezes só temos sucesso com a primeira, a razão em grande parte reside no material: pessoas sofrendo gravemente há longo tempo, que não esperam do médico uma elevação moral, são muitas vezes material inferior (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.24).

No caso da cura de almas, por outro lado, aqueles que buscam acompanhamento espiritual em geral são jovens saudáveis, que têm conflitos recentes e se dirigem ao pastor na esperança de que este lhes ofereça algum conselho que os ajude a superar suas dificuldades.

> Junto ao senhor encontram-se jovens atraídos à sua pessoa, com conflitos recentes prontos para sublimação, e para a forma mais cômoda da mesma, a sublimação religiosa[59]. O senhor certamente não duvida de que seu sucesso tem sido alcançado

[58] Esta carta à qual Freud se refere infelizmente não consta entre as publicadas.

[59] Essa é uma das poucas referências de Freud à sublimação pulsional através da religião. Vale destacar, entretanto, que na mesma carta ele afirmará em seguida que a fé religiosa sufoca as neuroses, expressão que se coadunaria melhor com os processos envolvidos no mecanismo do recalque. Talvez uma possibilidade de compreender esta aparente discordância seria considerar que Freud ainda não havia desenvolvido sua teoria das

> através do mesmo caminho pelo qual o nosso é, ou seja, através da transferência erótica à sua pessoa. O senhor, porém, tem a feliz possibilidade de conduzir para Deus, e de produzir num ponto o estado feliz de outrora, em que a fé religiosa sufocava as neuroses (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.24).

Após novamente enfatizar que Pfister tem o privilégio de praticar a psicanálise junto a pessoas jovens e saudáveis, Freud se refere pela primeira vez à possibilidade de sublimação através da religião, mesmo após haver comparado os atos obsessivos às práticas religiosas. Além disso, ele indica que, embora Pfister pratique a psicanálise na condição de pastor, trata-se de uma situação peculiar, que não é equivalente à de Freud e de outros analistas.

> Para nós não existe essa chance de resolver as coisas. Nosso público – independente da origem étnica – é não-religioso. Nós também o somos, na grande maioria, de forma radical, e, como os outros caminhos da sublimação pelos quais substituímos para *nós* a religião são demasiadamente difíceis aos nossos pacientes, a nossa cura geralmente desemboca na busca de satisfação (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.24-25, grifo no original).

Tanto a psicanálise quanto a religião procuram alcançar uma cura através do amor; entretanto, o manejo da transferência é distinto[60]. O analista não responde à demanda de amor e nem estabelece objetivos sublimatórios, trabalhando no sentido de favorecer a devolução da libido que se encontrava recalcada para que o analisando a invista como desejar[61]. O religioso, por outro lado, procura direcionar o investimento libidinal para a fé em Deus e a caridade para

---

pulsões num grau tão refinado quanto faria em seus artigos sobre metapsicologia. Ele voltará a se referir à sublimação religiosa num caso clínico, ao analisar uma neurose obsessiva de conteúdo religioso na infância do Homem dos Lobos, sobre a qual afirmará: "À parte esses fenômenos patológicos, pode-se dizer que, no presente caso, a religião atingiu todos os objetivos pelos quais é incluída na educação do indivíduo. Restringiu as impulsões sexuais do menino, propiciando-lhes uma sublimação e um ancoradouro seguro; diminuiu a importância das suas relações familiares e, desse modo, protegeu-o da ameaça do isolamento, dando-lhe acesso à grande comunidade humana" (FREUD, 1918/1914[2006], p.120).

[60] Birman trata da distinção entre psicanálise e religião como sendo entre o desejo e a promessa: "[...] enquanto que a Psicanálise não pretende prometer nada ao sujeito que empreende uma experiência analítica, [...] a Religião realiza a *promessa de salvação*" (BIRMAN, 1988, p.126, grifo no original).

[61] Freud se referirá à necessidade de abstinência no tratamento em *Observações sobre o amor transferencial*: "[...] a técnica analítica exige do médico que ele negue à paciente que anseia por amor a satisfação que ela exige. O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência [...] fixarei como princípio fundamental que se deve permitir que a necessidade e anseio da paciente nela persistam, a fim de poderem servir de forças que a incitem a trabalhar e efetuar mudanças, e que devemos cuidar de apaziguar estas forças por meio de substitutos" (FREUD, 1915/1914[2006], p.182). Freud afirma que se o analista responder à demanda de amor a paciente alcançará o objetivo dela, mas a análise não alcançará o seu. É curioso que, em seguida, Freud compare tal situação com a anedota do pastor e do corretor de seguros, como se ressoasse nas entrelinhas uma distinção entre psicanálise e religião: "O corretor de seguros, livre pensador, estava à morte e seus parentes insistiram em trazer um homem de Deus para convertê-lo antes de morrer. A entrevista durou tanto tempo que aqueles que esperavam do lado de fora começaram a ter esperanças. Por fim, a porta do quarto do doente se abriu. O livre pensador não havia sido convertido, mas o pastor foi embora com um seguro" (FREUD, 1915/1914[2006], p.183).

com o próximo[62]. Assim, Freud mostra que o analista, diferente do religioso, não interfere no tratamento com a indicação de ideais a serem alcançados.

> A isto se acrescente que nós não podemos ver na satisfação sexual em si algo proibido ou pecaminoso, mas que a reconhecemos como uma parte valiosa da realização de vida. O senhor sabe que nosso erotismo engloba o que vocês, na cura de almas, chamam de "amor" e não quer de modo algum ser limitado ao rude prazer sensual[63]. Assim, os nossos doentes têm de procurar nas pessoas aquilo que não podemos lhes prometer de um lado mais elevado e aquilo que precisamos lhes recusar na nossa própria pessoa. Naturalmente, por isso, nosso trabalho é mais difícil, e na dissolução da transferência alguns êxitos submergem (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.25).

Em seguida, Freud afirma que tanto o leigo quanto o religioso podem recorrer à psicanálise, pois ela é um instrumento neutro, do qual ambos podem se servir[64]: "A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores" [65] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.25). Assim, Freud afirma que ele próprio não havia pensado na psicanálise como um auxílio para a cura de almas unicamente pelo fato de que ele, enquanto ateu, não se ocupava com essas ideias: "Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está

---

[62] Como veremos adiante, Pfister tratará destas distinções num trabalho de 1934 intitulado *Neutestamentliche Seelsorge und psychoanalytische Therapie* [Cura neotestamentária das almas e terapia psicanalítica].

[63] Sobre esta questão, Freud acrescentaria na segunda de suas *Contribuições à psicologia do amor*, intitulada *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*: "Nas épocas em que não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor e a vida, vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis. Nessa conexão, pode-se afirmar que a corrente ascética da Cristandade criou valores psíquicos para o amor que a antiguidade pagã nunca fora capaz de lhe conferir. Essa corrente adquiriu sua maior importância através dos monges ascéticos, cujas vidas foram quase exclusivamente dedicadas a combater a tentação libidinosa" (FREUD, 1912a[2006], p.193).

[64] Muitos anos depois, em *O futuro de uma ilusão*, Freud reafirmará este posicionamento, ao indicar que, dentre os psicanalistas, alguns "de modo algum, partilham de minha atitude para com os problemas da religião. [...] Na realidade, a psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal, por assim dizer" (FREUD, 1927a[2006], p.45). Também numa carta a Pfister escrita em 26 de novembro de 1927 Freud escreverá: "Retenhamos como dado que as opiniões do meu texto [*O futuro de uma ilusão*] não são nenhum componente do edifício da teoria analítica. É minha posição pessoal, que coincide com a de muitos não-analistas e pré-analistas, e certamente também não é partilhada por muitos fiéis analistas" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.152).

[65] Domínguez chama a atenção para o fato de que esta frase de Freud "foi talvez a mais lembrada de toda a correspondência entre os dois. Ela indica claramente a intenção de neutralidade analítica com respeito à religião e sua posição absolutamente à margem de qualquer pronunciamento a favor ou contra a fé religiosa. A psicanálise é 'um instrumento neutro'. Seu campo de ação está limitado à área do inconsciente e seu objetivo é buscar a libertação dos que sofrem e (acrescentaríamos hoje) uma verdade sobre si mesmos aos que a desejam" (DOMÍNGUEZ, 2008, p.181).

distante dessa esfera de ideias" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.25). A maneira como Freud conclui a carta deixa clara sua esperança de que o grupo suíço possibilitasse à psicanálise ser reconhecida num círculo mais amplo:

> Certamente não é o mérito menor do nosso amigo Jung que ele tenha sido o ponto de partida desses estímulos, que impulsionaram o senhor a fazer este trabalho. Esperamos que a centelha, que no nosso chão protegemos com penoso esforço, na sua terra possa tornar-se uma fogueira da qual nós, então, possamos buscar uma lenha flamejante (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.26).

Em Zurique, Pfister recebe a carta de Freud com grande entusiasmo, na medida em que vê confirmada sua concepção de que a psicanálise não se contrapõe à cura de almas religiosa. Seu ânimo é perceptível na resposta que escreve em 18 de fevereiro de 1909:

> Sua carta intensificou minha alegria em relação à ciência inaugurada pelo senhor. Foi para mim uma grande satisfação saber, através de sua comunicação, que entendi corretamente a tarefa da psicanálise de ser, no fundo, um método de cura almas. A diferença (ética) entre sua e minha compreensão talvez não seja tão grande como parece pela minha posição profissional (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.26-27).

Apesar da atitude entusiasmada de Pfister demonstrar traços de um concordismo demasiado apressado sobre a possibilidade de harmonia entre psicanálise e religião, em 20 de fevereiro daquele ano Freud responde de maneira bastante receptiva às suas considerações:

> Da sua carta obtenho a alegre certeza de que a diferença entre nossas visões somente começa quando moções emocionais passam a influir sobre os processos de pensamento; certeza, portanto, de que esta diferença somente pode ter a importância de uma útil variação (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.28).

Em 24 de fevereiro de 1909, Freud volta a escrever a Jung sobre Pfister: "Consagrei todas as folgas que a correspondência com o senhor me deu, nessas últimas semanas, à correspondência com Pfister e os americanos. O primeiro parece ser ótima pessoa" (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.256). Em 7 de março de 1909, Jung escreveu:

> Pfister é sem dúvida uma excelente aquisição, pelo lato teórico [...] Tem uma inteligência espantosa, uma sólida cultura geral. Para o próximo semestre ele anunciou um *privatissimum* na Universidade de Basiléia: "Leituras da *Interpretação de sonhos* de Freud." (JUNG apud MCGUIRE, 1976, p.259).

Dois dias depois, na carta a Jung datada de 9 de março de 1909, Freud cita uma frase do *Fausto* de Goethe: "Como! és tão íntimo com o diacho, / E te apavoras vendo a chama?"[66] (GOETHE, 1808[2016], p.265). Ele explica o motivo: "Trago essa citação à baila porque ao relatar a experiência o senhor definitivamente descamba para o estilo teológico. O mesmo me aconteceu numa carta a Pfister[67] [...] Eu ainda não estava acostumado a andar em bons termos com teólogos protestantes"[68] (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.261).

1.6 **As primeiras trocas de ideias**

Freud parecia surpreso diante do bom andamento de sua amizade com Pfister, assim como pelo fato de apreciar suas obras[69]. Numa carta de 13 de março de 1909 ele agradece o envio de mais um artigo publicado pelo pastor, intitulado *Ein Fall von psychoanalytischer Seelsorge und Seelenheilung* [Um caso de cura psicanalítica de almas e convalescença da alma], num periódico protestante: "Não posso expressar melhor os meus agradecimentos pela sua última publicação na *Evangelische Freiheit* [Liberdade protestante] do que pelo pedido de que aceite algumas reflexões que se impuseram a mim durante a leitura" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.29). Tais reflexões consistem em duas pontuações: a primeira se refere à questão do sigilo profissional, que levou Pfister a omitir detalhes do caso clínico que seriam importantes para uma melhor compreensão.

---

[66] No original: "*Bist mit dem Teufel du und du, / Und willst dich vor der Flamme scheuen?*", que poderia também ser traduzido como: "Estás então aliado ao Diabo / E ainda queres te poupar ao fogo?", como propõem os tradutores de *Freud/Jung: correspondência completa*, organizada por William McGuire (1976).

[67] Trata-se da carta de 9 de fevereiro de 1909, último parágrafo, ver acima.

[68] Na opinião de Peter Gay, Freud teria sempre mantido uma desconfiança em relação a Pfister: "Freud sempre conservou uma certa distância cética em relação a Pfister. A religiosidade do pastor, por mais não-convencional e psicanalítica que fosse, impedia que Freud investisse emocionalmente nele tanto quanto havia investido em Ferenczi. [...] Mas, no início, Freud não estava tão desinteressado. Há algo de uma certa manipulação, um tanto suspeita, na rapidez com que manifestou a Pfister sua mais alta consideração. Para Freud, Pfister era uma chave que abriria as portas do mundo exterior, quase tanto quanto Jung" (GAY, 1992, p.85).

[69] Com efeito, psicanalistas tentaram advertir Freud contra a aceitação de um pastor no movimento psicanalítico, mas ele não cedeu, como indicou Peter Gay: "Houve momentos nos primeiros anos da amizade entre ambos em que alguns dos mais íntimos associados de Freud, principalmente Karl Abraham, questionaram a ortodoxia psicanalítica de Pfister e advertiram Freud contra ele. Freud não se convenceu: no que se referia a ele, a adesão de Pfister era garantida. Pelo menos desta vez, sua intuição frequentemente falível sobre as pessoas demonstrou-se correta. Uma razão para tal confiança de Freud em Pfister consistia nas inúmeras oportunidades de observá-lo na intimidade" (GAY, 2012, p.201).

> Num ponto, penso eu, a sua comunicação poderia ter sido menos temerosa, pois, afinal, a igreja oficial não pode se ofender quando a fantasia se apodera das excitações que ela mesma não tem escrúpulos em comunicar de forma tão insistente. [...] Nossos precursores na psicanálise, os curas de alma católicos[70], sabidamente não tinham o propósito de trazer à consideração somente os aspectos mínimos dos temas sexuais, mas perguntavam extensivamente por todos os detalhes. Eu creio que o correto está no meio termo, mas bem mais próximo ao costume católico que ao propósito do senhor (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.29-31).

Além de incentivar Pfister a conceder mais atenção aos detalhes relacionados ao campo da sexualidade, Freud acrescenta comentários a respeito do simbolismo nos sonhos, elemento que poderia ajudar o pastor na interpretação do sonho relatado[71].

> No referido sonho ele quer correr em socorro da moça que se atirou na água, mas esta se mantém sozinha na água e também sai por si. Como esta moça é a Nossa Senhora, este traço significa que ele quer ajudá-la no parto, isto é, ajudá-la a ter a criança, mas a Nossa Senhora tem a criança sem o auxílio masculino, como virgem. Por isso a alusão seguinte: logo ela está totalmente seca – a *concepção imaculada*[72]. A vacilação no final do sonho, a dúvida se é ela ou não, só pode corresponder às dúvidas do sonhador quanto à doutrina católica, a qual ele quer aceitar, isto é, quanto à possibilidade de uma tal concepção imaculada e um nascimento virginal (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.30-31, grifo no original).

Após tecer suas considerações sobre o mais recente trabalho de Pfister à epoca, Freud faz um importante acréscimo, que de certa maneira prefigura o que só apareceria em sua obra num texto que seria publicado no ano seguinte, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, onde apresentará publicamente pela primeira vez sua abordagem da crença religiosa a partir da noção de complexo paterno: "Ademais, suas investigações deveriam trazer rapidamente um resultado típico, visto que, para o pensamento religioso, as linhas mestras estão predeterminadas na família. Deus = pai, Nossa Senhora = mãe, o próprio paciente, nenhum outro do que Cristo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.31).

---

[70] Em *A questão da análise leiga*, Freud retornará à comparação da psicanálise com a prática da confissão no cristianismo católico, mas naquela ocasião estabelecerá sua principal diferença – enquanto o penitente confessa o que está acessível à consciência, o analisando é convocado a associar livremente para que o analista tenha acesso aos derivados do inconsciente: "A confissão sem dúvida desempenha seu papel na análise como uma introdução a ela, poderíamos dizer. Mas está muito longe de constituir a essência da análise ou de explicar-lhe os efeitos. Na confissão o pecador conta o que sabe; na análise o neurótico tem mais a dizer" (FREUD, 1926a[2006], p.184).

[71] Tivemos acesso apenas a trechos do sonho analisado por Pfister que foram citados por Freud na carta: "A moça *pula no lago*, eu queria correr atrás dela, contudo *ela se manteve sozinha sobre a água... imediatamente ela estava seca*" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.29, grifos no original).

[72] Freud se equivoca ao se referir à doutrina da Imaculada Conceição (segundo a qual Maria foi preservada do pecado original em vista dos méritos de seu filho Jesus), quando se observa pela argumentação que ele queria se referir à doutrina da Virgindade Perpétua de Maria (segundo a qual Maria foi mãe permanecendo virgem antes, durante e depois do parto).

Tendo apontado tal relação entre a configuração familiar e as principais figuras sagradas no cristianismo, Freud conclui expressando a Pfister o interesse que o artigo lhe despertou e encorajando a escrita de futuros textos: "O senhor pode deduzir como seu trabalho é estimulante, pela confissão de que eu ainda poderia encher mais algumas folhas de papel com anotações. [...] Com dedicadas saudações e calorosos desejos para o prosseguimento dos seus belos trabalhos" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.31).

Em abril de 1909, Pfister visitou pela primeira vez a casa de Freud e sua família, tendo sido recepcionado calorosamente[73]. Muitos anos depois, Anna Freud ainda se recordaria muito vivamente das impressões que as visitas de Pfister lhe causavam, como podemos atestar no prefácio que escreveu em Londres em 1962 para a primeira edição da correspondência:

> No ambiente doméstico dos Freud, alheio a toda vida religiosa, Pfister, com seus trajes, aparência e atitude de um pastor, era uma aparição de um mundo estranho. No seu modo de ser não havia nada da atitude científica quase apaixonada e impaciente, com a qual outros pioneiros da análise encaravam o tempo passado à mesa com a nossa família – como uma interrupção das suas discussões teóricas e clínicas. Pelo contrário, seu calor humano e entusiasmo, sua viva participação também nos fatos mínimos do cotidiano entusiasmavam as crianças da casa e faziam dele um hóspede bem-vindo em qualquer tempo, uma figura humana ímpar em seu modo de ser (FREUD apud FREUD; MENG, 2008, p.18-19).

A afabilidade de Pfister o tornou um hóspede querido e lembrado pelas crianças. Na primeira carta que escreve a Pfister após sua visita, em 10 de maio de 1909, Freud faz referência a uma miniatura em prata do monte suíço Matterhorn que recebeu dele de presente.

> O *Matterhorn* agora encobre minhas correspondências em débito sobre a escrivaninha. Agrada-me pensar neste pedacinho da Suíça no sentido simbólico ao qual o senhor me estimulou, ou seja, como uma homenagem do único país no qual sou agraciado ricamente em gozar o pensamento favorável e o afeto de homens bons e fortes (FREUD apud FREUD; MENG, 2008, p.33).

A referência à Suíça é uma constante nas cartas de Freud a Pfister. De fato, a possibilidade de estender a psicanálise para além do círculo judaico vienense lhe era muito valiosa. Entretanto, este não parece ser o único motivo pelo qual o pai da psicanálise se afeiçoou ao pastor suíço. Na mesma carta, Freud atribui outros significados à miniatura.

> Lembra-me um homem extraordinário, o qual certo dia me visitou, um verdadeiro servo de Deus, cujo conceito e existência eram-me muito improváveis. Isto é, no

[73] A respeito desta visita, Peter Gay afirmou que foi "um sucesso extraordinário não só com o chefe da casa, mas com toda a família" (GAY, 2012, p.201). Após a visita, Freud contaria a Ferenczi que Pfister "é um sujeito encantador que ganhou todos os nossos corações, um entusiasta apaixonado, metade Redentor, metade Flautista de Hamelin" (FREUD apud GAY, 2012, p.201).

> sentido de que ele tem necessidade de proporcionar algo de bom no caminho espiritual a cada um que encontra. Assim, o senhor fez bem também a mim[74] (FREUD apud FREUD; MENG, 2008, p.34).

Tampouco parece suficiente compreender a solicitude de Freud para com o pastor suíço unicamente pela admiração de seu caráter. Freud efetivamente o incentiva em seu trabalho clínico e teórico, encorajando Pfister a continuar publicando seus artigos: "Siga escrevendo corajosamente e deixe-me saber sempre das suas lutas e vitórias" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.35), ele conclui.

Em 12 de maio de 1909, Jung escreve a Freud contando-lhe sobre as impressões de Pfister quando visitou o mestre vienense na Bergasse 19 em Viena:

> Pfister esteve aqui anteontem e me transmitiu suas lembranças. [...] Naturalmente P. estava cheio de entusiasmo pelo senhor e sua calorosa acolhida em sua família. Espero que tenha tido uma boa impressão dele. É um teólogo dos mais aceitáveis, com traços admiráveis de caráter (JUNG apud MCGUIRE, 1976, p.271).

Nesta mesma carta, Jung anunciou a Freud que estava se dedicando a um ciclo de conferências sobre psicoterapia e um *privatissimum* sobre psicologia freudiana para cerca de dez pastores, sublinhando esta última palavra com três traços (MCGUIRE, 1976, p.273). Freud respondeu a Jung numa carta de 16 de maio de 1909, relatando suas próprias impressões do pastor:

> Todos nós gostamos muito de Pfister. Realmente ele é um padre aceitável e até mesmo me ajudou um pouco, exercendo, sobre meu complexo de pai, uma influência moderadora. Logo nos sentimos como velhos amigos; seu grande entusiasmo torna-o um pouco aborrecido, mas não há nada de falso ou exagerado na sua veemência. Duvido que consiga preservar a longo prazo os resíduos de fé; está apenas no começo de um longo desenvolvimento e a má companhia em que ele anda inevitavelmente há de surtir efeito[75] (FREUD apud MCGUIRE, 1976, p.273).

Em 2 de junho de 1909, Jung pede a benção de Freud para sua nova casa: "Só espero agora que o senhor tenha oportunidade de vir pessoalmente abençoar esta casa" (JUNG apud MCGUIRE, 1976, p.275). Ele se mostra satisfeito pelo fato de Freud ter gostado de Pfister:

---

[74] Na obra *Freud, el teologo negativo* [Freud, o teólogo negativo], Jose Herrera Fernández afirma sobre Freud: "De fato, a única pessoa que em ocasiões o faz abrandar muitas de suas frases é o único indivíduo religioso e pessoalmente equilibrado com quem conviveu: Oskar Pfister, cuja presença o desconcerta e o conduz a afirmar que 'me fez muito bem'" (FERNÁNDEZ apud WONDRACEK, 2005, p.5).

[75] Numa de suas últimas cartas a Pfister, datada de 25 de novembro de 1934, Freud expressará sua admiração diante do fato de seu interlocutor não ter abandonado a fé religiosa em consequência de seu contato com a psicanálise: "Que o senhor possa ser um analista tão convicto e ao mesmo tempo um homem espiritual, pertence às contradições que tornam a vida tão interessante" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p. 184).

"Sabendo que gostou de Pfister – minha alegria é *imensa*. Ele é extraordinariamente vivo e aliciou uma brilhante audiência para o *privatissimum*" (*idem*, grifo no original).

Em 13 de junho, Freud volta a escrever a Pfister, novamente estimulando-o à produção: "As notícias sobre suas atividades e múltiplos interesses têm para mim, cada vez mais, o efeito de um refrigério" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.35). Além disso, Freud relata que ainda se sentia animado com a visita ocorrida havia mais de um mês: "Meu estado de bom ânimo perdura desde a sua visita" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.36).

A respeito de uma controvérsia com um crítico da psicanálise Freud se defende escrevendo que a psicanálise não possui as mesmas características de uma seita: "Por acaso nossa 'escola' tem insígnias ou ritos secretos? Jura ela sobre minhas palavras ou queima incenso para minha pessoa? Quem compartilha das nossas posições pertence *eo ipso* à nossa escola, sem cerimônia especial de admissão"[76] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.38). Ele se despede com a afabilidade costumeira: "O fato de eu lhe escrever tantas coisas pessoais deve-se a que nenhuma visita, desde a de Jung, teve tanto impacto nas crianças e trouxe tanto bem-estar a mim mesmo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.38).

Na carta seguinte, datada de 16 de agosto de 1909, Freud acrescenta: "O senhor sempre nos torna felizes porque chama à consciência o que, em função da disposição infeliz do homem, esconde-se atrás dos pequenos sofrimentos e preocupações fugazes" (FREUD apud FREUD;

[76] Muitos autores compararam a psicanálise a uma religião, de modo que essa questão merece ser minimamente comentada. Ernest Jones parece ter sido um dos primeiro a fazê-lo, ao escrever a Freud em 30 de março de 1910: "O freudismo é, estritamente falando, uma religião; não é possível *prová-lo*, mas é preciso aceitá-lo, pois funciona" (JONES apud GAY, 1992, p.47, grifo no original). No livro *Psychotherapy and the Christian Message* [Psicoterapia e a mensagem cristã], Albert Outler (1954) escreveria: "Apesar de não validar a religião, há um zelo religioso no modo como [Freud] encarava sua missão a serviço da humanidade" (OUTLER apud GAY, 1992, p.34). Ao se referir ao que chamou de "religião freudiana", Camilla Anderson viria a declarar: "Quem desejasse ser considerado um homem culto ajoelhava-se diante de Freud antes de prosseguir com o que estivesse fazendo. Os psicanalistas transformaram-se, em boa parte, nos 'grandes sacerdotes' dessa nova religião" (ANDERSON apud GAY, 1992, p.34). Na mesma direção, também Paul Roazen afirmaria: "Pode ser que Freud não temesse tanto os efeitos deletérios da religião, pois a psicanálise conseguiu tornar-se para muitos uma religião substituta" (ROAZEN apud GAY, 1992, p.34). Peter Gay critica a atitude de muitos psicanalistas que, eles próprios, "trataram Freud como se realmente fosse o sumo pontífice de sua fé, e suas palavras como inquestionáveis pronunciamentos papais" (GAY, 2012, p.15). Assim, ele afirma: "Existe a tentação de descrever Freud como o pontífice da psicanálise, o Comitê formado ao seu redor por seus seguidores mais íntimos como o colégio dos cardeais, os princípios fundamentais da psicanálise como seus artigos de fé, as brigas de Freud com Jung e Adler como julgamentos de hereges, e os próprios desertores como apóstatas" (GAY, 1992, p.34). Se assim fosse, a psicanálise enquanto um novo campo do saber estaria em xeque: "Nada seria mais devastador, em relação à reivindicação de Freud de haver criado um novo ramo da ciência, que a descoberta de que ele fundou apenas uma nova seita doutrinária" (GAY, 2012, p.33-34). Entretanto, para o autor, o que tal crítica não leva em consideração é que existem níveis distintos de crença que não podem ser igualados entre si: "A crença não constitui um tipo específico de ato mental: as bases, a lógica, a tenacidade de uma crença diferem notavelmente das de uma outra. Acreditar que Deus existe e acreditar que o inconsciente existe não implicam, apesar do que possam dizer os críticos capciosos, num mesmo tipo de afirmação; são posturas apoiadas em evidências diferentes e que produzem conseqüências bem diversas" (GAY, 2012, p.35).

MENG, 2009, p.39). Os filhos de Freud gostam tanto do pastor que sempre falam do desejo de realizar com ele uma excursão às montanhas.

Tendo viajado aos Estados Unidos com Jung para pronunciar suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud retorna a Viena e encontra uma carta de Pfister, à qual responde em seguida, no dia 4 de outubro de 1909:

> Caro homem de Deus, / Uma carta sua faz parte do mais belo que pode recepcionar a gente no regresso para casa. Mas não pense que eu creio em tudo ou em grande parte do belo que o senhor diz a meu respeito – isto é, creio-o do *senhor*, não de mim. Não nego que isso me faça muito bem, mas depois de um tempo reflito sobre meu autoconhecimento e novamente me torno um bocado mais modesto. Sobram então a convicção de que o senhor está sendo sincero e a alegria pelo seu modo bondoso e entusiasta. O que eu desejaria é conquistar mais pessoas como o senhor, Jung (e outros, mas não é bom continuar), porém não há muitos (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.40-41, grifo no original).

Freud conclui solicitando que Pfister o encaminhasse publicações do campo da teologia que se referissem à psicanálise, mesmo que fossem críticas: "Muito me alegrarei se o senhor me enviar publicações da sua área, de preferência em quantidade, também dos adversários, ou me der as referências sobre onde as encontrar. Estamos reunindo na Biblioteca da Sociedade[77] tudo o que se refere à psicanálise" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.40).

Pfister corresponde ao pedido de Freud, pois em 5 de novembro de 1909 este lhe escreve: "Recebi hoje o caderno de setembro-outubro da *Evangelischen Freiheit*, como eu presumo, enviado de sua parte, e lhe agradeço cordialmente por isso" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.42).

Pouco depois da passagem de ano, Freud envia uma carta calorosa a Pfister, datada de 10 de janeiro de 1910:

> O ano ainda não envelheceu tanto que eu não possa iniciar esta carta com o desejo de que ele se torne um ano merecidamente feliz para o senhor. Desejo a mim mesmo que no seu decorrer eu consiga conquistar mais homens como o senhor como amigos, o que provavelmente é demasiado pretensioso, para ter a expectativa de realização (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.43).

Em 24 de janeiro de 1910, Freud relata a Pfister suas impressões sobre o trabalho que Pfister escreveu em resposta a algumas críticas à psicanálise, expressando sua admiração pela escrita ponderada: "eu o admiro pelo fato de que possa escrever desta forma tão moderada, humana, cheia de tolerância, tão objetiva, tão mais para o leitor que contra o inimigo. Sem

[77] Freud se refere à Sociedade Psicanalítica de Viena.

dúvida, pedagogicamente o mais correto e o mais adequado para a sua posição" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.46). Ele próprio, escreve Freud, não teria conseguido escrever com tanta objetividade, sentindo necessidade de expressar energicamente seus afetos:

> [...] eu não seria capaz de escrever assim, prefiro não escrever coisa alguma [...] Eu só poderia escrever para livrar a *minha* alma, revelar o *meu* afeto. Mas como isso não teria um resultado diferente, e também alegraria muito o adversário, que gosta de me ver irritado, prefiro nem responder. [...] como não sei apresentar a minha raiva artisticamente moderada, nem agradavelmente contagiante, eu me calo. Reduzir a temperatura eu não poderia jamais. Espero que também o senhor não continue polemizando nem com Foerster nem com outro da sua casta, mas que, de preferência, gaste papel e pena para comunicar seus próprios trabalhos. Deixemos que continuem latindo e sigamos adiante nosso íngreme caminho (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.46, grifos no original).

Freud se sente decepcionado quando Pfister lhe comunica que não poderá comparecer ao Congresso Psicanalítico de Nuremberg: "A comunicação de que o senhor não poderá vir a Nuremberg é para mim uma cruel decepção" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.47), escreve ele em 6 de março de 1910, antes de solicitar ao pastor que lhe enviasse um trabalho para ser publicado: "O senhor não poderia ceder-me uma amostra de sua tão fértil produção para os *Escritos sobre Psicologia Aplicada*? Também fico com o *Zinzendorf*[78], sem me espantar com o homossexualismo, se o volume total não ultrapassar cinco ou seis páginas" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.47).

Onze dias depois, ele volta a falar no assunto no congresso, lamentando-se na carta de 17 de março de 1910 que os psicanalistas de Zurique não possam participar: "Ainda não me conformei com o fato de que o senhor não poderá vir a Nuremberg. Bleuler também não virá, Jung está na América [...] O que será se meus zuriquenses me abandonarem?" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.49). Na mesma carta, Freud agradece o envio do trabalho sobre o conde Zinzendorf: "Acolho com profunda satisfação seu santo esmagado pelo senhor com toda maestria. Ele deve ir para a impressão logo após o *Leonardo*[79] e espero que incomode muitas pessoas de bem" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.49). Por fim, Freud responde a um comentário de Pfister no qual este exalta sua contribuição ao amor[80], afirmando que amor e ódio possuem a mesma importância na vida psíquica: "Eu fiz muito pelo amor, como o senhor admite, mas não posso confirmar com minha experiência que ele reside no fundo de todas as

[78] Freud se refere ao artigo de Pfister sobre o conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf, reformador religioso pietista, líder da Igreja na Morávia no século XVIII e fundador da Irmandade Evangélica de Herrnhut.

[79] Freud se refere ao artigo *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, que publicaria em breve.

[80] Não temos acesso à carta anterior de Pfister.

coisas, a não ser que se some a ele também o ódio, o que é psicologicamente correto. Mas aí o mundo logo nos pareceria bem mais triste"[81] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.49).

As diferenças entre Freud e Pfister ficavam mais evidentes. Como veremos, a questão das pulsões constituiu provavelmente o ponto principal de discussão teórica entre os dois. Apesar disso, o pai da psicanálise depositava grande confiança nele, tendo sugerido a Jung em 26 de abril de 1910 que o pastor poderia se tornar o presidente do grupo suíço. Jung tentou executar a ideia, mas a posição contrária dos analistas médicos impediu a eleição de um leigo (não-médico) para o cargo (WONDRACEK, 2003, p.30).

[81] Este parece ser o primeiro ponto de desentendimento teórico entre Freud e Pfister, que de certa maneira prefiguraria a rejeição deste do conceito de pulsão de morte introduzido por Freud em 1920, como veremos adiante. A respeito deste trecho, Peter Gay comenta que "desde o início, Freud insistiu na distinção radical entre suas idéias e as de Pfister" (GAY, 1992, p.113).

2 **A INVESTIGAÇÃO PSICANALÍTICA DAS ORIGENS EDÍPICAS DA RELIGIÃO**

2.1 **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**

No dia 4 de abril de 1910, Freud anunciava que seu artigo *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* havia sido enviado para publicação: "O *Leonardo* foi enviado para a impressão e será lançado no princípio de maio. Imediatamente depois o seu *Zinzendorf* poderá seguir o mesmo caminho. O editor se alegra muito com isso" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.50).

Em relação ao artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas*, o pequeno livro constitui um novo passo de Freud na investigação psicanalítica da religião, que desembocaria em *Totem e tabu*, na medida em que é nele que Freud apresenta pela primeira vez sua concepção de que a imagem de Deus é construída a partir da relação com o pai.

Freud identifica na idealização do pai a motivação psíquica para a crença em um Deus pessoal: "A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai" (FREUD, 1910[2006], p.128-129). Para Freud, a maioria das pessoas sente necessidade de se submeter sem restrições a alguma autoridade, o que se encontra em conexão com o complexo paterno. Entretanto, algumas pessoas, tais como Leonardo, escapam à intimidação exercida pelo pai e se afastam de sua influência através da atividade intelectual.

> Quando alguém, como aconteceu com Leonardo, escapa à intimidação pelo pai durante a primeira infância e rompe as amarras da autoridade em suas pesquisas, muito nos admiraríamos se continuasse sendo um crente, incapaz de se desfazer dos dogmas religiosos (FREUD, 1910[2006], p.128).

Assim, Freud considera que as anotações de Leonardo da Vinci oferecem indícios de que ele havia se distanciado da influência do complexo paterno. Vários escritos do grande mestre italiano manifestam sua admiração diante do Criador do universo; entretanto, não há referência de que ele tivesse procurado manter um relacionamento pessoal com a divindade.

> Nas anotações que nos mostram Leonardo, entregue à sondagem dos grandes mistérios da natureza, há um número enorme de passagens onde ele manifesta a sua admiração pelo Criador, última causa de todos esses nobres segredos; mas nada existe que possa indicar que desejou manter relações pessoais com esse divino poder. As

> reflexões que encerram a profunda sabedoria dos últimos anos de sua vida exalam a conformação do homem que se entrega ao Ανάγκη [*Ananké*, necessidade], às leis da natureza, e que nenhuma misericórdia espera da bondade ou da graça de Deus (FREUD, 1910[2006], p.130).

Freud conclui que o afastamento de da Vinci em relação à religião foi decorrente de sua investigação da natureza: "Parece não haver dúvida de que Leonardo superou tanto a religião dogmática quanto a pessoal, e que afastou-se muito da concepção cristã do mundo, através do seu trabalho de pesquisa" (FREUD, 1910[2006], p.130). Segundo Freud, o afastamento da intimidação exercida pela autoridade paterna promove um afastamento da religião, como pode ser observado nos casos em que jovens abandonam a religião de sua tradição familiar quando se afastam da influência do pai: "[...] diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona" (FREUD, 1910[2006], p.129).

Parece ter sido a constatação desse fenômeno, observado também no caso de Leonardo da Vinci, que levou Freud a identificar a raiz da religião na relação com o pai, pois ele conclui logo em seguida: "Verificamos, assim, que as raízes da necessidade de religião se encontram no complexo parental" (FREUD, 1910[2006], p.129). Neste ponto, Freud amplia sua concepção da origem da religião, estendendo seus limites do complexo paterno para o complexo parental, do qual aquele constitui apenas um polo, sendo o outro aquele referente à relação com a mãe: "O Deus todo-poderoso e justo e a Natureza bondosa aparecem-nos como magnas sublimações do pai e da mãe, ou melhor, como reminiscência e restaurações das idéias infantis sobre os mesmos" (FREUD, 1910[2006], p.129).

Assim, na sequência das investigações clínicas e metapsicológicas que o haviam levado a identificar na regressão um mecanismo psíquico que proporciona uma satisfação alucinatória[82] e nas reminiscências um poderoso fator para as neuroses, Freud aplica aos fenômenos culturais suas descobertas psicanalíticas. O bebê chega ao mundo marcado por um desamparo fundamental que o torna completamente dependente dos cuidados a ele prestados por outras pessoas que irão cuidar de suas necessidades biológicas e inseri-lo na cultura. Nessa direção, as crenças religiosas aparecem para Freud como sendo tentativas de superar a própria vulnerabilidade, atribuindo a um Ser Superior o carinho e o amor experimentados na relação com o pai e a mãe.

[82] Essa concepção vinha sendo construída desde o *Projeto para uma psicologia* (1895) e *A interpretação dos sonhos* (1900), onde Freud sustentou que o desejo mobiliza não apenas o sonho, mas todo o aparelho psíquico.

> Biologicamente falando, o sentimento religioso origina-se na longa dependência e necessidade de ajuda da criança; e, mais tarde, quando percebe como é realmente frágil e desprotegida diante das grandes forças da vida, volta a sentir-se como na infância e procura então negar a sua própria dependência, por meio de uma regressiva renovação das forças que a protegiam na infância[83] (FREUD, 1910[2006], p.129).

Em seguida, Freud sustenta que, se a religião protege da neurose, é porque oferece um destino na cultura para o complexo paterno, do qual o sentimento de culpa se encontra dependente. Entretanto, segundo ele, embora a religião ofereça um caminho para o sujeito lidar com o complexo paterno e o sentimento de culpa, tal destino se encontra pré-estabelecido. Por outro lado, aquele que não se submete aos dogmas religiosos precisa construir suas próprias respostas para as questões que a religião procura resolver[84].

> A proteção contra doenças neuróticas, que a religião concede a seus crentes, é facilmente explicável: ela afasta o complexo paternal, do qual depende o sentimento de culpa, quer no indivíduo quer na totalidade da raça humana, resolvendo-o para ele, enquanto o incrédulo tem de resolver sozinho o seu problema (FREUD, 1910[2006], p.129).

Freud conclui o ensaio refletindo sobre o acaso e o destino. Ele interroga se uma circunstância casual, tal como a relação com os pais, de fato pode determinar o destino do sujeito: "Mas será que não devemos fazer objeções aos achados de uma investigação que atribui a circunstâncias acidentais, referentes à sua constelação parental, uma influência tão decisiva no destino de uma pessoa?" (FREUD, 1910[2006], p.141). Freud conclui que uma investigação

---

[83] É interessante destacar que, em consonância com a descoberta de Freud do alto poder de influência do complexo parental na constituição psíquica, Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, no verbete "desamparo" de seu *Vocabulário da psicanálise*, enfatizam que a onipotência atribuída pelo bebê em seu estado de desamparo é referida à mãe: "O estado de desamparo, em correlação com a total dependência do bebê humano com relação à mãe, implica a *onipotência* desta. Influencia assim de forma decisiva a estruturação do psiquismo, destinado a constituir-se inteiramente na relação com outrem" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.112, grifo no original).

[84] Em *O mal-estar na cultura*, Freud afirmaria: "A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. [...] A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para aquisição da felicidade e proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante – maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência. A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual. Dificilmente, porém, algo mais" (FREUD,1930[1929]/2006, p.91-92). A este respeito, Betty Fuks escreveu: "Embora crítico contumaz da religião, Freud não tinha como objetivo único depreciar a experiência religiosa à qual jamais aderiu, mas combater qualquer discurso que rebaixa o valor da vida e intimida a inteligência humana. [...] Freud procurou resguardar a psicanálise do religioso mantendo-a voltada à pluralidade da palavra. A paixão pelo estranho, o inassimilável do saber inconsciente, o desapego pelo idêntico e por verdades apriorísticas, levou-o a atrelar sua escuta à inesgotável melodia da pulsão, um dos conceitos que instalou, e mantém no campo da psicanálise o lugar inexpugnável da alteridade" (FUKS, 2014, p.120-122).

científica precisa considerar essa possibilidade, pois senão estaria adotando uma visão de mundo religiosa: "Se considerarmos que o acaso não pode determinar nosso destino, será apenas um retorno ao ponto de vista religioso sobre o Universo, que o próprio Leonardo estava a ponto de superar" (FREUD, 1910[2006], p.141). Ao adotar o ponto de vista científico, o pesquisador renuncia aos pressupostos dos desejos e ilusões oriundos da condição de desamparo própria do humano, abrindo-se para os resultados empíricos aos quais suas investigações conduzam.

> Sentimo-nos naturalmente decepcionados por ver que um Deus justo e uma providência bondosa não nos protegem melhor contra tais influências durante o período mais vulnerável de nossas vidas. Ao mesmo tempo, estamos sempre demasiadamente prontos a esquecer que, de fato, o que influi em nossa vida é sempre o acaso, desde nossa gênese a partir do encontro de um espermatozóide com um óvulo – acaso que, no entanto, participa das leis e necessidades da natureza, faltando-lhe apenas qualquer ligação com nossos desejos e ilusões. A distribuição dos fatores determinantes de nossa vida entre as "necessidades" de nossa constituição e o "acaso" de nossa infância pode ser ainda incerta em todos os detalhes; mas não será mais possível duvidar precisamente da importância dos primeiros anos de nossa infância (FREUD, 1910[2006], p.141).

Assim, a investigação psicanalítica salientou o papel determinante do relacionamento com os pais na constituição subjetiva, fornecendo a Freud elementos clínicos para sustentar sua posição de que as crenças religiosas são construídas a partir da necessidade de proteção decorrente do desamparo fundamental.

2.2 **Um discípulo fiel**

Em 5 de junho de 1910, Freud continua suas discussões psicanalíticas com o pastor suíço, comentando um artigo de Pfister intitulado *Analytische Untersuchung über die Psychologie des Hasses und der Versöhung* [A pesquisa analítica sobre a psicologia do ódio e da reconciliação]. O trabalho de Pfister era pertinente, sem dúvida, mas faltava algo: "Naturalmente, o que o senhor informa basta plenamente para justificar suas conclusões – estas, aliás, dignas de honra –, mas o leitor não recebe nenhuma impressão, não pode sensibilizar-se com seu inconsciente e por isso, a rigor, não consegue criticar a fundo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.53).

Desse modo, Freud critica o excesso de pudor do pastor de Zurique na descrição dos detalhes do caso, importantes para a clínica:

> [...] a análise sofre do mal hereditário da virtude. Ela é a obra de um homem decente demais, que também se sabe comprometido com a discrição.Acontece que estas questões psicanalíticas somente são compreensíveis numa certa totalidade e minuciosidade, assim como a própria análise só anda quando o paciente desce das abstrações substitutivas para os pequenos detalhes. A discrição é, portanto, incompatível com uma boa configuração de uma análise (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.52).

Freud aconselha Pfister a não se preocupar tanto com o pudor, na medida em que a considera incompatível com a psicanálise. Se o analisando não relatar as minúcias de seus conflitos e sintomas por meio da associação livre, o analista não pode ter acesso ao material necessário para a interpretação do material inconsciente e a análise não pode avançar. Da mesma forma, na apresentação de um caso clínico, o pastor precisaria se tornar menos preocupado com a discrição, a fim de que pudesse apresentar uma discussão mais elaborada.

> A gente precisa tornar-se um mau sujeito, jogar-se fora, abandonar, trair, comportar-se como um artista que compra tintas com o dinheiro do orçamento doméstico da esposa, ou aquece o ambiente para a modelo queimando os móveis da casa. Sem tal dose de criminalidade, não há produção correta (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.52-53).

Após a indicação de tratar com desembaraço o material clínico, Freud se refere a outras questões técnicas, explorando a noção de transferência e oferecendo indicações clínicas preciosas ao novo discípulo.

> Com a transferência, aliás, é uma cruz. O teimoso aspecto indomável da doença, devido ao qual abandonamos a sugestão indireta e a sugestão hipnótica direta, também não se deixa eliminar totalmente pela psicanálise, mas apenas limitar, e seu remanescente vem à luz na transferência. Este resto geralmente é bem considerável e, então, muitas vezes, as regras falham. É preciso orientar-se pelas particularidades do doente, e também não se deve abandonar totalmente seu próprio modo de ser (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.53-54).

Em seguida, Freud se refere à regra da abstinência, justificando-a ao afirmar que quanto mais o analista oferece seu amor ao analisando, mais este fica dependente da relação transferencial.

> No geral, penso [...] que o paciente deve ser mantido na abstinência, no amor infeliz, o que não é plenamente possível. Quanto mais o senhor permite que ele encontre amor, tanto antes recebe os seus complexos, mas tanto menor é o sucesso definitivo, visto que ele só abandona as realizações até então obtidas nos complexos porque pode trocá-las pelos resultados da transferência. O sucesso é muito belo, mas totalmente dependente da transferência. Talvez seja alcançado o restabelecimento, mas não o grau necessário de autonomia e segurança frente a recaídas (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.54).

A partir de tais indicações, Freud traça uma diferença entre a psicanálise praticada pelos médicos e pelo pastor de almas:

> Porém, neste sentido, o senhor tem maior facilidade que nós, médicos, porque pode sublimar a transferência na religião e na ética, o que não é facilmente alcançável nos mutilados da vida. O senhor provavelmente não necessita da rigorosa técnica da resistência, pois pratica a psicanálise a serviço da cura de almas em pessoas jovens, cuja maioria ainda se encontra distante da seriedade do erotismo (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.54).

Freud conclui afirmando que tais considerações não tinham a intenção de serem reprovações, mas apenas reflexões advindas do trabalho analítico: "O senhor vê, doutor, que minhas exposições têm pouco que ver com reprovação. Eu meço seu trabalho apenas pelas nossas últimas exigências, que nem sequer alcançaram certeza plena"[85] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.54).

Em 17 de junho de 1910, Freud escreve a Pfister que havia lido com entusiasmo seu trabalho *Die Frömmigkeit des Grafen von Zinzendorf* [A religiosidade do Conde Zinzendorf]. Jung pretendia publicá-lo no *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* [Anuário de pesquisas psicológicas e psicanalíticas], mas Freud escreve que ele próprio iria publicá-lo: "Seu *Zinzendorf* foi lido às pressas e com suspense. Resultado: de forma alguma me ocorre devolvê-lo. Ele tem toda a qualificação imaginável para um caderno dos *Textos de psicologia aplicada*" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.55). Freud elogia o texto de Pfister:

> A princípio imaginei algo bem diferente, algo picante, escandaloso, e agora retiro todas as minhas difamações do Conde. Ele é um sincero e pobre tolo que além do mais não trapaceia mais do que, na expressão de Fontane, todos os grandes homens. Seu trabalho nele é, de maneira primorosa, transparente até o último grau, impressionante, convincente para todo aquele que, a qualquer custo, não se precaver de ser convencido[86] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.55).

Em seguida, Freud acrescenta "algumas notas de pouca importância" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.55), dentre as quais a evasiva de Pfister em se referir com maior

---

[85] Freud sempre deixou uma grande margem de liberdade no que se refere à chamada técnica analítica. Além disso, no momento em que escreveu esta carta, ele ainda não havia elaborado seus *Escritos sobre a técnica*. Em sua obra *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, volume 2: a clínica da fantasia*, Marco Antonio Coutinho Jorge (2010) chamou a atenção para três diferentes segmentos na obra de Freud: o ciclo do inconsciente (1900-1905), o ciclo da fantasia (1906-1911) e o ciclo da técnica (1912-1915).

[86] Freud citaria o artigo em *Psicologia das massas e análise do eu*: "Pfister, em sua *Frömmigkeit des Grafen von Zinzendorf*, forneceu um exemplo extremamente claro e certamente não isolado de quão facilmente até um intenso vínculo religioso pode converter-se em ardente excitação sexual" (FREUD, 1921[2006], p.150).

clareza aos aspectos relacionados à sexualidade. Pfister interpreta a devoção do conde pelas chagas de Cristo como uma expressão da sexualidade perversa, na medida em que, segundo ele, ocorrera uma distorção na representação da vagina, que passou a ser representada pela ferida aberta de Jesus na cruz. Freud corrobora esta interpretação, chamando a atenção para os estudos da sexualidade infantil que mostraram que a genitália feminina é considerada na infância como uma ferida. Entretanto, segundo ele, Pfister poderia ter acentuado o aspecto da sexualidade com maior clareza e ênfase:

> O senhor não acentuou a disposição erótica particularmente intensiva do rapaz; seguramente pode-se afirmá-la – como em todos os fundadores de religiões. No culto às chagas [de Cristo] ficamos inclinados a lembrar a indicação dada na *Interpretação dos sonhos*, de que a genitália feminina é considerada na infância como uma "ferida". [...] Portanto, origem idêntica à que o senhor, tão brilhantemente, esclareceu sobre a pequena cavidade lateral (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.55-56).

Tal pontuação de Freud fornece um indício do debate que os amigos iriam travar sobre a teoria das pulsões. Mas o diálogo com o discípulo fiel estava apenas no início, de modo que Freud conclui: "Seguindo o meu abominável princípio: o que é excelente, compreende-se por si, nada mais tenho a acrescentar. Portanto, diga a Jung que aqui, pela primeira vez, eu lhe nego algo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.56).

Em 19 de julho de 1910, Freud volta a escrever a Pfister sobre a transferência e a resistência, respondendo-lhe uma dúvida teórica. A transferência é um pressuposto do tratamento, que Freud compara à crença religiosa de que Deus está sempre presente. A resistência, por outro lado, surge quando alguma dificuldade atravessa este campo.

> Na antiga catarse a transferência era compreendida por si. É como a onipresença do ente divino. Estão presentes o senhor X e a senhora Y, além deles ainda o bom Deus fica nos observando, mas isto é óbvio e por isso não se fala dele. As dificuldades surgem somente quando a transferência torna-se hostil, negativa, e à medida em que o for, como na maioria dos neuróticos genuínos (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.56-57).

Freud também se refere a uma ideia de Pfister sobre a polarização. Embora não tenhamos acesso à sua apresentação por parte do psicanalista suíço, podemos inferir pelos comentários de Freud que ela parece se encontrar relacionada à noção de ambivalência afetiva, que Freud havia desenvolvido recentemente[87].

[87] A esse respeito, conferir especialmente o caso clínico do Homem dos Ratos: *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (FREUD, 1909b[2006]).

> Sua ideia da polarização é excelente. Para mim isto é: desfazer a mistura dos opostos, nos quais nossas pulsões geralmente se apresentam. É como se a cozinheira tivesse posto todo o açúcar numa ponta da massa de pão e todo o sal na outra. É óbvio que o sabor se perderia. – Um belo tema, mas ainda inacabado (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.57).

Em 27 de setembro de 1910, Freud comenta outro trabalho de Pfister, intitulado *Die psychologische Enträtselung der religiösen Glossolalie und der automatischen Kryptographie* [A decifração psicológica da glossolalia religiosa e da criptografia automática]. Freud relata que ainda não tinha uma opinião formada sobre os fenômenos analisados, mas incentivou Pfister a continuar a investigação:

> Acerca dos ensaios sobre glossolalia ainda não posso formar uma ideia adequada a partir de suas informações, mas penso que em breve o senhor estará desmascarando todas as assim chamadas produções involuntárias, como trabalhos de um complexo. Certamente se pode fazer algo com isso, primeiro uma comunicação estimulante para o *Zentralblatt* e depois muitas outras coisas (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.59).

Em 16 de outubro de 1910, Freud escreve sobre uma controvérsia com Eugene Bleuler, psiquiatra suíço conhecido pelos seus estudos sobre a esquizofrenia e que parece haver acusado o movimento psicanalítico de intolerância. Freud se defende da acusação, afirmando que aqueles que seguem seu ensino o fazem apenas porque encontram nele um referencial consistente para a experiência clínica de cada um:

> A fórmula da seita intolerante é muito fácil de se rejeitar, a intolerância realmente não está do nosso lado. Se meus amigos agora acreditam prontamente em mim, isto somente acontece porque eles já encontraram muita coisa comprovada. É uma compensação natural para a incredulidade que me sobreveio por dez anos (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.61).

Freud compara a situação que o movimento analítico experimentava à história bíblica narrada no livro de Neemias 4, 17, na qual os homens que reconstruíam as muralhas de Jerusalém seguravam numa das mãos o instrumento de trabalho e na outra a espada: "Com uma mão construir o templo, com a outra, brandir a arma contra os adversários da obra – penso que isto é uma reminiscência da história judaica" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.61).

Em 26 de fevereiro de 1911, Freud se refere ao artigo *Hysterie und Mystik bei Margaretha Ebner* [Histeria e mística em Margaretha Ebner]: "Sua *Freira* depositada no *Zentralblatt*, eu já teria trazido à luz há tempo, mas poucas vezes interfiro ativamente" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.63). Na mesma carta, Freud comunica a Pfister a respeito de

uma controvérsia ocorrida entre o grupo vienense, relacionada à discordância de Adler e Stekel em relação às concepções freudianas sobre a libido.

> Em Viena aconteceu uma pequena crise, da qual ainda nada comuniquei a Jung. Adler e Stekel pediram demissão e na quarta-feira eu me deixarei eleger presidente [...] As teorias de Adler afastavam-se demais do caminho correto. Era hora de fazer oposição a isto. Ele esquece as palavras do apóstolo Paulo, cuja formulação exata o senhor conhece melhor do que eu... "se vocês não tivessem amor"[88]. Ele criou para si um sistema mundial sem amor, e estou executando nele a vingança da ofendida deusa Libido (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.64).

Freud escreve que gostaria de não precisar exercer sua autoridade de criador da psicanálise, mas não pôde evitá-lo, pois as discordâncias teóricas ameaçavam as bases da teoria analítica que construiu: "É certo que sempre me propus ser tolerante e não exercer autoridade; na realidade, porém, isto não é possível" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.64-65).

Em 20 de abril de 1911, Freud agradece a Pfister por ter se lembrado dele na Páscoa e também o felicita pelo interesse que seus trabalhos estavam recebendo. Quanto à dificuldade para publicar seu novo livro sobre o método psicanalítico numa editora teológica, Freud o aconselha a insistir um pouco, mas que podia contar também com a possibilidade de publicá-lo numa editora psicanalítica:

> Na sua dificuldade com Siebeck, eu o aconselho a tentar inicialmente um esclarecimento e persuasão, porque uma editora teológica tem claras vantagens para o senhor. Mas não deixe de acrescentar que o senhor não pensa em pressioná-lo, visto que, no mais, o senhor não está em apuros por um editor. Deuticke mostrou-se *superdisposto*, a partir de uma indicação minha a assumir o seu livro, ainda que ele também lhe desejasse uma editora do ramo. Portanto, fique despreocupado nesta questão (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.66, grifo no original).

Quanto às controvérsias em Viena, Freud acha que Pfister não estava considerando apropriadamente a seriedade da situação: "O senhor julga os acontecimentos em Viena mais amistosamente do que merecem. São bastante desagradáveis e pouco aprazíveis. A causa certamente é o complexo paterno, mas sob o aspecto de que o pai faz muito pouco por eles. Uma crítica ao pai impotente" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.66).

Em 18 de junho de 1911, Freud volta a escrever a respeito do fenômeno da glossolalia, sinalizando mais uma vez que Pfister novamente havia sido demasiadamente pudico nas descrições clínicas, o que o impedia de chegar ao âmago da questão.

---

[88] Freud se refere ao texto bíblico da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 13, um hino ao amor, numa alusão à sua própria teoria da libido: "Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine" (BÍBLIA, 2010, p.2009).

> Como o senhor me honra com a confiança de que eu faça uma leitura corretiva de sua *Glossolalia*, também tenho de me mostrar digno desta e lhe fazer objeções [...] acho, com olho crítico, sua interpretação da visão do diabo na p. 285 muito cômoda, muito simples. O fato de que o diabo carrega no rosto o nariz da inocente jovem "como sinal visível da sua difamação" é certamente formulado de modo muito manso e explicado muito unitariamente. Consideremos o que soa mais provável e combina melhor com o que se conhece, a saber, que uma tal visão não é a simples configuração de um desejo, mas surgiu de um par de moções opostas com forte preponderância de uma delas. Então o diabo é uma figura mista, ele efetivamente também é a moça, e sua nudez se esclarece melhor como meio de sedução do que, inversamente, como sinal de sua humilhação. Ademais, ninguém vai querer entender por que o diabo teria recebido, como recompensa por sua ação difamatória, o pequeno e certamente belo nariz da moça. Geralmente os piedosos não são tão generosos nos seus delírios. Dito à margem, a substituição simbólica da genitália pelo nariz certamente deve ser – agregando-se o aspecto infantil – o motivo para se escolher do corpo da moça o nariz. Em suma, a visão não me parece interpretada na sua descrição, e seria melhor expressar-se com mais cuidado ou com alguma referência sobre as demais probabilidades. A parte inicial da análise do extático falar em línguas é tremendamente deliciosa (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.69-70).

Freud introduz uma importante nuance ao chamar a atenção para o fato de que a visão do diabo não era simplesmente a realização de um desejo, mas uma formação de compromisso entre moções pulsionais opostas, das quais uma se tornava predominante entre os polos da ambivalência afetiva.

Em 14 de dezembro de 1911, Freud informa que o trabalho de Pfister intitulado *Kryptolalie, Kryptographie und unbewusstes Vexierbild bei Normalen* [Criptolalia, criptografia e quadro enigmático inconsciente na normalidade] seria publicado: "Instruí os redatores da Psyche (ou "Imago") para de forma alguma deixarem fora o trabalho sobre as Krypterga" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.71). Na mesma carta, Freud lhe conta que sentia dificuldade para avançar no trabalho sobre a origem da religião, que posteriormente desembocaria nos quatro ensaios de *Totem e tabu*: "Fiquei encalhado em diversas pocinhas no meu estudo da psicogênese da religião e com as poucas forças que tenho atualmente não posso desencalhar" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.71-72). E despediu-se afetuosamente: "Quando o senhor vier novamente a Viena, será recebido por jovens e velhos como querido amigo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.72).

No início ano de 1912, a psicanálise foi duramente atacada nos jornais de Zurique, e Pfister foi convocado a prestar contas diante de seus superiores, correndo o risco de ser expulso de seu ministério religioso em decorrência de seu envolvimento com o movimento psicanalítico[89] (JONES, 1989b, p.102). Pfister foi criticado nos meios pedagógicos e teológicos

[89] Quanto a este ponto, Peter Gay escreveu sobre Pfister: "[...] seu protestantismo psicanalítico pouco dogmático mais de uma vez chocou-se contra a instituição teológica suíça, e durante alguns anos o perigo de perder sua paróquia foi muito real. Mas, encorajado por Freud, manteve sua posição, cônscio de que, ao prestar serviços valiosos para o movimento psicanalítico, estava recebendo a recíproca" (GAY, 2012, p.202).

tradicionais, que se referiam ao seu trabalho com a psicanálise como nociva para a juventude (WONDRACEK apud FREUD; MENG, 2009, p.194). Além disso, ele enfrentou uma grande crise pessoal e profissional, que o levaram a questionar tanto seu casamento quanto sua atividade como pastor.

Em 9 de fevereiro de 1912, Freud se refere a mais um trabalho de Pfister enviado para publicação. Tratava-se de *Anwendung der Psychoanalyse in der Pädagogik und Seelsorge* [Aplicações da psicanálise na pedagogia e cura de almas], ao qual Freud não fez qualquer objeção, mas apenas solicitou que Pfister se referisse a ele próprio de maneira mais modesta: "Li hoje as provas de seu qualificado trabalho para a Imago e somente lhe peço que me mencione, como dono da casa, com bem mais moderação" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.73).

Por fim, as ameaças a Pfister não se concretizaram, ele decidiu manter tanto o casamento quanto o pastoreio e os amigos puderam continuar sua correspondência. Em 2 de maio de 1912, Freud escreve satisfeito com a notícia: "Alegro-me cada vez que o senhor escreve com tanta autoconfiança, e quando nada hostil lhe tem acontecido" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.75). Ele também afirma que a relação com Zurique ainda não se tornou tão eficiente quanto poderia ser se Jung conseguisse obter uma cátedra sem os compromissos administrativos, o que não parecia provável. Ele termina de maneira chistosa, referindo-se ao costume religioso de rezar em vigília durante a madrugada: "Alguns séculos atrás teríamos proclamado dias de vigília para o cumprimento deste desejo; hoje, provavelmente, só resta esperar" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.75). Freud também volta a se referir ao trabalho sobre o tabu, que publicaria em breve: "Minha próxima contribuição para o terceiro caderno da Imago abordará o tema do tabu, naturalmente de modo superficial. Com o material todo e as discussões seria possível encher volumes inteiros" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.75).

Em 4 de julho de 1912, Freud se refere pela primeira vez a Pfister sobre um desentendimento com Jung, sugerindo que não há problema em adotar opiniões diferentes no que diz respeito à teoria analítica: "É pena que o senhor não tenha encontrado Jung [...] O senhor poderia ter-lhe dito, da minha parte, que ele pode muito bem desenvolver concepções divergentes das minhas, mas que eu deixo o pedido de que o faça sem má consciência" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.76).

Apesar disso, a controvérsia entre Freud e Jung apenas se complicaria. Em 9 de dezembro de 1912, ele escreveu a Pfister sobre seu contentamento pelo fato de que o pastor também discordasse das opiniões do psiquiatra suíço[90].

> Naturalmente estou muito de acordo com que o senhor se oponha às inovações de Jung, mas não espere que eu escreva algo contra elas. Meu desacordo é evidente demais para causar impressão. Mas creio que ele receberá bastante crítica da maioria dos analistas mais preeminentes. O senhor, portanto, não ficará sozinho nesta luta puramente interna e objetiva. Aliás, pergunto-me que técnica ele utiliza que o conduz para essas concepções (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.78).

Em 1º de janeiro de 1913, Freud voltaria a se referir a esta controvérsia, incentivando Pfister a retirar suas próprias conclusões a respeito das discussões teóricas que se encontravam em causa: "O senhor não precisa tolerar que lhe retirem seu julgamento próprio na questão da libido. Abra os olhos e veja-o por si. Não tenho dúvidas de que esta 'modificação' dos seus compatriotas não seja um avanço em direção ao reconhecimento" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.79). Ele prossegue: "[...] será que em Zurique também já se perdeu a noção do recalque? Isto em todo caso esclareceria várias coisas, mas também traria antigos mistérios à tona" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.79). Por fim, Freud relata sentir-se desacreditado de que ele e Jung pudessem voltar a entrar num acordo: "Não acredite muito em um entendimento pessoal permanente entre mim e Jung. Ele exige demais de mim, e eu estou me retraindo bastante depois da superestimação da sua pessoa. Basta que a união na sociedade se mantenha" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.80).

Em 11 de março de 1913, Freud felicita a Pfister por ter concluído seu novo livro, *Die psychoanalytische Methode; erfahrungswissenchaftlich-systematische Darstellung* [O método psicanalítico; descrição sistemática e científico-experimental]. Até então não havia uma publicação de introdução à psicanálise que Freud considerasse satisfatória. O livro, portanto, foi aguardado ansiosamente por Freud[91], que escreveu para ele um prefácio, onde trata da questão da análise leiga conduzida por educadores e curas de almas.

---

[90] Antes do início dessas controvérsias, Freud havia expressado a Pfister seu desejo de que ele permanecesse junto a Jung, que o pai da psicanálise desejava tornar seu herdeiro. Numa carta de 2 de maio de 1910, ele afirmara: "Espero que o senhor esteja de acordo com as resoluções de Nuremberg e que permaneça fielmente ao lado de Jung. Quero que ele adquira a autoridade que o qualifique para a liderança posterior de todo o movimento" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.51).

[91] Repetidas vezes Freud encorajou Pfister na escrita deste livro. Numa carta de 2 de maio de 1910, ele escreve: "[...] anseio pela sua *Propedêutica*, para a qual não temos nenhuma obra equivalente" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.51). Novamente, em 5 de junho de 1910: "Como está indo a sua *Propedêutica*, pela qual estou tão ansioso?" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.54). No ano seguinte, em 28 de maio de 1911, voltou a escrever sobre o assunto: "Sua tentativa de síntese é aguardada com muita expectativa e será estudada com entusiasmo. Animo-o a que se dedique a ela" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.67). Em 2 de maio de

> A única questão é saber se a prática da psicanálise pode não ter como pré-requisito um treinamento médico, do qual o educador e o assistente pastoral devem permanecer excluídos, ou se pode haver outras considerações que se oponham à sugestão de que a técnica da psicanálise não seja confiada a outra mão que não a de um médico. Confesso que não posso encontrar fundamento para reservas desse tipo. A prática da psicanálise exige muito menos treinamento médico que instrução psicológica e concepção humana livre. A maioria dos médicos não se acha preparada para exercer a psicanálise e fracassou completamente em apreender o valor desse procedimento terapêutico. O educador e o assistente pastoral estão sujeitos, pelos requisitos de sua profissão, a exercer a mesma consideração, cuidado e limitação que são geralmente praticados pelo médico, e, à parte isso, sua associação com jovens talvez os torne mais bem qualificados para compreender a vida mental desses jovens. Em ambos os casos, porém, a única garantia da aplicação inócua do procedimento analítico tem de depender da personalidade do analista (FREUD, 1913[2006], p.356-357).

Ao indicar que os médicos não se encontram numa posição privilegiada em relação aos educadores e curas de almas, Freud recomendou vivamente a leitura do livro do pastor zuriquense: "Um livro como este de Pfister, que procura familiarizar os educadores com [a] análise, poderá então contar com a gratidão das gerações posteriores" (FREUD, 1913[2006], p.357). Não deixa de ser um fato surpreendente que Freud tenha prefaciado *O método psicanalítico* e recomendado vivamente a leitura do livro. Afinal, nele Pfister sustenta posições bastante destoantes daquelas de Freud, como podemos observar neste trecho em que defende uma interação entre metapsicologia e teleologia, afirmando, portanto, que as pulsões têm um sentido: "O questionamento psicológico a respeito da origem e destino precisa, por isso, ser acrescido de um exame biológico da finalidade da vida" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.90). Causa-nos surpresa que um psicanalista cujo livro foi prefaciado por Freud tenha assumido nele uma posição religiosa e até mesmo se referido a uma pulsão religiosa. No mesmo livro, Pfister escreve sobre a redenção que os cristãos experimentam através do contraste presente na crucificação de Cristo.

> O drama titânico da obra redentora, com seus enormes contrastes pecado-graça, degradação humana-amor vitorioso de Jesus, morte-vida, concede aos corações

1912, Freud se refere a ele como "o livro que antecipadamente conquistou o amor de todos nós" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.74). Outra razão para o entusiasmo em torno da obra se revela em seguida, na mesma carta: "[...] estimulou-me a certeza de que ganharíamos entre os pedagogos um novo círculo de leitores, ainda não alcançados, e da nossa parte nenhum de nós deixaria de comprar o livro se estivesse incluído em outra coletânea. Nossa força de expansão entre os médicos infelizmente é muito limitada. É importante conquistar espaços fora, onde for possível" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p. 74). Em 9 de dezembro de 1912, Freud anuncia que escreverá um prefácio: "Tanto mais me alegraram suas boas novidades científicas e principalmente o fato de que seu livro tenha avançado tanto. Eu escreverei com muito prazer um prefácio que defenda sua tese" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.77). No dia 1º de janeiro de 1913, Freud o informa, a respeito do prefácio, que Pfister ficará satisfeito "com o modo determinado com que pretendo defender o direito dos pedagogos à análise" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.79). Por fim, Freud lhe envia seu prefácio em 18 de fevereiro de 1913: "Anexo minha produção, surgida num dia tolo [...] O tom decidido certamente lhe parecerá bem, mas minha opinião sempre foi assim" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.80).

> carregados de culpa um consolo cuja força restauradora é quase incompreensível para a pessoa não religiosa (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.92).

Após a grande ruptura da amizade entre Freud e Jung, Pfister foi o único em Zurique que permaneceu ao lado de Freud como um discípulo fiel. Ao fazer um balanço da investigação psicanalítica da religião até o momento em que escrevia *A história do movimento psicanalítico* em 1914, Freud comenta as diferenças entre Pfister e Jung justamente após resumir as ideias de *Atos obsessivos e práticas religiosas* e pouco antes de recapitular as teses centrais de *Totem e tabu*. Enquanto Pfister trabalhava no tema da religião a partir da psicanálise, Jung havia introduzido ideias religiosas na própria abordagem analítica do tema: "O Dr. Pfister, pastor em Zurique, remontou a origem do fanatismo religioso às perversões eróticas [...] Nas últimas obras da escola de Zurique, entretanto, constatamos a presença de idéias religiosas na análise em lugar do resultado oposto que estivera em vista" [92] (FREUD, 1914c[2006], p.46).

Entre a carta na qual envia o prefácio a *O método psicanalítico* e a seguinte há um intervalo de mais de cinco anos, justamente o período em que ocorreu a Primeira Guerra Mundial. Assim, infelizmente não sabemos qual terá sido a reação de Pfister a um dos mais importantes textos de Freud sobre a religião, no qual Freud apresenta seu mito científico sobre a origem da cultura.

2.3 **Totem e tabu**

Dois anos antes da publicação em conjunto dos quatro ensaios que compõem o livro *Totem e tabu: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos*, em 1911, Freud havia dito a Ferenczi que estava novamente ruminando sobre as "origens da religião nas pulsões" (FREUD apud GAY, 2012, p.529).

[92] Muitos anos depois, em *Um estudo autobiográfico*, Pfister seria citado entre os analistas sobre os quais Freud diz que trabalham com ele "em leal colaboração e, em sua maior parte, numa amizade sem desfalecimentos" (FREUD, 1925/1924[2006], p.57). A permanência de Pfister junto a Freud não deixa de ser curiosa, pois os pontos de divergência que haviam ocorrido entre Freud e Jung foram, no geral, os mesmos que ocorreriam entre Freud e Pfister, como indicou Domínguez: "O conceito de sexualidade e as divergências nas formas de conceber o fato religioso foram, com efeito, dois pontos críticos em que Freud e Jung encontraram motivos para a sua separação. E foram justamente nesses dois aspectos que Freud e Pfister divergiram mais profundamente" (DOMÍNGUEZ, 2008, p.63).

Na obra, Freud recorre a abundantemente aos autores mais importantes no campo da antropologia e da psicologia social naquele período: Herbert Spencer, James Frazer, Andrew Lang, Edward Tylor e Wilhelm Wundt.

Compartilhando da concepção de sua época de que o totemismo era a etapa mais primitiva de organização social, da religião e da moralidade, pela qual todas as culturas teriam passado, Freud esperava esclarecer seu enigma através da psicanálise e, assim, resolver simultaneamente o enigma dos primórdios dos fenômenos socioculturais e religiosos.

O objetivo da obra era aplicar o ponto de vista e as descobertas da psicanálise a certos problemas não solucionados da psicologia social, em particular o totemismo e a exogamia. O estímulo para ela, segundo Freud, foi apresentar um contraste metodológico com os estudos da psicologia não-analítica de Wundt e da escola psicanalítica de Zurique, na qual Jung procurava solucionar problemas da psicologia individual com auxílio derivado da psicologia social (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.17).

No primeiro ensaio, intitulado “O horror ao incesto”, Freud indica que, ao contrário do que se poderia esperar, os selvagens obedecem a regras extremamente severas, possuindo uma série de costumes, proibições e evitações que devem ser estritamente observados e um horror excepcionalmente intenso às relações incestuosas. As tribos são divididas em grupos menores denominados clãs, cada um dos quais possui um totem, geralmente um animal, que é considerado o antepassado comum do clã e seu espírito guardião, que mantém unida aquela comunidade. Quase sempre há uma proibição contra as relações sexuais e o casamento entre pessoas do mesmo totem, mas permanece um enigma se há ou não conexão entre os sistemas do totemismo e da exogamia (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.21-35).

O segundo ensaio é denominado “Tabu e ambivalência emocional”, no qual Freud compara a atitude dos neuróticos e a dos selvagens em relação às proibições, identificando em ambos uma ambivalência afetiva. As restrições do tabu são distintas das religiosas ou morais, pois não se baseiam numa ordem divina, mas impõem-se por si mesmas, tendo origem desconhecida e sendo aceitas pelos nativos como naturais. Freud indica que é uma suposição geral entre os investigadores que o tabu é mais antigo que a crença em deuses, remontando a um período anterior à existência de qualquer espécie de religião. A violação do tabu acarreta punições severas, que podem ser desencadeadas por um agente interno automático, mas também, em fases posteriores, atribuídas aos deuses e aos espíritos; em alguns casos, a própria sociedade se encarregava da punição (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.37-39).

Freud critica a abordagem de Wundt, para quem o tabu era derivado da crença dos povos primitivos no poder demoníaco, considerando sua explicação insatisfatória. Para Freud, a crença nos demônios, tal como a crença em deuses, deve ser explicada psicologicamente.

> Nem o medo nem os demônios podem ser considerados pela psicologia como as coisas "mais primitivas", impenetráveis a qualquer tentativa de descobrimento de seus antecedentes. A coisa seria diferente se os demônios realmente existissem. Mas sabemos que, como os deuses, eles são criações da mente humana; foram feitos por algo e de algo (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.42-43).

Em seguida, Freud indica que há semelhanças notáveis entre a atitude dos selvagens com os tabus e os atos obsessivos: ambas as proibições são destituídas de motivo aparente e mantidas por um medo irresistível e uma convicção interna de que uma violação conduziria a uma desgraça terrível. Assim, Freud se refere ao termo "ambivalência", cunhado por Bleuler, para descrever que tanto o selvagem quanto o obsessivo desenvolvem uma atitude ambivalente em relação à proibição (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.44-47).

> A principal característica da constelação psicológica que dessa forma se torna fixa é algo que poderia ser descrito como a atitude *ambivalente* do sujeito para com um objeto determinado, ou melhor, para com um ato em conexão com esse objeto. Ele deseja constantemente realizar esse ato (o tocar) [e o considera seu gozo supremo, mas não deve realizá-lo] e também o detesta. O conflito entre essas duas tendências não pode ser prontamente solucionado porque – não há outra forma de expressá-lo – elas estão localizadas na mente do sujeito de tal maneira que não podem vir à tona uma contra a outra. A proibição é ruidosamente consciente, enquanto o desejo persistente de tocar é inconsciente e o sujeito nada sabe a respeito dele. Se não fosse esse fato psicológico, uma ambivalência como esta não poderia durar tanto tempo nem conduzir a tais conseqüências (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.47, grifo no original).

Assim como na neurose obsessiva, as cerimônias dos povos primitivos se aproximam das atividades originalmente proibidas, tornando-se substitutivos compensatórios. Além disso, também os selvagens adotam uma atitude ambivalente em relação aos tabus: "Em seu inconsciente não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-los, mas temem fazê-lo; temem precisamente porque gostariam, e o medo é mais forte que o desejo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.48-49). As principais e mais antigas proibições vinculadas aos tabus são: não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com membros do mesmo clã. Assim, Freud indica: "Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.49). Ao comparar a enunciação desses dois tabus e a sua concomitância, Freud observa uma notável convergência com os resultados das pesquisas psicanalíticas em indivíduos, considerado o ponto central dos desejos da infância e o núcleo das

neuroses: o complexo de Édipo. Desta forma, Freud reduz a multiplicidade de manifestações do tabu ao seguinte enunciado: "a base do tabu é uma ação proibida, para cuja realização existe forte inclinação do inconsciente" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.49).

Freud busca abordar a ambivalência dos selvagens em relação ao tabu também a partir da clínica da paranoia, notando semelhanças importantes com o complexo paterno.

> O modelo no qual os paranóicos baseiam seus delírios de perseguição é a relação de uma criança com o pai. A imagem que um filho faz do pai é habitualmente investida de poderes excessivos desta espécie e descobre-se que a desconfiança do pai está intimamente ligada à admiração por ele (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.65).

O complexo paterno é marcado pela ambivalência afetiva: "Em quase todos os casos em que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, descobrimos que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta no inconsciente. Esse é o exemplo clássico, o protótipo, da ambivalência das emoções humanas" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.74). Freud identifica nesta atitude ambivalente a origem da crença nos demônios e espíritos.

> É verdade que aceitamos a presença de demônios, mas não como algo definitivo e psicologicamente impossível de analisar. Conseguimos ir além dos demônios, por assim dizer, porque os explicamos como sendo projeções de sentimentos hostis, alimentados pelos sobreviventes contra os mortos. Ambos os conjuntos de sentimentos (os afetuosos e os hostis) que, como temos boas razões para acreditar, existem para com a pessoa morta, procuram atuar por ocasião do luto, como desolação e como satisfação[93] (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.75).

Para Freud, entra em cena o mecanismo da projeção, que atribui ao mundo externo as percepções internas: "A hostilidade, da qual os sobreviventes nada sabem e, além disso, nada desejam saber, é expelida da percepção interna para o mundo externo, sendo assim desligada deles e empurrada para outrem" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.76). A projeção não é um mecanismo exclusivamente de defesa, mas ocorre também onde não há conflito psíquico.

> A projeção de percepções internas para fora é um mecanismo primitivo, ao qual, por exemplo, estão sujeitas nossas percepções sensoriais, e que, assim, normalmente desempenha um papel muito grande na determinação da forma que toma nosso mundo

[93] No texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud daria prosseguimento a esta interpretação da origem da crença nos espíritos: "Foi ao lado do cadáver de alguém amado por ele que [o homem primevo] inventou os espíritos, e seu sentimento de culpa pela satisfação mesclado à sua tristeza transformou esses espíritos recém-nascidos em demônios maus que tinham que ser temidos. As modificações [físicas] acarretadas pela morte lhe sugeriram a divisão do indivíduo em corpo e alma. [...] Sua persistente lembrança dos mortos tornou-se a base para a suposição de outras formas de existência, fornecendo-lhe a concepção de uma vida que continua após morte aparente. [...] Só mais tarde as religiões conseguiram representar essa vida futura como a mais desejável, a única verdadeiramente válida, a reduzir a vida que termina com a morte a uma mera preparação" (FREUD, 1915b[2006], p.304-305).

> exterior. Sob condições cuja natureza não foi ainda suficientemente estabelecida, as percepções internas de processos emocionais e de pensamento podem ser projetadas para o exterior da mesma maneira que as percepções sensoriais. São assim empregadas para construir o mundo externo, embora devam, por direito, permanecer sendo parte do mundo *interno* (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.77, grifo no original).

A conclusão de Freud, portanto, é que os selvagens constroem sua visão de mundo projetando para o mundo externo suas percepções endopsíquicas.

> [...] em virtude da projeção das percepções internas para fora, os homens primitivos chegaram a uma representação do mundo externo que nós, com nossa percepção consciente intensificada, temos hoje de traduzir novamente para a psicologia. A projeção de seus próprios impulsos maus sobre os demônios é apenas uma das partes de um sistema que constituía a *Weltanschauung* [visão do universo] dos povos primitivos e que viremos a conhecer como "animismo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.77).

Mais adiante, Freud aponta a importância da investigação das neuroses também para compreender a história da cultura.

> As neuroses, por um lado, apresentam pontos de concordância notáveis e de longo alcance com as grandes instituições sociais, a arte, a religião e a filosofia. Mas, por outro lado, parecem como se fossem distorções delas. Poder-se-ia sustentar que um caso de histeria é a caricatura de uma obra de arte, que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que um delírio paranóico é a caricatura de um sistema filosófico. A divergência reduz-se, em última análise, ao fato de as neuroses serem estruturas associais; esforçam-se por conseguir, por meios particulares, o que na sociedade se efetua através do esforço coletivo (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.85).

A natureza antissocial das neuroses está baseada naquilo que Freud chama de seu propósito mais fundamental: "fugir de uma realidade insatisfatória para um mundo mais agradável de fantasia" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.85). Desta forma, o neurótico evita o mundo real, que fica sob a influência da sociedade humana e das instituições criadas por ela coletivamente: "Voltar as costas à realidade é, ao mesmo tempo, afastar-se da comunidade dos homens" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.86).

No terceiro ensaio, Freud trata do tema "Animismo, magia e onipotência de pensamentos". O animismo é a doutrina de povos selvagens segundo a qual o mundo e os seres vivos são animados por almas e seres espirituais, tanto benignos quanto malignos, que atuam como causa dos fenômenos naturais. Freud pondera que, embora uma concepção de mundo como esta possa nos parecer estranha, há um ponto em comum entre as crenças dos selvagens e dos modernos: a crença nos espíritos. Apesar disso, há também distinções.

> [...] embora tenhamos mantido apenas uma crença muito limitada na existência de espíritos e expliquemos os fenômenos naturais pela influência de forças físicas impessoais, nós próprios não estamos muito longe dessa terceira crença, pois os povos primitivos acreditam que os seres humanos são habitados por espíritos semelhantes. Essas almas que vivem nos homens podem deixar suas habitações e emigrar para outros seres humanos; são o veículo das atividades mentais e são até certo ponto independentes de seus corpos (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.87-88).

Talvez em consequência de suas concepções animistas, o homem primitivo considera como natural o prolongamento indefinido da vida e a imortalidade, de modo que a ideia da morte só foi aceita posteriormente e com hesitação. Para Wundt, o fato de que as mesmas crenças animistas surgiram entre os povos mais variados em todos os períodos da história humana é explicável pelo fato de que "elas constituem o produto psicológico necessário de uma consciência mitocriadora (...) e assim, neste sentido, o animismo primitivo deve ser encarado como a expressão espiritual do estado natural do homem, até onde é acessível à nossa observação" (WUNDT apud FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.88).

Em seguida, Freud recorre às autoridades no campo sociológico para situar o animismo como a primeira de três fases do desenvolvimento civilizatório, passando pela religião e culminando com a ciência[94].

> O animismo é um sistema de pensamento. Ele não fornece simplesmente uma explicação de um fenômeno específico, mas permite-me apreender todo o universo como uma unidade isolada de um ponto de vista único. A raça humana, se seguirmos as autoridades no assunto, desenvolveu, no decurso das eras, três desses sistemas de pensamento – três grandes representações do universo: animista (ou mitológica), religiosa e científica. Destas, o animismo, o primeiro a ser criado, é talvez o mais coerente e completo e o que dá uma explicação verdadeiramente total da natureza do universo. A primeira *Weltanschauung* é uma teoria *psicológica* [...] grande parte dela persiste na vida moderna, seja sob a forma degradada da superstição, seja como a base viva de nossa fala, nossas crenças e nossas filosofias. Com esses três estágios em mente, pode-se dizer que o animismo em si mesmo não é ainda uma religião, mas contém os fundamentos sobre os quais as religiões posteriormente foram criadas (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.89, grifo no original).

Freud indica que a inspiração para os homens criarem seu primeiro sistema do universo não deve ter surgido unicamente por curiosidade especulativa, de modo que a necessidade prática de controlar o mundo à sua volta deve ter exercido algum papel. Desta forma, havia um conjunto de instruções sobre como exercer domínio sobre os espíritos dos homens, dos animais e dos objetos. A feitiçaria se refere à arte de influenciar os espíritos tratando-os do mesmo modo

[94] Mesmo sem citá-lo nominalmente, Freud parece se referir a Augusto Comte, cientista positivista que propôs uma teoria sociológica que estabelecia a ideia de um desenvolvimento progressivo da história através de três estados sucessivos e excludentes: teológico ou fictício, metafísico ou abstrato e, por fim, positivo ou real. Tais considerações são essenciais para compreender as previsões que fará em *O futuro de uma ilusão* sobre a superação da religião através da ciência.

como se trataria seres humanos. A magia, por outro lado, despreza os espíritos, recorrendo a procedimentos especiais que possibilitem submeter os fenômenos naturais à vontade do homem, protegê-lo e conceder-lhe poderes para prejudicar os inimigos, fundamentando-se no princípio que consiste em tomar equivocadamente uma conexão entre ideias por uma conexão real, dada a semelhança entre o ato executado e o resultado esperado (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.89-90).

> Se desejo que chova, tenho apenas de efetuar algo que se assemelhe à chuva ou faça lembrá-la. Numa fase posterior da civilização, em vez dessa chuva mágica, serão feitas procissões até um templo e preces pedindo chuva serão dirigidos à divindade que nele habita. Finalmente, esta técnica religiosa será por sua vez abandonada e serão feitas tentativas de produzir na atmosfera efeitos que conduzam à chuva (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.92).

O fundador da psicanálise identifica, na origem da magia, o desejo:

> É fácil perceber os motivos que conduziram os homens a praticar a magia: são os desejos humanos. Tudo o que precisamos admitir é que o homem primitivo tinha uma crença imensa no poder de seus desejos. A razão básica por que o que ele começa a fazer por meios mágicos vem a acontecer é, em última análise, simplesmente que o deseja. De início, portanto, a ênfase é colocada apenas no seu desejo (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.94).

O mesmo deve acontecer com o bebê, como afirma Freud ao se referir à sua hipótese de que estes satisfazem seus desejos de maneira alucinatória. Assim, tanto as crianças quanto os homens primitivos atribuem um espantoso poder aos desejos e, posteriormente, a todos os processos psíquicos. Portanto, Freud afirma que ambos adotam "uma atitude para com o mundo que, em vista de nosso conhecimento da relação entre a realidade e o pensamento, não pode deixar de impressionar-nos como uma supervalorização do pensamento" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.95-96). Assim, o que dirige a magia é a crença na onipotência de pensamento, que também está presente na neurose obsessiva[95].

> É nas neuroses obsessivas que a sobrevivência da onipotência dos pensamentos é mais claramente visível e que as conseqüências desse modo primitivo de pensar mais se aproximam da consciência. [...] Um neurótico obsessivo pode ser oprimido por uma sensação de culpa que seria adequada para um grande assassino, embora, na realidade, de sua infância em diante, tenha-se comportado para com os seus concidadãos como o mais escrupuloso e respeitável membro da sociedade. Não obstante, sua sensação de culpa tem uma justificativa: está fundada nos intensos e freqüentes desejos de morte contra os seus semelhantes que estão inconscientemente em ação dentro dele

[95] Freud indica que essa expressão foi cunhada por um analisando seu, o Homem dos Ratos, que se utilizava dela para referir-se aos seus próprios processos de pensamento. Para mais detalhes, consultar a obra *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (FREUD, 1909b[2006]).

> [...] Essa conduta, bem como as superstições que pratica na vida comum, revela a semelhança dele com os selvagens que acreditam poderem alterar o mundo externo pelo simples pensamento (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.97-98).

Em seguida, Freud traça os destinos da crença na onipotência do pensamento ao longo das três visões de mundo que havia apresentado.

> Se estivermos dispostos a aceitar a explicação acima oferecida da evolução da maneira do homem visualizar o universo – uma fase animista seguida de uma fase religiosa e esta, por sua vez, de uma fase científica – não será difícil acompanhar as vicissitudes da "onipotência de pensamentos" através dessas diferentes fases. Na fase animista, os homens atribuem a onipotência a *si mesmos*. Na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas eles próprios não desistem dela totalmente, porque se reservam o poder de influenciar os deuses através de uma variedade de maneiras, de acordo com os seus desejos. A visão científica do universo já não dá lugar à onipotência humana; os homens reconheceram a sua pequenez e submeteram-se resignadamente à morte e às outras necessidades da natureza. Não obstante, um pouco da crença primitiva na onipotência ainda sobrevive na fé dos homens no poder da mente humana, que entra em luta com as leis da realidade (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.98-99, grifo no original).

A supervalorização dos atos psíquicos, por sua vez, está conectada ao narcisismo, que sexualiza os processos de pensamento. Assim, Freud conclui: "Esta é a origem de sua fé na onipotência dos pensamentos, de sua inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e de sua inacessibilidade às experiências, tão facilmente obteníveis, que poderiam ensinar-lhe a verdadeira posição do homem no universo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.100). A partir da inferência do narcisismo desde a crença na onipotência de pensamento, Freud faz uma comparação entre as fases de desenvolvimento do indivíduo, que elaborou a partir da clínica psicanalítica, e as fases de desenvolvimento da civilização, conforme estabelecidas pelos cientistas sociais da época.

> Se podemos considerar a existência da onipotência de pensamentos entre os povos primitivos como uma prova em favor do narcisismo, somos incentivados a fazer uma comparação entre as fases do desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo. A fase animista corresponderia à narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; a fase religiosa corresponderia à fase de escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; enquanto que a fase científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio de prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.100).

Segundo Freud, o passo do animismo à religião e desta à ciência é dado quando se admite que o mundo externo é desconhecido e que as crenças sobre ele estavam baseadas nos processos de percepção endopsíquica.

> Assim, a primeira imagem que o homem formou do mundo – o animismo – foi psicológica. Não precisou então de base científica, uma vez que a ciência só começa depois de ter-se dado conta de que o mundo é desconhecido e que, por conseguinte, tem-se de procurar meios para conseguir conhecê-lo. O animismo surgiu no homem primitivo naturalmente e como coisa normal. Ele sabia que as coisas eram semelhantes no mundo, ou seja, exatamente como ele próprio se sentia ser. Estamos então preparados para descobrir que o homem primitivo transpunha as condições estruturais de sua própria mente para o mundo externo; e podemos tentar inverter o processo e colocar de volta na mente humana aquilo que o animismo acredita ser a natureza das coisas (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.101).

Freud se refere ao caso de Schreber para comparar a lógica paranoica aos processos de pensamento dos povos primitivos[96].

> Os espíritos e os demônios [...] são apenas projeções dos próprios impulsos emocionais do homem. Ele transforma as suas catexias emocionais em pessoas, povoa o mundo com elas e enfrenta os seus processos mentais internos novamente fora de si próprio – exatamente da mesma maneira como aquele inteligente paranóico, Schreber, descobriu um reflexo das ligações e do desligamentos de sua libido nas vicissitudes de seus confabulados "raios de Deus" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.102).

Baseando-se em sua teoria libidinal, Freud conclui: "em última análise, o 'espírito' das pessoas ou das coisas reduz-se à sua capacidade de serem lembradas e imaginadas após a percepção delas haver cessado" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.104).

A quarta seção de *Totem e tabu* é a mais importante para a abordagem freudiana da religião, pois é nela que o pai da psicanálise constrói o mito do assassinato do pai da horda primeva. Intitulado "O retorno do totemismo na infância", o ensaio se inicia com a afirmação de Freud de que, se a psicanálise é compelida a enfatizar as origens edípicas de um fenômeno tão complexo quanto a religião, isto não significa que as considere como a única ou a mais importante, o que estaria para além das possibilidades do método psicanalítico e dos objetivos da psicanálise.

> Não tem fundamento o receio de que a psicanálise, primeira a descobrir que os atos e estruturas psíquicas são invariavelmente supradeterminados, fique tentada a atribuir a uma fonte única a origem de algo tão complicado como a religião. Se a psicanálise é compelida – e é na realidade, obrigada – a colocar toda a ênfase numa determinada fonte, isto não significa que esteja alegando ser essa fonte a única ou que ela ocupe o primeiro lugar entre os numerosos fatores contribuintes. Somente quando pudermos sintetizar as descobertas dos diferentes campos de pesquisa é que se tornará possível chegar à importância relativa do papel desempenhado na gênese das religiões pelo mecanismo estudado nessas páginas. Essa tarefa está acima dos meios de que dispõe um psicanalista, assim como de seus objetivos (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.109).

[96] Para mais detalhes, ver a análise empreendida por Freud da autobiografia de Daniel Paul Schreber em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (FREUD, 1911a[2006]).

O totemismo é tanto uma religião quanto um sistema social. Os membros do clã acreditam possuir um ancestral comum e mantêm entre si um laço mais forte que o familiar. Tal sistema apresenta muitos enigmas, em especial a origem da organização totêmica e da proibição do incesto, assim como a relação entre estas duas instituições. Freud apresenta diversas teorias para tais questões, mostrando que nenhuma delas consegue explicar satisfatoriamente a origem do totem e sua conexão com a exogamia.

Com efeito, Freud dará início à construção de sua própria tentativa de explicação, recorrendo inicialmente à hipótese de Darwin sobre o estado social dos homens primitivos. A partir do estudo dos hábitos de símios superiores, Darwin postulou que também os homens viviam originalmente em pequenas hordas nas quais um ciumento macho mais velho e mais forte impedia a relação sexual dos mais jovens com as mulheres do clã. Atkinson foi o primeiro autor que percebeu que a exogamia é uma consequência prática desta condição (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.131).

Na sequência, Freud inicia sua construção teórica procurando elucidar a conexão entre a hipótese de Darwin, a exogamia e o totemismo: "Nessa obscuridade, um raio de luz isolado é lançado pela observação psicanalítica" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.132). Ele se refere primeiramente à relação das crianças com os animais, que é semelhante à dos homens primitivos: ambos não traçam uma distinção muito rígida entre a natureza humana e a animal. Além disso, a observação clínica das fobias infantis permitiu concluir que nelas se trata de um medo do pai que é deslocado para o animal que se torna seu substituto simbólico: "O fato novo que aprendemos com a análise do 'pequeno Hans' – fato com uma importante relação com o totemismo – foi que, em tais circunstâncias, as crianças deslocam alguns de seus sentimentos do pai para um animal"[97] (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.134).

A análise reconstitui os caminhos de associação pelos quais passa o deslocamento da figura do pai para o animal e revela seus motivos: trata-se do ódio inconsciente pelo pai decorrente da rivalidade em relação à mãe, que é recalcado pelo fato de que a criança nutre também um amor afetuoso por ele. Assim, o objeto fóbico é um substituto para a sua agressividade e passa a ser tratado de maneira ambivalente, de modo que a criança demonstra alternadamente sua afetuosidade e sua hostilidade para com ele. Freud conclui, então: "Pode-se com justiça dizer que nessas fobias de crianças reaparecem algumas das características do totemismo, mas invertidas para o negativo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.135).

[97] Para mais detalhes, consultar a obra *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (FREUD, 1909a[2006]).

Em seguida, ele aplica as descobertas da clínica com a fobia infantil às observações antropológicas dos povos primitivos, concluindo que o animal é um substituto simbólico do pai e que as duas proibições principais, não matar o totem e não se relacionar sexualmente com membros do mesmo clã, podem ser correlacionadas aos dois crimes de Édipo Rei, que matou o pai e se casou com a mãe, os quais são também os desejos primários da criança e parecem formar o núcleo das neuroses. Se for possível sustentar essa hipótese, a psicanálise terá contribuído, a partir de seus achados teórico-clínicos, para "lançar luz sobre a origem do totemismo num passado inconcebivelmente remoto. Em outras palavras, nos permitirá provar que o sistema totêmico – como a fobia de animal do pequeno Hans [...] é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.137).

Freud recorre à hipótese apresentada por Robertson Smith no livro *Religion of Semites* [Religião dos semitas] sobre a cerimônia da refeição totêmica, que teria feito parte do totemismo desde o princípio. Para o autor, o sacrifício no altar constituía uma característica essencial do ritual das antigas religiões, como um ato de companheirismo entre a divindade e seus adoradores, de modo que periodicamente ocorria um festival público, obrigatoriamente celebrado por todo o clã, no qual os indivíduos acentuavam sua dependência em relação ao seu deus. O animal sacrificado era tratado como um membro da tribo, de modo que a comunidade, a divindade e o animal eram considerados todos do mesmo sangue. Se um homem partilhava uma refeição com a divindade, expressava a convicção de que partilhavam a mesma substância (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.137-139).

Smith considera o animal oferecido em sacrifício como o primitivo animal totêmico. Apesar da proibição de proteger esses animais sagrados, eles eram mortos nesse ritual de comunhão solene. Sua carne e sangue eram distribuídos entre os membros do clã. A única justificativa para matá-lo era oferecê-lo em sacrifício à divindade nesse ritual periódico, como forma de manter vivo o vínculo sagrado entre os adoradores e seu deus. Assim, Smith conclui que a morte e ingestão periódica do animal totêmico eram elementos importantes da religião totêmica mesmo antes da crença em divindades, tendo o ritual sido atenuado posteriormente em sentidos diversos. Embora afirme que muitas autoridades se recusavam a atribuir importância ao conceito de refeição totêmica, pelo fato de não ser apoiado por observações diretas, Freud propõe adotar a hipótese de Smith segundo a qual o sacrifício e a ingestão comunal do animal totêmico eram atos importantes na religião totêmica, baseando-se nisso para construir sua hipótese (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.140-143).

O festim totêmico é seguido de um doloroso pranto e luto pelo animal morto, mas termina num festejo onde o excesso é obrigatório e todas as proibições anteriormente

rigidamente observadas são revogadas. Freud interpreta este fato afirmando que o animal totêmico é um substituto do pai e a atitude aparentemente contraditória dos selvagens é expressão da ambivalência afetiva em relação a ele. Assim, elabora a hipótese do assassinato do pai primevo: "Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.145). Ao devorar o pai, os filhos se identificavam com ele e incorporavam sua força, que era invejada por eles. Freud conclui: "A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.145).

Freud postula uma relação ambivalente entre os filhos e o pai primevo, tal como observada nas crianças e nos neuróticos. Satisfeito o ódio do assassinato, o amor viria à tona sob a forma de um sentimento de culpa.

> Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.146).

A ambivalência em relação ao pai fez com que os filhos instituíssem um totem como seu representante simbólico. A partir de então, o acesso às mulheres que o pai proibia passa a ser interditado pelos próprios filhos, através de uma obediência adiada. De certa maneira, anulam a morte do pai instituindo o totem (proibição do parricídio) e os tabus (proibição do incesto), que coincidem com os desejos na fantasia inconsciente do neurótico. Assim, a horda primeva deu lugar ao clã totêmico fraterno, em que os irmãos renunciam às mulheres pelas quais haviam matado o pai, impondo-se a proibição do incesto e a consequente lei da exogamia. O festim totêmico, portanto, era uma comemoração solene do parricídio que deu origem à ordem social, às leis morais e à religião.

> Podiam tentar, na relação com esse pai substituto, apaziguar o causticante sentimento de culpa, provocar uma espécie de reconciliação com o pai. O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai – proteção, cuidado e indulgência – enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.148).

Em seguida, Freud indica que o animal totêmico teria dado lugar aos deuses e, depois, à figura de Deus[98], perdendo paulatinamente as características animais que ainda se mesclavam a ele[99], de modo que aos poucos teria adquirido as características do pai primevo e possibilitado que a ambivalência afetiva em relação a ele fosse reestabelecida[100].

> Foram assim criadas características que daí por diante continuaram a ter uma influência determinante sobre a natureza da religião. A religião totêmica surgiu do sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento e apaziguar o pai por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema. Variam de acordo com o estágio de civilização em que surgiram e com os métodos que adotam; mas todas têm o mesmo fim em vista e constituem reações ao mesmo grande acontecimento com que a civilização começou e que, desde que ocorreu, não mais concedeu à humanidade um momento de descanso (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.148).

Assim, Freud afirma que a psicanálise identifica uma relação entre o totemismo e a exogamia e elabora sua hipótese para a origem da sociedade, da religião e da moral.

> A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado; enquanto que a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.149).

Quanto ao posterior desenvolvimento das religiões, Freud escreve que um grande número de "poderosos motivos" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.149) o impedem de qualquer tentativa de esboçá-lo desde o totemismo até a atualidade. Entretanto, afirma que

---

[98] Em *Uma neurose demoníaca do século XVII*, Freud retomaria este ponto: "Para começar, sabemos que Deus é um substituto paterno, ou, mais corretamente, que ele é um pai exaltado, ou, ainda, que constitui a cópia de um pai tal como este é visto e experimentado na infância – pelos indivíduos em sua própria infância, e pela humanidade em sua pré-história, como pai da horda primitiva e primeva. Posteriormente na vida, o indivíduo vê seu pai como algo diferente e menor. Porém, a imagem ideativa que pertence à infância é preservada e se funde com os traços da memória herdados do pai primevo para formar a idéia que o indivíduo tem de Deus. Sabemos também, da vida secreta do indivíduo revelada pela análise, que sua relação com o pai foi talvez ambivalente desde o início, ou, pelo menos, cedo veio a ser assim. [...] É nossa opinião que a mesma ambivalência dirige as relações da humanidade com sua Divindade. O problema não solucionado entre o anseio pelo pai, por um lado, e, por outro, o medo dele e o seu desafio pelo filho, nos proporcionou uma explicação de importantes características da religião e de decisivas vicissitudes dela" (FREUD, 1923/1922[2006], p.101).

[99] Na carta 144 a Fliess, datada de 4 de julho de 1901, Freud havia escrito: "Zeus parece ter sido originalmente um touro. Parece, também, que o nosso próprio velho Deus, antes de passar pela sublimação incentivada pelos persas, era também adorado como um touro. Isso suscita toda sorte de pensamentos, que ainda não estão em tempo de serem colocados no papel" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.14).

[100] Em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud afirmará que o triunfo do monoteísmo significa o reencontro com o pai ansiado pela humanidade há tanto tempo: "Os sentimentos infantis são intensos e inesgotavelmente profundos numa medida inteiramente diferente dos sentimentos dos adultos; apenas o êxtase religioso pode trazer isso de volta. Assim, uma embriaguez de obediência a Deus foi a primeira reação ao retorno do grande pai" (FREUD, 1934-1938[1939]/2014, p.179).

tratará ainda de duas linhas de investigação nesta direção: os temas do sacrifício totêmico e da relação do filho para com o pai[101]. Freud se pergunta como teria acontecido a passagem do totem aos deuses e, destes, a Deus. Ele escreve que o conceito de Deus pode ter provindo de alguma fonte desconhecida, mas que a psicanálise oferece bons motivos para crer que adveio também da relação com o pai.

> A psicanálise dos seres humanos de per si, contudo, ensina-nos com insistência muito especial que o deus de cada um deles é formado à semelhança do pai, que a relação pessoal com Deus depende da relação com o pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é que um pai glorificado. Como no caso do totemismo, a psicanálise recomenda-nos ter fé nos crentes que chamam Deus de seu pai, tal como o totem era chamado de ancestral tribal (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.150)

Freud conclui afirmando que a contribuição psicanalítica à investigação científica das origens da religião é a conexão que identificou entre a figura de Deus e o complexo paterno: "Se a psicanálise merece alguma atenção, então – sem prejuízo de quaisquer outras fontes ou significados do conceito de Deus, sobre os quais não pode lançar luz – o elemento paterno nesse conceito deve ser um elemento muito importante" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.150). Assim, "embora o totem possa ser a *primeira* forma de representante paterno, o deus será uma forma posterior, na qual o pai reconquistou sua aparência humana" (*idem*, grifo no original). Freud identifica na "raiz de toda forma de religião" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.151) um ponto em comum: a "saudade do pai" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.151). Para ele, o "anseio religioso" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.152) deriva da "persistência de uma saudade não apaziguada do pai" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.152).

Em seguida, Freud interpreta o sacrifício de Cristo na cruz como uma tentativa de expiar o sentimento de culpa engendrado pelo assassinato do pai primevo, afirmando que, se uma vida precisava ser oferecida a Deus Pai em sacrifício, isto revelaria que houvera um homicídio anterior, que só poderia ser expiado pelo sacrifício de outra vida[102].

> Na doutrina cristã, assim, os homens estavam reconhecendo da maneira mais indisfarçada o ato primevo culpado, uma vez que encontramos a mais plena expiação para ele no sacrifício desse filho único. A expiação para o pai foi ainda mais completa

[101] A respeito deste último ponto, Alain Didier-Weill escreve que "o pai de que Freud fala é, essencialmente, o pai imaginário, ou seja, o pai que, em suma, é criado pelo filho" (DIDIER-WEILL, 2015, p.36).

[102] Para situar minimamente esta complexa questão no campo da teologia cristã, indicamos somente que a argumentação apresentada por Freud se baseia, grosso modo, na releitura de Santo Agostinho das teses de São Paulo sobre o pecado original e a redenção por Jesus Cristo. No campo da teologia contemporânea, entretanto, admitem-se outras interpretações para a Paixão de Cristo e o modo através do qual se crê que Jesus salva a humanidade.

> visto que o sacrifício se fez acompanhar de uma renúncia total às mulheres, por causa de quem a rebelião contra ele fora iniciada (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.156).

Na sequência, Freud afirma que também neste caso entrou em cena a ambivalência, na medida em que, para ele, no sacrifício na cruz o filho tomou o lugar do pai: "O próprio ato pelo qual o filho oferecia a maior expiação possível ao pai conduzia-o, ao mesmo tempo, à realização de seus desejos *contra* o pai. Ele próprio tornava-se Deus" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.156, grifo no original). Freud considera o cristianismo como uma religião do filho que desloca a religião do pai representada pelo judaísmo, traçando uma linha entre a refeição totêmica, o sacrifício animal e a eucaristia cristã celebrada no ritual da missa: "Como sinal dessa substituição, a antiga refeição totêmica era revivida sob a forma da comunhão, em que a associação de irmãos consumia a carne e o sangue do filho – não mais do pai – obtinha santidade por esse e identificava-se com ele"[103] (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.156).

Freud conclui, portanto, que "os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.158), o que "entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.158). A investigação de Freud o conduz a sustentar que "também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: a relação do homem com o pai" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.158), o que ele considera como uma "descoberta muito surpreendente"[104] (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.158). Segundo Freud, o assassinato do pai primevo deixou traços de memória indestrutíveis na história humana, afetando todas as suas estruturas sociais, morais e religiosas: "Um acontecimento como a eliminação do pai primevo pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade e, quanto menos ele próprio tenha sido relembrado, mais numerosos devem ter sido os substitutos a que deu origem"[105] (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.157).

---

[103] Freud afirma numa nota de rodapé: "Nenhuma pessoa familiarizada com a literatura sobre o assunto imaginará que a atribuição da origem da comunhão cristã à refeição totêmica constitui idéia original do autor do presente ensaio" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.157). Com efeito, Frazer havia escrito que "a comunhão cristã absorveu um sacramento que é sem dúvida muito mais antigo que o cristianismo" (FRAZER apud FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.157).

[104] Numa nota de rodapé, Freud insiste na parcialidade de suas descobertas, defendendo-se de antemão contra possíveis críticas: "Visto estar acostumado a ser mal interpretado, acho que vale a pena insistir explicitamente em que as atribuições de origem que me propus tratar nestas páginas de maneira alguma subestimam a complexidade dos fenômenos em exame. Tudo o que pretendem é ter acrescentado um novo fator às fontes, conhecidas ou ainda desconhecidas, da religião, da moralidade e da sociedade – fator baseado numa consideração das implicações da psicanálise" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.158-159).

[105] Catherine Millot afirmou sinteticamente: "O mito de *Totem e tabu* pode ser considerado como ilustração simbólica do que o ser humano deve pagar como preço de sua humanidade" (MILLOT, 1987, p.77).

Enquanto no artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas* Freud apresentou analogias estruturais entre neurose obsessiva e religião, em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* postulou a origem da crença religiosa na problemática inconsciente, infantil e edípica descoberta na clínica, que aplicará na análise em *Totem e tabu* dos fenômenos sociais primitivos, reconhecendo a origem tanto da neurose quanto da religião na ambivalência afetiva experimentada frente à figura paterna. Com a elaboração do mito da horda primeva, onde o assassinato do poderoso pai engendra a proibição de matá-lo enquanto referência simbólica que interdita a completude representada no inconsciente pela ideia do incesto, a abordagem freudiana da religião será alavancada[106].

2.4 **Algumas controvérsias teóricas e políticas**

Freud se queixava de que Pfister não enfatizasse suficientemente a importância das pulsões sexuais na economia psíquica e no adoecimento neurótico. Para ele, Pfister estava resistindo à teoria psicanalítica da sexualidade por estar preocupado com a busca de uma harmonia. Na carta de 9 de outubro de 1918, onde trata dessas questões, Freud provavelmente se refere à obra *Was bietet die Psychoanalyse dem Erzieher?* [O que a psicanálise oferece ao educador?], iniciando-a com os elogios costumeiros.

> Acabo de ler seu pequeno livro e posso bem acreditar que o senhor o escreveu de boa vontade. Ele contém um calor que alegra o coração e mostra todas as belas qualidades que tanto apreciamos no senhor: sua capacidade de entusiasmo, seu amor pela verdade e pelas pessoas, sua coragem de professar-se, sua compreensão pela verdade e também – seu otimismo. Sem dúvida ele prestará bons serviços a nós (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.82).

[106] Embora tivesse experimentado dúvidas e hesitações quanto à publicação da obra, mesmo depois de havê-la apresentado à Sociedade Psicanalítica de Viena, o livro veio a se tornar um dos favoritos de Freud ao longo de toda a sua vida, tendo certa vez contado ao seu tradutor que considerava *Totem e tabu* a sua obra mais bem escrita (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.14). As hipóteses nele sustentadas continuarão sendo desenvolvidas em seus textos posteriores. Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud escreverá: "[...] a história da humanidade está repleta de assassinatos. Mesmo hoje, a história do mundo que nossos filhos aprendem na escola é essencialmente uma série de assassinatos de povos. O obscuro sentimento de culpa ao qual a humanidade tem estado sujeita desde épocas pré-históricas e que, em algumas religiões, foi condensado na doutrina da culpa primeva, do pecado original, é provavelmente o resultado de uma culpa de homicídio em que teria incorrido o homem pré-histórico" (FREUD, 1915b[2006], p.302). Em *Psicologia das massas e análise do eu*, ele acentuará novamente o valor de sua construção para a compreensão de diversos fenômenos culturais: "Para dizer a verdade, isso constitui apenas uma hipótese, como tantas outras com que os arqueólogos se esforçam por iluminar as trevas dos tempos pré-históricos [...] porém essa hipótese para mim tem mérito se se mostrar capaz de trazer coerência e compreensão a um número cada vez maior de novas regiões" (FREUD, 1921[2006], p.133).

Freud indica que o elogio foi breve, mas que as repreensões serão longas. Ele escreve que está insatisfeito com o desacordo de Pfister sobre o que chama de a teoria sexual e a ética de Freud[107]. Quanto à ética, Freud diz não se importar muito.

> [...] da última eu até abro mão; para mim a ética encontra-se distante, e o senhor é cura de almas. Não quero muito a cabeça sobre o bem e o mal, mas em média tenho encontrado nas pessoas pouco "bem". Na minha experiência, a maioria é ralé, tanto faz se professam abertamente esta, aquela ou nenhuma corrente ética. O senhor não pode dizer isso em voz alta, talvez nem mesmo pensá-lo, embora suas experiências de vida dificilmente possam ter sido diferentes das minhas. Quando se insiste em falar de ética, eu me professo partidário de um ideal elevado, do qual a maioria dos que conheço lamentavelmente fica distante (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.82-83).

Quanto ao rechaço da teoria sexual, contudo, Freud reage com firmeza, afirmando que não se pode negar as pulsões parciais sem graves prejuízos para a teoria analítica.

> Entretanto, o que há com a teoria sexual? Como pode ocorrer ao senhor negar a decomposição da pulsão sexual em pulsões parciais, à qual a análise nos obriga diariamente? Seus argumentos contra ela realmente não são fortes [...] a psicanálise empenha-se para não perder de vista esta conexão da vida pulsional sobre a separação das pulsões isoladas (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.83).

Segundo Freud, o religioso rechaçou a parcialidade da pulsão porque ansiava por uma síntese coerente com sua visão de mundo que privilegia a busca pela harmonia. Todavia, agindo assim, ele não estava efetivamente se dedicando antes à análise, como exigem os critérios científicos. Além disso, no que diz respeito ao tratamento, não há necessidade de que o analista realize em seguida um trabalho de síntese.

> Na ciência, primeiro é preciso decompor, depois reunir. Parece-me que o senhor quer uma síntese sem a análise prévia. Na técnica psicanalítica não há necessidade de um trabalho especial de síntese; isto o indivíduo autonomamente providencia melhor que nós. Isto vale para todas as pulsões, até onde as conseguimos separar. Mas no pequeno livro o senhor não foi plenamente justo com as pulsões sexuais. O senhor não disse em nenhum lugar que estas realmente têm uma relação mais íntima e um significado maior – não para a vida anímica como tal, mas no que importa – para se adoecer na neurose. E isto justamente por causa da natureza conservativa delas, da sua relação

[107] Wondracek indica que Pfister "foi um dos primeiros a interpelar Freud a respeito de várias questões como a relação entre psicanálise e ética, entre psicanálise e visão de mundo, e a legitimidade do discurso científico" (WONDRACEK, 2008, p.9-10). Além disso, ela sugere que a obra de Pfister pode desafiar o campo da psicanálise a fazer trabalhar os significantes da herança simbólica judaico-cristã, num contraponto à mitologia grega à qual Freud se refere para construir a teoria psicanalítica (WONDRACEK, 2008, p.192). Nesse sentido, em suas conferências sobre *Os nomes do pai*, Didier-Weill (2015) indica que Freud nos transmitiu a psicanálise por intermédio de uma linguagem tecida por uma tríplice herança: grega, bíblica e cristã, mas se por um lado o que ele articula no campo da psicanálise se deve em parte a esta herança, por outro, há pontos nos quais ele "tropeça teoricamente, nos quais não avança, e que podem ser identificados em sua maneira de acolher ou não alguns pontos vivos dessas três diferentes tradições" (DIDIER-WEILL, 2015, p.13).

> mais íntima com o inconsciente, com o princípio do prazer, e em consequência das particularidades do seu processo de desenvolvimento até as normas culturais (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.83-84).

Freud interpreta uma resistência contra a sexualidade e aconselha Pfister a investigar a questão: "Nisto, penso eu, deve ter-se escondido no senhor o remanescente da sua resistência contra o sexual. Tente revisar este aspecto junto a si mesmo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.84). Por outro lado, num dos trechos mais comentados de suas cartas a Pfister, Freud se refere à possibilidade de sublimação através da religião[108], mas também sugere que só pôde inventar a psicanálise por ser um judeu ateu.

> Em termos terapêuticos, só posso invejá-lo quanto à possibilidade de sublimação em direção à religião. Mas a beleza da religião certamente não pertence à psicanálise. É natural e pode permanecer assim que, na terapia, nossos caminhos se separem. Bem à parte, por que nenhum de todos estes devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu? [109] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.84).

Em sua resposta datada de 29 de outubro de 1918, Pfister retomou a questão apontada por Freud ao final de sua carta:

> Por fim a pergunta: por que não foi um devoto, mas um judeu ateu que descobriu a psicanálise. Ora, porque devoção ainda não significa gênio de descobridor, e porque os devotos em boa parte não foram dignos de produzir estes resultados (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.84).

Para Pfister, além de não ter sido pelo fato de se considerar um judeu descrente que Freud construiu a psicanálise, Freud não era, em sua opinião, nem judeu e nem ateu.

> Aliás, o senhor primeiramente não é judeu, o que lamento muito na minha admiração desmedida de Amós, Isaías, Jeremias, do poeta de Jó e de Eclesiastes[110]; e em segundo lugar o senhor não é ateu, pois quem vive para a verdade vive em Deus, e quem luta

---

[108] A respeito da relação entre análise e sublimação, Freud já havia escrito a Pfister em 19 de julho de 1910: "Em relação à sublimação, dependemos menos das nossas intenções que das inclinações do paciente. Fazemos o que é possível fazer" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.57).

[109] Em seu livro *Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise* (1992), Peter Gay sustenta que foi na condição particular de um ateu de origem judaica que Freud pôde construir a psicanálise. Nesse sentido, o autor afirma: "Não me parece necessário demonstrar que Freud era ateu antes de se tornar psicanalista. O que desejo provar é que Freud tornou-se psicanalista em grande parte *pelo fato* de ser ateu" (GAY, 1992, p.53, grifo no original).

[110] Pfister faz alusão a profetas e outros personagens bíblicos da tradição judaico-cristã.

> pela libertação do amor, segundo 1 João 4.16, permanece em Deus[111] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.84).

Como se tais afirmações não fossem suficientemente surpreendentes por destoarem da maneira como Freud considerava a si mesmo, Pfister chega a sugerir que o pai da psicanálise era um cristão sem sabê-lo e, mais ainda, o melhor dos cristãos que já existiram.

> Se o senhor se conscientizasse e experimentasse a sua inserção nos processos mais amplos, o que a meu ver é tão necessário como a síntese das notas de uma sinfonia beethoveniana para formar a totalidade musical, eu gostaria de dizer também do senhor: "jamais houve cristão melhor"[112] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.84-85).

A carta seguinte à qual temos acesso é datada de 2 de janeiro de 1919. Freud inicia se desculpando por não haver respondido a última carta de Pfister, apresentando, então, seus motivos: em primeiro lugar, porque se interessou pelo propósito de Pfister de investigar a relação do pai da psicanálise com o positivismo, o que lhe havia feito se dispor a escrever minuciosamente ao pastor sobre isto; em segundo lugar, porque estava desapontado com o pouco resultado de seus esforços para modificar a concepção de Pfister a respeito da abordagem psicanalítica da sexualidade e, em terceiro lugar, porque ele e a família estavam preocupados com seu filho Ernst, que ainda não havia retornado da guerra. Ele também agradece o convite de Pfister para se mudar para a Suíça, em decorrência das péssimas condições de Viena, mas afirma que muitos motivos o impediriam.

Assim, a amizade entre os dois continuava, apesar das controvérsias teóricas, sobre as quais Freud afirmou: "[...] irritei-me pelo pouco sucesso do meu esforço em melhorar o senhor nas questões da teoria sexual e me propus a esperar até que este afeto se tivesse esfumaçado" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.85). Apesar disso, elas não impediram que Freud continuasse contando com Pfister entre seus colaboradores para uma nova editora psicanalítica,

---

[111] O pastor se refere a um versículo da Primeira Carta de São João, que pertence ao Novo Testamento da Bíblia cristã: "E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele cremos. Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (BÍBLIA, 2010, p.2131).

[112] Quando Anna Freud encontrou esta carta, ficou indignada, considerando-a incompreensível e escrevendo em 12 de julho de 1954 a Jones: "O que Pfister há de querer dizer com isso, e por que ele quer contestar o fato de meu pai ser judeu, ao invés de aceitá-lo?" (FREUD apud GAY, 2012, p.202). Quanto a esta carta, Peter Gay indicou que Freud "ignorou diplomaticamente esse elogio bem-intencionado" (GAY, 2012, p.202). Assim, "Freud, que sabia agir com tato, recebeu esse elogio, vindo do fundo do coração, em silêncio" (GAY, 1992, p.89). O biógrafo propõe que a resposta viria muitos anos depois, de maneira indireta, numa carta datada de 16 de fevereiro de 1929, quando Freud compara Pfister ao irmão que insistia em ver um cristão em Nathan, o sábio judeu. Entretanto, não podemos descartar a possibilidade de que Freud tenha respondido e a carta tenha sido perdida ou destruída, como tantas outras foram.

pois ele lhe escreve: “Certamente também relacionaremos o senhor entre os nossos autores” (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.87).

Em 24 de janeiro de 1919, Freud volta a se referir aos desvios teóricos de Pfister, fazendo referência a um novo analisando deste, de cujo tratamento esperava que produzisse mudanças na atitude do analista em relação à teoria das pulsões: “Considero muito bom que o senhor assuma a análise de O. e disto também espero que o senhor possa endireitar sua compreensão meio herética da constituição e do significado da pulsão sexual” (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.88).

Em 13 de abril de 1919, Freud se refere à fundação por Pfister de uma nova Sociedade de Psicanálise em Zurique, aconselhando-o a ser prudente na admissão de novos candidatos e alertando-o contra partidarismos inúteis.

> Agora me alegra comunicar ao senhor que eu também julgo a fundação de uma sociedade em Zurique como algo esperançoso, desde que aqueles senhores, que na maioria são novatos, mostrem-se prontos a aprender conteúdos úteis e não se esgotem em teorias e partidarismos antes que sua experiência os habilite para tal. Também creio que importa menos o grande número de membros do que a qualidade, e por isso peço encarecidamente colocar freios à sua bondade, que gostaria de harmonizar tudo que é contraditório, senão de novo tudo desemboca na verborragia junguiana (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.89).

Em 27 de maio de 1919, Freud escreve a respeito de uma desavença entre Hanns Sachs e Pfister, que lhe havia escrito pedindo ajuda na pacificação.

> Se Sachs aconselhou o senhor a desligar-se [da Associação Psicanalítica Internacional], ele o fez privadamente, e não há a menor necessidade de seguir esse conselho. O senhor poderia tê-lo dito a ele sem se abalar, de boa consciência e na certeza de que, de acordo com suas convicções científicas, o senhor pertence ao movimento (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.91).

Em seguida, Freud acrescenta uma censura ao próprio Pfister, que não havia se referido à principal queixa de Sachs – novamente, tratava-se da resistência do pastor a tratar o tema da sexualidade com a desenvoltura necessária a um psicanalista:

> Na sua carta não é mencionado com uma sílaba sequer o que na carta de Sachs é o principal. [...] Sachs obteve a impressão de que na Sociedade haveria a intenção de deixar o fator da sexualidade o mais intocado possível. Espero que ele não tenha tido razão para concluir assim, pois quando a Sociedade se uniu a nós deveria saber que este é o nosso *shibolete*[113]. Mas talvez ele desconfie da “psicologia dos suíços” e tema

[113] O termo hebraico, que significa “espiga de trigo”, aparece na história bíblica narrada no Livro de Juízes 12,5-6, onde foi usado como senha numa guerra entre duas tribos de Israel. Quem pronunciava a palavra

> que a *junguianização* tenha se infiltrado mais profundamente que todos os senhores estão dispostos a confessar a si e aos outros. Gostaria muito de não dar razão a ele se ao menos uma vez a palavrinha em questão tivesse encontrado lugar na sua carta. Isto teria esclarecido e aliviado tantas coisas. Mas assim dá a impressão de uma ação sintomática que comprovaria a suspeita de Sachs (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.91-92, grifos no original).

Também a tendência do grupo zuriquense a encarar a visita de Sachs como se fosse um inquisidor não agradou a Freud:

> Outra questão que não me agrada é a opinião que se formou contra nosso amigo, segundo seu testemunho. Se os membros estão dispostos, sem mais nem menos, a ver nele um mensageiro da santa inquisição, que deve vigiar sobre a ortodoxia de seu credo, então esta concepção política é bem imprópria para uma relação científica [...] No campo científico, seria melhor ponderar se não há muito a aprender de alguém experiente e mais iniciado, quando ele adverte e discorda. Confesso que consideraria toda a questão bem mais fácil se ela não apresentasse também essa face (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.92-93).

Depois de ter apresentado claramente suas insatisfações, Freud conclui: "*Privatem* eu ainda dou expressão à esperança de que o senhor e Sachs consigam sobrevier bem à 'tempestade' e possam derivar desta experiência uma afirmação mais forte daquilo que lhes é comum" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.93). Efetivamente, isto ocorreu, pois em 13 de julho de 1919 Freud lhe escreveu: "Alegra-me saber que o senhor novamente tem se comunicado bem com Sachs" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.94). Também em 5 de outubro de 1919 ele escreve satisfeito: "Através de Rank e de Jones [...] ouvi muito a respeito do senhor e da sua atuação, o que me alegra" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.95).

Ao final daquele ano, Pfister escreve a Freud sobre uma possível visita de seu filho, de modo que Freud lhe responde em 27 de dezembro de 1919: "Seu filho será bem-vindo, se tão-somente tiver herdado algo do senhor" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.96). De fato, a visita aconteceu, e a família gostou muito de Pfister Jr., assim como gostara do pai. Em 27 de janeiro de 1920, Freud lhe escreve:

> O senhor enviou à nossa casa um rapazinho charmoso, que, além disso, se apresentou com as costumeiras dádivas de amor. No telefone a voz dele soou tão parecida com a sua, que por bastante tempo não pude acreditar que ele fosse a segunda geração. À mesa no domingo ele já nem parecia estranho; também se portou tão desembaraçadamente, que ficamos alegres com ele (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.98).

---

corretamente podia entrar, mas quem errava era morto, pois isto indicava que pertencia a outra tribo (BÍBLIA, 2010, p.369).

No mesmo dia da visita, entretanto, ocorre uma terrível fatalidade: a família recebe a notícia da morte de Sophie, filha de Freud, vítima de uma gripe-pneumonia e "arrancada assim de uma saúde florescente, da plenitude da vida, como mãe esforçada e mulher dedicada, como se nunca tivesse existido" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.98).

Menos de dois meses depois, em 11 de março de 1920, Pfister escreve a Freud agradecendo pela correção de um artigo seu, provavelmente *Zum Kampf um die Psychoanalyse* [Sobre a luta pela psicanálise]. Na carta, Pfister agradece as indicações de Freud e relata que reavaliou o trabalho à luz de suas considerações.

> Que o senhor tenha corrigido meu trabalho de próprio punho é muito amável de sua parte. No que concerne às suas objeções e sugestões de alteração, fiz cuidadosa verificação e achei-as totalmente justificadas. O trabalho certamente vai ganhar muito com o seu apadrinhamento. Fiz as correções como correspondiam à minha consciência e certamente também ao seu julgamento (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.100).

Apenas quanto a uma questão Pfister não pôde acompanhar o julgamento de Freud – seu desapreço pela filosofia: "Só não posso colocar na minha mochila o gracejo sobre a filosofia. O senhor sabe que a sua falta de filosofia me alegra. Se a minha filosofia o diverte... estamos quites, e o senhor sai ganhando" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.100).

Cerca de dois meses depois, em 9 de maio de 1920, Freud envia a Pfister um comentário sobre mais um de seus trabalhos: *Die Entwicklung des Apostels Paulus. Eine religionsgeschichtiliche und psychologische Skizze* [O desenvolvimento do apóstolo Paulo. Um esboço histórico-religioso e psicológico].

> Seu *Paulus* me agradou muito e parece caber muito mais na Imago, a qual ele enfeitará, do que no seu livro já cada vez mais volumoso. Paulo, um caráter autenticamente judeu, sempre teve minha especial simpatia. Não é ele também o único que está inteiramente sob a luz da história?[114] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.101).

No mês seguinte, Freud já comentava outro livro de Pfister, desta vez sobre o movimento artístico expressionista: *Der psychologische und biologische Untergrund expressionistischer Bilder* [O fundo psicológico e biológico dos quadros expressionistas], sobre o qual escreve em 21 de junho de 1920:

---

[114] Freud parece se referir à sua incerteza quanto à existência histórica de Jesus, que ele considerava uma figura embaçada por várias fontes distintas. Numa conversa com Jones, Freud certa vez lhe disse que Jesus poderia até ter sido "uma criatura comum iludida" (FREUD apud JONES, 1989c, p.348).

> Tomei nas mãos com tanta excitação quanto rejeição seu pequeno livro sobre o Expressionismo, e o li de um só fôlego. Acabou me agradando muito, não tanto o que é puramente análise e não pode superar a dificuldade de uma apresentação para não-analistas, mas sim o que o senhor agrega e elabora a partir dela. Repetidamente eu me dizia: como este Pfister é um homem bom, amável e avesso a qualquer injustiça, com o qual não te podes comparar, e como é bonito que tu precises achar acertado tudo o que ele empreende no seu caminho (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.101-102).

Freud se mostra bastante interessado na análise crítica empreendida:

> Pois o senhor já deve saber que, na minha vida, tenho sido terrivelmente intolerante para com os tolos, vejo neles apenas o prejudicial e ajo para com estes "artistas" como um dos que o senhor no início tachou como filisteus e obtusos. O senhor por fim diz, de modo claro e exaustivo, o que falta a essas pessoas para pretenderem ser chamadas de artistas. Portanto, receba minha cordial gratidão por este novo enriquecimento do meu tesouro psicanalítico (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.102).

Pfister continuava transmitindo a psicanálise através de suas palestras, especialmente entre os educadores, como podemos atestar em sua carta de 12 de julho de 1920: "Falei publicamente sobre psicanálise por quatro vezes seguidas em diferentes localidades e sempre colhi sucesso exterior muito grande" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.101).

No final daquele ano, o pastor envia mais textos para Freud, sob o título *Die Behandlung schwehr erziehbarer und abnormer Kinder* [O tratamento de crianças difíceis e anormais]. A respeito deles, Freud lhe escreve no Natal de 1920: "[...] sobrevoei e confesso que são muito bons, bem melhores do que eu esperava" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.103). Na mesma carta, Freud se refere com menos entusiasmo do que Pfister supunha ao crescimento do movimento psicanalítico.

> É verdade, em todo lugar a causa está avançando, mas o senhor parece superestimar meu deleite com isto. A satisfação pessoal que se pode haurir da análise eu já desfrutei quando estava sozinho, e desde que ocorreu a adesão de outros, mais me incomodei do que me alegrei. O modo como as pessoas a acolhem e retrabalham não tem me proporcionado um conceito diferente do comportamento delas, comparado ao anterior, no qual a rejeitavam sem compreender. Deve ter acontecido, naquele tempo, uma ruptura incurável, entre mim e os outros (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.104).

No início do ano seguinte, em 14 de janeiro de 1921, Pfister escreve a Freud sobre o conceito de amor em Platão: "Fiz um belo achado em Platão, que vai alegrá-lo" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.105). Ele cita um trecho da obra do filósofo grego:

> A terapêutica é o reconhecimento das moções de amor do corpo; quem nestas coisas distingue corretamente o belo e o mau amor, (...) quem promove a troca, de modo que o corpo, em vez de se apropriar de um amor se apropria do outro, e quem é capaz de

> ensinar o amor aos que não carregam amor dentro de si, (...) este seria o mais perfeito terapeuta (PLATÃO apud FREUD; MENG, 2009, p.105).

Pfister aproxima a maneira como Platão se refere ao amor da concepção psicanalítica de Eros: "Ele remete toda arte, religião, moral ao amor, e também conhece muito bem o inconsciente, as aspirações que se cruzam na alma..." (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.105). Pouco depois Pfister lhe enviaria um trabalho sobre o tema, pois Freud lhe escreve em 4 de fevereiro de 1921: "Seu pequeno artigo sobre Platão é muito bem-vindo, *cela va sans dire*[115]" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.105-106).

2.5 **Psicologia das massas e análise do eu**

Em 20 de março de 1921, Freud escreve a Pfister: "Seus comentários sobre o princípio do prazer foram interessantes e valiosos[116]. Em breve o senhor terá oportunidade de opinar sobre um novo texto, *Psicologia de grupo e análise do ego*"[117] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.107-108). Nele, Freud se dedica a uma extensa análise das profundas semelhanças que identifica entre o funcionamento psíquico do indivíduo e do grupo, afirmando que a aparente nitidez do contraste entre psicologia individual e social perde sua força quando se examina a questão de perto.

> Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social[118] (FREUD, 1921[2006], p.81).

Ao longo do texto, Freud dialoga com a obra *Psichologie des foules* [Psicologia das multidões], na qual Gustave Le Bon descreve o funcionamento dos grupos através do que denomina como sendo uma mente grupal, responsável por submergir na homogeneidade do

---

[115] Expressão francesa equivalente à expressão em português "isto nem é preciso dizer".

[116] Infelizmente não temos acesso a esses comentários de Pfister, mas mantivemos a citação para destacar a opinião de Freud a respeito de algumas contribuições teóricas do pastor zuriquense.

[117] Apesar deste comentário de Freud, tampouco dispomos dos comentários de Pfister a este texto.

[118] Os posteriores desenvolvimentos de Lacan permitirão abordar esta interessante indicação de Freud a partir da noção de constituição do sujeito, que implica necessariamente o campo do Outro.

grupo as particularidades dos indivíduos que dele fazem parte. Por outro lado, segundo Le Bon, a inserção em um grupo outorga aos indivíduos que dele participam novas características. São dominados por um sentimento de poder acompanhado de uma diminuição do senso de responsabilidade, que fazem com que eles se rendam a impulsos aos quais teriam resistido se estivessem sozinhos. Além disso, há uma grande facilidade de contágio de sentimentos e atos entre os membros do grupo, de modo que os indivíduos tendem a sacrificar seus interesses pessoais aos coletivos, pois através da sugestionabilidade entram num estado de fascinação semelhante ao do hipnotizado diante do hipnotizador (FREUD, 1921[2006], p.85-86). Tais características dos grupos fazem com que eles se tornem crédulos e influenciáveis, com pouca preocupação em aferir a realidade do que lhes é transmitido[119].

> Um grupo é extremamente crédulo e aberto à influência; não possui faculdade crítica e o improvável não existe para ele. Pensa por imagens, que se chamam umas às outras por associação [...] e cuja concordância com a realidade jamais é conferida por qualquer órgão razoável. Os sentimentos de um grupo são sempre muito simples e muito exagerados, de maneira que não conhece a dúvida nem a incerteza (FREUD, 1921[2006], p.88).

A credulidade dos grupos está também relacionada a uma intolerância quanto à diferença, assim como à tendência a uma obediência cega à autoridade de seus líderes[120], fazendo com que se preserve uma grande valorização da tradição e da repetição, assim como uma recusa em geral pelas inovações[121].

> Desde que não se acha em dúvida quanto ao que constitui verdade ou erro e, além disso, tem consciência de sua própria grande força, um grupo é tão intolerante quanto obediente à autoridade [...] Quer ser dirigido, oprimido e temer seus senhores. Fundamentalmente, é inteiramente conservador e tem profunda aversão por todas as inovações e progressos, e um respeito ilimitado pela tradição (FREUD, 1921[2006], p.89).

Além disso, por meio da influência da sugestionabilidade de seus indivíduos, os grupos são capazes tanto das maiores atrocidades quanto das maiores obras de abnegação e devoção a

---

[119] Esta descrição da credulidade dos grupos aproxima sensivelmente a discussão empreendida no presente texto daquela que Freud apresentará alguns anos depois em *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927a[2006]).

[120] É interessante notar que Freud já havia chamado a atenção para a importância exercida pela autoridade no texto sobre Leonardo da Vinci: "Na maioria dos seres humanos – tanto hoje como nos tempos primitivos – a necessidade de se apoiar numa autoridade de qualquer espécie é tão imperativa que o seu mundo se desmorona se essa autoridade é ameaçada" (FREUD, 1910a[2006], p.128).

[121] Freud havia discutido essa questão ao tratar do tema da adesividade e da fixação libidinais em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b[2006], p.228-229).

um ideal, de modo que eles podem tanto diminuir quanto elevar os padrões morais de seus indivíduos isolados (FREUD, 1921[2006], p.89).

Em seguida, Freud aproxima a descrição de Le Bon da mente grupal do funcionamento psíquico inconsciente dos povos primitivos, das crianças e dos neuróticos[122].

> Nos grupos, as idéias mais contraditórias podem existir lado a lado e tolerar-se mutuamente, sem que nenhum conflito surja da contradição lógica entre elas [...] Um grupo, ainda, está sujeito ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem evocar as mais formidáveis tempestades na mente grupal, sendo também capazes de apaziguá-las (FREUD, 1921[2006], p.90).

A descrição do comportamento grupal lembra os cerimoniais que Freud havia analisado muitos anos antes. Segundo Le Bon, os grupos tendem a se organizar em torno de certas fórmulas solenes resistentes à apuração da crítica racional.

> A razão e os argumentos são incapazes de combater certas palavras e fórmulas. Elas são proferidas com solenidade na presença dos grupos e, assim que foram pronunciadas, uma expressão de respeito se torna visível em todos os semblantes e todas as cabeças se curvam. Por muitos, são consideradas como forças naturais ou como poderes sobrenaturais (LE BON apud FREUD, 1921[2006], p.90).

Ainda comentando as observações de Le Bon, Freud afirma que os grupos não anseiam pela liberdade; pelo contrário, exigem ilusões e não podem viver sem elas, tratando o verdadeiro e o falso de maneira indistinguível.

> [...] os grupos nunca ansiaram pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro. Possuem tendência a não distinguir entre as duas coisas (FREUD, 1921[2006], p.91).

Em seguida, Freud compara o modo de condução dos grupos à dinâmica neurótica, indicando o desprezo pela realidade objetiva em prol da realidade psíquica como um ponto em comum, mobilizado pelo desejo inconsciente.

> [...] essa predominância da vida da fantasia e da ilusão nascida de um desejo irrealizado é o fator dominante na psicologia das neuroses. Descobrimos que aquilo por que os neuróticos se guiam não é a realidade objetiva comum, mas a realidade psicológica. Um sintoma histérico baseia-se na fantasia, em vez de na repetição da experiência real, e o sentimento de culpa na neurose obsessiva fundamenta-se no fato de uma intenção má que nunca foi executada. Na verdade, tal como nos sonhos e na

[122] Sobre esta questão, Freud acrescenta numa nota de rodapé: "[...] que a unificação do ego está sujeita às mesmas interferências que a da libido, é algo demonstrado por numerosos exemplos familiares, tais como o de homens de ciência que preservaram sua fé na Bíblia e outros casos semelhantes" (FREUD, 1921[2006], p.90).

> hipnose, nas operações mentais de um grupo a função de verificação da realidade das coisas cai para o segundo plano, em comparação com a força dos impulsos plenos de desejo com sua catexia afetiva (FREUD, 1921[2006], p.91).

O desejo de obediência dos grupos faz com que eles necessitem de um líder, mas este precisa se adequar a certas características para ser aceito: deve possuir fascínio por uma fé intensa numa ideia que o leve a despertá-la também no grupo, demonstrar força para exercer seu domínio e possuir o prestígio necessário para provocar a admiração dos seguidores.

> Um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor. Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe. Embora, dessa maneira, as necessidades de um grupo o conduzam até meio caminho ao encontro de um líder, este, contudo, deve ajustar-se àquele em suas qualidades pessoais. Deve ser fascinado por uma intensa fé (numa ideia), a fim de despertar a fé do grupo; tem de possuir vontade forte e imponente, que o grupo, que não tem vontade própria, possa dele aceitar [...] Em geral, [Le Bon] acredita que os líderes se fazem notados por meio das ideias em que eles próprios acreditam fanaticamente. Além disso, atribui tanto às idéias quanto aos líderes um poder misterioso e irresistível, a que chama de "prestígio". O prestígio é uma espécie de domínio exercido sobre nós por um indivíduo, um trabalho ou uma idéia. Paralisa inteiramente nossas faculdades críticas e enche-nos de admiração e respeito. Parece que desperta um sentimento como o da "fascinação" na hipnose (FREUD, 1921[2006], p.91-92).

Valorizando altamente a descrição de Le Bon sobre a mente grupal, Freud indica que o autor, entretanto, não consegue localizar a função do líder e a importância do prestígio no conjunto de seu ensaio (FREUD, 1921[2006], p.92). Assim, ele se dedica a investigar a dinâmica libidinal subjacente à estrutura do grupo, de modo a esclarecer a origem do poder do líder. Dedica-se, em seguida, a analisar dois grupos organizados: a Igreja Católica e o exército. Considerando os objetivos do presente trabalho, iremos nos deter no primeiro deles.

Para Freud, a crença de que Jesus é a Cabeça da Igreja implica numa ilusão de que o líder ama a todos os indivíduos do grupo com um amor igual. Se ela fosse abandonada, a Igreja se dissolveria. Segundo Freud, Cristo se coloca para os cristãos como um bondoso irmão mais velho, substituto do pai, de modo que todas as exigências feitas a eles são derivadas desse amor de Cristo (FREUD, 1921[2006], p.105-106). Assim, a comparação feita pelos fiéis entre a comunidade de fé e a família possui um fundamento libidinal[123].

> Não é sem profunda razão que se invoca a semelhança entre a comunidade cristã e uma família, e que os crentes chamam-se a si mesmos de irmãos em Cristo, isto é,

[123] A partir dessas indicações de Freud, parece-nos que seria interessante abordar psicanaliticamente as religiões monoteístas a partir do vínculo de transferência dos fiéis de cada uma dessas tradições com seus respectivos fundadores: a religião judaica numa referência à transferência com Moisés, a religião cristã numa referência a Jesus e a religião islâmica numa referência a Maomé.

> irmãos através do amor que Cristo tem por eles. Não há dúvida de que o laço que une cada indivíduo a Cristo é também a causa do laço que os une uns aos outros[124] (FREUD, 1921[2006], p.106).

Os membros da Igreja se encontram, portanto, conectados através de laços libidinais, por um lado ao Cristo e, por outro, aos demais cristãos. Freud identifica nessas relações o fundamento das modificações observáveis no modo de proceder de cada indivíduo: "Se cada indivíduo está preso em duas direções por um laço emocional tão intenso, não encontraremos dificuldade em atribuir a essa circunstância a alteração e a limitação que foram observadas em sua personalidade" (FREUD, 1921[2006], p.107). Dessa forma, unidos por um amor intenso entre seus membros, o grupo tende a concentrar sua agressividade contra aqueles que não pertencem a ele, o que leva Freud a afirmar que toda religião é fundamentalmente intolerante.

> uma religião, mesmo que se chame a si mesma de religião do amor, tem de ser dura e inclemente para com aqueles que a ela não pertencem. Fundamentalmente, na verdade, toda religião é, dessa mesma maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a crueldade e a intolerância para com os que não lhes pertencem, são naturais a todas as religiões (FREUD, 1921[2006], p.110).

Para Freud, a origem do direcionamento da agressividade àqueles que são estrangeiros tanto ao eu quanto ao grupo está no narcisismo presente na constituição de ambos. O amor narcísico não tolera a diferença, tratando-a como se ela se constituísse em si mesma como uma ameaça à integridade do indivíduo ou do grupo[125].

> Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração [...] com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar[126] (FREUD, 1921[2006], p.113).

---

[124] No rito da missa, durante a oração da paz que antecede a comunhão, o sacerdote exclama: "A paz do Senhor [Jesus Cristo] esteja sempre convosco", e os fiéis respondem: "O amor de Cristo nos uniu".

[125] No artigo *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud afirmara que, no inconsciente, o assassinato pode se dar por qualquer motivo insignificante, pois "cada agravo a nosso ego todo-poderoso e autocrático é, no fundo, um crime de lesa-majestade" (FREUD, 1915b[2006], p.307).

[126] Em nota de rodapé, Freud acrescenta que em *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920[2006]) tentou vincular a polaridade de amor e ódio com uma oposição hipotética entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Assim, o grupo tende a homogeneizar os seus membros, limitando o narcisismo dos indivíduos através do amor objetal entre eles[127].

> [...] quando um grupo se forma, a totalidade dessa intolerância se desvanece, temporária ou permanentemente, dentro do grupo. Enquanto uma formação de grupo persiste ou até onde ela se estende, os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de seus outros membros, igualam-se a eles e não sentem aversão por eles. Uma tal limitação do narcisismo, de acordo com nossas conceituações teóricas, só pode ser produzida por um determinado fator, um laço libidinal com outras pessoas. O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros [...] no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo (FREUD, 1921[2006], p.113-114).

Os indivíduos que formam um grupo agem como a pessoa apaixonada que idealiza o objeto de seu amor. Freud define o estado de estar amando da seguinte forma:

> *Estar amando* baseia-se na presença simultânea de impulsos diretamente sexuais e impulsos sexuais inibidos em seus objetivos, enquanto o objeto arrasta uma parte da libido do ego narcisista do sujeito para si próprio. Trata-se de uma condição em que há lugar apenas para o ego e o objeto (FREUD, 1921[2006], p.153, grifo no original).

Para a pessoa apaixonada, o objeto aparece como sucedâneo de algum ideal inatingido pelo eu (FREUD, 1921[2006], p.122). Segundo Freud, tal estado de enamoramento é semelhante ao estado hipnótico, posto que em ambos encontramos a mesma sujeição humilde ao objeto e o debilitamento da iniciativa própria do sujeito: "A *hipnose* assemelha-se ao estado de estar amando por limitar-se a essas duas pessoas [o hipnotizado e o hipnotizador], mas baseia-se inteiramente em impulsos sexuais inibidos em seus objetivos e coloca o objeto no lugar do ideal do ego" (FREUD, 1921[2006], p.153, grifo no original). A sugestão é definida da seguinte forma: "uma convicção que não está baseada na percepção e no raciocínio, mas em um vínculo erótico"[128] (FREUD, 1921[2006], p.138).

---

[127] O grande poeta alemão Goethe escreveu no *Fausto*: "A massa só se empolga pela massa, / Cada um escolhe uma parcela assim; / Dai muito, a cada um dando algo que o satisfaça, / E gratos todos saem no fim" (GOETHE, 1808[2016], p.37).

[128] Em uma nota de rodapé, Freud acrescenta: "Chegamos à conclusão de que a sugestão constitui uma manifestação parcial do estado de hipnose e que esta se acha solidamente fundada numa predisposição que sobreviveu no inconsciente, proveniente da primitiva história da família humana" (FREUD, 1921[2006], p.138). É importante destacar que a definição fornecida para a sugestão exercida pelo líder do grupo sobre os indivíduos que dele participam se aproxima muito da noção de ilusão apresentada em *O futuro de uma ilusão*: "Podemos [...] chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação" (FREUD, 1927a[2006], p.40). Assim, talvez este seja um caminho para identificar uma base comum para as principais abordagens freudianas da religião, empreendidas em *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1912-1913[2006]) e *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927a[2006]).

De maneira semelhante ao sonho, o eu experimenta tudo o que o hipnotizador pede ou afirma. Além disso, Freud acrescenta uma característica que nos interessa para considerar sua abordagem da crença religiosa. Ao tomar o ideal do eu como a instância responsável por verificar a realidade, ele afirma: "Não admira que o ego tome uma percepção por real, se a realidade dela é corroborada pela instância mental que ordinariamente desempenha o dever de testar a realidade das coisas"[129] (FREUD, 1921[2006], p.124).

A relação hipnótica é também uma formação de um grupo composto por dois membros, que isola um elemento da complicada textura do grupo: a reação do indivíduo em relação ao líder. Além disso, a relação hipnótica "contém um elemento adicional de paralisia derivado da relação entre alguém com poderes superiores e alguém que está sem poder e desamparado" (FREUD, 1921[2006], p.125). Freud faz referência à descoberta de Ferenczi de que a ordem para dormir dada pelo hipnotizador implica que ele se coloque no lugar dos pais do sujeito, atualizando a dinâmica edípica na relação transferencial (FREUD, 1921[2006], p.137).

> Pelas medidas que toma, o hipnotizador desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica que também o tornara submisso aos genitores e experimentara uma reanimação individual em sua relação com o pai; o que é assim despertado é a idéia de uma personalidade predominante e perigosa, para com quem só é possível ter uma atitude passivo-masoquista, a quem se tem de entregar a própria vontade, ao passo que estar com ele, "olhá-lo no rosto", parece ser um empreendimento arriscado (FREUD, 1921[2006], p.137-138).

Freud define o grupo em referência à hipnose:

> O grupo multiplica esse processo; concorda com a hipnose na natureza das pulsões que o mantém unido e na substituição do ideal do ego pelo objeto, mas acrescenta a identificação com outros indivíduos, o que foi talvez, originalmente, tornado possível por terem eles mesmos a mesma relação com o objeto (FREUD, 1921[2006], p.153, grifo no original).

Assim, um grupo implica num certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu e, consequentemente, se identificaram uns com os outros em seu eu[130] (FREUD, 1921[2006], p.126).

---

[129] No texto *O eu e o isso*, entretanto, Freud atribuirá a função do teste de realidade não mais ao ideal do eu, e sim ao eu (FREUD, 1923[2006], p.41).

[130] Freud introduz uma nuance importante ao indicar que não apenas o indivíduo participa de diversos grupos diferentes, mas ainda (talvez em consequência disso) pode se elevar acima de suas identificações grupais, exercendo certo grau de autonomia: "Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade" (FREUD, 1921[2006], p.139). Nesse sentido, em *O seminário, livro 19: ...ou pior*, Lacan indicará uma dimensão do não-todo na massa, que coloca em cena uma

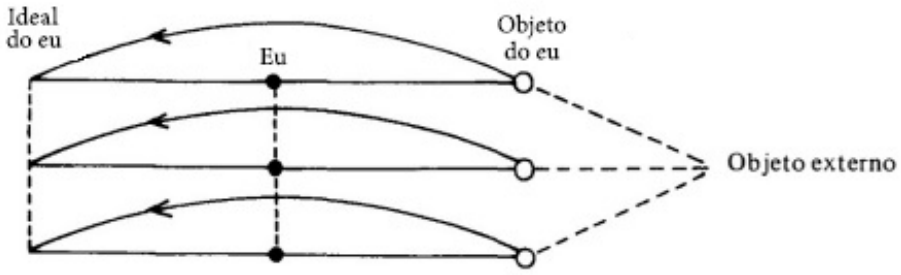

Figura 1 - Fonte: FREUD, 1921[2006], p. 126,
cotejado com LACAN, 1964[2008], p. 264

Dessa forma, Freud enfatiza a importância do líder na constituição do grupo, atribuindo a ele um caráter essencial para a constituição deste. Ao investigar as causas deste fenômeno, ele retoma a hipótese desenvolvida em *Totem e tabu*, que denomina de "mito científico do pai da horda primeva" (FREUD, 1921[2006], p.146), para afirmar que "o grupo nos aparece como uma revivescência da horda primeva" (FREUD, 1921[2006], p.134): assim como o homem primitivo subsiste no homem contemporâneo, também a horda primeva pode surgir a partir da formação de um grupo. Assim, Freud compara a facilidade com a qual os membros de um grupo se submetem a um líder e a submissão dos irmãos da horda ao pai primevo, que era independente e exercia sua vontade como um déspota: "Ainda hoje os membros de um grupo permanecem na necessidade da ilusão de serem igual e justamente amados por seu líder; ele próprio, porém, não necessita amar ninguém mais, pode ser de uma natureza dominadora, absolutamente narcisista, autoconfiante e independente" (FREUD, 1921[2006], p.134). Portanto, para Freud, o amor pelo líder é uma reedição do amor pelo pai, de quem se espera proteção.

> As características misteriosas e coercitivas das formações grupais, presentes nos fenômenos de sugestão que as acompanham, podem assim, com justiça, ser remontadas à sua origem na horda primeva. O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade; na expressão de Le Bon, tem sede de obediência. O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego (FREUD, 1921[2006], p.138).

Para o pai da psicanálise, o pai da horda foi "posteriormente exaltado como criador do mundo, e com justiça, porque produzira todos os filhos que compuseram o primeiro grupo"

dimensão de singularidade: "Toda essa *psicologia* de algo que é traduzido como *das massas* fracassa no que se trataria de ver aí, com um pouco mais de sorte: a natureza do *não todos* que a funda" (LACAN, 1971-1972[2012], p.160-161, grifos no original).

(FREUD, 1921[2006], p.146). O *Urvater*, segundo ele, tornou-se o protótipo de Deus, na medida em que "só com a elevação do pai primevo nunca esquecido a divindade adquire as características que ainda hoje nela identificamos" (FREUD, 1921[2006], p.147-148).

Dando prosseguimento à sua análise da distribuição libidinal na hierarquia da Igreja Católica, Freud interpreta que o cristão ama a Jesus como seu ideal do eu, identificando-se com os outros cristãos pelo fato de partilharem o mesmo ideal. Mas ao mesmo tempo o cristão também é convocado a se identificar com Jesus e amar todos os outros como Jesus os ama. Freud indica que, em ambos os casos, a Igreja demanda uma suplementação que reforça os laços libidinais: o amor objetal é suplementado pelo amor identificatório e o amor identificatório é suplementado pelo amor objetal. Embora tal estado ultrapasse a base da constituição grupal, posto que nem todo cristão se propõe a identificar-se com Cristo, essa nova distribuição libidinal parece a Freud ser o fator subjacente à crença do cristianismo de ter conseguido alcançar um maior desenvolvimento no campo da ética.

> Todo cristão ama Cristo como seu ideal e sente-se unido a todos os outros cristãos pelo vínculo da identificação. Mas a Igreja exige mais dele. Tem também de identificar-se com Cristo e amar todos os outros cristãos como Cristo os amou. Em ambos os pontos, portanto, a Igreja exige que a posição da libido fornecida pela formação grupal seja suplementada. Há que acrescentar a identificação ali onde a escolha objetal já se realizou, e o amor objetal onde há identificação. Esse acréscimo, evidentemente, vai além da constituição do grupo. Pode-se ser um bom cristão e, contudo, estar distante da idéia de se pôr no lugar de Cristo e ter, como ele, um amor abrangente pela humanidade. Não precisamos nos sentir capazes, fracos mortais que somos, da grandeza de alma e da força de amor do Salvador. Porém, esse novo desenvolvimento na distribuição da libido no grupo constitui provavelmente o fator sobre o qual o cristianismo baseia sua alegação de haver atingido um nível ético mais elevado (FREUD, 1921[2006], p.145-146).

Freud afirma que as pulsões inibidas em seus objetivos conservam alguns de seus componentes sexuais originais, de modo que mesmo a devoção religiosa conserva algo de seu caráter erótico. Ele interroga, então, se tal destino pulsional pode ser considerado um início de sublimação ou se o limite desta precisa ser colocado mais além da religião, deixando a questão em aberto.

> [...] essas pulsões inibidas em seus objetivos conservam alguns de seus objetivos sexuais originais; mesmo um devoto afetuoso, mesmo amigo um admirador, desejam a proximidade física e a visão da pessoa que é agora amada apenas no sentido "paulino"[131]. Se preferirmos, podemos identificar nesse desvio de objetivo um início da *sublimação* das pulsões sexuais ou, por outro lado, podemos fixar os limites da sublimação em algum ponto mais distante (FREUD, 1921[2006], p.149, grifo no original).

[131] Freud parece se referir novamente ao hino ao amor da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 13, no qual o amor *ágape* é descrito de maneira sublime.

Assim, na hierarquia da Igreja a mulher não é tratada, como em outras situações, enquanto objeto sexual, de modo que, para Freud, na distribuição libidinal eclesiástica tudo se passa como se não houvesse um reconhecimento da diferença sexual[132].

> Nos grandes grupos artificiais, a Igreja e o exército, não há lugar para a mulher como objeto sexual. As relações amorosas entre homens e mulheres permanecem fora dessas organizações. Mesmo onde se formam grupos compostos tanto de homens como de mulheres, a distinção entre os sexos não desempenha nenhum papel. Mal há sentido em perguntar se a libido que mantém reunidos os grupos é de natureza homossexual ou heterossexual, porque ela não se diferencia de acordo com os sexos e, particularmente, mostra um completo desprezo pelos objetivos da organização genital da libido[133] (FREUD, 1921[2006], p.152).

Por fim, Freud analisa as relações entre neurose e formação de grupo, apresentando a questão da seguinte maneira: "Pode-se dizer que uma neurose tem sobre o grupo o mesmo efeito desintegrador que o estado de estar amando. Por outro lado, parece que onde foi dado um poderoso ímpeto à formação de grupo, as neuroses podem diminuir ou, pelo menos temporariamente, desaparecer" (FREUD, 1921[2006], p.152). Seus comentários seguintes são importantes para compreender por que ele comparava a religião a uma neurose obsessiva universal e, ao mesmo tempo, considerava a religião como uma proteção contra a neurose.

> Mesmo os que não lamentam o desaparecimento das ilusões religiosas do mundo civilizado de hoje, admitem que, enquanto estiveram em vigor, ofereceram aos que a

[132] Sob a ótica das fórmulas da sexuação que seriam construídas por Lacan, que identificariam no masculino um funcionamento fálico e no feminino um funcionamento não-todo fálico, essa indicação de Freud pode propiciar desdobramentos interessantes para a investigação da curiosa relação entre o religioso e o místico apontada por Marco Antonio Coutinho Jorge no texto *O desejo de despertar*: "Uma curiosa questão se apresenta sobre a relação entre o religioso e o místico. Freud se ocupou apenas do primeiro, mas Lacan deu atenção também ao segundo. Tudo indica que o místico se encontra no núcleo de toda religião, mas esta o envolve com um discurso que, ao contrastar com ele, amortece toda a sua força. A religião parece constituir uma espécie de defesa (neurótica obsessiva) em relação ao místico" (JORGE, 2011a, p.158). Ao mesmo tempo em que indica o que aparenta ser uma contradição entre religião e mística, o autor se pergunta: "como pode emergir no seio mesmo do discurso religioso a mais radical experiência de despertar transmissível pelo ato poético? Se a religião opera o fechamento do campo do sentido – Freud a compara com a neurose obsessiva, afirmando inclusive que ela é a neurose obsessiva universal –, os grandes místicos não seriam aqueles que reabrem com igual força esse campo do sentido?" (JORGE, 2011a, p.158). Tal questão foi explorada por nós em apresentações de trabalhos ao longo do percurso no mestrado, onde procuramos abordar a relação entre mística e religião como êxtima (exterior e íntima) – conferir, por exemplo, *"Blue like jazz": a Nota Azul abre a religiosidade ao Real?* (ALBUQUERQUE, 2015a), "*Shemá, Yisrael": a pulsão invocante na experiência religiosa judaico-cristã* (ALBUQUERQUE, 2015b), *Mística e religião: uma êxtima relação* (ALBUQUERQUE, 2016a) e *A pulsão invocante nas religiões monoteístas* (ALBUQUERQUE, 2016b). Pretendemos continuar desenvolvendo essa questão em artigos futuros.

[133] Freud interpreta o celibato sacerdotal como um esforço para manter a organização e a coesão grupal, uma vez que os impulsos diretamente sexuais ameaçam a constituição do grupo. Entretanto, tais impulsos não são inteiramente sublimáveis, e uma parcela deles continua ansiando pela satisfação direta: "Mesmo na pessoa que, sob outros aspectos, se absorveu em um grupo, os impulsos diretamente sexuais conservam um pouco de sua atividade individual. Se se tornam fortes demais, desintegram qualquer formação grupal. A Igreja Católica possui o melhor dos motivos para recomendar a seus seguidores que permaneçam solteiros, e para impor o celibato a seu sacerdotes, mas o apaixonar-se com freqüência impeliu mesmo padres a abandonar a Igreja" (FREUD, 1921[2006], p.152).

> elas se achavam presos a mais poderosa proteção contra o perigo da neurose. Tampouco é difícil discernir que todos os vínculos que ligam as pessoas a seitas e comunidades místico-religiosas ou filosófico-religiosas[134], são expressões de curas distorcidas de todos os tipos de neuroses (FREUD, 1921[2006], p.152-153).

Freud se refere às crenças religiosas como ilusões e pondera que mesmo os que consideram o fato de elas terem perdido sua força no mundo moderno admitem que as religiões oferecem proteção contra a neurose. Segundo Freud, isto se deve ao fato de que a religião cumpre, do ponto de vista da dinâmica psíquica, a mesma tarefa da neurose, apresentando-se como um sintoma que é uma formação de compromisso entre as pulsões sexuais e as forças recalcantes.

> Se é abandonado a si próprio, um neurótico é obrigado a substituir por suas próprias formações de sintomas as grandes formações de grupo de que se acha excluído. Ele cria seu próprio mundo de imaginação, sua própria religião, seu próprio sistema de delírios, recapitulando assim as instituições da humanidade de uma maneira distorcida, que constitui prova evidente do papel dominante desempenhado pelos impulsos diretamente sexuais (FREUD, 1921[2006], p.153).

À medida que Freud avançava em sua abordagem psicanalítica da religião, também sua amizade com Pfister ganhava consistência, favorecendo o aprofundamento do diálogo sobre psicanálise e religião com outro que se sentia em casa em ambos os campos.

2.6 **A maturidade de uma amizade**

A amizade entre Freud e Pfister continuava se desenvolvendo e progredindo, assim como a produção teórica de ambos. Naquele mesmo ano de 1921, Pfister envia mais textos a Freud, entre eles, *Experimental dreams concerning theoretical subjects* [Sonhos experimentais referentes a assuntos teóricos], sobre o qual Freud afirma: "Com certeza seu texto vai despertar interesse na Imago" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.108), respondeu ele em 17 de abril de 1921. Mesmo após controvérsias teóricas e políticas, Freud ainda fica satisfeito em poder dialogar com o cura de almas psicanalista, como podemos atestar em sua carta de 20 de maio de 1921:

---

[134] Essa nuance que diferencia comunidades religiosas místicas e comunidades religiosas filosóficas, introduzida por Freud *en passant*, nos parece interessante para investigar clinicamente a religião do ponto de vista da psicanálise, o que poderia ser explorado num diálogo com as ciências das religiões.

> [...] só posso expressar a satisfação de que o senhor, como santo homem, não se tenha deixado intimidar com um relacionamento tão herético. Que ele resulte sempre, como a nós, para o seu bem – como foi até aqui! Mas o fato é que o senhor já foi aceito há muito tempo na família. Na esperança de que o senhor permaneça fiel ("muito louvado e muito ralhado"), continuo, talvez por mais alguns anos, seu fiel (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.109).

Pfister também escreve uma resposta a falsas críticas que a psicanálise recebia no artigo *Einstampfen! Eine Richtigstellung in Sachen der Psychoanalyse* [Empastelar! Uma correção quanto à psicanálise], que Freud lê e sobre a qual responde em 3 de novembro de 1921 que a considera "muito digna" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.109).

No ano seguinte, em 3 de abril de 1922, Pfister envia a Freud seu novo livro, *Die Liebe des Kindes und ihre Fehlentwicklungen* [O amor da criança e suas falhas de desenvolvimento], junto com uma carta onde relata ter progredido em relação aos anteriores desentendimentos teóricos com Freud.

> Quanto ao meu livro, que lhe envio hoje, permito-me uma breve observação. Significa um avanço em relação a meu estado anterior, à medida em que superei definitivamente uma série de imprecisões que tinham crescido em mim através de Jung e Adler. Assim, para minha grande alegria, posso confessar sem insegurança e sem dependência que reconheci o acerto das colocações do senhor também nos aspectos em que por longo tempo não tivera experiências próprias (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.111-112).

Entretanto, apesar dessa nova retificação teórica, havia pontos nos quais os dois não podiam chegar num acordo, o que Pfister não considerava grave: "No que concerne à ética, religião e filosofia existe uma diferença, que nem o senhor nem eu percebemos como abismo" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.112). Nesse livro, Pfister se dirige aos pais e educadores, considerando-os um público mais aberto para a recepção das ideias psicanalíticas.

> Nesta nova obra, cujo primeiro volume consiste numa monografia sobre desenvolvimento e falhas de desenvolvimento no amor, dirijo-me a pais e educadores, pois a minha fé nos letrados encolheu consideravelmente. Em primeira linha quero ajudar a vencer o sofrimento, e posso fazê-lo melhor direcionando o povo para os analistas, do que me batendo com um bando de psicólogos e pedagogos bitolados (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.112).

Freud lhe responde em 6 de abril de 1922, afirmando que lhe parecia que o livro se tornaria sua preferida produção teórica de Pfister, mesmo considerando as referências a Jesus e a anagogia[135], que lhe pareciam imprimir certos traços místico-religiosos à obra.

---

[135] O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* define anagogia como: "[Do gr. *anagogé*, 'ação de fazer subir', + *-ia*[1].] *S.f.*1. Elevação da alma na contemplação das coisas divinas; êxtase, arrebatamento, enlevo. 2. Interpretação das Sagradas Escrituras, ou de outras obras, como as de Virgília, Dante, etc., que permite passar do sentido literal ao sentido místico" (FERREIRA, 2009, p.128).

> Agradeço-lhe muito pelo seu último livro que chegou aqui hoje, após sua carta! Naturalmente, por ora, só o conheço de folhear, mas tenho a impressão de que se tornará meu predileto entre os seus filhos intelectuais e que, apesar de Jesus Cristo e das ocasionais mesuras à anagogia, também será o mais próximo da minha inclinação (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.112).

Apesar disto, Freud escreve que Pfister lhe parecia demasiadamente otimista, um tanto quanto afastado da realidade da vida. Contudo, ele compreende que o pastor quisesse oferecer conselhos edificantes aos pais e educadores para promover um bom desenvolvimento do amor nas crianças e, por fim, resigna-se a aceitar que apenas o tempo poderia tratar de submetê-lo a *Logos* [palavra; razão] e *Ananké* [necessidade; inevitabilidade].

> Para ser bem autêntico, não se pode ser tão otimista na vida como o senhor. É certo que o senhor queira produzir algo de edificante com ele. À rancorosa dualidade divina grega λόγος χαι Αναγκη (*Logos* e *Ananke*), certamente a gente só se converte na velhice (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.112-113).

Pfister retorna à questão da anagogia numa carta datada de 19 de julho de 1922, onde afirma sua discordância em relação ao parecer de Freud, pois considera que seu livro não é anagógico, e sim o oposto, ou seja, catagógico[136]; não indutivo, mas sim dedutivo[137]. Assim, ele demonstra efusivamente que não queria que seus trabalhos fossem tomados como se partilhassem das concepções junguianas.

> No que, porém, concerne à anagogia, que o senhor pensou farejar no meu outro livreco, considero-me inocente. O decisivo para a análise é a catagogia. Estou definitivamente cheio da mania junguiana. Estes *interpretaços* que consideram toda sujeira como elevada marmelada da alma, que rotulam todas as perversidades como santos oráculos e mistérios e que contrabandeiam para dentro de cada alma acabrunhada um pequeno Apolo e um Cristo não prestam[138] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.114, grifo no original).

Curiosamente, logo em seguida, nesta mesma carta, podemos ter acesso ao que deve ter sido pontuado por Freud como um caráter anagógico, pois nela, ao tratar do sentido ético da educação, Pfister parece fazer várias alusões e referências indiretas a textos bíblicos.

---

[136] O mesmo dicionário citado assim define o verbete "catagógico": "[De *cata* + *-agog(o)-* + *-ico*[2].] *Adj. Hist. Filos.* Segundo Leibniz [...], dedutivo. [Opõe-se a anagógico (2).]" (FERREIRA, 2009, p.423).

[137] Vale lembrar que Freud havia comparado a psicanálise à escultura, na medida em que opera *per via di levare*, em contraposição à pintura, que opera *per via di porre* (FREUD, 1905/1904[2006], p.247).

[138] Jung afirmava que a cura na psicoterapia deve levar o cliente a abandonar o ego e se aproximar cada vez mais do *self* [si-mesmo], que corresponde, segundo ele, ao que o cristianismo se refere como o "Cristo em nós".

> Mas algo bem diferente é a educação, que certamente tem de ter um sentido ético. O senhor mesmo acentuou outrora que se precisam educar as crianças. E quando analisamos, precisamos também preencher com intenções honestas as pequenas bestas e anjos com que lidamos[139]. Não que lhes sopremos nosso próprio hálito de pensamento e lhes inspiremos nossa própria alma[140]; contudo, uma porção de higiene anímica e social elas certamente precisam ter e concretizar num amor sadio. Mas a análise como tal precisa considerar todos os produtos do inferno como autênticos e sérios[141]; não pode vestir o diabo com folhas de parreira, assim como precisa fazer plena justiça à parábola do joio no meio do trigo[142] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.114).

Em 25 de julho de 1922, Freud lhe responde que aquela havia sido uma carta com a qual ele concordava integralmente, com exceção de um ponto – e ele faz uma interpretação de um sintoma relatado por Pfister: "Finalmente uma carta com a qual – exceto em um ponto – eu posso concordar de coração. Este único ponto concerne à sua repentina preferência por danos autoinfligidos (comuns ou clinicamente causados). Por acaso castigos por sua guinada da *ana*- à *cata*gogia?" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.115, grifos no original). Em seguida,

---

[139] Talvez Pfister estivesse fazendo uma referência indireta ao episódio da tentação experimentada por Jesus no deserto, conforme o Evangelho segundo Marcos 1,13, onde Jesus convivia harmonicamente tanto com as bestas quanto com os anjos: "E ele [Jesus] esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás; e vivia entre as feras, e os anjos o serviam" (BÍBLIA, 2010, p.1759).

[140] Ao afirmar que o educador não sopra seu próprio hálito e não inspira nos educandos sua própria alma, Pfister parece fazer uma antítese em relação a dois relatos bíblicos da criação do homem e da mulher: aquele oriundo da tradição sacerdotal, que afirma no livro de Gênesis 1,26: "Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança [...]" (BÍBLIA, 2010, p.34), e aquele de tradição javista, conforme Gênesis 2,7: "Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente" (BÍBLIA, 2010, p. 35-36).

[141] O primeiro a fazer uma comparação entre o inconsciente e o infernal foi o próprio Freud, ao escolher como epígrafe da obra inaugural da psicanálise a frase *Flectere si nequeo superos, Acheronta Movebo* [Se não puder dobras os deuses de cima, moverei o Aqueronte]. Freud explica a intenção da citação: "[...] meu sentido foi meramente o de enfatizar a parte mais importante da dinâmica do sonho. O desejo rejeitado pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo recalcado do sonho) agita o submundo psíquico (o inconsciente) para se fazer escutar" (FREUD, 1900[2006], p.15). Em *Observações sobre o amor transferencial*, Freud voltará a associar a atividade psíquica inconsciente e pulsional ao demoníaco: "Instigar a paciente a suprimir, renunciar ou sublimar suas pulsões, no momento em que ela admitiu sua transferência erótica, seria, não uma maneira analítica de lidar com eles, mas uma maneira insensata. Seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta" (FREUD, 1915[1914]/2006, p.181). Para uma investigação pormenorizada da figura do diabo na obra de Freud, conferir o livro *Freud et le diable*, de Luisa de Urtubey (1983).

[142] Pfister claramente se refere a uma parábola contada por Jesus tal como é narrada no Evangelho segundo Mateus 13,24-30. Jesus compara o Reino dos Céus a um homem que plantou trigo em seu campo, mas enquanto dormia o seu inimigo invadiu o terreno e plantou joio. As sementes são semelhantes, mas enquanto uma é utilizada na alimentação, a outra é daninha. Os servos perguntam ao senhor se este quer que eles arranquem o joio, mas o senhor lhes responde: "Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo. Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro" (BÍBLIA, 2010, p.1728).

Freud trata da distinção entre educação e psicanálise[143] e novamente chama a atenção para o idealismo de Pfister.

> Naturalmente é necessário que haja educação, ela pode até ser severa; não é prejudicial que ela se apóie em conhecimentos analíticos. Mas a análise em si é algo diferente e primeiramente uma constatação honesta. Nisto, portanto, estamos de acordo. Não combina com um analista a melindrosa preocupação de que o mais sublime da pessoa possa sofrer algum dano (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.115).

Entre tantos debates acalorados, Pfister se aproximava das concepções de Freud à medida que abandonava resquícios das influência de Jung e Adler, como atestamos numa carta datada do natal daquele ano de 1922, na qual Freud escreveu:

> Com seu cada vez mais nitidamente confessado e sólido afastamento de Jung e Adler, o senhor há muito me trouxe grande satisfação. Agora posso aconselhar-lhe decididamente a não repudiar o seu meritório livro [*O método psicanalítico*], que já alcançou tão boa fama no mundo, mas a deixar que numa edição retrabalhada ele participe do seu desenvolvimento. O mesmo vale para outros escritos seus, sempre que tais situações se repetirem. Suas novas obras ou opúsculos também serão bem-vindos após o Natal (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.116-117).

Vários meses depois, em 23 de outubro de 1923, Pfister escreve uma bela carta a Freud, informando-lhe do bom encaminhamento da Sociedade de Psicanálise em Zurique, cobrindo a psicanálise de elogios e agradecendo-lhe por tê-la criado.

> Posso fazer-lhe a agradável comunicação de que na nossa Sociedade suíça novamente reina animada ordem... Quando a situação se torna séria, qualquer um pode notar quão grande e maravilhosa é a análise, e que enriquecimento ela dá à nossa vida. Para mim, ela trouxe um alvorecer sem igual à minha existência, e jamais poderei agradecer-lhe o suficiente por tudo com que o senhor me tem presenteado, através de suas pesquisas e de sua bondade de coração[144]. Se nos anos que me restam viver eu puder trabalhar intensivamente para a análise, por mais privações que a vida me proporcione, definitivamente serei uma pessoa feliz. Também me alegra que a pequena tropa que se encontrou em Weimar em 1911 tenha se transformado num exército inteiro, que olha para o senhor com admiração e reverência. Agora, vale cuidar para que não coloquem água no vinho aromático da sua *Ouvre* (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.64).

Pfister continua a carta atrelando intimamente sua produção teórica à sua transferência de trabalho com Freud: "Na minha estante agora estão dezessete volumes das obras por mim

[143] No prefácio para o livro *O método psicanalítico*, de Pfister, Freud havia escrito: "A educação constitui uma profilaxia, que se destina a prevenir [...] tanto a neurose quanto a perversão; a psicoterapia procura desfazer o menos estável dos dois resultados a[o] instituir uma espécie de pós-educação" (FREUD, 1913[2006], p.356).

[144] Certa vez Pfister confidenciou a Freud que sentia uma "intensa fome de amor" (PFISTER apud GAY, 2012, p.202), acrescentando em seguida: "Sem a análise, há muito eu teria sucumbido" (PFISTER apud GAY, 2012, p.202).

produzidas ou editadas, incluídas as traduções. Será que não devo frear um pouco? Mas é tão difícil não escrever, quando se aprendeu algo tão grandioso e importante do senhor" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.64). Freud lhe responderia com delicadeza num cartão postal datado 30 de outubro de 1923, convocando-o a prosseguir com o trabalho: "Não se deixe assustar pelo número dezessete. Continue trabalhando! O senhor sabe que a verdade precisa ser dita com muita frequência" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.118-119).

Em 30 de dezembro de 1923, Pfister escreveu a Freud recordando-se da primeira visita à sua casa, expressando muito afetuosamente seu carinho por ele e sua família.

> Faz quase quinze anos que pude entrar pela primeira vez na sua casa, e rapidamente me apaixonei pelo seu modo amável e pelo espírito alegre e livre da sua família. A mamãezinha de lagartixas[145], que hoje já escreve artigos bem sérios na Revista Psicanalítica Internacional, naquela época ainda vestia sainhas curtas, e o seu segundo filho cabulava o ginásio para introduzir o pastor de entediante batina na ciência do Prater[146]. No camarote, ao seu lado, da sua cara esposa e da sua inteligente cunhada, eu me sentia como na morada dos deuses olímpicos, e se me perguntassem sobre o lugar mais aprazível da terra, eu responderia: "Informem-se na casa do professor Freud!" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.119).

Freud respondeu a esta demonstração de afeto com sua gentileza costumeira em 4 de janeiro de 1924: "Sua cordial carta de Ano Novo para o jubileu de quinze anos das nossas relações de amizade alegrou-me muito. O senhor sabe fazer com que o cotidiano, vivido de modo tão incolor, se nos apresente sob uma luz rosada" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.119-120).

À medida que a amizade amadurecia, o debate intelectual também se intensificava, e em 14 de fevereiro de 1924 Pfister escreve a Freud sobre os seus pontos de vista a respeito de um texto publicado por Ferenczi e Rank, intitulado *Entwicklungsziele der Psychoanalyse* [Alvos de desenvolvimento da psicanálise]. Pfister coloca em cena a discussão sobre a *Weltanschauung*[147] e, novamente, a sua busca por uma síntese como direção do tratamento.

> O texto de Ferenczi e Rank fornece-me vários caroços para quebrar. Não quero e não posso admitir que a psicanálise pareça conduzir a uma nova visão de mundo [*Weltanschauung*]. A análise somente é somente capaz de fornecer contribuições muito valiosas para a elaboração de uma imagem do mundo [*Weltbildes*]. Esta última repousa numa síntese, e é preciso cuidar para não sobrecarregar a carroça da análise (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.120-121).

[145] Pfister se refere a Anna Freud.

[146] Trata-se do mais antigo parque de diversões do mundo, localizado em Viena.

[147] Em 1928 o próprio Pfister escreveria um texto sobre o assunto, intitulado *Psychoanalyse und Weltanschauung* [Psicanálise e visão de mundo].

Pfister também considera excessiva a afirmação de que a conclusão de uma análise conduza necessariamente à ruptura total de contato com o analisando: "É exagerado dizer que faz parte da cura ideal que nunca mais se escute nada do analisando. Pois é humano que reste uma gratidão, ainda que discreta; isto não significa cerceamento da liberdade" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.121).

Freud responde a estas interpelações na carta de 26 de fevereiro de 1924, onde escreve que o texto também estava gerando efeitos em outros locais, mas desta vez não entra em discussões teóricas: "As novas publicações de Ferenczi e Rank também estão tendo um efeito animador e um pouco perturbador nos nossos círculos. Esperemos que as discussões a respeito tragam alguns avanços" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.121). Ele apenas se limita a elogiar a repercussão do livro de Pfister, *O amor em crianças e suas aberrações*: "Seu livro, no elegante traje inglês, proporcionou-me novamente uma grande alegria. O senhor também pode estar satisfeito pela repercussão que suas ideias encontram" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.121).

Em 29 de abril de 1924, Pfister escreveu sobre o Sexto Congresso Psicanalítico Internacional, ocorrido em Salzburg, do qual Freud não participara. Pfister conta que o congresso lhe enriqueceu muito e que nele Freud "estava mais essencialmente presente que nos congressos anteriores, nos quais a transferência paterna negativa sempre de novo se acendia" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.122). Pfister relatou que algumas palestras lhe trouxeram "grande alegria" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.122), enquanto outras lhe pareciam "muito elevadas para uma palestra" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.122), principalmente as que procuravam desenvolver questões relacionadas à metapsicologia. Ele chamou a atenção para o perigo da falsa generalização, indicando que Jones, Abraham e Simmel procuravam deduzir traços de caráter a partir de segmentos do trato intestinal, inclusive contradizendo-se mutuamente. Assim, concluiu: "Naquilo em que o senhor pondera com cuidado, os alunos avançam com tempestuosidade" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.122). Além disso, é preciso "testar quanto as funções orgânicas podem ser expressão de determinantes psíquicos" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.123).

Freud lhe responde em 11 de maio de 1924: "Muito me deliciou que o senhor resista um pouco à fundamentação orgânica bem como à superestrutura metapsicológica da análise. Na realidade, precisamos trabalhar em todos os andares ao mesmo tempo" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.123)

Freud estava sempre tentando dissuadir Pfister da imagem que este lhe atribuía de homem bondoso e sábio. Ao conceder a permissão ao pastor de usar uma foto sua, Freud lhe

escreveu em 11 de maio de 1924: “Sinceramente não sei dizer se uma foto lhe revelará o ‘bondoso homem’, que o senhor faz questão de apresentar ao povo”[148] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.124).

Em 9 de junho de 1924, Freud lhe escreve elogiando as modificações realizadas por Pfister na sua obra de introdução à psicanálise, que testemunhavam suas retificações em relação à teoria analítica freudiana: “Seu *Método psicanalítico*, que continua sendo sua obra mais significativa, veio ao meu encontro, e após sua transformação, faz jus a maiores elogios e desejos de sucesso” (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.124). E acrescentou, com sua humildade teórica habitual: “Deve haver no livro uma grande porção de outros erros, mas como compartilho com o senhor todos estes enganos, não posso reconhecê-los e nem objetá-los ao senhor” (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.125).

No final do ano, Pfister lhe envia mais um livro, provavelmente *Die Liebe vor der Ehe und ihre Fehlentwicklungen* [O amor pré-matrimonial e suas falhas de desenvolvimento], ao qual Freud lhe responde em 21 de dezembro de 1924, demonstrando grande confiança na escrita do cura de almas: “Naturalmente, ainda não abri o livro novo, apenas provei algumas amostras ao abri-lo. Mas já sei que, de novo, é uma obra boa, corajosa e inteligente” (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.125). Freud também anuncia que em breve o pastor receberia um volume de *Um estudo autobiográfico*, no qual também recapitularia seus estudos sobre a cultura e a religião, atualizando as informações nas edições posteriores[149].

Pfister cumprimenta Freud pelo seu aniversário em 6 de maio de 1925 enviando-lhe uma fotografia sua. Este lhe respondeu no dia 10 de maio que a foto ocuparia “um lugar na minha sala para morar definitivamente entre pessoas com ideias afins” (FREUD apud FREUD;

[148] Freud escreverá também em 22 de maio de 1925: “O senhor elogia minha brandura e sabedoria, talvez não com toda a razão” (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.126).

[149] No pós-escrito acrescentado em 1935, Freud fará um breve resumo de seu percurso no estudo psicanalítico da religião: “Meu interesse, após fazer um *détour* de uma vida inteira pelas ciências naturais, pela medicina e pela psicoterapia, voltou-se para os problemas culturais que há muito me haviam fascinado, quando eu era um jovem quase sem idade suficiente para pensar. No próprio clímax do meu trabalho psicanalítico, em 1912, já tentara, em *Totem e tabu*, fazer uso dos achados recém-descobertos da análise a fim de investigar as origens da religião e da moralidade. Levei então esse trabalho mais um passo à frente em dois ensaios ulteriores, *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930). Percebi ainda mais claramente que os fatos da história, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primitivas (cujo exemplo mais proeminente é a religião) não passam de um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o superego que a psicanálise estuda no indivíduo – são os mesmíssimos processos repetidos numa fase mais ampla. Em *O futuro de uma ilusão* exprimi uma avaliação essencialmente negativa da religião. Depois, encontrei uma fórmula que lhe fazia melhor justiça: embora admitindo que sua força reside na verdade que ela contém, mostrei que a verdade não era uma verdade material mas histórica” (FREUD, 1935[2006], p.76).

MENG, 2009, p.128). A cumplicidade da amizade fazia com que Pfister se entristecesse com a tendência de Freud à resignação. Em 8 de outubro de 1925, ele escreve:

> Sua tendência à resignação me entristece. Se pudesse tomá-lo pela palavra, eu teria a objetar que o senhor está concedendo ao seu Isso *plein pouvoir* [plenos poderes] sobre a vida e a morte, felicidade e infelicidade. Eu protestaria, em nome da sua amável filha, da querida esposa, de toda a sua família, da ciência e de todo o panteão das potências supremas. [...] Há mais de um decênio o senhor me escreveu, na forma de elegia, que teme um tempo de involução intelectual. E desde então o senhor desenvolveu uma fecundidade e grandeza incrível (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.129).

Freud responde em 11 de outubro de 1925, fazendo ressoar em primeira pessoa o que desenvolvera teoricamente em *Mais além do princípio de prazer* sobre a tendência orgânica de retornar ao inorgânico.

> Acho muito lisonjeiro que o senhor ainda tenha tanta confiança em mim, mas há de concordar que não seria contra o curso da natureza se desta vez o senhor não tivesse razão. Eu estou cansado, o que é compreensível após uma vida penosa, e creio ter conquistado honestamente o direito ao descanso. Os elementos orgânicos, que tanto tempo aguentaram unidos, querem apartar-se; quem os obrigaria a permanecer no conjunto? (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.131).

No Natal daquele ano, Pfister compartilha com Freud o que sentira na meditação contemplativa do nascimento de Cristo. Seu relato mostra como, para ele, não havia oposição entre sua experiência religiosa e sua atividade psicanalítica; ao contrário, sentia que, em sua atividade pastoral-analítica, fé e ciência se conectavam.

> Da correria do Natal a gente gosta de se refugiar no silêncio de Belém, para descansar de modo meditativo e contemplativo, livre da teologia e da ciência. Ali encontro alegria e força, e a ciência já não desperta a lembrança de trabalho árduo e privação, mas de grandeza a brotar, de ajuda e de crescimento. O senhor poderá rir, mas na sua proximidade eu também sinto algo da glória do Senhor[150], e em todo caso me invade uma infinita gratidão e esperança ao pensar no senhor. Da inveja da inteligência é o amor que protege de forma mais segura, e depois dele vem a compreensão pela bênção da humildade e pela beleza do seu trabalho honrado de carregador, que ainda é bastante magnífico nas suas construções titânicas (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.131-132).

[150] Pfister parece se referir ao relato natalino do Evangelho de Lucas 2,9. Segundo o texto bíblico, enquanto os pastores visitavam Jesus recém-nascido, o "Anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor" (BÍBLIA, 2010, p.1790).

Em 3 de janeiro de 1926 Freud lhe responde cordialmente: "Muito grato por ter-se lembrado novamente de mim no tempo de Natal"[151] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.132), sem comentar a longa partilha da experiência de Pfister. Logo em seguida, comunica com pesar o falecimento de Abraham. Por fim, ele se refere ao livro *Inibição, sintoma e angústia*, que estava sendo impresso. Seus comentários sobre a obra demonstram a vivacidade e a abertura de pensamento de Freud mesmo em idade avançada:

> Ela agita várias tradições e quer tornar novamente fluidas certas coisas que já pareciam paralisadas. Analistas que preferem sobretudo sossego e certeza ficarão insatisfeitos, porque novamente terão de reaprender. Mas seria audácia acreditar que desta vez consegui solucionar definitivamente o problema que nos propõe o entrelaçamento da angústia com a neurose (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.133).

Em 1º de abril de 1926, Pfister envia a Freud seu livro *Die Legende Sundar Singhs* [A lenda de Sungar Singh], que versava sobre "um extravagante santo indiano em moda" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.133). Vemos na carta como Pfister abominava aquilo que considerava como distorções da religião.

> O senhor talvez se admire por que dediquei tanto esforço a um objeto tão estéril. Eu próprio admiro-me ainda mais. Eu tinha escrito um artigo, prevenindo contra a fé estúpida nos milagres, que elevava o faquir acima do nível do humano. Aí caíram sobre mim, como se eu não tivesse apenas, como Lutero, atingido o Papa na barriga, mas como se tivesse empestado o Santo dos Santos[152]. Mas agora aqueles senhores obtiveram sua "recompensa". O santo está como uma primadona tirada da esterqueira e seus adoradores fanáticos estão berrando tanto, que até ao diabo provocam horror. Os círculos protestantes mais liberais estão encantados com as minhas revelações. Eu queria combater a superstição, a ignorância e o fanatismo que revira os olhos; mas na verdade algo melhor deveria ser feito. Pois não se consegue concorrer com estes pequenos fedores, e, quanto pior for o seu cheiro, mais rapidamente os seus responsáveis procuram ar puro (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.133-134).

Em 11 de abril de 1926, Freud conta que estava lendo o "livro sobre o faquir cristão" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.134). Pfister estava certo em sua previsão: ele considerava o caso tão tolo que nem ao menos mereceria um trabalho dedicado a ele,

---

[151] No ano anterior, Pfister também escrevera a Freud por ocasião do Natal, mas só temos acesso à resposta de Freud em 21 de dezembro de 1924: "Esta foi, de fato, uma amável cartinha para o tempo de natal" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.125).

[152] O Santo dos Santos era uma sala do Tabernáculo onde se transportava a Arca da Aliança, o lugar onde se guardavam a tábua dos Dez Mandamentos e outros objetos sagrados, descrita na Bíblia como sendo um meio através do qual Iahweh se comunicava com o povo escolhido. Neste local considerado sacratíssimo, apenas o Sumo Sacerdote podia entrar, e mesmo assim somente na cerimônia anual do sacrifício expiatório de um cordeiro sem mácula, que era oferecido a Deus pelos pecados de todo o povo.

lamentando-se que Pfister tenha tido que se dedicar àquele caso e considerando a si próprio como mais feliz por não ter que se envolver em questões como aquelas.

> Este livro divertiu-me mais do que me alegrou. Fiquei contente por mim, por não ter nenhuma religião e não chegar a estas desagradáveis situações opressivas, das quais o senhor não consegue poupar-se. Fiquei penalizado pelo senhor, que tenha de se ocupar com essa, chamemos assim, porcaria. Provavelmente tenha seu valor para determinados círculos. Do contrário, o senhor não o teria escrito (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.135).

Naquele mesmo ano, Freud publica *A questão da análise leiga*, escrito em decorrência de um processo que havia se iniciado em Viena contra Theodor Reik, psicanalista não-médico acusado de charlatanismo. Freud se posicionou veementemente a favor da análise leiga, pois o estudo da medicina não lhe parecia essencial para a condução de um tratamento analítico; temas de outras disciplinas (dentre eles, a psicologia da religião) lhe pareciam mais pertinentes à formação de um analista.

> [...] a instrução analítica abrangeria ramos de conhecimento distantes da medicina e que o médico não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura. A menos que esteja bem familiarizado nessas matérias, um analista nada pode fazer de uma grande massa de seu material (FREUD, 1926a[2006], p.236).

Pfister comenta a obra com o entusiasmo de costume em 10 de setembro de 1926, agradecendo a Freud por ter se posicionado a favor da possibilidade de que profissionais não-médicos também pudessem exercer a psicanálise[153]. Entretanto, lamenta que Freud não tenha se referido aos casos de analisandos não-doentes no sentido clínico, os quais muitas vezes o procuravam para a cura de almas.

> Li imediatamente de uma só vez e admirei seu generoso presente. O senhor nunca tinha escrito de modo tão facilmente compreensível. E, mesmo assim, tudo jorra das profundezas. Como eu pertenço a seus primeiros alunos laicos, alegrei-me de modo indizível com o livreto. Apenas "uma" lacuna chamou-me a atenção. O senhor fala dos casos pedagógicos, mas deixa de lado a enorme área dos adultos que não estão doentes, no sentido clínico, mas que necessitam da análise em grau máximo. Penso nos alcoólatras, excêntricos, confusos no amor, artistas marginalizados e outros. Como tais casos fazem parte do campo de trabalho da cura de almas, tenho tido muito o que fazer com eles, e eu lhe peço de coração que aprecie com olhar benevolente a cura de almas analítica [*Analytische Seelsorge*], que também é filha sua. Sem dúvida, haverá uma cura de almas fora da igreja, até não religiosa. Se tão somente as pessoas

[153] Freud, inclusive, havia dissuadido Pfister de estudar medicina como pré-requisito para exercer a psicanálise na cura de almas: "Por algum tempo, [Pfister] teve vontade de se tornar médico, como fizera seu pai, um pastor liberal, a fim de ajudar seus paroquianos. Mas Freud dissuadiu-o de estudar medicina, e assim Pfister se tornou e se manteve 'pastor-analista' – *Analysenpfarrer* – e bom amigo de Freud" (GAY, 2012, p.201).

> forem tornadas boas e felizes, com ou sem religião, o querido Deus aprovará este trabalho com um amável sorriso (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.135-136).

Pfister também se refere ao fato de que o campo da teologia tivesse de maneira geral ignorado os achados psicanalíticos: "É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. [...] Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem-estar psíquico dos laicos – e o seu próprio" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.136). Entretanto, ele afirma que seu esforço não foi completamente em vão, posto que estava elaborando o artigo *Sigmund Freud* para a grande enciclopédia *Die religion in geschichte und gegenwart* [A religião na história e na atualidade]. Freud responde numa carta de 14 de setembro de 1926 às questões que Pfister apresentou e afirma que não se referira à aplicação da análise na cura de almas[154] por motivos políticos, e não teóricos.

> Alegra-me que meu panfleto lhe tenha agradado na totalidade. Mas não o julgue como uma exposição conscienciosa e objetiva. É essencialmente um texto de polêmica e de ocasião. Do contrário, eu certamente não teria ignorado a aplicação da análise na cura de almas. Pensei nisso, mas na Áustria católica é totalmente inconcebível um "religioso" que trabalhe com análise, e eu não queria complicar as coisas ainda mais. O meu argumento também não teria proveito algum. A resposta teria sido: Se estes senhores religiosos quiserem aplicar a análise, não temos nada a interferir; eles que busquem a aprovação do Bispo. Sei que, de fato, existe na Alemanha uma análise católica, mas na Áustria ela seria quase impossível (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.137).

Assim, Freud tranquilizou o pastor suíço, reconhecendo a aplicação da psicanálise na cura de almas religiosa e admitindo que religiosos podem exercer a psicanálise. Em 21 de novembro de 1926, ele novamente demonstra seu afeto e admiração pelo trabalho do pastor,

---

[154] Como indicamos anteriormente, em *A questão da análise leiga* Freud traçou semelhanças e diferenças da psicanálise com a cura de almas empreendida no sacramento da confissão. Entretanto, não tratou da questão da cura psicanalítica de almas tal como conduzida por Pfister. Com efeito, como notou Henri Ellenberger, que foi analisando de Pfister, em seu livro *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry* [A descoberta do inconsciente: a história e evolução da psiquiatria dinâmica], o tratamento anímico através da confissão de um segredo patogênico se iniciara com a cura de almas e retornou a ela, modificada, através de Pfister: "Entre os primeiros discípulos de Freud, o Reverendo Oskar Pfister, de Zurique, foi o primeiro a aplicar a psicanálise à *Seelsorge* [cura de almas]. Para aqueles que o conheceram pessoalmente ou cuidadosamente leram seus escritos, é claro que a psicanálise era para Pfister até certo ponto uma redescoberta e um aperfeiçoamento da tradicional "Cura de Almas". Pfister sempre pensou em sua prática psicanalítica como parte de seu trabalho pastoral. […] O ciclo agora estava completo: a terapia do segredo patogênico, que tinha começado a partir da "Cura de Almas", havia retornado para ela numa forma modernizada". No original: "*Among Freud's early disciples, Reverend Oskar Pfister, of Zurich, was the first to apply psychoanalysis to the Seelsorge. To those who have known him personally or carefully read his writings, it is clear that psychoanalysis was to Pfister to a certain extent a rediscovery and a perfecting of the traditional "Cure of Souls." Pfister always thought of his psychoanalytic practice as part of his pastoral work.* […] *The circle was now completed: The therapy of the pathogenic secret, which had started from the "Cure of Souls," had returned to it in a modernized form*" (ELLENBERGER, 1970, p.46)

que também havia aplicado a psicanálise ao campo da pedagogia, do qual Anna Freud começava a se aproximar e cuja prática Pfister denominava pedanálise.

> Estou bem disposto a arranjar um lugar especial na estante de livros para as traduções de suas obras, se o senhor quiser doá-las a mim. De fato, entre todas as aplicações da psicanálise, floresce unicamente a inaugurada pelo senhor, a da pedagogia. Alegro-me muito que minha filha esteja começando a produzir algo nesta área. Um dia, após o recebimento do seu livro, sonhei que estava em Zurique. Provavelmente queria visitá-lo. Sonho de um viajante inválido! (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.139).

Em 11 de abril de 1927, Freud agradece pelo envio do texto *Die Pedägogik der Gegenwart in Selbstdarstellungen* [A pedagogia atual em autorretratos] e avalia o desenvolvimento de Pfister desde a primeira edição de *O método psicanalítico*. Para Freud, naquela época Pfister já se opunha enfaticamente a Jung, mas hesitava quanto à teoria de Adler, o que deixa Freud surpreso, já que a psicologia analítica de Jung se aproxima mais da concepção religiosa do que a psicologia individual de Adler, que enfatizava a necessidade de autoafirmação como tentativa de compensação do complexo de inferioridade: "O senhor, para quem o amor é a salvação do mundo e o âmago da religião, por um momento vacilou diante de uma concepção que nega o amor, e que não quer deixar valer nenhum outro motivo que a realização de si próprio" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.140). Freud se refere aos períodos anteriores das elaborações do pastor para indicar que, mesmo após tantos anos, ainda encontrava resquícios daquelas hesitações em sua compreensão da teoria das pulsões.

> Felizmente esta hesitação pertence ao passado. Volto a isto apenas porque ainda encontro uma ressonância disto na sua posição atual sobre a doutrina das pulsões. Pois não é correto que *jamais* se encontrem as pulsões isoladas. Há reações nas quais só se reconhece uma ou outra, e mesmo que elas nunca se mostrassem isoladas, isso não seria motivo para não as separar conceitualmente. Da mesma forma, não há motivo para renunciar à diferença substancial entre o ouro, a prata e o cobre só porque o primeiro nunca aparece sem estar misturado com os demais (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.140, grifo no original).

Freud se despede na carta parabenizando Pfister por um jubileu de sua carreira. Em 1º de junho de 1927, escreve que havia destruído as cartas que o pastor lhe havia escrito, a pedido deste. Entretanto, fizera-o a contragosto, pois gostara de relê-las após tantos anos e relembrar tantos desdobramentos desde aquele encontro inesperado até os anos maduros da amizade com o pastor de almas.

> Sua imagem se formou à minha frente como o senhor era naquele tempo, com todos os seus traços amáveis, seu entusiasmo, sua gratidão efusiva, seu amor à verdade, seu

> desabrochar após o primeiro contato com a análise, também sua credulidade para com pessoas que logo o decepcionariam. E mesmo que naquela época o senhor estivesse em perigo de cometer tolices, e o destino depois se mostrasse mais benigno com o senhor, assim mesmo – eu não pude abandonar o lamento de que o senhor tenha sido privado daquela luta. E talvez não tenha sido o meu fanatismo ou a sede de sensações do espectador que me levasse a senti-lo. Talvez a amizade tenha falado junto... (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.141-142).

Em 16 de outubro de 1927, Freud anuncia a Pfister a publicação de um livro muito relacionado a este, pois tratava de sua própria posição antirreligiosa, afirmando que só não o havia publicado antes por temer a reação do pastor zuriquense. Mas Freud não conseguia mais reter o trabalho e pergunta ao amigo como reagiria à sua publicação[155].

> Nas próximas semanas sairá uma brochura de minha autoria, que tem muito que ver com o senhor. Eu já a teria escrito há tempo, mas adiei-a em consideração ao senhor, até que a pressão ficou forte demais. Ela trata – fácil de adivinhar – da minha posição totalmente contrária à religião – em todas as formas e diluições, e, mesmo que isto não seja novidade para o senhor, eu temia e ainda temo que uma declaração pública lhe seja constrangedora. O senhor me fará saber, então, que medida de compreensão e tolerância ainda consegue ter para com este herege incurável (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.142-143).

Pfister responde em 21 de outubro de 1927, declarando que estava aguardando o livro com interesse. Segundo o pastor, a atitude de Freud não apenas não lhe era novidade, como também lhe era bem-vinda, pois críticas bem fundamentadas favoreciam o amadurecimento da religião. Ele acompanhava os caminhos de Freud no que dizia respeito à psicanálise, mas seguia por outros caminhos no que dizia respeito à religião, à filosofia e à música[156]. Assim, mesmo antes de ler o livro, manifesta o desejo de escrever um trabalho expressando sua posição divergente.

> No tocante à sua brochura contra a religião, sua rejeição à religião não me traz nada de novo. Eu a aguardo com alegre interesse. Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis. Enfim, na música, filosofia e religião eu sigo por caminhos diferentes dos do senhor. Não poderia imaginar que uma declaração pública sua me pudesse melindrar; sempre achei que cada um deve dizer sua opinião honesta de modo claro e audível. O senhor sempre foi paciente

[155] Em sua biografia de Freud, Peter Gay comenta: "Demolir a religião com armas psicanalíticas estava [...] havia muitos anos na agenda de Freud" (GAY, 2012, p.529). Ele conclui: "Dentre todas as publicações de Freud, *O futuro de uma ilusão* é talvez a mais inevitável e previsível" (GAY, 2012, p.530).

[156] A respeito de sua relação com a música, Freud escreveu anonimamente em sua análise da escultura *O Moisés de Michelangelo* que o prazer que encontrava nas obras de arte estava condicionado à possibilidade de encontrar explicações para seu poderoso efeito, indicando ser a falta de sentido da música aquilo que o impedia de usufruir dela: "Onde não consigo fazer isso, como, por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Uma inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber porque sou assim afetado e o que é que me afeta" (FREUD, 1914a[2016], p.217).

> comigo, e eu não o seria com o seu ateísmo? Certamente o senhor também não vai levar a mal se eu oportunamente expressar com franqueza minha posição divergente. Por enquanto fico na disposição de alegre aprendiz (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.143).

Em seguida, Pfister se refere ao caso de Harald Schjelderup, filósofo e professor de psicologia que escreveu o primeiro manual de psicologia de orientação psicanalítica e que havia feito uma análise durante sete meses com o Dr. H. em Viena. O analisando sofria de uma enxaqueca semanal que ficou cada vez mais forte, até que precisou retornar a Oslo. Naquele ano, Harald procurou Pfister para iniciar outra análise. Após duas semanas, ocorreu seu último acesso de enxaqueca, bastante atenuado, e o trabalho analítico intensivo durou mais três semanas. Pfister relata que, depois disto, não se manifestaram mais os violentos recalcamentos patogênicos. Encerraram a análise e, após o término de um congresso ao qual foram assistir, percorreram juntos um trecho da viagem de volta num trem. Alguns meses depois, Harald lhe escreveu e Pfister encaminhou um trecho de sua carta a Freud, através da qual somos informados de alguns traços de seu estilo na condução do tratamento.

> Penso que o tempo em que estive com o senhor será de grande significado para todo o meu futuro. Eu já havia feito uma análise com o Dr. H., mas tenho a impressão de que a diferença entre o procedimento do senhor e o dele é muito grande. A diferença não é somente que o senhor interprete mais e através das interpretações avance não apenas para as orientações pulsionais genéricas, mas sim para as situações conflitivas específicas. Todo o modo da sua análise é mais ativo e eficaz. Havia em toda a análise de Viena algo muito insatisfatório e também depreciativo para a autoestima. Quando vinha à tona uma orientação pulsional não bela ou um desejo infantil, eu nunca sabia ao certo o que fazer com eles. O fato simplesmente me era dado a conhecer. O senhor, porém, colocava a ênfase sobre a própria tomada de posição e a participação. Somente desse modo parece ser criada a possibilidade de realmente dar conta das atitudes inconvenientes. Através do estímulo à atividade própria também se consegue a impressão de um real trabalho em conjunto entre o analista e o analisando. Desaparece, por isto, em grande parte, o aspecto humilhante, e uma transferência sadia é tornada viável. Tenho a segura impressão de que, em termos práticos, mais me ajudou a curta temporada com o senhor do que os sete meses de análise em Viena. A enxaqueca sumiu – espero que para sempre (SCHJELDERUP apud FREUD; MENG, 2009, p.144-145).

Pfister escreve que jamais experimentou "submissão ou excessiva ternura contínua" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.145) por parte do analisando, mas apenas "uma certa relação de gratidão e afeição" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.145), a qual lhe parecia "mais natural e curadora do que a fria despedida de uma pessoa a quem se tem tanto a agradecer" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.145). Assim, ele compartilha com Freud suas próprias concepções a respeito do manejo da transferência na análise, que lhe parecia ser

considerada por outros analistas de modo excessivamente rígido no que dizia respeito à neutralidade.

> Pois, por detrás dos relacionamentos pessoais objetivamente ilegítimos, gerados pela transferência propriamente dita, deve haver relações autênticas que estão fundamentadas nas características pessoais de ambos os indivíduos. A atitude para com o analista não deveria tornar-se tal que pudesse vir a ser um exemplo para a atitude com as demais pessoas? Para mim realmente não está em jogo fazer dos analisandos amigos, mas sim o bem dos clientes, e, portanto, trata-se também de uma questão terapêutica (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.145).

Dando continuidade à discussão, Pfister apresenta uma questão relacionada ao texto *O eu e o isso*, no qual Freud fala numa nota de rodapé sobre a importância de o analista consentir em ser colocado pelo analisando no lugar de Ideal do Eu [*Ichideal*]. Para o pastor, o analista também deve fazer uso desta posição que lhe é outorgada pelo analisando na transferência a fim de incentivá-lo a buscar valores que lhe auxiliem a abandonar os ganhos secundários dos sintomas: "Acrescento, segundo minhas observações, que também é importante que o analista transmita valores que assegurem compensação maior que o ganho secundário ou o sentimento de culpa" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.146). Por fim, a questão que Pfister apresenta a Freud é se estas suas concepções que ele adotava em seu trabalho psicanalítico nas práticas educativa e pastoral se afastavam do método empregado pelo criador da psicanálise.

> O senhor consideraria uma diferença entre o senhor e mim que eu não interrompo totalmente a relação, mas apenas purifique a transferência de tudo que não é autêntico? Sem dúvida o senhor concordará em que eu esteja sempre disposto a abranger todos os demais tesouros da vida, quando o cliente não souber ajudar a si próprio, pois estou comprometido com isso como educador e cura de almas (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.146).

Freud responde em 22 de outubro de 1927 e se mostra desde o início aberto à crítica de Pfister. Prevendo que seu livro receberá muitas outras críticas pouco interessantes, aquela escrita pelo pastor lhe parecia ter mais valor.

> Da sua magnanimidade eu não esperava outra resposta à minha "declaração de guerra". Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra minha brochura; será um refrigério em meio ao coro desafinado das críticas, para o qual estou preparado. Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.146).

Concluindo a questão com uma frase que mais esperaríamos ter sido escrita sob a pena de Pfister, Freud não apenas demonstra um grande respeito pelo posicionamento e o trabalho do pastor, como também parece aproximar em alguma medida o tratamento psíquico no campo

da psicanálise e a cura de almas no campo da religião. De fato, é a esta questão que ele se dedica logo em seguida, ao escrever sobre as interrogações de Pfister a respeito da direção do tratamento. Enquanto educador e cura de almas, Freud concordava que Pfister tinha razão ao favorecer meios de sublimação promovendo ideais capazes de convocar as pessoas a abandonarem os ganhos secundários da neurose. Outros analistas, entretanto, não encontravam essa possibilidade, pois seu trabalho se concentrava em favorecer que o analisando se tornasse independente da transferência com o analista, o que costumava tornar os resultados terapêuticos menos eficientes, embora mais duradouros.

> Quanto à pergunta sobre terapêutica, preciso expressar-me claramente. O senhor, como cura de almas, tem naturalmente razão em recorrer a todas as tropas auxiliares que estão à sua disposição. Nós, como analistas, temos de ser mais reservados e deslocar a ênfase principal sobre o esforço de tornar o paciente independente, o que muitas vezes resulta num prejuízo para a terapia (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.147).

Após ter apresentado estas diferenças, contudo, Freud as flexibiliza, chamando a atenção para a tendência de muitos de seus discípulos a tomarem suas recomendações como prescrições rígidas e a segui-las num sentido demasiadamente literal[157].

> Mas no geral não estou tão distante do seu ponto de vista, como o senhor imagina. O senhor sabe da inclinação das pessoas a tomarem prescrições literalmente ou exagerá-las. Isto fazem, como bem sei, alguns dos meus alunos em relação à passividade analítica. Especialmente de H., posso crer que ele arruína o efeito da análise por uma certa indiferença mal-humorada e então deixa passar a oportunidade de desvelar as resistências que, deste modo, despertou no paciente (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.147).

Por outro lado, apesar desta aproximação, Freud chama a atenção, como tantas vezes ao longo de sua correspondência com Pfister, para o fato de que uma análise não implicava numa tentativa de síntese por parte do analista: "Não se deveria concluir deste caso que é necessário uma síntese após a análise; muito mais premente é uma análise mais profunda da situação transferencial. O que sobrar da transferência pode, sim, deve ter o caráter de uma relação humana cordial" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.147).

---

[157] Freud tratou desta questão no texto *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, onde afirma no primeiro parágrafo: "As regras técnicas que estou apresentando aqui alcancei-as por minha própria experiência, no decurso de muitos anos, após resultados pouco afortunados me haverem levado a abandonar outros métodos. [...] Minha esperança é que a observação delas poupe aos médicos que exercem a psicanálise muito esforço desnecessário e resguarde-os contra algumas inadvertências. Devo, contudo, tornar claro que o que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta" (FREUD, 1912b[2006], p.125).

Tendo preparado o terreno para situar as coordenadas do diálogo entre Freud e Pfister sobre psicanálise e religião, acompanhemos, portanto, o seu ápice, referente ao debate sobre a abordagem psicanalítica da religião como uma ilusão.

3 **O DEBATE SOBRE A ILUSÃO**

3.1 **O futuro de uma ilusão**

"Quando já se viveu por muito tempo numa civilização específica e com freqüência se tentou descobrir quais foram suas origens e ao longo de que caminho ela se desenvolveu, fica-se às vezes tentado a voltar o olhar para outra direção e indagar qual o destino que a espera" (FREUD, 1927a[2006], p.15). É assim que Freud inicia *O futuro de uma ilusão*, onde procurará oferecer um prognóstico do futuro da civilização e da religião.

Na primeira seção, Freud apresenta a definição de civilização que norteará o trabalho e aponta duas tendências desta e três inter-relações entre elas. Antes disso, entretanto, ele apresenta as principais dificuldades para um estudo como este, que se referem à sua própria subjetividade: a limitação da "pequena nesga de território que até o presente tem reivindicado minha atenção" (FREUD, 1927a[2006], p.15) e o fato de que "precisamente num juízo desse tipo as expectativas subjetivas do indivíduo desempenham um papel difícil de avaliar, mostrando ser dependente de fatores puramente pessoais de sua própria experiência" (FREUD, 1927a[2006], p.15).

Freud não distingue entre cultura e civilização, considerando-as como "tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais" (FREUD, 1927a[2006], p.15). Assim, a civilização apresenta dois aspectos. O primeiro é que ela inclui todo o conhecimento e a capacidade acumulados ao longo da história para controlar as forças da natureza e extrair riquezas desta a fim de serem utilizadas para os interesses humanos. O segundo é o conjunto das regras que regulam as relações entre as pessoas e a distribuição da riqueza disponível (FREUD, 1927a[2006], p.16).

Esses dois aspectos são interdependentes por três motivos: as relações humanas são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação pulsional tornada possível pela riqueza; uma pessoa pode também funcionar como riqueza em relação a outra, que pode fazer uso de sua capacidade de trabalho ou escolhê-la como objeto sexual; e a civilização impõe fardos e sacrifícios aos que dela participam, de modo que precisa se defender através de suas instituições, pois "todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal" (FREUD, 1927a[2006], p.16).

A ciência e a tecnologia, que são utilizadas para o benefício da humanidade, também podem ser utilizadas para o seu aniquilamento, o que faz com que a sociedade precise permanentemente cuidar contra a agressividade dos indivíduos. Assim, parece que toda civilização precisa se erigir sobre a coerção e a renúncia pulsional, na medida em que os homens possuem tendências destrutivas, antissociais e anticulturais, e alguns se mostram dispostos a exercê-las. Tal constatação psicológica desloca o enfoque da tarefa civilizatória do controle da natureza para a regulação entre os homens, do material para o psíquico. Assim, é necessário que um líder convoque ao trabalho exercendo um poder de influência, pois "as massas são preguiçosas e pouco inteligentes; não têm amor à renúncia pulsional [...] os indivíduos que as compõem apóiam-se uns aos outros em dar rédea livre a sua indisciplina" (FREUD, 1927a[2006], p.17). Por fim, Freud aponta duas características humanas que fazem com que o funcionamento da civilização exija algum grau de coerção: "que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões" (FREUD, 1927a[2006], p.18).

Na segunda seção, Freud pondera que, além do fato de recorrer a medidas coercitivas, a civilização se torna possível por oferecer "vantagens mentais" (FREUD, 1927a[2006], p.20). Sendo assim, ele investiga os aspectos da economia psíquica que possibilitam a existência da cultura: a força dos ideais (que oferecem uma satisfação narcísica), a arte e a religião. Para o pai da psicanálise, "com as proibições que se estabeleceram, a civilização [...] começou a separar o homem de sua posição animal primordial" (FREUD, 1927a[2006], p.20). Tais proibições externas são progressivamente internalizadas pela instância psíquica do superego, tornando a criança um ser moral e social; portanto, o superego é um aliado muito poderoso da civilização, transformando os homens "de opositores em veículos da civilização" (FREUD, 1927a[2006], p.21). Apesar dessa poderosa influência interna, Freud observa com "surpresa e preocupação que a maioria das pessoas obedece às proibições culturais [...] apenas sob pressão da coerção externa" (FREUD, 1927a[2006], p.21).

Além do nível moral dos membros de uma civilização, existem também os ideais culturais e as criações artísticas, fontes das quais se pode obter uma satisfação narcísica que "repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito" (FREUD, 1927a[2006], p.22) e pode ser ampliada através de uma "comparação com outras culturas que visaram a realizações diferentes e desenvolveram ideais distintos" (FREUD, 1927a[2006], p.22). Essa é a fonte das discórdias entre as nações e outras unidades culturais, mas favorece o combate da hostilidade dentro da unidade cultural, na medida em que promove uma "identificação das classes oprimidas com a classe que as domina e explora [...] apesar de sua hostilidade para com eles,

podem ver neles os seus ideais" (FREUD, 1927a[2006], p.23). A satisfação alcançada através da arte é de outro tipo, na medida em que "oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização" (FREUD, 1927a[2006], p.23).

Em seguida, Freud se refere àquele que "talvez constitua o item mais importante do inventário psíquico de uma civilização, item que consiste, no sentido mais amplo, em suas idéias religiosas, ou, em outras palavras (que posteriormente serão justificadas), em suas ilusões" (FREUD, 1927a[2006], p.23).

Na terceira seção item, Freud indica que a principal missão da civilização é proteger o homem do desamparo frente à natureza e teoriza que a religião parte de um protótipo infantil, projetando em Deus a proteção experimentada com o pai e as proibições morais transmitidas por este. Ele começa interrogando: "Em que reside o valor peculiar das idéias religiosas?" (FREUD, 1927a[2006], p.24). Ele começa imaginando que, se fossem suspensas as proibições da civilização, todos lutariam entre si e "só uma única pessoa se poderia tornar irrestritamente feliz" (FREUD, 1927a[2006], p.24), tornando-se um tirano, e mesmo ele exigiria a proibição de matar.

Também a natureza, embora aparentemente deixasse os homens procederem como quisessem, "possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente" (FREUD, 1927a[2006], p.24). Na verdade, segundo Freud, foi exatamente por causa dos perigos oferecidos pela natureza que os homens criaram a civilização: "a principal missão da civilização, sua *raison d'être* [razão de ser] real, é nos defender contra a natureza" (FREUD, 1927a[2006], p.24). A civilização faz isso bastante bem e pode fazer cada vez melhor. "Ninguém no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem" (FREUD, 1927a[2006], p.24), pois os fenômenos naturais parecem escarnecer de qualquer controle humano, com terremotos, inundações, tempestades, doenças e, por fim, "o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será" (FREUD, 1927a[2006], p. 24-25). Portanto, através dessas forças "a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização" (FREUD, 1927a[2006], p.25).

Além das restrições impostas pela civilização ao indivíduo, a natureza ameaça seu narcisismo. Assim, segundo Freud, a civilização oferece medidas para que o homem possa recuperar sua autoestima, oferecendo consolação, de modo que procura despir a vida e o

universo de seus terrores; além disso, o interesse prático demanda respostas. Desse modo, Freud interpreta que o primeiro passo da civilização é a "humanização da natureza" (FREUD, 1927a[2006], p.25). Afinal, de "forças e destinos impessoais ninguém pode aproximar-se; permanecem eternamente distantes" (FREUD, 1927a[2006], p.25). Entretanto, se os fenômenos naturais forem expressão de paixões enfurecidas semelhantes às de nossas próprias almas, se a morte for a violência de uma vontade maligna e se estivermos rodeados de seres semelhantes aos de nossa própria sociedade, "então poderíamos respirar livremente, sentir-nos em casa no sobrenatural e lidar com nossa insensata angústia através de meios psíquicos" (FREUD, 1927a[2006], p.25).

Dessa forma, sobre esses "violentos super-homens externos podemos aplicar os mesmos métodos que empregamos em nossa própria sociedade: podemos tentar conjurá-los, apaziguá-los, suborná-los e, influenciando-os assim, despojá-los de uma parte de seu poder" (FREUD, 1927a[2006], p.26). Em seguida, Freud aborda essas crenças a partir do complexo parental, identificando nelas um desejo inconsciente.

> Porque essa situação não é nova. Possui um protótipo infantil, de que, na realidade, é somente a continuação. Já uma vez antes, nos encontramos em semelhante estado de desamparo: como crianças de tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para temê-los, especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos. Assim, foi natural assimilar as duas situações. Aqui, também, o desejar desempenhou seu papel, tal como faz na vida onírica (FREUD, 1927a[2006], p.26).

Comparando tal estado de coisas ao mecanismo da elaboração onírica, Freud afirma que a partir da impressão esmagadora que as forças da natureza causam nele o homem constrói a imagem não de um semelhante, mas de um pai.

> [...] um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como com seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele –, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses, seguindo nisso, como já tentei demonstrar[158], não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético (FREUD, 1927a[2006], p.26).

Assim, se as observações das regularidades nos fenômenos naturais fez com que aos poucos fossem perdendo os traços humanos, o desamparo do homem permaneceu e, junto com ele, "seu anseio pelo pai e pelos deuses" (FREUD, 1927a[2006], p.26). Estes, segundo Freud, possuem uma "tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a

[158] Na quarta seção de *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1912-1913[2006]).

crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs" (FREUD, 1927a[2006], p.26). Freud afirma que houve um deslocamento gradual de ênfase para a terceira função, a moralidade.

> Ficou sendo então tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização, a que os homens obedecem de modo tão imperfeito. Esses próprios preceitos foram creditados com uma origem divina; foram elevados além da sociedade humana e estendidos à natureza e ao universo (FREUD, 1927a[2006], p.27).

Para Freud, portanto, o desamparo fundamental é a origem da necessidade religiosa: "Foi assim que se criou um cabedal de idéias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, e construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana" (FREUD, 1927a[2006], p.27). Segundo ele, tais ideias protegem os homens dos perigos da natureza e do destino, assim como dos danos que o ameaçam por parte da própria sociedade.

> Reside aqui a essência da questão. A vida neste mundo serve a um propósito mais elevado; indubitavelmente, não é fácil adivinhar qual ele seja, mas decerto significa um aperfeiçoamento da natureza do homem. É provavelmente a parte espiritual deste, a alma, que, no decurso do tempo, tão lenta e relutantemente, se desprendeu do corpo, que constitui o objeto desta elevação e exaltação. Tudo o que acontece neste mundo constitui expressão das intenções de uma inteligência superior para conosco, inteligência que, ao final, embora seus caminhos e desvios sejam difíceis de acompanhar, ordena tudo para o melhor – isto é, torna-o desfrutável por nós. Sobre cada um de nós vela uma Providência benevolente que só aparentemente é severa e que não permitirá que nos tornemos um joguete das forças poderosas e impiedosas da natureza. A própria morte não é uma extinção, não constitui um retorno ao inanimado inorgânico, mas o começo de um novo tipo de existência que se acha no caminho da evolução para algo mais elevado. E, olhando na outra direção, essa visão anuncia que as mesmas leis morais que nossas civilizações estabeleceram, governam o universo inteiro, com a única diferença de serem mantidas por uma corte suprema de justiça incomparavelmente mais poderosa e harmoniosa (FREUD, 1927a[2006], p.27-28).

As ideias religiosas foram desenvolvidas ao longo de várias fases de desenvolvimento civilizatório, até que, segundo Freud, os judeus condensaram vários aspectos num Deus único: "O povo que pela primeira alcançou êxito em concentrar assim os atributos divinos não ficou pouco orgulhoso de seu progresso. Descerrara à vista o pai que sempre se achara oculto por detrás de toda figura divina, como seu núcleo" (FREUD, 1927a[2006], p.28). Para Freud, a origem da crença do povo judeu de ser o povo escolhido está na intensidade e intimidade do relacionamento com uma única divindade, a quem se pode recorrer como a um pai.

> Agora que este era uma figura isolada, as relações do homem com ele podiam recuperar a intimidade e a intensidade do relacionamento do filho com o pai. Mas, já que se fizera tanto pelo próprio pai, desejava-se obter uma recompensa, ou, pelo menos, ser o seu filho bem-amado, o seu Povo Escolhido (FREUD, 1927a[2006], p.28).

Freud indica que as crenças religiosas foram transformadas profundamente ao longo da história e que muitas civilizações aderiram a elas em várias fases, mas que, de modo geral, isolou aquilo que, segundo ele, "corresponde aproximadamente à forma final assumida por nossa civilização atual branca e cristã" (FREUD, 1927a[2006], p.28). Para o pai da psicanálise, muitas das ideias religiosas entram em contradição entre si e com a experiência cotidiana, mas, apesar disso, são tratadas como "o mais precioso bem da civilização, como a coisa mais preciosa que ela tem a oferecer a seus participantes. [...] As pessoas sentem que a vida não seria tolerável se não ligassem a essas idéias o valor que é para elas reivindicado" (FREUD, 1927a[2006], p.28-29). Assim, termina a seção interrogando: "o que são essas idéias à luz da psicologia? De onde derivam a estima em que são tidas? E, para dar mais um tímido passo, qual é seu valor real?" (FREUD, 1927a[2006], p.29).

Na quarta seção, Freud imagina um opositor que acompanha seus argumentos com desconfiança[159]. Também afirma que as ideias religiosas são herdadas com a cultura e que o sujeito procura estabelecer um relacionamento com as forças da natureza para influenciá-las, tendo como modelo o relacionamento com os pais, na medida em que o homem aprende em seu ambiente familiar que a melhor maneira de influenciar outras pessoas é estabelecer um relacionamento com elas.

O opositor questiona a afirmação de Freud de que a cultura fornece as ideias religiosas como um presente a seus participantes, mas ele contra-argumenta afirmando que o indivíduo já encontra as ideias religiosas prontas na cultura, assumindo aquilo que se constitui como a herança de muitas gerações e que não seria capaz de descobrir por si próprio. Segundo ele, a estranheza talvez se deva ao fato de que as crenças religiosas são apresentadas como uma revelação divina, e não como um patrimônio cultural. Contudo, essa própria apresentação faz parte do sistema religioso e desconsidera o estudo comparado entre religiões de épocas e civilizações diferentes (FREUD, 1927a[2006], p.30).

O opositor imaginário solicita a Freud que explique como se relacionam as suas obras *Totem e tabu* e *O futuro de uma ilusão*, pois naquela a origem da religião "aparecia sob uma

[159] Diversos autores procuraram identificar nesse opositor o pastor Pfister – entre eles, Roudinesco & Plon, que afirmam que o interlocutor fictício "não é outro senão o pastor Pfister, psicanalista e amigo de Freud" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.287).

luz diferente" (FREUD, 1927a[2006], p.31), a de que "Deus era o pai exaltado, e o anseio pelo pai constituía a raiz da necessidade de religião" (FREUD, 1927a[2006], p.31); nesta, entretanto, o principal papel na formação da religião, antes atribuído ao complexo paterno, passou a ser "o fator da fraqueza e do desamparo humanos" (FREUD, 1927a[2006], p.31).

Freud responde que em *Totem e tabu* não era seu propósito explicar a origem da religião, mas apenas do totemismo; apesar disso, ele também afirma: "Meu trabalho constitui um bom exemplo do isolamento estrito da contribuição específica que o exame psicanalítico pode efetuar quanto à solução do problema da religião" (FREUD, 1927a[2006], p.32). De fato, as duas abordagens estão intimamente entrelaçadas. Numa analogia com os conteúdos dos sonhos, Freud afirma que antes forneceu as motivações latentes da religião e agora apresenta suas motivações manifestas.

> Essas vinculações não são difíceis de encontrar. Consistem na relação do desamparo da criança com o desamparo do adulto, que a continua, de maneira que, como era de esperar, os motivos para a formação da religião que a psicanálise revela agora, mostram ser os mesmos que a contribuição infantil aos motivos *manifestos* (FREUD, 1927a[2006], p.32, grifo no original).

Para sustentar sua tese, Freud se refere à escolha de objeto do tipo anaclítico, segundo a qual a libido segue os caminhos da necessidade narcísicos e se conecta aos objetos que asseguram a satisfação das suas necessidades. Dessa forma, a mãe é o primeiro objeto amoroso a satisfazer a fome da criança, mas é logo substituída pelo pai, que se mantém nessa posição pelo resto da infância. Mas a atitude da criança em relação ao pai é ambivalente, na medida em que o próprio pai representou um perigo à criança em consequência do relacionamento anterior dela com a mãe. Freud afirma: "As indicações dessa ambivalência estão profundamente impressas em toda religião" (FREUD, 1927a[2006], p.32-33).

Segundo o pai da psicanálise, o indivíduo "descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores" (FREUD, 1927a[2006], p.33), de modo que, em consequência disso, "empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção" (FREUD, 1927a[2006], p.32-33). Assim, Freud conclui que a formação de uma religião é uma reação ao reconhecimento do desamparo do adulto, que recebe impressões endopsíquicas da defesa contra o desamparo infantil. Entretanto, afirma que não é sua intenção levar mais adiante a investigação do desenvolvimento da ideia de Deus, pois está interessado no "corpo acabado

das idéias religiosas, tal como transmitido pela civilização ao indivíduo" (FREUD, 1927a[2006], p.33).

Na quinta seção, Freud delimita o escopo de sua investigação: "a significação psicológica das idéias religiosas e sob que títulos devemos classificá-las" (FREUD, 1927a[2006], p.34). Ele inicia definindo o que entende por ideias religiosas,

> As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença. Visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas. Quem quer que nada conheça a respeito delas é muito ignorante, e todos que as tenham acrescentado a seu conhecimento podem considerar-se muito mais ricos (FREUD, 1927a[2006], p.34).

Na sequência, ele diferencia as ideias religiosas do conhecimento científico transmitido na escola, recordando-se de uma canção estudantil: "se não acredita, vá lá e veja" (FREUD, 1927a[2006], p.34). Em seguida, lembra-se de uma curiosa experiência:

> Já era homem maduro quando pela primeira vez me encontrei sobre a coluna da Acrópole, em Atenas, entre as ruínas do templo, contemplando o mar azul. Uma sensação de espanto mesclava-se à minha alegria. Ela parecia dizer: "Então *é* realmente verdade, tal como aprendemos na escola!" Quão superficial e fraca deve ter sido a crença que então adquirira na verdade real do que ouvira, se agora podia ficar tão espantado! [160] (FREUD, 1927a[2006], p.34, grifo no original).

Os ensinamentos escolares requerem uma confiança da criança nos professores, mas são apresentados como o resultado resumido de um processo mais extenso de pensamento baseado na observação e acessível à experimentação pessoal, sendo fornecidas também as fontes do conhecimento. Freud verifica se essas características podem ser identificadas também nos fundamentos das ideias religiosas.

> Quando indagamos em que se funda sua reivindicação a ser acreditada, deparamo-nos com três respostas, que se harmonizam de modo excepcionalmente mau umas com as outras. Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade. Em épocas anteriores, uma tal presunção era

[160] Numa carta a Rolland em 1936, publicada com o título *Um distúrbio de memória na Acrópole*, Freud relatará mais detalhadamente esta experiência ocorrida em 1904 e ampliará o alcance de sua análise referindo-se ao complexo paterno. Encontrando dificuldades para usufruir de uma viagem à Grécia, o criador da psicanálise experimentou um estranho sentimento de despersonalização. Ao buscar reconstruir as motivações que o teriam originado, deparou-se com o complexo paterno: um sentimento de "*respeito filial*" (FREUD, 1936[2006], p. 245, grifo no original), o qual, por sua vez, parecia haver desencadeado um sentimento de culpa associado à satisfação de "ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai" (FREUD, 1936[2006], p. 245).

> punida com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade olha com desconfiança para qualquer tentativa de levantar novamente a questão (FREUD, 1927a[2006], p.35).

O terceiro ponto indicado por Freud provoca nele grandes suspeitas, pois tal proibição só pode ter um único motivo: "que a sociedade se acha bastante cônscia da insegurança da reivindicação que faz em prol de suas doutrinas religiosas. Caso contrário, decerto estaria pronta a colocar os dados necessários à disposição de quem quer que desejasse chegar à convicção" (FREUD, 1927a[2006], p.35).

Em seguida, Freud se dedica a investigar os três pontos que havia apresentado.

> Temos que acreditar porque nossos antepassados acreditaram. Mas nossos ancestrais eram muito mais ignorantes do que nós. Acreditavam em coisas que hoje não nos é possível aceitar, e ocorre-nos a possibilidade de que as doutrinas da religião possam pertencer também a essa classe. As provas que nos legaram estão registradas em escritos que, eles próprios, trazem todos os sinais de infidedignidade. Estão cheios de contradições, revisões e falsificações e, mesmo onde falam de confirmações concretas, elas próprias acham-se inconfirmadas. Não adianta muito asseverar que suas palavras, ou inclusive apenas seu conteúdo, se originam da revelação divina, porque essa asserção é, ela própria, uma das doutrinas cuja autenticidade está em exame, e nenhuma proposição pode ser prova de si mesma (FREUD, 1927a[2006], p.35-36).

A partir destas considerações, Freud conclui que "de todas as informações proporcionadas por nosso patrimônio cultural, as menos autenticadas constituem precisamente os elementos que nos poderiam ser da maior importância, ter a missão de solucionar os enigmas do universo e nos reconciliar com os sofrimentos" (FREUD, 1927a[2006], p.36) e indica que este fato é, em si mesmo, um "problema psicológico bastante notável" (FREUD, 1927a[2006], p.36). Também em outras épocas muitas pessoas devem ter duvidado da veracidade das doutrinas religiosas, inclusive aquelas que transmitiram este legado, mas não expressaram seus questionamentos por temor das autoridades. Assim, Freud acredita que "incontáveis pessoas foram atormentadas por dúvidas semelhantes e se esforçaram por reprimi-las, por acharem que era seu dever acreditar, muitos intelectos brilhantes sucumbiram a esse conflito e muitos caracteres foram prejudicados" (FREUD, 1927a[2006], p.36).

Se os argumentos que apresentou se referem ao passado, para Freud seria melhor encontrar algumas provas no presente: "Se, por esse meio, alcançássemos êxito em liberar da dúvida mesmo uma parte isolada do sistema religioso, a sua totalidade ganharia imensamente em credibilidade" (FREUD, 1927a[2006], p.36). Mas os espiritualistas, que estão convencidos da sobrevivência da alma individual e procuram demonstrar a verdade dessa doutrina religiosa,

"não conseguem refutar o fato de o aparecimento e as palavras dos espíritos serem simplesmente produtos de sua própria atividade mental" (FREUD, 1927a[2006], p.36).

Em seguida, Freud se refere a duas tentativas feitas para fugir do problema e que ele considera "esforços desesperados" (FREUD, 1927a[2006], p.36). A primeira é expressa pela frase *Credo quia absurdum*, atribuída a Tertuliano[161], para indicar que a primeira tentativa é considerar as doutrinas religiosas como "fora da jurisdição da razão – acima dela" (FREUD, 1927a[2006], p.37). Segundo tal argumento, as doutrinas religiosas se baseiam num sentimento de convicção: "Sua verdade deve ser sentida interiormente, e não precisam ser compreendidas. Mas esse *Credo* só tem interesse enquanto autoconfissão" (FREUD, 1927a[2006], p.37). Freud expressa, então, sua posição.

> Acima da razão não há tribunal a que apelar. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma experiência interior que dá testemunho dessa verdade, o que se deve fazer com as muitas pessoas que não dispõem dessa rara experiência? Pode-se exigir que todo homem utilize o dom da razão de que é possuidor, mas não se pode erigir, com base num motivo que existe apenas para poucos, uma obrigação que se aplique a todos. Se determinado homem obteve uma convicção inabalável a respeito da verdadeira realidade das doutrinas religiosas, a partir de um estado de êxtase que o comoveu profundamente, que significação isso tem para os outros?[162] (FREUD, 1927a[2006], p.37).

A segunda tentativa é conhecida como a filosofia do "como se", segundo a qual as ideias religiosas precisam ser tratadas como se todos acreditassem nelas, por razões práticas. Entretanto, Freud afirma que a humanidade não aceitará esse artifício[163].

---

[161] Araújo indicou que tal sentença não representa a doutrina cristã, que afirma a importância da relação entre fé e razão, sendo outra a expressão mais adequada para expressá-la: *Fides quaerens intellectum* [A fé que procura a inteligência] (ARAÚJO, 2014, p.165)

[162] Pouco tempo depois, Freud escreveria um pequeno e interessante texto que foi intitulado *Uma experiência religiosa*. Após ter expressado sua indiferença em relação ao tema da vida após a morte numa entrevista sobre o valor da vida (FREUD, 1926[2004]), Freud recebe uma carta de um médico norteamericano contando-lhe uma experiência religiosa que provocou nele a conversão ao cristianismo, na esperança de que também Freud se convertesse. Ao ver o cadáver de uma velhinha de rosto suave sendo conduzido para ser dissecado, o médico deixara de crer em Deus, pois se Ele existisse, segundo lhe pareceu, não permitiria que tal situação ocorresse. Entretanto, enquanto meditava posteriormente no assunto, uma voz lhe falou e, segundo ele, Deus se revelou à sua alma de maneira inequívoca. Tal experência parece a Freud "em si mesma, enigmática" (FREUD, 1928[1927], p.176). Entretanto, logo depois considera a explicação "muito óbvia" (FREUD, 1928[1927], p.176): o rosto da senhora lembrara o rosto de sua mãe, o que desencadeou um conflito edípico transferido para a esfera da religião. Contudo, relatando certa vez o caso, Freud se surpreendeu ao atribuir ao próprio médico a associação com a mãe, que na verdade fora feita por ele. Reik (1956) abordou esse artigo em seu livro *Trente ans avec Freud* [Trinta anos com Freud], chamando a atenção para a dimensão da voz e propondo uma generalização das experiências de conversão religiosa tanto no nível individual quanto cultural como efeito do temor de castração engendrado a partir do ódio inconsciente em relação ao pai.

[163] Assim se expressou Peter Gay: "Freud tampouco se convencia com a defesa pragmática da religião – de que ela funciona. Também não podia concordar com polemistas radicais da época, que sustentavam ser a religião uma conspiração para manter as classes trabalhadoras submissas e conformadas, atemorizando-as com visões

Freud conclui a seção afirmando que se as ideias religiosas "a despeito de sua incontrovertível falta de autenticidade, exerceram a mais forte influência possível sobre a humanidade" (FREUD, 1927a[2006], p.38), é preciso questionar "onde reside a força interior dessas doutrinas e a que devem sua eficácia, independente, como é, do reconhecimento pela razão" (FREUD, 1927a[2006], p.38).

É na sexta seção que Freud irá explorar detidamente a noção de ilusão[164]. Para ele, a resposta sobre onde se encontra a força da religião está na "origem psíquica das idéias religiosas" (FREUD, 1927a[2006], p.39). Segundo Freud, tais crenças, "proclamadas como ensinamentos, não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento: são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos"[165] (FREUD, 1927a[2006], p.39).

Tais desejos se baseiam na "impressão terrificante de desamparo na infância" [166] (FREUD, 1927a[2006], p.39), que despertou a necessidade de proteção através do amor proporcionado pelo pai: "o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida

---

do inferno e danação eterna. Tais argumentos eram racionalistas demais para o gosto de Freud; não conseguiam explicar a poderosa influência da fé ao longo dos séculos" (GAY, 2012, p.535).

[164] Freud já havia feito referências à noção de ilusão em ocasiões anteriores. Na Carta 78 a Fliess, datada de 12 de dezembro de 1897, Freud havia escrito: "Pode imaginar o que são 'mitos endopsíquicos'? São o fruto mais recente de meus trabalhos mentais. A obscura percepção interior de nosso próprio mecanismo psíquico estimula ilusões de pensamento, que são naturalmente projetadas para o exterior e, de modo característico, para o futuro e o além-mundo. Imortalidade, castigo, vida após a morte, todos constituem reflexos de nossa própria psique mais profunda (...) psicomitologia" (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.14). Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* ele afirmara: "Acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela" (FREUD, 1915b[2006], p.290).

[165] Quanto ao debate sobre a noção de ilusão, Sérgio de Gouvêa Franco afirmou: "A problemática da ilusão não é uma problemática propriamente psicanalítica [...] Mas há um problema propriamente psicanalítico no tema da ilusão que diz respeito à decifração das relações ocultas entre crença e desejo" (FRANCO, 2003, p.67).

[166] Peter Gay chama a atenção para o fato de que, ao abordar a origem da religião a partir da noção psicanalítica de desamparo fundamental construída desde o *Projeto para uma psicologia* (FREUD, 1895/1950[2006]), onde considera o desamparo como a fonte de todos os motivos morais, "Freud introduziu astuciosamente a religião em sua análise. Astuciosamente porque, ao ressaltar o desamparo humano, ele podia vincular a necessidade de religião às experiências infantis. Desse modo, ele conduziu a religião para o terreno familiar da psicanálise" (GAY, 2012, p.533). Afinal, o que Freud indicou é que "as necessidades, a própria vulnerabilidade e dependência da criança, sobrevivem na idade adulta, e portanto o psicanalista pode contribuir muito para se compreender como surgiu a religião" (GAY, 2012, p.533). Por fim, o biógrafo conclui: "Essa analogia aforística é simples, talvez um pouco simples demais. Se é persuasiva ou não, dependerá em larga medida das convicções com que o leitor se aproxima do texto. Mas, em *O futuro de uma ilusão*, Freud não deixou dúvidas sobre a *sua* convicção de que não estava apenas apontando semelhanças interessantes. Os homens inventam deuses, ou aceitam passivamente os deuses que sua cultura lhes impõe, exatamente por terem crescido com tal deus dentro de casa. Tal como as fantasias da criança, ao enfrentar o poder dos outros e seus próprios desejos, e seguindo o modelo dessas fantasias, a religião é fundamentalmente uma ilusão – uma ilusão infantil" (*idem*, grifo no original).

tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso" (FREUD, 1927a[2006], p.39). Para Freud, os diferentes elementos das crenças religiosas estão conectados a esse anseio primário.

> Assim o governo benevolente de uma Providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida; o estabelecimento de uma ordem moral mundial assegura a realização das exigências de justiça, que com tanta freqüência permaneceram irrealizadas na civilização humana; e o prolongamento da existência terrena numa vida futura fornece a estrutura local e temporal em que essas realizações de desejo se efetuarão [167] (FREUD, 1927a[2006], p.39).

Dessa forma, Freud afirma que a religião oferece respostas que confortam e consolam: "A resposta aos enigmas que tentam a curiosidade do homem, tais como a maneira pela qual o universo começou ou a relação entre corpo e mente, são desenvolvidas em conformidade com as suposições subjacentes a esse sistema" (FREUD, 1927a[2006], p.39). Tais respostas oferecem um destino compartilhado socialmente aos afetos mobilizados pelo complexo parental: "Constitui alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno – conflitos que nunca superou inteiramente –, são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita" (FREUD, 1927a[2006], p.39).

Em seguida, Freud se dedica a detalhar o que ele quer dizer com o termo "ilusão": "Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro" (FREUD, 1927a[2006], p.39). Assim, ele se refere a erros que não eram ilusões:

> A crença de Aristóteles de que os insetos se desenvolvem do esterco (crença a que as pessoas ignorantes ainda se aferram) era um erro; assim como a crença de uma geração anterior de médicos de que a *tabes dorsalis* constitui resultado de excessos sexuais. Seria incorreto chamar esses erros de ilusões (FREUD, 1927a[2006], p.39).

Depois, Freud apresenta uma ilusão que se provou posteriormente ser um erro.

---

[167] No breve texto *Sobre a transitoriedade*, Freud se refere a uma caminhada na qual um amigo poeta lamenta que a beleza da natureza e do ser humano fossem temporárias e fadadas à extinção, o que para ele fazia com que perdessem o seu valor. Freud achava o contrário, pois para ele a escassez do tempo e a transitoriedade da beleza implicam num aumento de seu valor: "[...] essa exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade; o que é penoso pode, não obstante, ser verdadeiro" (FREUD, 1916/1915[2006], p.317). Para Marco Antonio Coutinho Jorge, a crença na vida após a morte é o âmago da religião, na medida em que esta oferece um sentido para morte: "O ponto nuclear, o alvo desse discurso que visa dar sentido à vida não poderia ser outro senão a morte. E a morte passa a ser objeto dessa produção de sentido [...] O poder inerente ao discurso religioso depende dessa contínua produção de sentido expressa em seu grau máximo através do sentido que é outorgado àquilo que não tem nenhum sentido – a morte" (JORGE, 2010, p.210).

> Por outro lado, foi uma ilusão de Colombo acreditar que descobriu um novo caminho marítimo para as Índias. O papel desempenhado por seu desejo nesse erro é bastante claro. Pode-se descrever como ilusão a asserção feita por certos nacionalistas de que a raça indo-germânica é a única capaz de civilização, ou a crença, que só foi destruída pela psicanálise, de que as crianças são criaturas sem sexualidade (FREUD, 1927a[2006], p.39).

A característica principal da ilusão é ser mobilizada pelo desejo, o que a aproxima do delírio; entretanto, difere deste, porque o delírio se mostra abertamente em contradição com a realidade, enquanto a ilusão não necessariamente o faz[168].

> O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. Com respeito a isso, aproximam-se dos delírios psiquiátricos, mas deles diferem também, à parte a estrutura mais complicada dos delírios. No caso destes, enfatizamos como essencial o fato de eles se acharem em contradição com a realidade. As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade (FREUD, 1927a[2006], p.39-40).

Após fornecer tal definição, Freud traz o exemplo de uma ilusão que pode ou não vir a se mostrar como um erro: "Por exemplo, uma moça de classe média pode ter a ilusão de que um príncipe aparecerá e se casará com ela. Isso é possível, e certos casos assim já ocorreram" (FREUD, 1927a[2006], p.40). Por outro lado, a crença de que "o Messias chegue e funde uma idade de ouro é muito menos provável" (FREUD, 1927a[2006], p.40). Freud indica que, no caso desta crença religiosa, o julgamento dependerá da opinião de quem o emite: "Classificar-se essa crença como ilusão ou como algo análogo a um delírio dependerá da própria atitude pessoal" (FREUD, 1927a[2006], p.40).

Na sequência, Freud fornece um exemplo de uma ilusão que se mostrou verdadeira.

> Exemplos de ilusões que mostraram ser verdadeiras não são fáceis de encontrar, mas a ilusão dos alquimistas de que todos os metais podiam ser transformados em ouro poderia ser um deles. O desejo de possuir uma grande quantidade de ouro, tanto ouro quanto for possível, foi, é verdade, em grande parte arrefecido por nosso conhecimento atual dos fatores determinantes da riqueza, mas a química não mais encara a transmutação dos metais em ouro como impossível (FREUD, 1927a[2006], p.40).

Tendo explorado a noção psicanalítica de ilusão através desses vários exemplos, Freud a delimita como referindo-se a uma crença mobilizada pelo desejo que despreza uma verificação na realidade: "Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo,

---

[168] Domínguez pontua que a ilusão não é construída em oposição à realidade, mas à sua margem: "Tal como no sonho, o motor da ilusão é o desejo (que é o que move o aparelho psíquico), que prefere ignorar o teste de realidade. Assim, a ilusão não se constrói contra a realidade, mas à margem dela" (DOMÍNGUEZ, 2008, p.143).

desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação" (FREUD, 1927a[2006], p.40).

Após delimitar a noção de ilusão, Freud a aplica à sua abordagem da religião: "Havendo estabelecido desse modo nossas coordenadas, retornemos à questão das doutrinas religiosas. Podemos agora repetir que todas elas são ilusões e insuscetíveis à prova. Ninguém pode ser compelido a achá-las verdadeiras, a acreditar nelas" (FREUD, 1927a[2006], p.40).

Dentre as crenças religiosas, algumas lhe parecem tão incompatíveis com o conhecimento científico que podem ser comparadas a delírios: "Algumas são tão improváveis, tão incompatíveis com tudo que laboriosamente descobrimos sobre a realidade do mundo, que podemos compará-las – se consideramos de forma apropriada as diferenças psicológicas – a delírios" (FREUD, 1927a[2006], p.40). Quanto à maioria delas, entretanto, não lhe parece ser possível nem provar, nem refutar. O único caminho que lhe parece seguro para conhecer a realidade externa é o método científico[169].

> Do valor de realidade da maioria delas não podemos ajuizar; assim como não podem ser provadas, também não podem ser refutadas. Conhecemos ainda muito pouco para efetuar sua abordagem crítica. Os enigmas do universo só lentamente se revelam à nossa investigação; existem muitas questões a que a ciência atualmente não pode dar resposta. Mas o trabalho científico constitui a única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos (FREUD, 1927a[2006], p.40).

Freud parece ter em vista práticas religiosas tais como a oração e a meditação ao afirmar que a introspecção não lhe parece uma fonte segura de conhecimento do mundo e que não acredita poder derivar dela nada além de detalhes sobre a dinâmica psíquica.

> É, mais uma vez, simplesmente uma ilusão esperar qualquer coisa da intuição e da introspecção; elas nada nos podem dar, a não ser detalhes sobre nossa própria vida

[169] Sobre tal questão, Peter Gay escreveu: "Desmascarar as ideias religiosas como ilusões não é necessariamente negar-lhes qualquer validade. Freud distinguiu enfaticamente entre ilusão e delírio: a primeira é definida não por seu conteúdo, mas por suas fontes" (GAY, 2012, p.534). Apesar disso, e embora as ilusões possam se tornar verdadeiras, como no caso citado da jovem que sonha se casar com um príncipe, Freud considera as crenças religiosas como muito improváveis, aproximando-se do delírio. "Pode-se argumentar que as próprias teorias de Freud sugerem ser possível demonstrar que todo pensamento, inclusive o mais abstrato e objetivo, tem origens não racionais; ele mesmo, afinal, descobrira as raízes da investigação científica na curiosidade sexual das crianças" (GAY, 2012, p.534). Assim, ele conclui: "A regra de que as origens de uma ideia não determinam absolutamente seu valor – ou falta de valor – se conserva intocada; certamente, Freud não disse nada em seus artigos sobre religião que pretendesse abalá-la. Mas o que importava a Freud era o grau de influência que tais origens poderiam manter. Estabelecendo uma distinção nítida entre o estilo científico de pensamento e o estilo do pensamento religioso carregado de ilusões, ele exaltou o primeiro como um pensamento aberto à verificação, à demonstração e à refutação, depreciando o segundo como um pensamento ostensivamente imune a qualquer crítica séria. Todo pensamento, inclusive em sua variedade mais científica, pode ter nascido como um pensamento que toma os desejos por realidade, mas a ciência disciplina – e na verdade supera – os desejos pela necessidade de uma verificação confiável e pelo tipo de atmosfera aberta, única capaz de permitir que as convicções e crenças sejam refinadas, modificadas e, se necessário, abandonadas" (GAY, 2012, p.534).

> mental, detalhes difíceis de interpretar, nunca qualquer informação sobre as perguntas que a doutrina religiosa acha tão fácil responder (FREUD, 1927a[2006], p.40).

Por fim, Freud afirma que não irá discutir até que ponto determinados elementos isolados das crenças religiosas podem ou não ser considerados ilusões mais ou menos aceitáveis, pois nisso entrariam em jogo suas próprias estimativas.

> Seria insolente permitir que nossa própria vontade arbitrária ingressasse na questão e, de acordo com nossa estimativa pessoal, declarasse esta ou aquela parte do sistema religioso como mais ou menos aceitável. Tais questões são momentosas demais para isso; poderiam ser chamadas de demasiadamente sagradas (FREUD, 1927a[2006], p.40).

O interlocutor imaginário de Freud questiona, então, se ele não deve acreditar nas crenças religiosas, já que os próprios céticos admitem que elas não podem ser refutadas pela razão. Freud responde que ninguém pode ser forçado a abandonar tais crenças, assim como ninguém pode ser forçado a aderir a elas: "Assim como ninguém pode ser forçado a crer, também ninguém pode ser forçado a descrer" (FREUD, 1927a[2006], p.41). Ao mesmo tempo, porém, ele considera fraco o argumento apresentado pelo oponente.

> Mas não nos permitamos ficar satisfeitos em nos enganarmos que argumentos desse tipo nos conduzirão pela estrada do pensamento correto. Se algum dia já houve um exemplo de desculpa esfarrapada, temo-lo aqui. Ignorância é ignorância; nenhum direito a acreditar em algo pode ser derivado dela. Em outros assuntos, nenhuma pessoa sensata se comportaria tão irresponsavelmente ou se contentaria com fundamentos tão débeis para suas opiniões e para a posição que assume. É apenas nas coisas mais elevadas e sagradas que se permite fazê-lo (FREUD, 1927a[2006], p.41).

Freud mostra que, no que diz respeito ao tema da religião, as pessoas se permitem todo tipo de imposturas intelectuais, distorcendo a palavra "Deus" conforme lhe aprazem[170].

> Quanto a questões de religião, as pessoas são culpadas de toda espécie possível de desonestidade e mau procedimento intelectual. Os filósofos distendem tanto o sentido das palavras, que elas mal retêm algo de seu sentido original. Dão o nome de "Deus" a alguma vaga abstração que criaram para si mesmos e, assim, podem posar perante todos como deístas, como crentes em Deus, e inclusive gabar-se de terem identificado um conceito mais elevado e puro de Deus, não obstante significar seu Deus agora nada mais que uma sombra sem substância, sem nada da vigorosa personalidade das doutrinas religiosas (FREUD, 1927a[2006], p.41).

[170] O filósofo Adolphe Gesché, em seu livro intitulado *Deus para pensar*, indicou que a palavra "Deus" já adquiriu tantos significados que a única certeza que consegue obter unanimidade é que esta palavra existe, "como uma antiga moeda com a face já quase desfigurada, quase ilegível. Com exceção disso, há a contenda para saber se essa palavra tem um correspondente ou não e o que significa" (GESCHÉ, 2004, p.5). Entretanto, para o filósofo, ela foi "inventada e pronunciada como uma palavra repleta de sentido. E se adivinha ou se pressente que ela permite ao homem, como qualquer efígie gravada naquilo que se pretende indestrutível, se expressar no que ele tem de mais misterioso e precioso para permutar" (GESCHÉ, 2004, p.5).

Em seguida, Freud se refere à noção de que um homem que admite seu sentimento de insignificância diante do universo seria religioso. Para ele, ao contrário, um homem que admite isto é irreligioso, enquanto o religioso é aquele que procura sanar tal estado.

> Os críticos insistem em descrever como "profundamente religioso" qualquer um que admita uma sensação da insignificância ou impotência do homem diante do universo, embora o que constitua a essência da atitude religiosa não seja essa sensação, mas o passo seguinte, a reação que busca um remédio para ela. O homem que não vai além, mas humildemente concorda com o pequeno papel que os seres humanos desempenham no grande mundo, esse homem é, pelo contrário, irreligioso no sentido mais verdadeiro da palavra (FREUD, 1927a[2006], p.41).

Freud afirma que não está interessado em avaliar o valor de verdade das crenças religiosas, mas apenas em identificar sua natureza psicológica: "Avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação. Basta-nos que as tenhamos reconhecido como sendo, em sua natureza psicológica, ilusões" (FREUD, 1927a[2006], p.41). Apesar disso, não nega que o esclarecimento das motivações psíquicas da religião influencia também a atitude pessoal frente a ela: "Contudo, não somos obrigados a ocultar o fato de que essa descoberta também influencia fortemente nossa atitude para com a questão que a muitos deve parecer a mais importante de todas" (FREUD, 1927a[2006], p.41). Freud considera a questão da existência de Deus, como diz o ditado, algo bom demais para ser verdade.

> Sabemos aproximadamente em que períodos, e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas. Se, ademais, descobrirmos os motivos que conduziram a isso, nossa atitude para com o problema da religião experimentará um acentuado deslocamento. Dir-nos-emos que seria muito bom se existisse um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja. E seria ainda mais notável se nossos lamentáveis, ignorantes e espezinhados ancestrais tivessem conseguido solucionar todos esses difíceis enigmas do universo[171](FREUD, 1927a[2006], p.41-42).

Na seção sete, Freud interroga se outros campos da cultura, que governam a vida em sociedade, também não se mostram como ilusões: "Não devem as suposições que determinam nossas regulamentações políticas serem chamadas também de ilusões? E não acontece que, em nossa civilização, as relações entre os sexos sejam perturbadas por ilusão erótica ou um certo número dessas ilusões?" (FREUD, 1927a[2006], p.43). Avançando na questão, Freud também

[171] Na conferência *A questão de uma Weltanschauung*, Freud retomará essa questão: "A última contribuição à crítica da *Weltanschauung* religiosa foi feita pela psicanálise, ao mostrar como a religião se originou a partir do desamparo da criança, e ao atribuir seu conteúdo à sobrevivência, na idade madura, de desejos e necessidades da infância. Isto não significou necessariamente uma contestação à religião; não obstante, representou um ajustamento de nosso conhecimento a seu respeito" (FREUD, 1933a/1932[2006], p.163). Assim, ele afirma: "Parece não ser verdade que existe um Poder no universo que vela pelo bem-estar dos indivíduos com desvelo parental e conduz todas as coisas a um desfecho feliz" (FREUD, 1933a/1932[2006], p.163).

interroga se a ciência pode ser uma ilusão: "uma vez despertada nossa suspeita, não nos esquivaríamos de também perguntar se nossa convicção de que podemos aprender algo sobre a realidade externa pelo emprego da observação e do raciocínio no trabalho científico, possui um fundamento melhor" (FREUD, 1927a[2006], p.43). Afinal, tal questionamento se mostra necessário para a fundamentação do campo científico e de sua visão de mundo: "uma série de investigações se abre à nossa frente, cujos resultados não podem deixar de ser decisivos para a construção de uma '*Weltanschauung*'" (FREUD, 1927a[2006], p.43). Embora sinalize que a ilusão pode estar presente em outros campos, tais como a política, o amor e a ciência, Freud afirma que no presente estudo irá se limitar ao tema da religião, ao qual se refere como apenas uma dessas ilusões: "O autor, porém, não dispõe de meios para empreender tarefa tão abrangente; necessita confinar seu trabalho ao seguimento de apenas uma dessas ilusões, a saber, a da religião" (FREUD, 1927a[2006], p.43).

Neste ponto, Freud se sente interrompido por seu opositor imaginário: "a alta voz de nosso opositor nos interrompe. É-nos exigido que expliquemos nossa má ação" (FREUD, 1927a[2006], p.43). A indignação de seu interlocutor é a seguinte: se a civilização se ergue sobre as doutrinas religiosas e a manutenção da sociedade humana se baseia na crença da maioria dos homens na verdade dessas doutrinas, a civilização irá ruir se esta crença for abalada. Além do perigo de caos social, isto significaria uma crueldade sem propósito, pois muitas pessoas encontram sua única consolação na religião, não podendo suportar a vida sem ela. Segundo o prognóstico de Freud, não haveria nada que poderia substituir a religião, pois a ciência não seria capaz de satisfazer aos anseios religiosos. Além disso, parece uma incoerência justamente Freud, que sempre enfatizou a força da vida pulsional, tentar "agora despojar a humanidade de uma preciosa realização de desejos e proponha compensá-la com um alimento intelectual" (FREUD, 1927a[2006], p.44).

Freud responde às objeções afirmando que, embora acredite que a civilização corre um risco ainda maior se mantiver sua atual atitude em relação à religião do que se abandoná-la, ele próprio considera que nenhum devoto abandonará a fé em consequência de seus argumentos. Além disso, acrescenta: "não disse nada que outros homens, melhores do que eu, já não tenham dito antes de mim, de modo muito mais completo, energético e impressivo. Seus nomes são bem conhecidos e não vou citá-los porque não quero dar a impressão de estar procurando colocar-me entre eles" [172] (FREUD, 1927a[2006], p.44). Freud afirma que apenas deu consistência às teses de outros autores através de sua teoria do psiquismo: "Tudo o que fiz – e

[172] Apesar de Freud não haver mencionado os nomes desses autores, Peter Gay afirma que "é fácil nomeá-los: Spinoza, Voltaire, Diderot, Feuerbach, Darwin" (GAY, 2012, p.530).

isso constitui a única coisa nova em minha exposição – foi acrescentar uma certa base psicológica às críticas de meus grandes predecessores. É difícil esperar que precisamente esse acréscimo produza o efeito que foi negado àqueles esforços anteriores" [173] (FREUD, 1927a[2006], p.44).

Deste modo, ele afirma que será o único prejudicado com a publicação, pois precisará "ouvir as mais desagradáveis censuras por causa de minha superficialidade, estreiteza de espírito e falta de idealismo ou compreensão dos mais altos interesses da humanidade" (FREUD, 1927a[2006], p.44). Entretanto, estava acostumado a lidar com críticas e o livro não lhe traria perigo como teria acontecido em épocas passadas, nas quais tais declarações "acarretavam um seguro cerceamento da existência terrena de quem as proferisse e uma aceleração efetiva da oportunidade de conseguir uma experiência pessoal do além" (FREUD, 1927a[2006], p.44-45).

Mas Freud também questiona se a publicação da obra não poderia causar danos à causa psicanalítica, tendo em vista que "não se pode negar que a psicanálise é uma criação minha e que se deparou com muita desconfiança e má vontade" (FREUD, 1927a[2006], p.45). Assim, ele teme que as pessoas identifiquem suas posições pessoais com o campo teórico-clínico da psicanálise: "Se agora me apresento com esses pronunciamentos desagradáveis, as pessoas estarão prontas a efetuar um deslocamento de minha pessoa para a psicanálise" (FREUD, 1927a[2006], p.45). Freud dá voz às críticas que espera ouvir:

> "Agora estamos vendo", dirão, "aonde a psicanálise conduz. A máscara caiu; conduz a uma negação de Deus e de um ideal moral, como sempre desconfiamos. Para nos manter afastados dessa descoberta é que fomos iludidos a pensar que a psicanálise não possuía *Weltanschauung* e que jamais poderia elaborar uma" (FREUD, 1927a[2006], p.45).

Freud traça uma diferença entre suas opiniões e o campo da psicanálise que inventou, afirmando que nem todos os analistas concordam com suas posições sobre a religião, sem que por isto discordem do edifício teórico-clínico da psicanálise.

> Um clamor desse tipo me seria realmente desagradável, por causa de meus muitos colaboradores, alguns dos quais, de modo algum, partilham de minha atitude para com

[173] Embora muitos ilustres contemporâneos de Freud também tivessem investigado o papel da religião na cultura, "nenhum deles havia radicado a religião na natureza humana com tanta solidez como faria Freud em *O futuro de uma ilusão*" (GAY, 2012, p.531). Desta forma, Peter Gay identifica a originalidade das teses de Freud na referência ao complexo edípico inconsciente: "Freud orgulhava-se desses argumentos psicológicos e apontava-os como sua contribuição original ao estudo científico da religião. A ideia de que os homens fazem os deuses à sua própria imagem podia ser tão velha quanto os gregos antigos, mas Freud acrescentou que os homens fazem seus deuses à imagem de seus pais" (GAY, 2012, p.533-534).

> os problemas da religião. A psicanálise, porém, já enfrentou muitas tempestades e terá agora de arrostar mais essa. Na realidade, a psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal, por assim dizer. Se um físico descobrisse, com o auxílio deste último, que ao fim de certo tempo a Terra seria destruída, ainda assim hesitaríamos em atribuir tendências destrutivas ao próprio cálculo e, portanto, em proscrevê-lo[174] (FREUD, 1927a[2006], p.45).

O pai da psicanálise também indica que suas afirmações sobre o valor de verdade das crenças religiosas não são derivativos necessários da psicanálise; outro psicanalista poderia sustentar um ponto de vista diferente também recorrendo a conceitos psicanalíticos.

> Nada do que eu disse aqui sobre o valor de verdade das religiões precisou do apoio da psicanálise; já foi dito por outros muito antes que a análise surgisse. Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* [tanto pior] para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas (FREUD, 1927a[2006], p.45).

Esclarecido esse ponto, Freud afirma que irá prosseguir com sua defesa. Ele reconhece que a religião, "é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar as pulsões associais. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar" (FREUD, 1927a[2006], p.45). Assim, Freud afirma que ninguém iria querer mudar o estado de coisas se a religião tivesse conseguido tornar feliz a maior parte da humanidade. Entretanto, grande parte dela se mostra insatisfeita com a civilização. Além disso, o domínio da religião em outras épocas não garantiu um nível moral mais elevado. Portanto, Freud questiona: "Se as realizações da religião com respeito à felicidade do homem, susceptibilidade à cultura e controle moral não são melhores que isso, não pode deixar de surgir a questão de saber se não estamos superestimando sua necessidade para a humanidade e se fazemos bem em basearmos nela nossas exigências culturais" (FREUD, 1927a[2006], p.46).

Em seguida, Freud analisa a situação da religião no contexto em que viveu, ao qual se refere como a "civilização européia cristã" (FREUD, 1927a[2006], p.47), constatando que a diminuição de sua influência "não aconteceu porque suas promessas tenham diminuído, mas porque as pessoas as acham menos críveis" (FREUD, 1927a[2006], p. 47). Ele admite que um

[174] Peter Gay escreve a respeito da comparação de Freud entre a psicanálise e o cálculo infinitesimal: "Dada a militância de Freud, essa afirmação não era neutra. Definir as ciências, inclusive a psicanálise, como isentas de tendenciosidade era levantar uma pretensão política, sustentar que estão livres de distorções ideológicas autoprotetoras. Se a religião – desde o sacrifício mas primitivo até a teologia mais elaborada – é medo, reverência e passividade infantis transferidos para a vida adulta, nesse caso a ciência, como poderia dizer um psicanalista, é um esforço organizado para ir além da infantilidade. A ciência despreza o esforço patético do crente em realizar as fantasias por meio de uma esfera piedosa e encenações rituais, por meio de súplicas e da queima de hereges" (GAY, 2012, p.537).

dos principais motivos para isto, embora não o único, seja o aumento do espírito científico nas camadas sociais mais elevadas.

> A crítica desbastou o valor probatório dos documentos religiosos, a ciência natural demonstrou os erros neles existentes, e a pesquisa comparativa ficou impressionada pela semelhança fatal existente entre as idéias religiosas que reverenciamos e os produtos mentais de povos e épocas primitivos. O espírito científico provoca uma atitude específica para com os assuntos do mundo; perante os assuntos religiosos, ele se detém um instante, hesita, e, finalmente, cruza-lhes também o limiar. Nesse processo, não há interrupção; quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa (FREUD, 1927a[2006], p.47).

Para Freud, os intelectuais substituiriam discretamente as motivações religiosas da moral e da ética por motivos seculares; quanto às massas, a situação é mais delicada.

> Se a única razão pela qual não se deve matar nosso próximo é porque Deus proibiu e nos punirá severamente por isso nesta vida ou na vida futura, então, quando descobrirmos que não existe Deus e que não precisamos temer Seu castigo, certamente mataremos o próximo sem hesitação e só poderemos ser impedidos de fazê-lo pela força terrena. Desse modo, ou essas massas perigosas terão de ser muito severamente submetidas e com todo cuidado mantidas afastadas de qualquer possibilidade de despertar intelectual, ou então o relacionamento entre civilização e religião terá de sofrer uma revisão fundamental (FREUD, 1927a[2006], p.47-48).

Freud dá continuidade a esta discussão na oitava seção, ao afirmar que foi a civilização quem formulou o mandamento de que o homem não deve matar o próximo a quem odeia, tendo como base o interesse comum, pois se todos dessem vazão a suas moções hostis o resultado final seria o extermínio da humanidade. Assim, Freud defende uma explicação racional e puramente humana para a proibição do homicídio numa sociedade laica.

> Mas não damos publicidade a essa explicação racional da proibição do homicídio. Asseveramos que a proibição foi emitida por Deus. Assim, assumimos a responsabilidade de adivinhar Suas intenções e descobrimos que Ele também não gosta que os homens se exterminem uns aos outros. Comportando-nos dessa maneira, revestimos a proibição cultural de uma solenidade muito especial, mas, ao mesmo tempo, nos arriscamos a tornar sua observância dependente da crença em Deus. Se voltarmos atrás, ou seja, se não mais atribuirmos a Deus o que é nossa própria vontade, e nos contentarmos em fornecer a razão social, então, é verdade, teremos renunciado à transfiguração da proibição cultural, mas também teremos evitado seu risco (FREUD, 1927a[2006], p.49-50).

Para Freud, os regulamentos da civilização têm origem exclusivamente humana e o entrelaçamento entre religião e política é visto como temerário.

> Visto ser tarefa difícil isolar aquilo que o próprio Deus exigiu, daquilo que pode ter sua origem remontada à autoridade de um parlamento todo-poderoso ou de um alto

> judiciário, constituiria vantagem indubitável que abandonássemos Deus inteiramente e admitíssemos com honestidade a origem puramente humana de todas as regulamentações e preceitos da civilização. Junto com sua pretensa santidade, esses mandamentos e leis perderiam também sua rigidez e imutabilidade. As pessoas compreenderiam que são elaborados, não tanto para dominá-las, mas, pelo contrário, para servir a seus interesses, e adotariam uma atitude mais amistosa para com eles e, em vez de visarem à sua abolição, visariam unicamente à sua melhoria. Isso constituiria um importante avanço no caminho que leva à reconciliação com o fardo da civilização (FREUD, 1927a[2006], p.50).

Em seguida, Freud interrompe seu apelo em favor dos motivos racionais para a proibição do homicídio e se refere à quarta seção de *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1912-1913[2006]), onde afirmara, com o auxílio da psicanálise, que a origem desta proibição foi o remorso pelo assassinato do pai primevo: "Mesmo no homem atual os motivos puramente racionais pouco podem fazer contra impulsões apaixonadas. Quão mais fracos, então, eles devem ter sido no animal humano das eras primevas!" (FREUD, 1927a[2006], p.50).

Assim, Freud compara a história da espécie humana à do indivíduo.

> Embora não seja boa política transplantar idéias para longe do solo em que se desenvolveram, há aqui, contudo, uma consonância que não podemos deixar de apontar. Sabemos que a criança humana não pode completar com sucesso seu desenvolvimento para o estágio civilizado sem passar por uma fase de neurose, às vezes mais distinta, outras, menos. Isso se dá porque muitas exigências pulsionais que posteriormente serão inaproveitáveis não podem ser reprimidas pelo funcionamento racional do intelecto da criança, mas têm de ser domadas através de atos de repressão, por trás dos quais, via de regra, se acha o motivo da angústia (FREUD, 1927a[2006], p.51)

A maioria das neuroses infantis desaparece espontaneamente ao longo do desenvolvimento, sendo isso "especialmente verdadeiro quanto às neuroses obsessivas da infância" (FREUD, 1927a[2006], p.51). Além disso, o que restar de algum traço neurótico remanescente "pode ser eliminado mais tarde ainda, através do tratamento psicanalítico" (FREUD, 1927a[2006], p.51). Considerando essa analogia, Freud argumenta que também a cultura parece atravessar um estágio de transição entre a neurose infantil e a maturidade.

> Exatamente do mesmo modo, pode-se supor, a humanidade como um todo, em seu desenvolvimento através das eras, tombou em estados análogos às neuroses, e isso pelos mesmos motivos – principalmente porque nas épocas de sua ignorância e debilidade intelectual, as renúncias pulsionais indispensáveis à existência natural do homem só haviam sido conseguidas pela humanidade através de forças puramente emocionais (FREUD, 1927a[2006], p.51-52).

Partindo da comparação entre os desenvolvimentos filogenético e ontogenético, Freud retorna à sua comparação entre religião e neurose obsessiva, identificando na origem de ambas o complexo paterno.

> Os precipitados desses processos semelhantes ao recalque que se efetuou nos tempos pré-históricos, ainda permaneceram ligados à civilização por longos períodos. Assim, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai (FREUD, 1927a[2006], p.52).

Levando esta analogia às últimas consequências, Freud infere que a religião, tal como a neurose obsessiva da infância, desaparecerá com o amadurecimento da cultura.

> A ser correta essa conceituação, o afastamento da religião está fadado a ocorrer com a fatal inevitabilidade de um processo de crescimento, e nos encontramos exatamente nessa junção, no meio dessa fase de desenvolvimento. Nosso comportamento, portanto, deveria modelar-se no de um professor sensato que não se opõe a um novo desenvolvimento iminente, mas que procura facilitar-lhe o caminho e mitigar a violência de sua irrupção (FREUD, 1927a[2006], p.52).

Freud demonstra que valoriza muito a analogia da religião com a neurose obsessiva.

> Já foram repetidamente indicados (por mim próprio e, particularmente, por Theodor Reik[175]) os múltiplos pormenores em que a analogia entre religião e neurose obsessiva pode ser acompanhada, e quantas das peculiaridades e vicissitudes da formação da religião podem ser entendidas a essa luz (FREUD, 1927a[2006], p.52).

A constatação clínica de que muitos religiosos são protegidos da neurose parece a Freud mais uma indicação de que a analogia é justificável: "harmoniza-se bem com isso o fato de os crentes devotos serem em alto grau salvaguardados do risco de certas enfermidades neuróticas; sua aceitação da neurose universal poupa-lhes o trabalho de elaborar uma neurose pessoal" (FREUD, 1927a[2006], p.52). Mas Freud também sentiu necessidade de suplementar a analogia com a neurose obsessiva através da noção de ilusão.

> Decerto nossa analogia não esgota a natureza essencial da religião. Se, por um lado, a religião, traz consigo restrições obsessivas, exatamente como, num indivíduo, faz a neurose obsessiva, por outro, ela abrange um sistema de ilusões plenas de desejo justamente com um repúdio da realidade[176], tal como não encontramos, em forma isolada, em parte alguma senão na amência, num estado de confusão alucinatória beatífica[177] (FREUD, 1927a[2006], p.52).

---

[175] Freud se refere ao artigo de Reik intitulado *Dogma und Zwangsidee: eine psychoanalytische Studie zur Entwicklung der Religion* [Dogma e obsessão: um estudo psicanalítico do desenvolvimento da religião], publicado no volume XIII da Imago em 1927. Reik escreveu também um artigo sobre *O futuro de uma ilusão*, ao qual faremos uma breve referência quando abordarmos as primeiras reações à publicação.

[176] Vale notar que no mesmo ano da publicação de *O futuro de uma ilusão*, Freud publicou também o artigo *Fetichismo* (FREUD, 1927b[2006]), no qual tratou do tema do repúdio da realidade através do mecanismo da *Verleugnung*, que simultaneamente reconhece e renega a realidade (da castração). Octave Mannoni (1973) aplicou este conceito à abordagem psicanalítica da crença no texto intitulado "Eu sei, mas mesmo assim...".

[177] No ensaio *A ilusão de um futuro*, Pfister considerará esta frase como o ápice da crítica de Freud à religião (PFISTER, 1928[2003], p.21).

Por fim, Freud indica que é preciso ter em mente que tais abordagens são analogias imperfeitas, na medida em que a psicopatologia individual não fornece um correspondente exato para os fenômenos sociais: "Mas tudo isso não passa de analogias, com a ajuda das quais nos esforçamos por compreender um fenômeno social; a patologia do indivíduo não nos provê de um correspondente plenamente válido" (FREUD, 1927a[2006], p.52). Apesar da imperfeição da comparação, os ensinamentos religiosos são considerados por Freud como se fossem "relíquias neuróticas[178], por assim dizer, e agora podemos argüir que provavelmente chegou a hora, tal como acontece num tratamento analítico, de substituir os efeitos do recalque pelos resultados da operação racional do intelecto" (FREUD, 1927a[2006], p.52-53).

A nona seção se inicia com uma interpelação do interlocutor de Freud, que o questiona pelo fato de ter inicialmente dito que seu trabalho era inócuo e, depois, sustentado que seria proveitoso abandonar a religião. Também lhe soa estranho que justamente Freud, que postulou a importância da constituição pulsional, proponha substituir a base afetiva da obediência por uma base racional. Além disso, o interlocutor acusa Freud de não conhecer a história, pois a Revolução Francesa já tentara substituir a religião pela razão e também no comunismo da Rússia se realizava tal experiência. Por fim, ele acrescenta: "Você mesmo disse que a religião é mais que uma neurose obsessiva. Mas não tratou desse outro lado dela. Contentou-se em elaborar a analogia com uma neurose. Os homens, diz você, devem ser libertados da neurose. O que se possa perder no processo não lhe interessa" (FREUD, 1927a[2006], p.54).

Freud responde que lidou com assuntos muito complicados de forma apressada, gerando uma aparente contradição. Ele continua acreditando que o religioso não permitirá ser desviado de sua fé porque "está ligado aos ensinamentos da religião por certos vínculos afetivos"[179] (FREUD, 1927a[2006], p.54). Assim, Freud afirma que a criança sadia demonstra uma "inteligência radiante" (FREUD, 1927a[2006], p.54), enquanto o adulto médio demonstra "débeis poderes intelectuais" (FREUD, 1927a[2006], p.54). Para ele, grande parte deste "deprimente contraste" (FREUD, 1927a[2006], p.54) se deve aos efeitos da educação religiosa. Se a criança não fosse apresentada à religião em sua idade escolar, talvez demorasse até que ela começasse a se preocupar com questões relacionadas a Deus e à vida após a morte. Pode ser

[178] Em sua obra *O método psicanalítico*, Pfister se refere ao tema da regressão de maneira semelhante àquela através da qual Freud aborda a questão da crença religiosa: "Nossa infância contém o depósito ao qual recorremos, quando a atualidade nos oprime" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.98).

[179] Analisando a neurose obsessiva de conteúdo religioso na infância do Homem dos Lobos em *História de uma neurose infantil*, Freud havia indicado que, tanto nos momentos em que aderia à fé religiosa quanto nos momentos em que aderia ao ateísmo, estavam em jogo motivações edípicas e inconscientes na dinâmica psíquica de seu paciente (FREUD, 1918/1914[2006]).

que seguisse os mesmos caminhos dos antepassados, mas isto parece pouco provável, porque geralmente "introduzimo-la às doutrinas da religião numa idade em que nem está interessada nem é capaz de apreender sua significação" (FREUD, 1927a[2006], p.55). Desta forma, "à época em que o intelecto da criança desperta, as doutrinas da religião já se tornaram inexpugnáveis" (FREUD, 1927a[2006], p.55).

Em seguida, Freud afirma admitir a possibilidade de que suas próprias posições sejam ilusórias: "[...] moderarei meu zelo e admitirei a possibilidade de que também eu esteja perseguindo uma ilusão" (FREUD, 1927a[2006], p.56). Além disso, considera que talvez o efeito da educação religiosa não seja tão negativo quanto supõe: "Não são apenas os grandes problemas da vida que atualmente parecem insolúveis; muitas questões menores também são difíceis de responder" (FREUD, 1927a[2006], p.56). Entretanto, considera que seu interlocutor deve admitir que Freud possui boas justificativas para ter a esperança nos benefícios para o futuro de uma educação não religiosa. Se tal medida não produzir os efeitos esperados por ele, Freud admitirá retornar a um juízo puramente descritivo: "Se ela se mostrar insatisfatória, estou pronto a abandonar a reforma e voltar a meu juízo anterior, puramente descritivo, de que o homem é uma criatura da inteligência débil, governada por seus desejos pulsionais" (FREUD, 1927a[2006], p.56).

O pai da psicanálise concorda que "é insensato começar a tentar eliminar a religião pela força, e de um só golpe. Acima de tudo, porque isso seria irrealizável" (FREUD, 1927a[2006], p.56). Mesmo que fosse possível, Freud considera que seria uma crueldade, comparando os efeitos das consolações religiosos ao dos narcóticos: "Um homem que passou dezenas de anos tomando pílulas soporíferas, evidentemente fica incapaz de dormir se lhe tiram sua pílula" ((FREUD, 1927a[2006], p.56). Entretanto, Freud discorda que os homens sejam "completamente incapazes de passar sem a consolação da ilusão religiosa" (FREUD, 1927a[2006], p.57). Embora afirme que isso seja "certamente verdade quanto aos homens em que se instilou o doce (ou agridoce) veneno desde a infância" ((FREUD, 1927a[2006], p.57), continua sustentando que os "mais sensatamente criados" (FREUD, 1927a[2006], p.57) e que não se tornaram neuróticos "talvez não precisem de intoxicante para amortecê-la" (FREUD, 1927a[2006], p.57). Contudo, certamente os homens sem religião precisarão enfrentar uma difícil situação.

> Terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente. Estarão na mesma posição de uma criança que abandonou a casa paterna, onde se achava tão bem instalada e tão confortável. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado.

> Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a "vida hostil" (FREUD, 1927a[2006], p.57).

Freud revela que o propósito de seu livro é indicar o que considera ser a necessidade de uma "educação para a realidade" (FREUD, 1927a[2006], p.57), declarando ao seu interlocutor: "Precisarei confessar-lhe que o único propósito de meu livro é indicar a necessidade desse passo à frente?" (FREUD, 1927a[2006], p.57). Ele afirma ter a esperança de que a humanidade resista a "tão duro teste" (FREUD, 1927a[2006], p.57), mas também que os homens "não estão completamente sem assistência" (FREUD, 1927a[2006], p.57), uma vez que seu conhecimento científico possui grande valor. Quanto às "grandes necessidades do Destino, contra as quais não há remédio, aprenderão a suportá-las com resignação" (FREUD, 1927a[2006], p.57). Assim, o principal objetivo dessa forma de educação é empenhar todos os esforços da humanidade na construção de uma civilização mais capaz de se defender contra as forças da natureza e menos opressora para os seus indivíduos.

> Afastando suas expectativas em relação a um outro mundo e concentrando todas as energias liberadas em sua vida na Terra, provavelmente conseguirão alcançar um estado de coisas em que a vida se tornará tolerável para todos e a civilização não mais será opressiva para ninguém (FREUD, 1927a[2006], p.57-58).

Freud conclui a seção citando um poema de Heine, a quem se refere como "um de nossos companheiros de descrença" (FREUD, 1927a[2006], p.58): "*Den Himmel überlassen wir / Den Engeln und den Spatzen*" [Deixemos o Céu / Aos anjos e aos pardais] (FREUD, 1927a[2006], p.58).

A décima e última seção do ensaio se inicia novamente com o interlocutor, que parece modificar a sua opinião: "Isso soa esplêndido! Uma raça de homens que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de fazer tolerável sua existência na Terra!" (FREUD, 1927a[2006], p.59). Mas o opositor imaginário continua discordando de Freud, afirmando que sua esperança de que uma educação não religiosa favoreça a primazia do intelecto sobre as pulsões é ilusória, porque se baseia não na realidade, mas nos seus próprios desejos.

> Contudo, não posso partilhar de suas expectativas. E isso não por ser o obstinado reacionário por quem talvez me tome. Não, mas por ser sensato. Parece que agora trocamos de papéis: você surge como um entusiasta que permite ser arrebatado por ilusões, e eu represento as reivindicações da razão, os direitos do ceticismo. O que você expôs me parece ser construído sobre erros que, segundo seu exemplo, eu poderia chamar de ilusões, por traírem de modo bastante claro a influência de seus desejos (FREUD, 1927a[2006], p.59).

O interlocutor também afirma que mesmo as civilizações que não desenvolveram um sistema religioso não se aproximam mais do ideal de Freud. Além disso, um sistema que substituísse o religioso voltaria a adquirir os mesmos traços.

> Se você quiser expulsar a religião de nossa civlização européia, só poderá fazê-lo através de outro sistema de doutrinas, e esse sistema, desde o início, assumiria todas as características psicológicas da religião – a mesma santidade, rigidez e intolerância, a mesma proibição do pensamento – para sua própria defesa (FREUD, 1927a[2006], p.59).

Outro questionamento trazido pelo opositor se refere, por um lado, às dificuldades de descobrir a realidade externa e, por outro, à realidade interna das necessidades humanas.

> Diante da dificuldade de se descobrir qualquer coisa sobre a realidade – na verdade, da dúvida de saber se nos será possível realmente descobri-la –, não devemos desprezar o fato de que também as necessidades humanas são uma realidade e, na verdade, uma realidade importante, uma realidade que nos interessa especialmente de perto (FREUD, 1927a[2006], p.60).

A última colocação do interlocutor, particularmente, se aproxima bastante das críticas que Pfister fará ao ensaio de Freud, na medida em que aponta para o que ele considera como a vantagem de a religião incentivar a sublimação e para a crença na compatibilidade entre as doutrinas religiosas e as descobertas científicas.

> [A doutrina religiosa] permite um refinamento e sublimação das ideias que tornam possível para ela livrar-se da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil. O que então sobra é um corpo de idéias que a ciência não mais contradiz e que é incapaz de refutar. Essas modificações da doutrina religiosa, que você condenou como meias-medidas e transigências, tornam-lhe possível evitar a cisão entre as massas não instruídas e o pensador filosófico, preservar o vínculo comum entre eles, tão importante para a salvaguarda da civilização (FREUD, 1927a[2006], p.60).

Assim, o opositor conclui: "Acho que agora lhe demonstrei que seus esforços se reduzem a uma tentativa de substituir uma ilusão já provada e emocionalmente valiosa, por outra, que não foi provada e não possui valor emocional" (FREUD, 1927a[2006], p.60).

A resposta de Freud de certo modo também antecipa sua posição frente aos argumentos que seriam apresentados por Pfister. Ele reconhece que, de fato, sua posição pode estar baseada numa ilusão; entretanto, existe pelo menos uma diferença fundamental, que diz respeito à parcialidade e contingência do conhecimento científico, sempre aberto a revisões[180].

[180] Freud retornará a essa questão de maneira muito mais aprofundada na conferência *A questão de uma Weltanschauung*. Para ele, enquanto a ciência enfatiza o mundo externo, a religião deriva sua força do mundo interno: "Nenhum menosprezo à ciência pode de algum modo alterar o fato de que ela está procurando levar

> Não sou inacessível à sua crítica. Sei como é difícil evitar ilusões; talvez as esperanças que confessei também sejam de natureza ilusória. Aferro-me, porém, a uma distinção. À parte o fato de castigo algum ser imposto a quem não as partilha, minhas ilusões não são, como as religiosas, incapazes de correção. Não possuem o caráter de um delírio. Se a experiência demonstrar – não a mim, mas a outros depois de mim, que pensem como eu – que estávamos enganados, abandonaremos nossas expectativas. Tome minha tentativa pelo que ela é (FREUD, 1927a[2006], p.60).

Em seguida, Freud resume brevemente o caminho que o conduziu a construir hipóteses sobre o lugar da religião na cultura a partir da teoria metapsicológica que construiu a partir da clínica psicanalítica.

> Um psicólogo que não se ilude sobre a dificuldade de descobrir a própria orientação neste mundo, efetua um esforço para avaliar o desenvolvimento do homem, à luz da pequena porção de conhecimento que obteve através de um estudo dos processos mentais de indivíduos, durante seu desenvolvimento de crianças a adultos. Ao agir assim, impõe-se a ele a idéia de que a religião é comparável a uma neurose da infância, e é otimista bastante para imaginar que a humanidade superará essa fase neurótica, tal como muitas crianças evolvem de suas neuroses semelhantes. Essas descobertas derivadas da psicologia individual podem ser insuficientes, injustificada sua aplicação à raça humana, e infundado o otimismo dele. Concedo-lhes todas essas incertezas. Mas freqüentemente não podemos impedir-nos de dizer o que pensamos, e nos desculpamos disso com o fundamento de que só o dizemos pelo que vale (FREUD, 1927a[2006], p.60-61).

O pai da psicanálise se detém sobre dois pontos na contra-argumentação. O primeiro diz respeito à sua constatação de que, para ele, a fraqueza de sua posição não acarretava num fortalecimento da posição de seu opositor, concluindo: "Acho que você está defendendo uma causa perdida" (FREUD, 1927a[2006], p.61). Assim, ele afirma que, de fato, o intelecto não se compara ao poder da constituição pulsional; entretanto, "há algo de peculiar nessa fraqueza" (FREUD, 1927a[2006], p.61): sua insistência.

> A voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência. Finalmente, após uma incontável sucessão de revezes, obtém êxito. Esse é um dos poucos pontos sobre o qual se pode ser otimista a respeito do futuro da humanidade, e, em si mesmo, é de não pequena importância. E dele se podem derivar outras esperanças ainda (FREUD, 1927a[2006], p.61).

---

em conta nossa dependência do mundo externo real, ao passo que a religião é uma ilusão e deriva sua força da sua presteza em ajustar-se aos nossos impulsos pulsionais plenos de desejos" (FREUD, 1933a/1932[2006], p.170). Assim, o pai da psicanálise aproximará o trabalho científico do trabalho analítico, afirmando que, em ambos, os principais traços são negativos: "A psicanálise não precisa de uma *Weltanschauung*; faz parte da ciência e pode aderir à *Weltanschauung* científica. Esta, porém, dificilmente merece um nome tão grandiloqüente, pois não é capaz de abranger tudo, é muito incompleta e não pretende ser auto-suficiente em construir sistemas. [...] Uma *Weltanschauung* erigida sobre a ciência possui, excetuada a sua ênfase no mundo externo real, principalmente traços negativos, tais como a submissão à verdade e a rejeição às ilusões" (FREUD, 1933a/1932[2006], p.177).

A vitória do intelecto sobre as pulsões, para Freud, se encontra num futuro muito distante, mas conseguirá estabelecer os mesmos objetivos que o religioso espera alcançar de Deus, embora num nível mais modesto.

> A primazia do intelecto jaz, é verdade, num futuro *infinitamente* distante. Presumivelmente, ela estabelecerá para si os mesmos objetivos que aqueles cuja realização você espera de seu Deus (naturalmente dentro de limites humanos, na medida em que a realidade externa, Ανάγκη, permita), a saber, o amor do homem e a diminuição do sofrimento. Assim sendo, podemos dizer-nos que nosso antagonismo é apenas temporário e não irreconciliável[181] (, grifo no original).

Segundo Freud, ele e seu interlocutor desejam alcançar os mesmos objetivos, mas este lhe parece ser mais impaciente, exigente e egoísta.

> Desejamos as mesmas coisas, mas você é mais impaciente, mais exigente e – por que não dizer? – mais egoísta do que eu e os que se encontram do meu lado. Você faria o estado de bem-aventurança começar diretamente após a morte; espera dele o impossível e não desiste das reivindicações do indivíduo. Nosso Deus, Ανάγκη, atenderá todos esses desejos que a natureza a nós externa permita, mas fa-lo-á de modo muito gradativo, somente num futuro imprevisível e para uma nova geração de homens. Não promete compensação para nós, que sofremos penosamente com a vida (FREUD, 1927a[2006], p.61-62).

Apesar destas aproximações entre os objetivos do cientista e do religioso, Freud continua considerando que a humanidade inevitavelmente abandonará a religião, mesmo em suas formas mais elevadas, ao longo de seu percurso de amadurecimento.

> No caminho para esse objetivo distante, suas doutrinas religiosas terão de ser postas de lado, por mais que as primeiras tentativas falhem ou os primeiros substitutos se mostrem insustentáveis. Você sabe por que: a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais. Mesmo as ideias religiosas purificadas não podem escapar a esse destino, enquanto tentarem preservar algo da consolação da religião. Indubitavelmente, se se confinarem à crença num ser espiritual superior, cujas qualidades sejam indefiníveis e cujos intuitos não possam ser discernidos, não só estarão à prova do desafio da ciência, como também perderão sua influência sobre o interesse humano (FREUD, 1927a[2006], p.62).

O segundo ponto observado por Freud é que seu opositor parece adotar uma atitude menos aberta do que ele à possibilidade de que sua ilusão se mostre um erro.

---

[181] A luta pelo amor e pela mitigação do sofrimento seriam retomadas por Pfister em *A ilusão do futuro* como sendo pontos em comum entre a psicanálise e a religião. Esta parece ser uma maneira possível de compreender uma afirmação de Freud a Pfister no debate sobre a ilusão na carta datada de 22 de outubro de 1927: "Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.146).

> Você tem de defender a ilusão religiosa com todas as suas forças. Se ela se tornar desacreditada – e, na verdade, a ameaça disso é bastante grande – então seu mundo desmoronará. Nada lhe resta a não ser desesperar de tudo, da civilização e do futuro da humanidade. Dessa servidão, estou, estamos livres. Visto estarmos preparados para renunciar a uma boa parte de nossos desejos infantis, podemos suportar que algumas de nossas expectativas mostrem que não passam de ilusões (FREUD, 1927a[2006], p.62).

Freud reconhece que talvez uma educação sem religião não modifique profundamente as características psíquicas do homem. De fato, a razão científica provavelmente alcançará resultados menos grandiosos do que as promessas religiosas. Entretanto, segundo ele, a ciência oferece muito mais segurança e confiabilidade.

> É possível que a educação libertada do ônus das doutrinas religiosas não cause grande mudança na natureza psicológica do homem. O nosso deus λόγος talvez não seja um deus muito poderoso, e poderá ser capaz de efetuar apenas uma pequena parte do que seus predecessores prometeram. Se tivermos de reconhecer isso, aceitá-lo-emos com resignação. Não será por causa disso que perderemos nosso interesse no mundo e na vida, pois dispomos de um apoio seguro, que falta a você (FREUD, 1927a[2006], p.62).

A ciência possibilita o meio mais seguro do qual a humanidade dispõe para investigar o mundo externo. Assim, se a crença na ciência se mostrar uma ilusão, o cientista estará na mesma posição do religioso. Contudo, o método científico já demonstrou não ser uma ilusão através dos resultados que apresentou.

> Acreditamos ser possível ao trabalho científico conseguir um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida. Se essa crença for uma ilusão, então nos encontraremos na mesma posição que você. Mas a ciência, através de seus numerosos e importantes sucessos, já nos deu provas de não ser uma ilusão (FREUD, 1927a[2006], p.62).

Freud se refere à hostilidade experimentada pela ciência por ter enfraquecido o poder da religião e por oferecer conhecimentos muito limitados; a isto ele contrapõe que o método científico é recente e ainda não teve chance de demonstrar todas as suas potencialidades.

> Ela conta com muitos inimigos manifestos, e muitos outros secretos, entre aqueles que não podem perdoá-la por ter enfraquecido a fé religiosa e por ameaçar derrubá-la. É censurada pela pequenez do que nos ensinou e pelo campo incomparavelmente maior que deixou na obscuridade. Nisso, porém, as pessoas se esquecem de quão jovem ela é, quão difíceis foram seus primórdios e quão infinitesimalmente pequeno foi o período de tempo que decorreu desde que o intelecto humano ficou suficientemente forte para as tarefas que ela estabelece (FREUD, 1927a[2006], p.62).

Freud afirma que exigir do método científico algo que não se propõe realizar é injusto, pois o conhecimento que produz é parcial e permite avançar lentamente. Por fim, ele se dedica a explorar as condições das quais a ciência dispõe para investigar a realidade externa.

> Finalmente, tentou-se desacreditar o esforço científico de maneira radical, com o fundamento de que, achando-se ele ligado às condições de sua própria organização, não poderia produzir nada mais senão resultados subjetivos, ao passo que a natureza real das coisas a nós externas permanece inacessível (FREUD, 1927a[2006], p.63).

Freud responde tal questão em cinco pontos:

> Em primeiro lugar, nossa organização – isto é, nosso aparelho psíquico – desenvolveu-se precisamente no esforço de explorar o mundo externo, e, portanto, teria de ter concebido em sua estrutura um certo grau de utilitarismo; em segundo lugar, ela própria é parte constituinte do mundo que nos dispusemos a investigar e admite prontamente tal investigação; em terceiro, a tarefa da ciência ficará plenamente abrangida se a limitarmos a demonstrar como o mundo nos deve aparecer em conseqüência do caráter específico de nossa organização; em quarto, as descobertas supremas da ciência, precisamente por causa do modo pelo qual foram alcançadas, são determinadas não apenas por nossa organização, mas pelas coisas que influenciaram essa organização; finalmente, o problema da natureza do mundo sem levar em consideração nosso aparelho psíquico perceptivo não passa de uma abstração vazia, despida de interesse prático (FREUD, 1927a[2006], p.63).

Por fim, Freud conclui o ensaio convicto de que a ciência não é uma ilusão: "Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar"[182] (FREUD, 1927a[2006], p.63).

Antes de passarmos às primeiras reações ao livro de Freud, teceremos alguns breves comentários sobre certos pontos de sua complexa teoria metapsicológica que se referem à relação entre desejo e realidade, sem os quais não é possível fazer uma correta apreciação de sua abordagem da religião como uma ilusão. Assim, recorremos sinteticamente à apresentação

[182] Sobre a conclusão de *O futuro de uma ilusão*, Peter Gay escreveu que "ao refletir sobre a forma científica de pensamento, Freud se permitiu escorregar para um otimismo bastante raro nele" (GAY, 2012, p.535). Para o biógrafo, sua afirmação ao final era "a profissão de uma fé na ciência que ele sempre tivera, raramente enunciando-a antes com entusiasmo tão vigoroso, e nunca mais viria a apresentá-la novamente" (GAY, 2012, p.537-538). Lacan expressá um ponto de vista contrário ao de Freud no que diz respeito ao prognóstico da substituição da religião pela ciência. Em *O triunfo da religião*, o psicanalista francês indicará que, diante do avanço da ciência, a religião derramará sua carga de sentido sobre o real desvelado por aquela. Assim, ele concluirá: "Se a psicanálise não triunfar sobre a religião, é porque a religião é inquebrantável. A psicanálise não triunfará: sobreviverá ou não" (LACAN, 1974[2005], p.65). Para Lacan, a religião triunfará na civilização: "Não triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas também. É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião. [...] O real, por pouco que a ciência aí se meta, vai se estender, e a religião terá então muito mais razões ainda para apaziguar os corações. [...] E, no que se refere ao sentido, eles [os religiosos] conhecem um bocado. São capazes de dar um sentido realmente a qualquer coisa. Um sentido à vida humana, por exemplo. São formados nisso" (LACAN, 1974[2005], p.65).

dos princípios de prazer e de realidade no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* e dos juízos de atribuição e de existência no artigo *A negativa*.

Ao tratar dos princípios da atividade psíquica em 1911, Freud escreve:

> [...] toda neurose tem como resultado e, portanto, provavelmente, como propósito arrancar o paciente da vida real, alienálo da realidade. [...] Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável [...] defrontamo-nos agora com a tarefa de investigar o desenvolvimento da relação dos neuróticos e da humanidade em geral com a realidade e, desta maneira, de trazer a significação psicológica do mundo externo e real para a estrutura de nossas teorias (FREUD, 1911b[2006], p.237).

Considerando hipóteses construídas desde o *Projeto para uma psicologia*, Freud sustenta que o bebê humano obtém satisfação de maneira alucinatória, tal como nos sonhos, ao ter o estado de repouso psíquico perturbado pelas necessidades internas. Assim, o desejo nasce do fracasso da alucinação em suprir a satisfação necessária à manutenção do organismo. Dessa forma, o desejo de dormir é, para Freud, uma rejeição deliberada da realidade.

> Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso [183] (FREUD, 1911b[2006], p.238, grifo no original).

Enquanto o aparelho psíquico se encontra sob o domínio do princípio de prazer, o recalque exclui do investimento libidinal algumas das ideias que são produtoras de desprazer. À medida que o princípio de realidade consegue se estabelecer, entra em cena um mecanismo de julgamento imparcial, que compara as ideias emergentes aos traços mnêmicos da realidade, a fim de decidir em relação a estes quando se trata de uma ideia verdadeira ou falsa[184].

> O lugar do recalque, que excluía da catexia como produtoras de desprazer algumas das ideias emergentes, foi assumido por uma *passagem de julgamento imparcial*, que tinha de decidir se determinada idéia era verdadeira ou falsa – isto é, se se achava ou não em concordância com a realidade –, decisão que era determinada efetuando-se

[183] Sobre este ponto, Catherine Millot indicou: "O que Freud ressalta na passagem do princípio de prazer ao de realidade é a nova capacidade que o aparelho psíquico adquire: já não apenas leva em conta o que produz prazer, isto é, as representações agradáveis, mas também o que é verdadeiro – quer dizer, a adequação das representações com a realidade" (MILLOT, 1987, p.62).

[184] Valeria a pena pesquisar as aproximações e distanciamentos entre a concepção de verdade em Freud e a concepção de verdade na filosofia medieval, tradicionalmente expressa na frase de São Tomás de Aquino: "*Veritas est adaequatio intellectus et rei*" [A verdade é a adequação entre intelecto e coisa], segundo a qual a verdade é expressa através da adequação entre o intelecto e o objeto investigado na realidade.

> uma comparação com os traços de memória da realidade (FREUD, 1911b[2006], p.239, grifo no original).

Assim, o aparelho psíquico aprende que lhe é vantajoso renunciar a um prazer momentâneo em vista de outro maior e mais duradouro: "Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro" (FREUD, 1911b[2006], p.242).

Logo em seguida, Freud considera a doutrina da recompensa numa vida após a morte como uma transposição mítica desta impressão endopsíquica.

> Mas a impressão endopsíquica causada por esta substituição foi tão poderosa que se reflete num mito religioso especial. A doutrina da recompensa noutra vida pela renúncia – voluntária ou forçada – dos prazeres terrenos nada mais é que uma projeção mítica desta revolução na mente[185] (FREUD, 1911b[2006], p.242).

Freud, na sequência, diferencia religião e ciência em função da maneira como cada um destes campos se relaciona com o conflito entre prazer e realidade. Segundo ele, as religiões empreendem uma renúncia completa do prazer, paradoxalmente mantendo-se estagnadas no princípio de prazer; as ciências, por outro lado, avançam na direção do princípio de realidade.

> Seguindo constantemente neste sentido, as *religiões* puderam efetuar uma renúncia completa do prazer na vida, adiante a promessa de compensação numa existência futura; mas não realizaram, por este meio, uma conquista do princípio de prazer. É a *ciência* que chega mais perto de obter êxito nessa conquista; ela, contudo, também oferece prazer intelectual durante seu trabalho e promete um lucro prático no final (FREUD, 1911b[2006], p.242, grifos no original).

Por fim, Freud indica que o inconsciente funciona sob a égide do princípio de prazer, equiparando desejo e realidade[186].

> A característica mais estranha dos processos inconscientes [...] deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização – com o fato – tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer (FREUD, 1911b[2006], p.243).

---

[185] No pequeno artigo *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, Freud se referirá brevemente a essa questão: "[...] a religião é obrigada a apoiar sua exigência de que o prazer terreno seja posto de lado prometendo proporcionar em seu lugar uma quantidade incomparavelmente maior de um prazer superior no outro mundo" (FREUD, 1916[2006], p.326).

[186] Na conferência *Sonhos e ocultismo*, Freud afirmará: "Desde o início, quando a vida nos submete à sua rígida disciplina, dentro de nós se levanta uma resistência contra a inflexibilidade e monotonia das leis do pensamento e contra as exigências do teste de realidade. A razão se torna o inimigo que nos priva de tantas possibilidades de prazer. Descobrimos quanto prazer nos dá retrair-nos dela, temporariamente ao menos, e nos entregar aos atrativos do absurdo" (FREUD, 1933/1932[2006], p.41).

No artigo *A negativa*, Freud retoma em grande medida as relações entre desejo e realidade ao discutir a função do julgamento. Para isto, ele apresenta a distinção entre o juízo de atribuição e o juízo de existência: "A função do julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões. Ele afirma ou desafirma a posse, em uma coisa, de um atributo particular, e assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade" (FREUD, 1925[2006], p.266).

O juízo de atribuição procura decidir se o atributo do objeto é bom ou mau, se deve ser introjetado ou expulso, se o sujeito o reconhece como interno ou o rejeita como externo: "o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos" (FREUD, 1925[2006], p.267).

O juízo de existência, por outro lado, se ocupa do teste da realidade. Assim, o aparelho psíquico deixa de considerar apenas o que produz prazer, passando a investigar se a representação pode também ser reencontrada na realidade através da percepção.

> [...] quanto à existência real de algo de que existe uma representação (teste de realidade) – é um interesse do ego-realidade definitivo, que se desenvolve a partir do ego-prazer inicial. Agora não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade). Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de *externo* e *interno*. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá *fora*. Nesse estágio do desenvolvimento a consideração pelo princípio de prazer foi posta de lado (FREUD, 1925[2006], p.267, grifos no original).

As articulações de Freud sobre o fenômeno religioso, que vinham sendo construídas ao longo de toda a sua obra, só se tornaram acessíveis ao grande público com a publicação de *O futuro de uma ilusão*. Como se podia esperar, suas declarações sobre o futuro da religião desencadearam as mais diversas reações, dos aplausos às vaias, de notícias sensacionalistas a artigos sérios que procuravam aprofundar as questões nele discutidas.

3.2 **As primeiras reações**

Os enigmas da religião e da cultura fascinavam Freud desde a juventude e ele considerava suas incursões psicanalíticas por este campo tão instrutivas e importantes quanto

suas investigações clínicas[187]. Apesar disso, Freud reagiu a *O futuro de uma ilusão* com uma "autocrítica impiedosa"[188] (GAY, 2012, p.527).

Numa carta de 10 de outubro de 1927 endereçada a Max Eitingon, Freud escreveu que "o conteúdo analítico da obra é muito ralo" (FREUD apud GAY, 2012, p.527) e que, também sob outros aspectos, ela "não tem muito valor" (FREUD apud GAY, 2012, p.527). Freud escreveu também a Ferenczi em 23 de outubro de 1927, criticando de modo ainda mais enfático o texto: "Agora ele já me parece infantil; fundamentalmente penso de outra forma; considero-o analiticamente fraco e inadequado enquanto autoconfissão" (FREUD apud JONES, 1989c, p.148).

Quando René Laforgue manifestou admiração pelo ensaio, Freud respondeu: "É o meu pior livro!" (FREUD apud GAY, 2012, p.528). Embora o discípulo tentasse protestar, Freud insistia que aquele era o livro de um velho; o autêntico Freud havia sido um grande homem, mas havia morrido, e era uma pena que Laforgue não o tivesse conhecido.

Segundo Peter Gay, em *O futuro de uma ilusão* Freud não fez justiça às complexidades da controvérsia entre ciência e religião: "A histórica tensão entre a ciência e a religião é muitíssimo mais intrincada do que a maioria dos crentes – e dos descrentes – costuma admitir [...] o próprio Freud deixou de fazer justiça a essa complexidade" (GAY, 1992, p.13). Com efeito, argumenta o biógrafo: "Sua estreita visão da confrontação histórica entre os ateus cultos e os crentes iletrados carece da sutileza que ele esbanja em sua análise das neuroses" (GAY, 1992, p.28). Em alguns momentos, entretanto, Freud "experimentava distinções mais sutis" (GAY, 1992, p., 28). Numa carta a Eitingon de 20 de junho de 1927, Freud pondera: "Resta considerar se a análise *em si mesma* deve realmente levar ao abandono da religião" (FREUD apud GAY, 1992, p.28, grifo no original). Apesar disso, o biógrafo conclui que "Freud raramente tentou fazer outra análise tão sutil da guerra em que desempenhava um papel tão proeminente e enérgico" (GAY, 1992, p.28).

---

[187] Peter Gay, no entanto, argumenta que "reconstruir as origens da civilização a partir de materiais escassos e especulativos era totalmente diferente de avaliar dados clínicos" (GAY, 2012, p.526) e se refere a *O futuro de uma ilusão* como um livro "ambicioso e controverso" (GAY, 2012, p.526) e a *O mal-estar na cultura*, onde alguns anos depois Freud daria continuidade à sua abordagem psicanalítica da cultura e da religião, como "não menos ambicioso e, se possível, ainda mais controverso" (GAY, 2012, p.527).

[188] O mesmo aconteceria após a escrita de *O mal-estar na cultura* (GAY, 2012, p.526-527). Apesar das autocríticas de Freud quanto à sua capacidade de escrita no último período de sua vida, em 1930 receberia o prêmio Goethe, criado naquele mesmo ano de 1927, que seria anualmente concedido a uma personalidade cuja obra criadora fosse considerada digna de uma honra dedicada à memória do poeta alemão. O prêmio seria a primeira homenagem pública recebida por Freud, que muito o emocionaria: "Nunca fui mimado por sinais públicos de honra e adaptei-me tanto a esse estado de coisas, que me foi possível passar sem eles. Não gostaria de negar, contudo, que a concessão do Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt deu-me grande prazer" (FREUD, 1930[2006], p.212).

Embora em sua correspondência privada Freud tenha depreciado em alguns momentos *O futuro de uma ilusão*, não o fez publicamente, e o texto rapidamente despertou diversas reações, tanto de seus discípulos quanto do público em geral, em especial dos religiosos[189].

Numa carta de meados de novembro de 1927, Lou Andreas-Salomé comenta com Freud suas reflexões sobre a obra. Enquanto discípula e correspondente assídua de Freud, ela afirmava estar de acordo sobre o conteúdo do livro, pois também considerava que as crenças religiosas tinham o mesmo significado das fantasias dos contos de fadas infantis. Entretanto, Lou Andreas-Salomé indica que, para ela, o religioso possui uma confiança básica na vida e uma alegria de viver das quais também o cientista compartilha[190].

> [...] eu estava enterrada em sua argumentação com o Todo-Poderoso. Muito obrigada por seu livrinho. É claro que nossas opiniões estão inteiramente de acordo no que diz respeito ao conteúdo das formações de desejo religiosas. Estas últimas possuem exatamente o mesmo significado das fantasias dos contos de fadas das crianças. Mas, para mim, o centro de interesse deste assunto está em outro ponto: ou seja, na confiança na vida que é inata em nós e até certo ponto comum a todas as coisas vivas – interpretada de uma forma distorcida pela pessoa ou sonhador ou criança ou poeta (ou filósofo!) religiosos, mas encontrada também no mais sóbrio dos cientistas, já que ele também é um ser vivo e sustenta sua coragem, sua força e sua *joie de vivre* [alegria de viver] em todas as suas preocupações mais prosaicas e vulgares. Nesse sentido, a diferença entre ele e os crentes não é tão desmedida. Muito atrás do elemento intelectual que existe neles (ao qual a realidade se apresenta como um objeto a ser explorado), já estamos firmemente estabelecidos em nossas reações essenciais (ANDREAS-SALOMÉ apud FREUD; ANDREAS-SALOMÉ, 1975, p.223).

Para Lou Andreas-Salomé, a vinculação desde a infância com a religião transmitida pela herança familiar pode fazer com que a confiança básica na vida esteja tão intimamente atrelada às crenças religiosas que apenas a análise oferece uma possibilidade de afrouxar uma vinculação tão estreita entre a própria vida e a religião[191].

> [...] quando toda a confiança na vida desde os primeiros anos se ligou de modo particularmente íntimo a formações religiosas e outras formações de desejo, nada, a

[189] Para um exame da história da recepção da religião cristã à abordagem freudiana da religião, consultar a obra *Deus analisado: os católicos e Freud – A recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica*. É compreensível que o ensaio de Freud tenha despertado grande oposição por parte da crítica dos religiosos, na medida em que o autor chega a afirmar que "o pensamento de Freud sobre o fato religioso pode ser considerado a crítica mais desconstrutiva que a religião já sofreu" (ARAÚJO, 2014, p.33).

[190] Vale notar que, de certa forma, o comentário de Lou Andreas-Salomé se aproxima da questão colocada por Rolland sobre o sentimento oceânico, à qual Freud responderá em *O mal-estar na cultura* (FREUD, 1930/1929[2006]).

[191] A esse respeito, vale conferir as elaborações de Françoise Dolto em *A fé à luz da psicanálise* (2010) e *Os Evangelhos à luz da psicanálise* (2011), que testemunham os efeitos do tratamento analítico sobre sua fé religiosa, adotada desde a infância e que não foi abandonada, mas profundamente transformada pela análise. Dolto se tornou psicanalista, amiga e colaboradora de Lacan.

> não ser a análise, tem a possibilidade de poder afrouxar esses laços. Isso torna consideravelmente mais difícil qualquer tentativa de combater as várias crenças religiosas. Deveria ser possível passar sem elas. Mas o principal é que a fé na vida está essencialmente e vitalmente presente. Através dela sobrevivemos e com ela tanto os seres vivos como a natureza vegetal são ricamente dotados e não têm necessidade de Deus (ANDREAS-SALOMÉ apud FREUD; ANDREAS-SALOMÉ, 1975, p.224).

Freud responde numa carta datada de 11 de dezembro de 1927, demonstrando profundo interesse pelo que ela havia escrito. Ele percebe que Lou Andreas-Salomé não pretendia defender a crença em Deus e indica que sua intenção em *O futuro de uma ilusão* não era tanto dirigida contra essa crença, mas contra os desdobramentos dela numa visão de mundo. Por fim, Freud afirma que não é contrário a todas as ilusões, mas que considera a religião como uma ilusão particularmente nociva e intrinsecamente contrária à razão.

> Tudo o que você escreveu me interessou muito. Você está sempre pronta a acrescentar profundidade e a ligar as coisas. Fico feliz se consegui isolar alguma coisa [...] Você tampouco quer vir em auxílio do Todo-Poderoso. A minha ira não era tanto dirigida contra ele mas contra a graciosa Providência e a ordem moral do mundo pela qual certamente ele é responsável. Tampouco persigo de modo algum todas as ilusões, mas por que se deveria aderir precisamente àquela que zomba tanto da razão? (FREUD apud FREUD; ANDREAS-SALOMÉ, 1975, p.224-225).

Em 19 de março de 1928, Freud escreve também a Marie Bonaparte sobre a obra, referindo-se a um comentário anterior da princesa, que havia chamado sua atenção para o fato de que muitos intelectuais eram também religiosos.

> Você está certa: corre-se o perigo de superestimar a freqüência de uma atitude irreligiosa entre intelectuais. Convenci-me disso agora, ao observar as reações ao meu "*Ilusão*". Isso provém do fato de as mais variadas bebidas serem oferecidas com o nome de "religião", com uma percentagem mínima de álcool – realmente não alcoólicas; mas ainda ficam bêbados com ela. Os antigos bebedores eram, afinal, um corpo respeitável, mas ficar bêbado com *pomerit* (suco de maçã) é realmente ridículo (FREUD apud JONES, 1989c, p.434).

Reik considera *O futuro de uma ilusão* em três partes distintas. Quanto à primeira, a introdução na qual Freud discute a noção de civilização, Reik (1956, p.54) considera como mais rica, profunda e valiosa do que a discussão relativa à religião. Sobre a segunda parte, em que Freud discute o tema da religião, Reik (1956, p.55) afirma que ele não traz nada de novo que já não houvesse sido tratado em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. O discípulo também chama a atenção para o fato de que Freud poderia ter escolhido como opositor imaginário um adversário realmente à altura, tal como um padre católico formado na lógica rigorosa de São Tomás de Aquino e de grande sensibilidade intelectual. Mas Freud escolhe um opositor, segundo Reik, que não lhe é realmente inconciliável, de modo que o desacordo entre

eles chega mesmo a se esvanecer[192], o que não teria acontecido se o opositor tivesse uma posição mais consistente, tais como aqueles que efetivamente se contrapuseram ao ensaio de Freud (REIK, 1956, p.55-56), e que ele organiza em três tipos de objeções.

Em primeiro lugar, afirmava-se que Freud exagerava o lugar da religião na sociedade da época. Reik discorda, afirmando que, inclusive, a psicanálise ainda não havia conseguido identificar bem a importância da religião no psiquismo: "Eu acredito que, até a presente data, a importância da religião na psique não foi ainda bem avaliada nem estudada pela psicanálise"[193] (REIK, 1956, p.57, tradução nossa). A razão apresentada era que Freud estaria apenas repetindo as declarações iluministas, mas Reik também discorda, considerando que nas obras dos iluministas não se encontra a argumentação tranquila e objetiva de Freud, nem uma explicação analítica das ideias religiosas.

A segunda objeção é daqueles que dizem concordar com Freud, mas chamam a atenção para o valor metafísico da religião, que exprime o Absoluto de maneira simbólica. Para Reik, "esse argumento faz retornar pela janela o que havia sido jogado fora pela porta"[194] (REIK, 1956, p.57, tradução nossa), pois considera que o absoluto transcendental é justamente a religião numa forma intelectualizada, posto que, segundo ele, as declarações sobre a transcendência não podem ser confirmadas nem refutadas.

A terceira reação admite a lógica de Freud, mas recusa atribuir ao coletivo o que foi identificado ao nível individual. Quanto a ela, Reik afirma que se trata de um pretexto para evitar fazer uma declaração que não seja equívoca, mas que leva à esterilidade intelectual: "A metodologia sempre foi o melhor pretexto científico para não fazer qualquer trabalho científico"[195] (REIK, 1956, p.58, tradução nossa).

Em relação à terceira e última parte do livro, em que Freud trata do futuro da religião e da educação para a realidade, Reik concorda que a religião pode desaparecer, mas questiona a possibilidade de que os homens possam viver sem ilusões: "A ilusão da religião vai desaparecer, mas uma outra ocupará seu lugar"[196] (REIK, 1956, p.62, tradução nossa). Reik se sente inclinado a considerar a última parte do ensaio como uma "profissão de fé" [*profession de foi*]

---

[192] Como veremos, parece-nos que podemos afirmar o mesmo em relação ao modo como Pfister encarava Freud, que se refletirá também em sua conclusão em *A ilusão de um futuro*.

[193] No original: "*Je crois que, jusqu'à ce jour, l'importance de la religion dans la psychè n'a pas encore été bien évaluée ni étudiée par la psychanalyse*".

[194] No original: "*Cet argument ramène par la fenêtre ce qui avait été jeté par la porte*".

[195] No original: "*La méthodologie a toujours été le meilleur pretexte scientifique pour ne pas faire de travail scientifique du tout*".

[196] No original: "*L'illusion de la religion va s'évanouir, mais une autre prendra sa place*".

(REIK, 1956, p.65) de Freud, cuja descrição repousa sobre "fatores subjetivos" [*facteurs subjectives*] (REIK, 1956, p.65).

Por fim, Reik afirma que sua discussão crítica foi apresentada numa intervenção em dezembro de 1927, no costumeiro encontro de quarta-feira na casa de Freud. Este se declarou de acordo sobre o ponto de vista da metodologia como subterfúgio para não realizar um trabalho científico, mas expressou maior confiança do que Reik nas faculdades críticas do homem. Ao longo da discussão, Freud também admitiu a existência de "ilusões úteis porque fazem avançar a civilização"[197] (REIK, 1956, p.67, tradução nossa).

De certa forma, a reação crítica ao ensaio *O futuro de uma ilusão* era inevitável. Jones indica que o livro de Freud desencadeou muitas controvérsias desde sua publicação (JONES, 1989c, p.147), organizando outros três grupos de críticas principais.

> A primeira [crítica] foi a de que ele [Freud] não tinha o direito de se intrometer em um campo de pensamento que não era o seu [...] Para além dela, está a asserção de que a ciência em geral nada tem a ver com a religião, possuindo as duas fontes de conhecimento inteiramente diferentes. A psicologia, em particular, deveria manter as mãos longe da religião – alegação sempre contraditada desde William James[198] - e isto a despeito do inegável fato de que as crenças, emoções e atitudes religiosas são parte da mente do homem (JONES, 1989c, p.355).

Tal crítica não consiste efetivamente numa refutação, pois se baseia num reducionismo espiritualista, isto é, na crença de que a religião está isenta da investigação científica[199].

> A segunda crítica dizia que Freud se limitava às crenças do homem comum e ignorava os tipos mais raros e mais profundos de emoção religiosa experimentada por místicos e santos. O próprio Freud admitiu essa lacuna; justificou-a, dizendo que estava preocupado basicamente com o que a religião significava para a humanidade em geral[200] (JONES, 1989c, p.355).

---

[197] No original: "*Illusions utiles parce qu'elles faisaient avancer la civilization*".

[198] O autor muito provavelmente se refere especificamente à obra *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*, da autoria de William James (1902[1991]), que se tornou um clássico no campo da psicologia da religião.

[199] Lacan tratará dessa questão em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, onde afirmará: "Não basta que certos temas sejam usuais apenas para gente que crê crer – afinal, que sabemos disso? – para que esse âmbito lhes permaneça reservado" (LACAN, 1959-1960[2008], p.206). Para ele, as doutrinas religiosas e a história das heresias também são objeto de investigação da psicanálise: "[...] pertencem a nosso exame e até mesmo requerem, em seu registro próprio e em seu modo de expressão, toda a nossa atenção" (LACAN, 1959-1960[2008], p.206).

[200] Entretanto, Jones considera que Freud viria a preencher tal lacuna: "Mas em uma publicação posterior, *Moisés e o monoteísmo*, [Freud] remediou essa omissão, examinando a questão de como é que a emoção religiosa atinge maior sublimidade, profundidade e majestade que qualquer outra emoção humana. Explicou isso mostrando que representa uma reemergência do inconsciente, caracterizado justamente por esses extremos de sentimento que são inacessíveis, exceto em transformação religiosa" (JONES, 1989c, p.355).

Em grande medida, Freud (1929/1930[2006]) trataria desta segunda crítica ao escrever sobre o sentimento oceânico no primeiro capítulo de *O mal-estar na cultura*, como veremos. Quanto à terceira crítica, Freud já havia tratado dela antes que tivesse sido formulada, como vimos na abertura da quarta seção de *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1912-1913[2006], p.109).

> A terceira crítica era a de que Freud supostamente afirmava que a religião não tinha outras fontes a não ser as que emanavam da infância, para as quais havia chamado atenção [...] Há aqui uma certa má compreensão. Freud, naturalmente, não tinha condições, como ninguém mais, de afirmar que as crenças religiosas não têm correspondência com qualquer realidade sobrenatural. Por mais que uma crença em um Deus possa ser influenciada pela atitude da criança em relação ao pai, também é possível ainda ocorrer que exista um Deus. Tudo o que ele afirmou foi que tais crenças podiam ser plenamente explicadas pelos fatores psicológicos e históricos que investigara, de modo que pessoalmente não podia ver razão para acrescentar-lhes um fator externo sobrenatural (JONES, 1989c, p.355-356).

A confusão dos críticos em relação ao que Freud efetivamente articulara em seu texto era tamanha que Jones escreveu: "Será possível fazer uma coleção das curiosas afirmações errôneas que encontramos nas resenhas dos textos de Freud sobre religião" (JONES, 1989c, p.356). Dentre as considerações mais destoantes do texto de Freud, destacamos, por exemplo, a sugestão de que o superego seria uma introjeção de Deus (JONES, 1989c, p.356).

Assim, Jones relata que, surpreendentemente, um dos poucos autores que refletiram seriamente sobre a argumentação de Freud foi um clérigo, o Reverendo Lee, vigário da Igreja da Universidade de Oxford, que demonstrou haver compreendido o argumento de Freud e até mesmo concordado com ele, mas manteve sua fé, acreditando que Jesus ressuscitou dos mortos e confirmou o anseio do coração humano pela vida eterna.

> [O Reverendo Lee] Recebia favoravelmente a opinião de que o comportamento religioso (e muitas crenças) é um derivativo das pulsões mais primitivas, principalmente a sexual, e que os desejos são a fonte real da crença em Deus e em uma vida depois da morte, embora sustentasse que a ressurreição de Cristo era uma confirmação desta última (JONES, 1989c, p.356).

Nos Estados Unidos, também o rabino Nathan Krass reagiu ao livro de Freud, discursando no Templo Emanu-El na *Fifth Avenue* em Nova York: "Neste país, crescemos acostumados a ouvir homens e mulheres falarem sobre todos os tópicos, porque fizeram algo notável num determinado campo" (KRASS apud GAY, 2012, p.539). Thomas Edison foi chamado a expressar suas "opiniões teológicas" (KRASS apud GAY, 2012, p.539) apenas pelo fato de que "conhece a eletricidade" (KRASS apud GAY, 2012, p.539). Da mesma forma, continua ele: "Todos admiram Freud, o psicanalista, mas não há razões por que devamos

respeitar sua teologia" (KRASS apud GAY, 2012, p.540). Agindo assim, o rabino considerou a crítica de Freud impertinente, pelo fato de que desconhecia o campo da religião, de modo que, como indicou Peter Gay, o líder judeu em sua crítica do texto freudiano "optou pela linha condescendente do especialista que põe o amador em seu devido lugar" (GAY, 2012, p.539).

No final de dezembro de 1927, *O futuro de uma ilusão* apareceu no *New York Times*, numa notícia um tanto quanto sensacionalista: "RELIGIÃO CONDENADA/ FREUD AFIRMA/ Diz que está num ponto em que deve ceder perante a ciência/ SEUS ADEPTOS CONTRARIADOS/ Novo livro do mestre da psicanálise deplorado pela dissensão que se espera que cause" (NEW YORK TIMES apud GAY, 2012, p.538). No mês seguinte, janeiro de 1928, Edward Petrikowitsch, um sindicalista e socialista europeu que emigrara para os Estados Unidos e que admirava o que considerava como a luta de Freud contra a religião, enviou a este uma reedição dessa notícia. Freud lhe respondeu com uma mescla de cortesia e irritação: "posso me permitir indagar por que o senhor ainda acredita em qualquer coisa que lê num jornal americano" (FREUD apud GAY, 2012, p.538), pois a notícia, afirmou ele, "atribui a mim pronunciamentos que nunca fiz" (FREUD apud GAY, 2012, p.538)[201]. De fato, o artigo "exagerava consideravelmente o alvoroço que estava sendo provocado por *O futuro de uma ilusão*" (GAY, 2012, p.538). Apesar disso, suas afirmações não eram inteiramente injustificáveis.

Em abril de 1928, Freud disse a Eitingon que havia atraído para sim "o desagrado mais generalizado" (FREUD apud GAY, 2012, p.538), pois estava ouvindo "estrondos em minha volta, com todos os tipos de insinuações abafadas" (FREUD apud GAY, 2012, p.538). Mesmo com os erros e distorções, o repórter nova-iorquino havia captado parte da atmosfera de tensão que pairava sobre o movimento psicanalítico após a publicação do livro de Freud: "O livro não tinha dividido seriamente seus discípulos, mas deixara alguns nervosos; afinal, a religião continuava a ser um tema extremamente delicado" (GAY, 2012, p.538-539).

Em junho daquele mesmo ano, Freud escreveu a Eitingon atribuindo a pouca receptividade que tivera a apresentação de Anna Freud em Berlim ao fato de ela se basear em seu livro: "Que Anna tenha encontrado resistência foi devido a – *O futuro de uma ilusão*, no qual ela se baseou, e contra o qual, tanto como antes, há aqui uma grande dose de comoção,

[201] A respeito desta notícia de jornal, Peter Gay comenta: "A impaciência de Freud é perfeitamente compreensível. Além de tornar a mensagem de Freud tosca, ela estava repleta de erros. Referia-se a Freud como 'Sigismund', nome que havia deixado de usar havia mais de meio século. Traduzia o título da obra de Freud, num lapso divertido, como 'O futuro de uma alusão' ['The future of na allusion']. Pfister saiu como 'Pfiser', identificando-o, entre todas as pessoas, como 'líder da Igreja Protestante em Zurique'. E ainda descreveu a revista psicanalítica *Imago*, onde, informou a notícia aos leitores do *Times*, Pfister estava prestes a responder a Freud, como uma 'revista da Igreja'" (GAY, 2012, p.538).

mesmo que as pessoas não queiram deixar isso claro para si mesmas" (FREUD apud GAY, 2012, p.539).

A publicação também foi utilizada pelos antissemitas acadêmicos para desferirem ataques à psicanálise. Carl Christian Clemen, que era professor de etnologia na Universidade de Bonn, referiu-se à psicanálise como possuindo a tendência de descobrir sexo por toda parte, e acrescentou: "Isso poderia se explicar pelos círculos específicos de onde procedem majoritariamente seus defensores e talvez também os pacientes tratados" (CLEMEN apud GAY, 2012, p.540). Também Emil Abderhalden, biólogo e químico, ilustre professor alemão, considerou um atrevimento o fato de que um judeu desautorizadamente pretendesse "oferecer um julgamento sobre a fé cristã" (ABDERHALDEN apud GAY, 2012, p.540). Frente a esses insultos, Freud reagia com desprezo, limitando-se a lamentar o que considerava o seu próprio enfraquecimento intelectual: "mais do que nunca convencido de que seus textos ficavam aquém dos critérios que havia imposto a si mesmo entristecia-se em pensar que não era mais o Freud de uma década antes" (GAY, 2012, p.540).

O debate sobre a ilusão com o pastor Pfister, contudo, se revelaria bem mais interessante do que as primeiras críticas a *O futuro de uma ilusão*.

3.3 **Uma controvérsia amigável**

Após a leitura de *O futuro de uma ilusão*, Pfister escreve a Freud contando suas impressões sobre o livro numa carta de 24 de novembro de 1927. O ensaio não lhe surpreendera, pois conhecia bem a posição de Freud contrária à religião. O pastor suíço enfatiza o valor que tem para ele tanto a psicanálise quanto a sua amizade com Freud, que em nada é diminuído pelo fato de adotar uma atitude diferente em relação à religião.

> Que o senhor goste um pouquinho de mim me alegra sobremaneira e quase me deixa um pouco orgulhoso. No que concerne à minha posição frente ao seu ensaio, provavelmente fiz uma previsão correta. Se algo me surpreendeu, foi o fato de que fui tão pouco surpreendido. O senhor tem o direito de pedir de mim toda a franqueza, e sabe também que minhas ressalvas contra sua rejeição da religião não comprometem nem de forma mínima minha posição em relação ao senhor, nem minha alegria com a psicanálise. Sempre enfatizei que a psicanálise constitui a parte mais fecunda da psicologia, porém nunca a totalidade do conhecimento sobre o anímico, muito menos engloba uma visão de vida e de mundo. Seguramente o senhor é da mesma opinião (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.147-148).

Para Pfister, o fato de que a teoria psicanalítica seja sempre parcial e, portanto, não comporte respostas definitivas, possibilita que cada um assuma sua posição pessoal no que diz respeito à religião. Em seguida, sugere que as divergências entre ele e Freud estão de certa maneira atreladas às suas discordâncias também nos campos da filosofia, da arte e da moral[202]. Ao contrário de Freud, que concordava com os postulados do materialismo e do empirismo, Pfister considerava que essas escolas de pensamento se baseavam em ficções e enganos que não se sustentavam sem a pressuposição de uma realidade sobrenatural que servisse de fundamento à experiência empírica. Assim, Pfister chama a atenção para o fato de que adotava uma posição diferente de Freud no campo da filosofia da ciência, que de certo modo era análoga à sua divergência quanto à religião.

> Sobre religião, então, não posso discutir muito bem com o senhor, porque o senhor rejeita a filosofia, julga a arte diferentemente de mim e considera a moral como algo evidente. Nestes casos eu penso completamente de outro modo. Compreendo muito melhor um célebre naturalista como Driesch, que, após longas e extremamente exitosas pesquisas experimentais, passa à filosofia, do que alguém que se detém no que é dado. De qualquer modo, a experiência "pura" é a meus olhos uma ficção, e quando revisamos a história das ciências vemos como a realidade contida na nossa assim chamada experiência é dúbia. E também essa mistura de ilusão e verdade a que chamamos de "experiência", nós só a obtemos com a ajuda de pressuposições transempíricas. Conceitos como causa, atmosfera, átomo etc. certamente estão saturados de contradições mais grosseiras que aqueles dos teólogos, e o senhor sabe melhor do que eu como as leis da natureza encontram-se desmanteladas na física atual. O cientista só-empírico é aos meus olhos um *nonsens*, e aquele que se detém no fato dado é comparável ao cardiologista que não se importa com o organismo todo e suas "leis", "funcionalidades" invisíveis etc. Assim, preciso situar o inconsciente dentro da totalidade da vida anímica, esta na sociedade, no cosmo e suas realidades transempíricas, e para isso necessito primeiramente de uma teoria do conhecimento. Se ainda se imiscuir o engano, o senhor, conforme seu próprio julgamento, não tem melhor sorte (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.148-149).

Pfister se refere ao fato de que o próprio Freud admite no livro que as teses que defende são repetições de críticas feitas por outros pensadores, às quais ele acrescenta um fundamento psicanalítico. Entretanto, o pastor argumenta que Freud se referiu apenas aos pensadores que corroboravam seu próprio posicionamento, ignorando outros que, embora também indicassem as mesmas contradições no pensamento religioso, procuravam defender a religião promovendo um aprofundamento das discussões e oferecendo outras soluções.

[202] Doris Rinaldi aponta que "Freud, em certa medida de forma positivista, preocupava-se em distinguir as questões de fato, passíveis de investigação científica por parte da psicanálise, das questões éticas, face às quais a psicanálise não se colocava em posição de propugnar coisa alguma [...] ele recusava a idéia de uma ética enquanto 'ordem universal', o que o afastava da filosofia moral antiga, assim como da filosofia cristã, e também da moral kantiana" (RINALDI, 1996, p.43).

> O que o senhor diz das contradições do pensamento religioso e teológico, o senhor mesmo as chama de repetição, uma repetição psicanaliticamente aprofundada de pensamentos há muito conhecidos. Porém, o que me admira é que o senhor não dê atenção às vozes daqueles defensores da religião que destacam, ao menos do mesmo modo agudo, aquelas contradições e as diluem em uma abordagem filosófico-religiosa mais elevada (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.149).

O pastor afirma que Freud é um herdeiro do Iluminismo. Ele próprio, contudo, embora valorizasse os avanços científicos e técnicos, não admitia que fossem suficientes para mitigar os problemas do mundo e tornar as pessoas mais felizes. Assim, considera que a própria posição de Freud, ao contrário do que este afirmara no livro, era uma ilusão: "Seu substitutivo para a religião é, na essência, o pensamento iluminista do século XVIII em nova e orgulhosa revificação"[203] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.150). Pfister questiona, entretanto, que o avanço da ciência possa garantir mais felicidade à humanidade.

> Tenho de confessar que, apesar de toda alegria pelos progressos da ciência e da técnica, não creio na suficiência e sustentabilidade desta solução para os problemas da vida. É questionável se, em suma, o avanço científico tornou os homens mais felizes e melhores. Pela estatística moral, há mais criminosos entre os letrados que no nível intelectual médio, e as esperanças depositadas na educação generalizada evidenciaram-se como ilusórias (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.150).

Pfister compara o posicionamento de Freud ao de Friedrich Nietzsche, mas aponta uma distinção fundamental, pois para o filósofo alemão a fé na ciência repousa sobre a fé metafísica da tradição filosófica grega e da tradição religiosa judaico-cristã, de modo que, abandonando

[203] Peter Gay concorda com Pfister sobre a herança iluminista de *O futuro de uma ilusão*: "Freud apossou-se de todo o programa iluminista, seus ideais e métodos, e mesmo seu estilo" (GAY, 1992, p.55). O biógrafo afirma: "Este é o ar que respira a análise da religião de Freud – o espírito crítico do Iluminismo" (GAY, 2012, p.530). Ele continua: "[...] as expressões dos predecessores de Freud, notadamente os filósofos do Iluminismo, ecoam nessas páginas. Como as convicções anticlericais e antirreligiosas deles, as de Freud também eram inexpugnáveis. [...] Ele podia tentar, com força e sinceridade, distinguir entre ilusões e delírios. Podia notar, com a mesma sinceridade, que as ilusões às vezes chegam a se converter em realidade. Mas, a prosseguir com seu exame da religião, ele se tornou polêmico, e a distinção entre ilusões e delírios foi se apagando" (GAY, 2012, p.535). O autor também afirma: "[...] quão íntima e caracteristicamente a posição racionalista de Freud se assemelha e segue o pensamento anticlerical do século XIX – o qual tinha suas raízes no Iluminismo do século XVIII" (GAY, 2012, p.536). Para o biógrafo, Freud desprezava todas as nuances que outros pensadores procuravam traçar no debate entre razão e fé, considerando todas as formas de religião como incompatíveis com o pensamento científico: "Este é o cerne do argumento de Freud: as próprias premissas da ciência são incompatíveis com as da religião. Ele desprezava todas as pontes que os historiadores modernos tentaram lançar entre ambas, todas as sutilezas tecidas pelos teólogos modernos. Elas não passavam de uma apologética – no sentido negativo do termo. 'A guerra entre ciência e religião', esse lema militante do século XVIII tão ardorosamente repetido no século XIX, continuava a representar uma verdade axiomática para Freud rumo à metade do século XX. Como disse ele mais de uma vez, em mais de um texto, a religião era, pura e simplesmente, o inimigo" (GAY, 2012, p. 536). De fato, o próprio Freud não negava seus antecessores iluministas, mas não concordaria com a afirmação de Pfister de que seu posicionamento seria uma religião substituta.

essas tradições, também a ciência perde o crédito. Assim, o pastor cita um trecho da obra nietzschiana para justificar suas considerações.

> Devem ter captado aonde quero chegar, ou seja, que sempre ainda *é* uma *fé metafísica*, sobre a qual repousa nossa fé na ciência –, que também nós, descobridores de hoje, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tomamos *nosso* fogo da fogueira acendida por uma fé de milhares de anos, aquela fé cristã que também foi a fé de Platão, de que Deus é a verdade e que a verdade é divina… Mas que será, se justamente isso se torna cada vez menos digno de crédito, se nada mais se mostra divino, a não ser o engano, a cegueira, a mentira? (NIETZSCHE apud FREUD; MENG, 2009, p.150, grifos no original).

O cura de almas afirma não compreender bem a visão que Freud tinha da vida, pois aquilo que este indica como o fim da ilusão, a única fonte de conhecimento verdadeira e o motivo para ter alegria e esperança quanto ao futuro, para o pastor lhe parece o inferno, uma vez que um mundo tão asséptico seria não apenas vazio, mas também diabólico. Assim, ele considera que, se Freud estiver certo em seu posicionamento, então foi otimista demais, pois o prognóstico é muito mais pessimista. Se fizesse parte do tratamento analítico convencer os analisandos daquela visão de mundo, ele entenderia que as pessoas preferissem continuar sofrendo com suas neuroses.

> Não compreendo bem sua visão da vida. É impossível que aquilo que o senhor rejeita como fim da ilusão, e que proclama como único conteúdo verdadeiro, seja tudo. Este mundo sem templos, belas artes, poesia, religião é aos meus olhos uma ilha diabólica, para a qual somente um satanás, não o acaso cego, poderia desterrar as pessoas. Neste caso seu pessimismo para com a humanidade inútil é muito moderado; o senhor na verdade deveria traçar com muito mais consequência a miserabilidade. Se pertencesse à cura psicanalítica o convencer os pacientes de que este mundo saqueado é o supremo conhecimento da verdade, eu compreenderia muito bem que as pobres pessoas prefeririam refugiar-se na clausura da sua doença do que se mudar para este horrível deserto de gelo (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.150).

Pfister deseja se certificar de que Freud continua respeitando sua posição divergente enquanto religioso, assim como ele próprio respeitava seu ateísmo. Para ele, a ciência criada por Freud não está relacionada às suas crenças e descrenças sobre a vida. Na sequência, o pastor pergunta a Freud se pode publicar sua discordância na *Imago*, revista dedicada às interfaces da psicanálise com a cultura. Sua principal intenção, afirma ele, é servir à causa psicanalítica, evitando que as pessoas que compartilham de crenças religiosas rejeitem a psicanálise em decorrência da posição de Freud contrária à religião.

> O senhor tem tanta tolerância para com este testemunho público quanto eu para com suas heresias, que há muito me são conhecidas? Eu considero uma sorte que o senhor tenha tido de se privar de tanto para depois criar algo tão grandioso na sua ciência (sua

> crença de vida – e descrença não têm nada que ver com ela). Mas permita-me agora acrescentar duas perguntas: O senhor consideraria como correto se eu reagisse sobre suas afirmações na Imago? Talvez eu pudesse oferecer um pouco de ajuda a muitos, que agora, após as suas colocações, correm o perigo de rejeitar toda a psicanálise, e assim servir ao movimento psicanalítico[204] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.151).

Antes de concluir a carta, Pfister faz algumas considerações acerca de sua posição enquanto religioso que exerce a cura psicanalítica de almas. Ele considera a psicanálise numa visão global de mundo, que Freud tolera como condição de seu ofício de pastor. Pfister, entretanto, não considera sua posição religiosa como um obstáculo apesar do qual ele possa exercer a análise, mas como um instrumento que favorece a cura das neuroses e, além disso, como uma consequência de uma filosofia que lhe parece mais condizente com o homem e o universo do que a materialista e positivista, e que oferece fundamentos sólidos para favorecer a saúde mental e a convivência humana em sociedade. Entretanto, caberá a cada analisando decidir o quanto necessita da ajuda religiosa para encontrar seu caminho pessoal.

> Portanto, persiste entre o senhor e mim esta grande diferença: Eu pratico a análise dentro de um plano de vida que o senhor, com bondosa consideração, tolera como *Servitut* [condição] da minha profissão, enquanto eu não considero esta visão da vida apenas como poderoso fomento para a cura (na maioria das pessoas), mas justamente como consequência de uma filosofia mais condizente com a natureza humana e o cosmos, que ultrapassa o naturalismo e o positivismo, e que é bem fundamentada em termos de higiene da alma e da sociedade. Será tarefa do paciente o quanto ele desejará trilhar o caminho adequado às suas condições sociais e individuais, e dependerá dele o quanto necessitará de ajuda para encontrar o correto para ele (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.151).

Por fim, o clérigo suíço conclui a carta fazendo uma confissão: ele a havia escrito contemplando a fotografia de Freud, que lhe parecia escutar suas considerações com a compreensão e a amizade costumeiras, às quais Pfister esperava que o intenso debate apenas contribuísse para fortalecer: "Bem, agora uma longa carta está terminada. Durante a redação eu segurei seu retrato diante de mim, que escuta minhas opiniões de modo compreensivo e amigável. Espero que este debate tenha somente fortalecido nossas relações. Não é verdade?" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.151).

Freud responde a essa carta, recheada de considerações, apenas dois dias depois, em 26 de novembro de 1927. Também ele não se surpreendeu com as críticas do pastor, pois já esperava que Pfister discordasse do conteúdo de seu livro. Para o pai da psicanálise, entretanto,

---

[204] Ao explorar os meandros da correspondência entre Freud e Pfister, Domínguez reitera que a intenção de Pfister ao publicar *A ilusão de um futuro*, conforme ele próprio escreve nessa carta, era "evitar que o público identifique a posição pessoal de Freud em matéria de religião com a psicanálise enquanto tal, e de tal modo que isso resulte em dano para o movimento psicanalítico" (DOMÍNGUEZ, 2008, p.152).

as críticas não eram bem fundamentadas, mas apenas davam expressão a moções de desejo, na medida em que, para ele, o principal argumento do discípulo era que seria impossível a ele e à humanidade em geral aceitar a aridez da vida após a superação da religião pela ciência, tal como Freud havia defendido em seu livro. Segundo Freud, portanto, Pfister apenas estava se recusando a viver num mundo tão sem brilho porque não queria admitir que uma visão de mundo exclusivamente científica era a opção mais racional, embora fosse desagradável para o princípio de prazer. Freud acrescenta também que as limitações de sua posição não implicavam num fortalecimento da concepção religiosa de mundo.

> Sim, as surpresas estavam excluídas; o senhor estava preparado para o conteúdo do meu texto e eu para suas opiniões em contrário. Eu poderia estar tentado a chamar sua atenção para o fato de que o senhor trabalha com o argumento: isto tem de estar errado, porque seria muito desagradável, e de que as dificuldades da minha posição não significam nenhum fortalecimento da sua. Mas isto não seria a continuação da discussão, apenas uma repetição, pois já está no livrete[205]; por isso, passemos às suas duas perguntas, importantes para a prática (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.152).

Como Freud já havia expressado esses pontos de vista no livro, não se detém nelas e afirma que estava de acordo que Pfister publicasse sua divergência numa revista psicanalítica: "Tanto quanto sei, já decidimos a respeito de uma delas. Faço questão de que o senhor publique uma crítica – na Imago, se quiser – e espero que nesta o senhor ressalte expressamente a nossa límpida amizade mútua e sua adesão inabalável à análise" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.152).

Em seguida, Freud acrescenta que as opiniões sobre a religião que expressou em *O futuro de uma ilusão* não fazem parte do edifício teórico da psicanálise, mas expressam sua posição pessoal. Por um lado, eram compartilhadas não apenas por muitos intelectuais anteriores à criação da psicanálise, mas também por intelectuais contemporâneos que desconheciam a psicanálise e sustentavam as mesmas opiniões unicamente em consequência de sua relação com a ciência; por outro lado, não eram compartilhadas por muitos psicanalistas, que embora aderissem à psicanálise, discordavam dessa posição de Freud, fossem eles religiosos (como era o caso do próprio Pfister) ou ateus (como era o caso de Reik). Na verdade, ele utilizara apenas um argumento psicanalítico[206]. A psicanálise, desta forma, era uma

[205] O fato de que Freud tenha repetido numa carta a Pfister o mesmo comentário que fizera em resposta ao seu interlocutor imaginário no livro *O futuro de uma ilusão* reforça a hipótese de que os argumentos deste tenham sido inspirados no pastor suíço.

[206] A partir do exame da obra, concluímos que Freud se refere ao argumento derivado da noção de ilusão como desencadeada pela nostalgia do pai que protege do desamparo através do amor.

metodologia imparcial, que poderia ser utilizada também para sustentar o ponto de vista contrário, o que também já havia sido dito no livro. Por fim, Freud conclui, se alguém considerar que a psicanálise necessariamente acaba por afastar as pessoas da fé religiosa, seria possível retrucar que ela não o faz mais do que qualquer outra ciência.

> Retenhamos como dado que as opiniões do meu texto não são nenhum componente do edifício da teoria analítica. É minha posição pessoal, que coincide com a de muitos não-analistas e pré-analistas, e certamente também não é partilhada por muitos fiéis analistas. Se usei certos argumentos da análise, na verdade usei apenas um, isto não precisa impedir ninguém de utilizar a metodologia imparcial da análise também para o ponto de vista contrário. Também isto já está dito no livrete. Se alguém fosse concluir que isso não é tão fácil de fazer, e que o exercício da psicanálise necessariamente afasta da fé religiosa, seria de retrucar que qualquer ciência não o faz menos[207] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.152).

Em seguida, Freud trata das implicações clínicas da noção de ilusão, desaconselhando Pfister a responder paternalmente ao anseio de proteção paterna que o analisando dirige ao analista na transferência. Esta recusa deve ocorrer na medida em que, ao interpretar o desejo inconsciente, o analista deixa o caminho aberto para que o analisando escolha que destino dar às moções pulsionais que estavam recalcadas. Isto não significa, entretanto, que o analista deva menosprezar o anseio infantil do analisando, o que seria um grave erro técnico, mas apenas que o analista não sabe o que é melhor para ele e, portanto, não pode interferir nas suas escolhas, mesmo no ofício de cura de almas, cabendo a cada um decidir se irá sublimar seu desejo de proteção através da religião ou por outros caminhos.

> O outro tema, a influência sobre a terapia analítica através da concessão ou recusa de uma satisfação ilusória dos sentimentos, está colocada severamente de lado, pois por mais bondosamente que o analista se comporte, ele obviamente não pode encarregar-se de substituir a Deus e à providência para o analisando. Quando seu confidente se queixa da árida devolução de seu anseio à relação pai-filho, ele não tem razão no principal. Temos de o desafiar a suportar este esclarecimento; o analista não pode satisfazer o anseio em si, ele tem de deixá-lo para o analisando, se este o supera após o esclarecimento, saciando-o de forma religiosa ou diferentemente sublimada. Naturalmente, o analista pode cometer um grave erro técnico, quando suscita a impressão de que menospreza este anseio sentimental, ou infantilismo, para o que apenas poucos estão preparados (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.153).

---

[207] Na opinião de Peter Gay, Freud estaria apenas querendo ser cordial com o amigo pastor: "[...] era sua forma de poupar os sentimentos de um velho colega de confiança, com quem vinha mantendo uma rixa cordial sobre teologia havia duas décadas. A concepção do homem implícita, e muitas vezes explícita, em *O futuro de uma ilusão* é sustentada pelo corpo do pensamento de Freud; suas conclusões podiam não ser originais, mas suas formas de alcançá-las eram características da psicanálise" (GAY, 2012, p.529). Contudo, diferentes indicações ao longo da obra de Freud, não apenas nas cartas trocadas com Pfister, mas também em algumas de suas principais obras sobre religião – *Totem e tabu* e *O futuro de uma ilusão* – nos permitem considerar que Freud de fato diferenciava os resultados parciais encontrados pela pesquisa psicanalítica de sua posição pessoal.

Antes de concluir suas considerações, Freud pondera a complexidade das questões que estavam discutindo, afirmando que seria interessante uma análise mais pormenorizada, que considerasse os diferentes pontos de vista, e sugerindo a Pfister explorá-las na crítica que escreveria ao seu trabalho: "Toda a questão é de alto significado e mereceria uma apreciação fria e justa para com todos os lados. Se o senhor quer empreendê-lo, em anexo à crítica da *Ilusão*, não quero influenciar" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.153).

Em 11 de janeiro de 1928, Freud escreve sobre uma discordância no movimento psicanalítico. A Sociedade Psicanalítica Suíça, da qual Pfister fazia parte, aceitava também analistas não-médicos, ao contrário de outras sociedades. Freud afirma que isto oficialmente não lhe diz respeito, mas expressa sua opinião: "O conselho decidirá se duas sociedades suíças são possíveis no âmbito da nossa organização. Eu opto por aquela na qual trabalham Pfister, Sarasin e Zulliger" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.154). Freud conclui afirmando que a crítica de Pfister a *O futuro de uma ilusão* era ansiosamente aguardada: "Sua crítica na Imago está sendo aguardada com excitação. Em tempos difíceis deve-se evidenciar o verdadeiro espírito de união das pessoas" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.154).

Uma semana depois, em 18 de janeiro de 1928, Freud escreve outra carta, na qual afirma discordar tanto da subestimação da psicanálise enquanto método de tratamento psíquico quanto da superestimação, indicando que ela tem possibilidades e limites. A isto Freud acrescenta que, apesar dos sucessos terapêuticos na análise de indivíduos, a inserção da psicanálise na cultura lhe parecia mais importante. De fato, no último período de sua obra, ele se dedicará prioritariamente à abordagem psicanalítica da cultura.

> Tanto combati a subestimação da nossa terapia como a superestimação. Tenho afirmado que os sucessos psicanalíticos não precisam esconder-se diante da medicina interna, que a análise proporciona tudo o que se pode exigir de uma terapia *hoje*. Por outro lado, que precisamos estar preparados para reconhecer seus limites. Sua principal deficiência está em que as quantidades de energia que mobilizamos pela análise nem sempre são da ordem de grandeza dos fatores que lutam entre si no conflito neurótico [...] considero mais importante o significado científico da análise do que o médico, e na terapia considero mais eficaz sua influência na massa pelo esclarecimento e desmascaramento de enganos do que no restabelecimento de pessoas isoladas (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.155-156, grifo no original)

Em 17 de fevereiro de 1928, Freud se refere ao memorando de H., presidente do grupo suíço, comentando sua justificativa para abandonar a Associação Psicanalítica Internacional. Freud considera incompreensível esse ato, mas lamenta que grande parte da insatisfação advenha do otimismo terapêutico de Pfister. Quanto a esse ponto, Freud estava ao lado de H.

> [...] fiquei triste ao saber que a insatisfação crítica para com as práticas analíticas e o otimismo terapêutico do senhor têm grande participação na causa da sua saída. Entristeceu-me porque na maioria destes pontos eu estou do lado dele e, apesar de toda a simpatia para com sua pessoa, e de todo o apreço pela sua atuação, também não posso aprovar suas entusiásticas análises breves e sua facilidade em aceitar novos membros e adeptos. De preferência eu não optaria entre os dois, conservaria ambos com suas branduras e asperezas e desejaria que se suportassem e facilitassem as coisas mutuamente. Deixe-me ter a esperança de que este desejo não é inatingível, e de que o senhor achará o caminho para realizá-lo (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.156-157).

Em 20 de fevereiro de 1928, Pfister envia o manuscrito da "amigável controvérsia" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.157), que afirma ter escrito com grande satisfação e contentamento. Ele não considera que o artigo possa modificar a posição de Freud, assim como o artigo deste não modificou a sua, mas acredita existirem entre os dois consideráveis pontos de aproximação, apesar das claras divergências.

> Eu o fiz com grande alegria, porque luto por uma amada causa com um amado adversário. Não há grande perigo de o senhor candidatar-se ao batismo nem tampouco de eu me jogar do púlpito. Mas existem alguns bem importantes pontos de aproximação, e quando pondero que o senhor é bem melhor e mais profundo que o seu ateísmo, e eu bem pior e mais superficial que minha fé, então o abismo entre nós não poderia escancarar-se de modo tão arrepiante (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p. 157).

Novamente Pfister relata ter escrito suas opiniões mirando o rosto de Freud numa fotografia. Ele espera que o criador da psicanálise olhe benevolentemente para o seu trabalho e que até mesmo se alegre um pouco com ele. Apesar disso, deixa claro que continua aberto a críticas e que gostaria que Freud lhe avisasse caso algo lhe parecesse inadequado.

> Durante meu trabalho, eu via o seu retrato sorrindo tolerantemente para mim, mas mesmo assim senti-me alegremente animado[208]. Espero que o senhor não leve a mal minha controvérsia; sim, até espero que, apesar da minha amigável polêmica, o senhor tenha um pouquinho de alegria nela. Envio-lhe meu manuscrito, a fim de que o senhor tenha oportunidade de me dizer se algo lhe parece inapropriado para publicação, ou se acha que sou injusto com o senhor em algum ponto (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.157-158).

O pastor sugere que a divergência com Freud é correlata à experiência pessoal de cada um com a religião. Para Pfister, Freud havia crescido em contato com vertentes religiosas estreitas e dogmáticas, que considerava como se fossem as únicas, enquanto Pfister havia experimentado vertentes religiosas muito distintas, que o faziam sentir-se livre.

[208] Essa construção frasal não deixa de ser notavelmente curiosa e provocar a suspeita de uma distorção, pois parece haver uma contradição na afirmação de Pfister de que, embora Freud lhe parecesse sorrir para ele tolerantemente, mesmo assim ele se sentia alegre e animado.

> A principal diferença entre nós reside provavelmente em que o senhor cresceu perto de formas patológicas de religião, as quais considera como "a religião", enquanto eu tive a sorte de poder dirigir-me a uma forma livre de religião. Ao senhor, esta religião parece ser um esvaziamento do cristianismo, mas, para mim, é o centro e a substância do evangelismo (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.158).

Comecemos, então, a explorar o conteúdo da controvérsia amigável de Pfister.

3.4 **A ilusão de um futuro**

Publicado originalmente no volume XIV da Revista *Imago*, em 1928, o ensaio de Pfister intitula-se *A ilusão de um futuro: um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud*. O texto se inicia com uma carta aberta a Freud, na qual o pastor agradece a oportunidade de tornar pública sua crítica[209].

> Com a amabilidade com que me acostumou nestes dezenove anos de trabalho conjunto, o senhor declarou que seria desejável que eu apresentasse ao público meus argumentos contra seu livreto *O futuro de uma ilusão*, e com uma liberalidade que é natural para sua forma de pensar, colocou à minha disposição para esta finalidade um dos periódicos editados pelo senhor. Agradeço-lhe afetuosamente por esta nova prova de amizade, que não me surpreendeu de modo algum (PFISTER, 1928[2003], p.17-18).

Tal como fizera na correspondência, Pfister afirma que não se surpreendeu com o ensaio freudiano. Ele se recorda de quando, nas conversas pessoais, nenhum dos dois conseguia convencer o outro de seus próprios pontos de vista. Para o pastor, ao contrário do diagnóstico de Freud, a psicanálise não nega a religião, mas a amadurece.

> Desde o princípio o senhor não fez nenhum segredo a mim e a todo mundo acerca da sua decidida incredulidade, de modo que sua profecia atual de um futuro sem religião não traz nenhuma novidade. E o senhor há de sorrir diante do fato de que considero o método psicanalítico criado pelo senhor um meio grandioso para depurar e desenvolver a religião, assim como o senhor sorriu no tempo da carestia, quando

[209] Peter Gay afirmou que este ensaio foi a crítica mais civilizada, ponderada e amistosa das reações a *O futuro de uma ilusão*: "Inevitavelmente, a análise da religião feita por Freud – seus críticos a qualificaram de ataque – gerou réplicas e contestações. A mais civilizada, como se poderia esperar, foi talvez a resposta de Pfister, 'A ilusão de um futuro', publicada na *Imago*. Era cortês, ponderada e muito amistosa [...] Freud simplesmente não fez nenhuma objeção ao artigo, que considerou uma 'réplica gentil'. [...] A maior parte das reações ao livreto de Freud não foram de forma alguma tão polidas" (GAY, 2012, p.539). Elisabeth Roudinesco, por sua vez, considera as trocas entre Freud e Pfister como um "luminoso diálogo" (ROUDINESCO, 2016, p.373) e *A ilusão de um futuro* como um "brilhante ensaio" (GAY, 2012, p.539), no qual Pfister, "com razão, afirmava que a verdadeira fé era uma proteção contra a neurose e que a própria posição de Freud era uma ilusão" (GAY, 2012, p.539). Freud desconhecia a "significação das experiências místicas" (GAY, 2012, p.539) enquanto "modo de conhecimento dos mistérios de Deus e da fé" (GAY, 2012, p.539). Assim, para a historiadora da psicanálise, *O futuro de uma ilusão* era "um livro claudicante e Freud sabia disso" (GAY, 2012, p.539).

> caminhávamos em meio as nevadas pelas trilhas de Beethoven nos altos de Viena e mais uma vez não conseguíamos convencer um ao outro neste ponto, como já em anos anteriores, por mais prontamente que em outras ocasiões eu sentasse a seus pés, repleto dos tesouros e bênçãos de sua riqueza de espírito (PFISTER, 1928[2003], p.18).

Pfister reconhece a honestidade de Freud ao publicar seu ponto de vista e, mais uma vez, afirma sua convicção de que o pai da psicanálise sem saber colabora com a religião.

> Seu livro significou para o senhor uma necessidade íntima, um ato de honestidade e de coragem confessional. A titânica obra da sua vida teria sido impossível sem destroçar as imagens de ídolos, mesmo que estivessem situadas em universidades ou átrios de igrejas. Cada pessoa que desfruta da felicidade de estar próxima do senhor sabe que pessoalmente o senhor serve à ciência com veneração e fervor, pelo que seu gabinete é elevado a templo. Dito francamente: tenho a firme suspeita de que o senhor combate a religião – a partir da religião (PFISTER, 1928[2003], p.18).

O pastor não compreende por que tantos religiosos reagiram de forma tão veemente contra o livro de Freud, a quem considera como um fiel servo de Deus, que possibilitou a incontáveis pessoas a libertação de seus sofrimentos.

> Ainda mais do ponto de vista da fé, não vejo nenhum motivo para concordar com a gritaria de alguns vigilantes de Sião. Afinal, quem lutou de modo tão gigantesco pela verdade e brigou tão heroicamente pela redenção do amor, este é, quer queira sê-lo ou não, segundo os parâmetros do evangelho, um fiel servo de Deus. E não está longe do reino de Deus quem, pela criação da psicanálise, elaborou o instrumento pelo qual são serradas as cadeias das almas sofredoras e são abertas as portas do cárcere. Desse modo podem correr à terra ensolarada de uma fé vivificante (PFISTER, 1928[2003], p.18).

Na sequência, o cura de almas psicanalista se refere a uma parábola de Jesus para justificar por que insiste em se referir a Freud como um servo de Deus.

> Jesus conta uma bela parábola de dois filhos, dos quais um, prometendo obedientemente ir à vinha do pai, não mantém a palavra, e o outro, rejeitando obstinadamente a ordem arbitrária do pai, ainda assim cumpre o mandamento (Mt 21,28ss)[210]. O senhor sabe com quanta alegria o fundador da religião cristã prefere o último (PFISTER, 1928[2003], p.18).

Assim, Pfister interroga se Freud se aborrece pelo fato de que o considere tão caracteristicamente mais próximo de Deus do que muitos religiosos que nunca se apaixonaram pela verdade e pelo amor à humanidade.

---

[210] A história contada por Jesus é a seguinte: "'Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse: 'Filho, vai trabalhar hoje na vinha'. Ele respondeu: 'Não quero'; mas depois, pego pelo remorso, foi. Dirigindo-se ao segundo, disse a mesma coisa. Este respondeu: 'Eu irei, senhor'; mas não foi. Qual dos dois realizou a vontade do pai?' Responderam-lhe: 'O primeiro'. Então Jesus lhes disse: 'Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino de Deus'" (BÍBLIA, 2010, p.1742).

> O senhor guardará rancor de mim pelo fato de que, apesar de sua pretensa descrença, eu o veja figuradamente mais próximo do trono de Deus – o senhor, que colheu tão maravilhosos raios da luz eterna e se desgastou na luta pela verdade e pelo amor aos homens – do que a muito clérigo murmurador de orações e realizador de cerimônias, cujo coração nunca ardeu pelo conhecimento e bem-estar humano? E, como para os cristãos orientados no evangelho tudo o que importa é fazer a vontade divina e não o dizer "Senhor, Senhor"[211], compreende o senhor que também eu queira invejá-lo? (PFISTER, 1928[2003], p.18-19).

Após tantos elogios, Pfister não hesita em manifestar suas discordâncias. Reconhece com humildade sua capacidade intelectual inferior, mas também sua alegria em defender seu próprio ponto de vista. Assim, anuncia sua intenção de favorecer que os religiosos não se afastem da psicanálise em consequência da crítica freudiana da religião.

> Não obstante, volto-me com toda a determinação contra sua apreciação da religião. Faço-o com a modéstia conveniente ao inferior, mas também com o contentamento com que se defende uma causa santa e amada, e com o rigor da verdade, que foi fomentado por sua austera escola. Contudo, faço-o também na esperança de que alguns, que ficaram refratários à psicanálise com a rejeição da fé religiosa pelo senhor, voltem a contrair amizade com essa ciência, como método e síntese de reconhecimentos empíricos (PFISTER, 1928[2003], p.19).

Procedendo desta forma, Pfister acredita atuar a favor de Freud e do movimento psicanalítico, deixando para que outros julguem qual dos dois se aproximou mais da verdade.

> Por conseqüência, não viso a escrever contra, mas a favor do Senhor, pois quem vai para as barricadas em favor da psicanálise luta pelo senhor. Entretanto luto igualmente a seu lado; pois não há nada mais firme em seu coração, como no meu, do que derrotar a ilusão através da verdade. Um tribunal superior decidirá se o senhor com seu *O futuro de uma ilusão*, ou eu com *A ilusão de um futuro* chegamos mais perto do ideal. Nós dois não nos cingimos com o manto de profeta, mas nos contentamos com o papel mais humilde do meteorologista; embora também meteorologistas possam se enganar (PFISTER, 1928[2003], p.19).

Após essa carta aberta, Pfister inicia seu artigo com o tópico intitulado "A crítica de Freud à religião", onde insere um subitem para tratar daquilo que considera "As acusações" de Freud à religião. O pastor começa chamando a atenção para a "maneira diferente da usual" (PFISTER, 1928[2003], p.19) pela qual Freud define o conceito de ilusão, pois considera que esta não é necessariamente um erro. Portanto, Freud faz um uso diferente do "uso corriqueiro" (PFISTER, 1928[2003], p.19), que carrega "conotações do engano e da invalidade" (PFISTER,

[211] Pfister parece fazer referência a uma passagem do Evangelho de Mateus 7, 21-23, na qual Jesus diferencia os falsos profetas dos verdadeiros discípulos: "Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não foi *em teu nome que profetizamos* e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?' Então eu lhes declararei: 'Nunca vos conheci. *Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade*'" (BÍBLIA, 2010, p.1715, grifos no original).

1928[2003], p.19). Assim, Pfister conclui: “De acordo com isto poderíamos contar com a possibilidade de que ainda é concedida validade à religião” (PFISTER, 1928[2003], p.20). Para argumentar sua consideração, Pfister se refere ao exemplo de Freud sobre Colombo, pois ainda que o descobridor das Américas não tenha chegado à Índia, outros o fizeram no caminho aberto por ele. Sendo assim, o pastor afirma: “O genovês igualmente evoca que na ilusão pode estar investido muito raciocínio realista excelente” (PFISTER, 1928[2003], p.20). Pfister acrescenta: “Desde já chamo a atenção para o íntimo entrelaçamento do pensamento de desejo e do pensamento realista” (PFISTER, 1928[2003], p.20). Para ele, a ilusão pode coexistir com pensamentos adaptados à realidade, sem prejuízo desta.

Entretanto, não dura muito tempo “a esperança de que Freud tenha deixado valer para a religião um altar” (PFISTER, 1928[2003], p.20), pois o pai da psicanálise a compara a uma neurose infantil, e o psicólogo otimista acredita que a fase neurótica da humanidade possa ser superada, embora não haja garantias disto. Pfister resume a concepções de Freud: “A neurose representada pela religião é descrita com mais precisão como a ‘neurose obsessiva universal da humanidade’ e, assim como a da criança vem do complexo de Édipo, esta deriva da relação com o pai” (PFISTER, 1928[2003], p.19). Freud também compara a religião à confusão alucinatória e a considera um mecanismo de proteção cultural. Assim, o pastor afirma que irá explorar cada uma dessas abordagens: “Analisemos mais de perto estas acusações” (PFISTER, 1928[2003], p.21).

O próximo subtópico é denominado “A religião como neurose obsessiva”. Nele, Pfister afirma que irá começar “examinando o caráter obsessivo neurótico atribuído à religião” (PFISTER, 1928[2003], p.21). A princípio ele surpreende, concordando com Freud:

> Sem dúvida Freud tem toda a razão, e com esta descoberta alcançou um grande mérito na psicologia da religião, visto que muitas expressões da vida religiosa estão imbuídas desse caráter. As obsessões são inconfundíveis em várias religiões primitivas, que ainda não conhecem nenhuma constituição eclesiástica, e também em todas as ortodoxias (PFISTER, 1928[2003], p.21).

O pastor suíço também concorda que a neurose obsessiva no campo religioso foi desencadeada a partir do recalcamento pulsional: “Do mesmo modo sabemos que esta fatalidade foi introduzida no nascedouro da religião como efeito do recalcamento das pulsões” (PFISTER, 1928[2003], p.21). Contudo, considera esse recalcamento como uma “exigência tornada necessária pelo progresso ético-biológico da humanidade” (PFISTER, 1928[2003], p.21). Assim, ele afirma que “constitui uma nefasta fatalidade de nossa espécie que o simples e o adequado, na maioria das vezes, sejam descobertos apenas ao longo do desvio das bizarrices

monstruosas" (PFISTER, 1928[2003], p.21). Para Pfister, portanto, a humanidade atravessa um processo de amadurecimento que não se restringe somente à religião, mas ocorre também na linguagem e na cultura de modo geral: "A história das línguas e das concepções morais demonstra-o tão claramente como o desenvolvimento das religiões" (PFISTER, 1928[2003], p.21).

Assim, o *Analysenpfarrer* interroga se a obsessão pertence intrinsecamente à religião ou se, ao contrário, os traços obsessivos a atrapalham, de modo que seu desmascaramento através da psicanálise seria um modo de amadurecimento da religião.

> No entanto, se esta carga de obsessões é tão difícil de negar já no primeiro estágio da religião, cabe perguntar se ela faz parte da essência. Será que esse traço neurótico coletivo não poderia ser descartado, sem prejuízo, sim, até para benefício do todo, à semelhança dos girinos, que sacrificam sua cauda para, como sapos, saltar com tanto maior agilidade pelo mundo? (PFISTER, 1928[2003], p.22).

Em seguida, Pfister pondera que o fato de encontrarmos uma renúncia pulsional na origem da religião não causa a esta nenhum demérito, pois tal renúncia é intrínseca à humanidade e a todas as suas realizações culturais.

> Renúncias às pulsões precedem a religião. Não é esse o caso em todas as culturas? Quem se exaure no nível primário não guarda energia suficiente para realizações culturais. Se imaginarmos uma existência meramente pulsional [...] não duvidaremos em nenhum momento que isto corresponde à natureza da maioria dos animais, mas não à humana (PFISTER, 1928[2003], p.22).

O pastor discorda das concepções expressas por Freud no artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas*, segundo as quais a religião se baseia no recalcamento de pulsões do eu.

> Não estou de acordo com a indicação anterior de Freud, de que o surgimento da religião tem por base a renúncia à expressão de pulsões do eu, enquanto a neurose pressupõe recalcamento exclusivamente de funções sexuais. Justamente a história da orientação edípica evidencia que a sexualidade constitui uma parte integradora das pulsões do eu e vice-versa (PFISTER, 1928[2003], p.22).

Entretanto, como o próprio Pfister indica, Freud já havia modificado tal compreensão do dualismo pulsional: "Não creio que nesse ponto atualmente haja ainda diferença entre Freud e mim, visto que agora ele apresenta a ligação negativa com o pai como o determinante principal da religião, também deixa valer as forças libidinais" (PFISTER, 1928[2003], p.23). Mas as discordâncias sobre a teoria pulsional, que foram objeto de discussão tão presente na correspondência, também aparecem no ensaio de Pfister.

> A seleção de pulsões isoladas deve ser feita apenas como abstração. Tão logo se pensa as pulsões (excluídas suas moções mais primitivas) *realmente* em separado, incorre-se em engano sobre engano. Este "ponto de vista orgânico"[212], como chamo o modo correto de apreciação, é imprescindível para a compreensão da gênese da religião (PFISTER, 1928[2003], p.22-23, grifo no original).

Na concepção do pastor suíço, embora a renúncia pulsional esteja na origem de todas as religiões, a complexidade e variedade do fenômeno religioso indicam que formas distintas de recusa pulsional se encontram na origem de cada uma.

> Creio que se deva procurar num círculo muito amplo as recusas pulsionais que conduzem à religião, como, por outro lado, também as trilhas que são seguidas na elaboração da religião apresentam uma diversidade extraordinária. Na base do culto totêmico[213] situam-se bem outros complexos de determinantes do que, p. ex., no monoteísmo ético-social dos profetas clássicos de Israel, assim como na base da crença da inércia estética e pacifista de Akhineton está algo bem diferente do que a devoção dos conquistadores espanhóis. Mas recusas pulsionais, que produzem recalcamentos mais ou menos amplo e profundos, devem logicamente contribuir em toda elaboração de religião (PFISTER, 1928[2003], p.23).

Com efeito, Pfister interroga se, apesar da renúncia pulsional em sua origem, toda religião implica necessariamente numa neurose obsessiva: "Contudo, será necessário que formações obsessivas sejam sempre inerentes à religião?" (PFISTER, 1928[2003], p.23). Sua resposta é negativa. Para ele, a religião pode, ao contrário, contribuir para a cura das obsessões: "Creio que, *pelo contrário, as mais sublimes elaborações religiosas justamente suspendem a obsessão*" (*idem*, grifo no original).

---

[212] Quanto ao ponto de vista orgânico segundo Pfister, Wondracek afirma: "O 'ponto de vista orgânico' é o paradigma utilizado por Pfister: ao processo de análise agrega o de síntese, pelo qual os dados obtidos na clínica e na pesquisa científica são inseridos numa realidade que as ultrapassa" (WONDRACEK, 2003, p.174). Também Maria Luísa Trovato Gomez, uma das pioneiras do estudo da obra de Pfister no Brasil, assinalou que o pastor psicanalista acredita numa ordem universal governada pelo amor, de modo que ao processo de análise se seguiria uma síntese mais harmônica: "A análise moral de Pfister parece, fundamentalmente, acrescentar uma nova ordenação dos fenômenos psíquicos, substituindo a eficácia do conflito entre a sexualidade e a autoconservação pela noção de um funcionamento orgânico que expressa o desígnio de realização da força vital, sob a forma de amor. A observação orgânica de Pfister, portanto, parece subordinada à suposição de uma ordem geral cósmica" (GOMEZ apud WONDRACEK, 2003, p.173). A autora afirma que, no tratamento conduzido por Pfister, "o analista obedece a um propósito moral e seu motivo final é o sentimento de amor cristão que nutre pelo analisando" (GOMEZ, 2000, p.3). Assim, parece que Pfister "não diferencia seus objetivos cristãos dos objetivos científicos e humanos de Freud" (GOMEZ, 2000, p.3), o que fazia com que frequentemente se referisse a Freud como um cristão sem o saber, e o que fez com que Freud frequentemente o interpelasse sobre este ponto de vista orgânico que pressupõe uma ordem universal: "a correspondência mostra as objeções de Freud a essa clínica moral evoluindo com o tempo desde os alertas polidos, até a irritação aberta" (GOMEZ, 2000, p.3).

[213] Infelizmente não dispomos das reações de Pfister à análise freudiana da religião empreendida em *Totem e tabu*, mas nessa referência ao culto totêmico talvez Pfister estivesse fazendo uma crítica indireta à hipótese de universalidade da análise nela desenvolvida.

Para sustentar seu posicionamento de que a religião pode ser uma cura para a neurose, Pfister se refere à conduta de Jesus nos Evangelhos: "Pensemos no cristianismo genuíno. Jesus contrapõe seu 'mandamento'[214] do amor ao nomismo[215] neurótico obsessivo-compulsivo, que impõe um pesado jugo através das crenças ao pé da letra e do meticuloso cerimonialismo" (PFISTER, 1928[2003], p.23). O pastor se refere a algumas passagens da pregação de Jesus que utiliza para defender seu ponto de vista: "'Vocês sabem, foi dito aos antigos – mas eu digo a vocês'[216] (Mt 5,21)" (PFISTER, 1928[2003], p.23). Para Pfister, a concepção que Jesus tem de Deus é distinta daquela elaborada a partir do anseio paterno advindo do complexo de Édipo e, neste sentido, capaz de libertar da neurose.

> Está aí a poderosa ação redentora. E ela não acontece por força da demanda de um novo vínculo, mas graças à autoridade da liberdade conquistada por um amor vitorioso e pelo reconhecimento da verdade. Segundo os bons parâmetros psicanalíticos, Jesus venceu a neurose coletiva de seu povo introduzindo no centro da vida o amor que, na verdade, é moralmente purificado. Na sua concepção de pai, totalmente purificada das toxinas da ligação edípica, constatamos que foram totalmente vencidos a heteronomia e todo o constrangimento das amarras. O que se exige das pessoas não é outra coisa senão aquilo que corresponde à sua essência e sua vocação verdadeira, o que favorece o bem comum e – para também dar lugar ao ponto de vista biológico – uma saúde máxima do indivíduo e da coletividade (PFISTER, 1928[2003], p.23-24).

O mandamento do amor, expresso por Jesus nos Evangelhos, é interpretado por Pfister como sendo uma superação do legalismo.

> Constitui um grave mal-entendido compreender o mandamento básico de Cristo – "Amarás a Deus de todo teu coração e a teu próximo como a ti mesmo!"[217] (Mt 22,37ss) – como um mandamento no espírito do mosaísmo[218]. A forma do imperativo é conservada, mas quem não notaria a sutil ironia com a qual o conteúdo, o amor, enquanto realização que pode ser espontânea, anula o caráter de lei? (PFISTER, 1928[2003], p.24).

---

[214] Pfister coloca a palavra "mandamento" entre aspas, preparando a análise que fará dele logo em seguida.

[215] Tendência a fazer prevalecer a lei sem questioná-la e sem abrir a possibilidade de modificá-las.

[216] Pfister se refere a uma das pregações de Jesus no discurso conhecido como o Sermão da Montanha, onde ele se refere a uma nova justiça, superior à antiga, como se pode ler no Evangelho de Mateus 5, 20-47: "Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus" (BÍBLIA, 2010, p.1711-1712). Assim, o ensinamento ao qual Pfister se refere aqui possui a seguinte estrutura, repetida pelo Cristo diversas vezes: "Ouvistes o que foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo...".

[217] Freud também comentará este mandamento em *O mal-estar na cultura*, afirmando que, para ele, trata-se de um mandamento impossível e, além disso, injusto (FREUD, 1930/1929[2006], p.114-116).

[218] O pastor se refere à prática dos Mandamentos entregues ao povo por Moisés.

O pastor se refere ao seu artigo publicado no ano anterior, intitulado *Analytische Seelsorge* [Cura de almas psicanalítica], no qual expôs "de que forma excelente Jesus exerce a psicanálise 1900 anos antes de Freud – obviamente não se pode entender a expressão estritamente demais"[219] (PFISTER, 1928[2003], p.24). Assim, ele retoma alguns elementos do artigo que se referem ao modo de proceder de Jesus. Em primeiro lugar, a cura de um paralítico: "Recordo que ele não apenas sugestionou ao paralítico o desaparecimento do sintoma, mas se inseriu no conflito religioso-moral subjacente, apaziguando-o, vencendo assim a paralisia a partir de dentro"[220] (PFISTER, 1928[2003], p.24). Quanto aos relatos de exorcismo operados por Jesus, Pfister está convencido, tal como Freud, de que se tratavam de fenômenos explicáveis pela ciência: "Sua crença nos demônios deve soar-nos estranha como metafísica, porém a reconhecemos como neurologia" (PFISTER, 1928[2003], p.24). Também a atitude de Jesus frente às autoridades religiosas e políticas da época recebe, para Pfister, o aval da psicanálise: "A direção histórico-psicológica em que Jesus examina a autoridade coercitiva biblicista recebe plena aprovação do analista (p. ex., Mt 19,8: o mandamentos de Moisés referente à carta de divórcio foi legado por causa da dureza do coração humano)" (PFISTER, 1928[2003], p.24). Por fim, o pastor considera que os psicanalistas ficariam admirados se observassem a maneira como Jesus trata a neurose obsessiva a partir da transferência daqueles que vêm a ele demandando cura.

> Merece a admiração de todos os alunos de Freud o tratamento dado à transferência, que é acolhida como amor, mas conduzida para realizações ideais absolutas, como também a suspensão da fixação paterna gerada pela obsessão através da rendição ao Pai absoluto, que é amor (PFISTER, 1928[2003], p.24).

[219] Sobre a comparação entre Jesus e os psicanalistas, Peter Gay escreveu: "Na visão de Pfister, Jesus, que elevara o amor a princípio fundamental de seus ensinamentos, fora o primeiro psicanalista" (GAY, 2012, p.202). Entretanto, o autor afirma que Pfister fazia uma "leitura radical e simplista de Jesus" (GAY, 1992, p.90).

[220] A questão apresentada sucintamente por Pfister é bastante complexa, pois envolve minúcias das crenças judaicas e da atitude de Jesus diante delas. Ele parece se referir ao relato da cura de um paralítico em Cafarnaum, conforme relatado nos Evangelhos (por exemplo, em Mateus 9, 1-8). Na ocasião, alguns homens trazem um paralítico deitado numa cama até a presença de Jesus. Assim, "Jesus, vendo sua fé, disse ao paralítico: 'Tem ânimo, meu filho; os teus pecados te são perdoados'" (BÍBLIA, 2010, p.1718). Alguns dos presentes acusam Jesus de blasfêmia, uma vez que, segundo a religião judaica, só Deus pode perdoar pecados. Jesus, então, inicia um diálogo com eles: "'Com efeito, que é mais fácil dizer 'Teus pecados são perdoados', ou dizer 'Levanta-te e anda'? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar os pecados...' disse então ao paralítico: 'Levanta-te, toma tua cama e vai para casa'. Ele se levantou e foi para casa" (BÍBLIA, 2010, p.1718). O comentador da *Bíblia de Jerusalém* fornece dados que auxiliam a compreender o contexto: "Jesus leva em conta primeiro a cura da alma, depois a do corpo e não realiza esta senão em vista daquela. Mas essa afirmação já encerrava a promessa de cura, pois que as enfermidades eram consideradas a consequência de pecado cometido pelo doente ou pelos seus pais [...] Em si, perdoar os pecados da alma é mais difícil do que curar o corpo; mas é mais fácil *dizer*, porque isso não pode ser verificado exteriormente" (BÍBLIA, 2010, p.1718, grifo no original).

Apesar de apresentar tantos exemplos da atuação de Jesus, Pfister afirma que não são eles que o levam a compará-lo aos psicanalistas, mas sim os traços fundamentais. Para o pastor, a cura de almas exercida por Jesus se aproxima a tal ponto da psicanálise que os cristãos deveriam sentir vergonha de ter deixado a um ateu a construção da psicanálise.

> Não é assim que defenderíamos que Jesus foi o primeiro psicanalista predecessor a Freud, como talvez alguns "abelhudos" inexperientes gostariam de fazê-lo! Mas, nos traços fundamentais, seu pastoreio redentor remete tão decididamente à análise que os cristãos deveriam envergonhar-se de ter deixado a um não-cristão o aproveitamento destas pegadas luminosas (PFISTER, 1928[2003], p.24).

Segundo o pastor, não foi um cristão declarado quem criou a psicanálise porque a ação redentora de Jesus se tornou ofuscada pela neurose obsessiva, que deturpou a religião cristã: "Sem dúvida a razão está em que a deturpação pela neurose obsessivo-compulsiva, que ameaça a religião, bem como todas as criações do espírito humano, soterrou também esta maravilhosa pista, assim como ocorreu no materialismo da psiquiatria antiga" (PFISTER, 1928[2003], p.24). Jesus é apresentado por Pfister como libertador da neurose obsessiva.

> Poderíamos seguir ainda mais a remoção da compulsão, feita por Jesus, bem como a revogação de sua determinação. Poderíamos provar como sua idéia de Pai é livre de todos os sintomas relativos ao ódio edípico – Deus não deve ser aplacado com sacrifícios, mas amado no irmão. Poderíamos recordar que o amor fraterno perfaz, no sentido mais amplo e profundo, a marca e a estrela da doutrina cristã. Poderíamos recordar que o alvo e o bem supremo de toda busca e anseio não residem na satisfação pessoal, mas no reino dos céus, isto é, na soberania do amor, da verdade e da justiça, tanto no indivíduo como na comunidade universal, e assim por diante (PFISTER, 1928[2003], p.24-25).

O pastor sugere em seguida que outras religiões também possuem elementos que favorecem a cura da neurose obsessiva.

> E, não poderia ser dito algo análogo sobre a religião de *Akhineton*, e num certo sentido até sobre Buda? Será que no princípio do protestantismo, com sua liberdade de crença e consciência, mas também com sua exigência de amor, não reside um poderoso princípio redentor, não apenas no sentido da libertação da compulsão religiosa, mas também no da *cura geral das obsessões e compulsões*? (PFISTER, 1928[2003], p.25, grifo no original).

Pfister acredita que Freud ignora em suas argumentações as expressões religiosas mais elevadas, considerando que, historicamente, não se pode concluir que a religião

necessariamente conduz à neurose; ao contrário, para o pastor, a neurose antecede a religião, e esta contribui para a sua cura[221].

> É uma pena que Freud deixe de lado justamente as mais sublimes expressões da religião. Do ponto de vista histórico não é fato que a religião crie compulsões e prenda as pessoas na neurose. Pelo contrário, é a vida *pré-religiosa* que cria compulsões neuróticas, que então conduzem a concepções religiosas e rituais correspondentes (PFISTER, 1928[2003], p.25, grifo no original).

Pfister afirma que, apesar da tendência neurótica a construir obsessões, sempre surgem novas forças de dentro da religião para romper com elas, o que corresponde à humanização através da religião.

> A magia precedente à religião ainda não é religião. Justamente dentro do maior desenvolvimento religioso, o israelita-cristão, surge sempre e sempre de novo uma inspiração religiosa (revelação), avivada por uma visão superior, ética, e por isso também sociobiológica, a qual *busca anular a compulsão* e criar a libertação, até que, debaixo de condições que ninguém compreende melhor que o analista, sempre de novo sejam forjados novos laços pelas aflições da vida, os quais uma posterior concepção religiosa é vocacionada a romper. Não se pode negar que a esta luta religiosa pela redenção corresponde um processo de humanização (PFISTER, 1928[2003], p.25, grifo no original).

O pastor se refere a múltiplas manifestações religiosas, dentre as quais existem as "ramificações atuais dos diversos sistemas cristãos de compulsões e de combate às compulsões" (PFISTER, 1928[2003], p.25), defendendo o ponto de vista cristão protestante:

> [...] é digno de nota que o individualismo livre de compulsão na atualidade está fortemente representado justamente no Protestantismo, e conquistou perante as demais ciências um reconhecimento considerável, por um lado através de sua ênfase social, por outro lado através de seu sério trabalho científico crítico (PFISTER, 1928[2003], p.25-26).

Além disso, Pfister acrescenta que a religião não se encontra separada do contexto histórico e sociocultural no qual se encontra inserida, de modo que seria equivocado afirmar que a religião possui intrinsecamente um caráter obsessivo.

---

[221] É realmente curioso que Pfister tenha permanecido ao lado de Freud na controvérsia com Jung, pois seus pontos de vista parecem se alinhar muito mais aos deste do que aos daquele. Num artigo sobre as *Relações entre a psicoterapia e a direção espiritual*, Jung afirmará que, a partir de sua experiência clínica, a dimensão religiosa era essencial à saúde psíquica: "De todos os meus pacientes que tinham ultrapassado o meio da vida, isto é, que contavam mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse o da atitude religiosa. Aliás, todos estavam doentes, em última análise, por terem perdido aquilo que as religiões vivas ofereciam em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum se curou realmente, sem ter readquirido uma atitude religiosa própria, o que, evidentemente, nada tinha a ver com a questão de confissão (credo religioso) ou com a pertença a uma determinada igreja" (JUNG, 1932[2011], p.88).

> Tampouco devemos esquecer que a religião não pode percorrer um desenvolvimento encerrado em si. Se, em determinadas épocas, os cristãos competiam em crueldade com os bárbaros mais selvagens, isto não aconteceu em decorrência da prática conseqüente de seu princípio religioso, mas em virtude de adoecimentos neuróticos, que desfiguraram e devastaram a religião cristã da mesma maneira como a pesquisa e a criação artísticas foram expostas e sucumbiram às mais abomináveis deformações (PFISTER, 1928[2003], p.26).

Em consequência dos fatores que apresentou, o pastor conclui sua crítica da abordagem freudiana da religião como uma neurose obsessiva expressando sua discordância: "Por isto nego cabalmente que seja próprio da religião *como tal* o caráter obsessivo-compulsivo neurótico" (PFISTER, 1928[2003], p.26, grifo no original).

O subcapítulo seguinte se intitula "A religião como configuração do desejo", no qual o pastor reconhece a atuação dos desejos na religião, mas questiona que eles esgotem sua explicação. Seu primeiro passo é indicar Feuerbach como um predecessor de Freud, a cuja argumentação Freud acrescentou uma base teórica psicológica.

> Com razão Freud não reivindica prioridade para o pensamento de que todas as religiões apenas representam configurações dos desejos. Com uma coerência insuperável, Feuerbach elaborou, há quase noventa anos, a tese de que a teologia seria antropologia disfarçada, e a religião, um sonho. Acontece que Freud refinou e reforçou extraordinariamente essas suposições através de seu microscópio da alma (PFISTER, 1928[2003], p.26).

Pfister reconhece que a abordagem teórico-clínica da psicanálise torna impossível refutar que a dinâmica inconsciente atua na formação das religiões.

> Nesse aspecto não podemos nos entregar a nenhum engano. A simples exposição dos desejos latentes e sua reelaboração com o propósito de torná-los conscientes, como também o desvelamento da situação edípica, do sadismo e do masoquismo recalcado impossibilitam totalmente que se neguem projeções de desejos na formação de religiões (PFISTER, 1928[2003], p.26).

Reconhecendo a influência do inconsciente na religião, o pastor levanta duas interrogações: em primeiro lugar, se o mecanismo da projeção é suficiente para explicar todo o fenômeno religioso e, em segundo lugar, se não pode haver um entrelaçamento entre pensamento de desejo e pensamento de realidade, tanto na religião quanto na arte e na ciência.

> Mas, será que com isso se esclarece *todo* o pensamento religioso?[222] E será patrimônio exclusivo da religião essa confusão entre desejar e ser? Ou será que haveria na religião

[222] Embora Pfister se proponha a contra-argumentar o que considera a pretensão de Freud de esgotar a explicação da origem da religião através da hipótese do inconsciente, vimos que o próprio Freud hesitou quanto a isto. Em alguns momentos realmente parecia inclinado a emitir um parecer final sobre o conteúdo das ideias religiosas a

> e na ciência, sim, até na arte e na moral o recalcamento posterior do pensamento de desejo pelo pensamento real, e a mobilização do pensamento real pelo pensamento do desejo formariam o ideal, ao encontro do qual o desenvolvimento mental se dirige de modo ofegante, esperançoso e sempre de novo penosamente decepcionado? (PFISTER, 1928[2003], p.26, grifo no original).

Pfister se recorda de uma conversa que havia tido durante um passeio com Freud no ano em que os amigos se conheceram, na qual este lhe havia alertado para o risco de que o pastor perdesse a fé em consequência de seu envolvimento com a psicanálise: "Nunca esquecerei aquela ensolarada manhã de domingo da primavera de 1909 no Parque Belvedere, em Viena, quando o Prof. Freud me alertou com seu modo amável e paternal para os perigos que a pesquisa por ele empreendida continha" (PFISTER, 1928[2003], p.27). Assim, o pastor concorda com Freud quanto à necessidade de abandonar as ilusões, e desde aquela época havia declarado estar disposto a abandonar o ofício de pastor se não pudesse mais justificar a fé diante da razão.

> Já naquela ocasião declarei-me disposto a, se a verdade o demandasse, largar o pastorado, que para mim era precioso. Propagar uma crença que o raciocínio refuta, ou adaptar a cabeça para a morada da descrença e o coração para a sede da fé, isto me pareciam truques de malabarista, com os quais não queria ter nada a ver. Eu não saberia o que deveria modificar nesta posição. Em prol de ilusões a gente não investe a alma (PFISTER, 1928[2003], p.27).

O pastor afirma que pode acompanhar Freud em boa parte de sua argumentação. No entanto, não considera surpreendente a constatação de que as representações de Deus e da vida após a morte são construídas a partir do desejo humano.

> Posso ir ao encontro de Freud em boa parte do caminho (Feuerbach também encontrou aplausos junto aos teólogos por suas críticas psicológicas às doutrinas religiosas). Eu já sabia havia tempo que as representações de Deus e do além muitas vezes são pintadas com as cores da paleta do desejo (PFISTER, 1928[2003], p.27).

Pfister já havia constatado a origem dessas representações nos desejos em sua atividade clínico-pastoral e, antes disso, no estudo comparado das religiões e das culturas.

> Quando pela primeira vez constatei numa representação alucinada de Deus os traços do pai, de vários pastores, etc.[223], e por trás descobri a gerência do ódio, foi bem interessante para mim a clareza com que se podia comprovar a correlação, contudo

partir do que delas inferia a respeito da dinâmica psíquica; entretanto, enfatizou mais de uma vez que nunca pretendeu esgotar através da psicanálise a explicação das origens da religião. Esta última nos parece ser, de fato, a posição mais analítica no que diz respeito a essa questão, na medida em que enfatiza a parcialidade do saber analítico e deixa em aberto para que cada sujeito possa se posicionar quanto a esta importante questão humana.

[223] Em sua obra *O método psicanalítico*.

> não percebi algo extraordinariamente novo e inesperado. Há muito estava cônscio de que no além-túmulo cheio de baleias dos esquimós, nas verdes terras de caça dos índios convidativas a escalpes, na Walhalla abençoada de hidromel e cheia de torneios fagueiros dos germanos se espelham os desejos dos seus criadores, do mesmo modo como no salão celestial de oração dos petistas ou no Além de Goethe com sua luta moral decisiva (PFISTER, 1928[2003], p.27).

Em seguida, o pastor se refere aos casos de ateus que analisou e nos quais não encontrou uma aceitação maior da realidade do que nos crentes: "Némesis [deusa grega da retribuição] queria que também os *ateus* por mim analisados com freqüência extraordinária fossem dirigidos por pensamentos de desejo" (PFISTER, 1928[2003], p.27, grifo no original). Ele indica, assim, que o ateísmo em muitos desses casos era enraizado numa rivalidade edípica com o pai: "Que analista não encontraria com freqüência ateus, cuja descrença era uma camuflada eliminação do pai?[224]" (PFISTER, 1928[2003], p.27). Portanto, o pastor conclui que "consideraria errado comprimir toda a rejeição da religião no esquema do desejo" (PFISTER, 1928[2003], p.27).

A seguir, ele se dedica a explorar "os desejos que conduzem à religião" (PFISTER, 1928[2003], p.27), afirmando ser preciso "admitir que eles a princípio são, em grande parte, de natureza egoísta" (PFISTER, 1928[2003], p.27-28). Entretanto, questiona se na ciência a situação seria diferente, e afirma que o amadurecimento da religião leva à superação do egoísmo.

> Porventura na ciência a situação seria outra? Seria possível esperar da pessoa primitiva uma sede de saber desinteressada? Já no assim chamado homem natural constatamos como no culto e na crença se move a necessidade moral, por exemplo, a necessidade de penitência por uma injustiça cometida (p. ex., o desejo de que morra o pai). Com o desenvolvimento moral também amadurece o desenvolvimento religioso. Os desejos egoístas passam cada vez mais para segundo plano, mesmo que haja recaídas ao pensamento egoísta. Isto é um sinal de que é difícil extinguir o selvagem e o primitivo (PFISTER, 1928[2003], p.28).

[224] Freud havia sinalizado as origens inconscientes edípicas do ateísmo no caso clínico do Homem dos Lobos (FREUD, 1918[1914]/2006, p.75) e num pequeno texto onde interpreta uma experiência religiosa de um médico que lhe escrevera, onde afirma: "Suas idéias de 'pai' e 'Deus' ainda não se tinham separado inteiramente, de modo que seu desejo de destruir o pai podia tornar-se consciente como dúvida a respeito da existência de Deus" (FREUD, 1927[1928]/2006, p.177). A respeito desta questão, Peter Gay escreve que Freud diferenciava o ateísmo edípico do ateísmo assumido conscientemente: "Freud tinha uma vaga ideia de que o ateísmo também poderia se mostrar vulnerável à ideologia: podia ser usado, novamente tomando de empréstimo a linguagem psicanalítica, como um estratagema defensivo, espécie de reação típica do adolescente em revolta contra o pai. Aqueles que brigam com Deus podem estar reencenando na esfera religiosa a luta edipiana que não conseguiram vencer em casa. Mas Freud não se entregava a tais brigas; não iria lutar com quimeras. O ateísmo, a seu ver, era algo melhor: o pré-requisito para a investigação impiedosa e fecunda do fenômeno religioso. Freud, como sabemos, não envergou o manto do reformador social. Mas, como herdeiro moderno dos *philosophes*, estava convencido de que um dos encargos da ciência era empregar suas ideias para o alívio do sofrimento mental. Oculta na crítica psicanalítica de Freud à fé, encontra-se a esperança de que a descoberta e a divulgação da verdade acerca da religião possam ajudar a libertar a humanidade dela" (GAY, 2012, p.537).

Para sustentar sua afirmação, Pfister recorre aos Evangelhos, nos quais verifica que Jesus interpela os desejos egoístas através do amor.

> No evangelho vemos como os desejos pulsionais são combatidos poderosamente, e com força tanto maior quanto mais avança o desenvolvimento de Jesus na luta permanente contra a tradição. Constatamos como são reprimidas a mentalidade de lucro, a discriminação racial, a representação do além com tons sensuais. Isto é, a mentalidade meritória é repelida de um modo, segundo a psicanálise, mais adequado e sábio que na rigorosa filosofia do imperativo categórico que despreza o amor (PFISTER, 1928[2003], p.28).

Assim, conclui que a religião cristã segue numa direção contrária à dos desejos egoístas, sem que isto implique numa falta de amor-próprio: "O que Jesus exige em nome da sua religião em grande parte opõe-se diretamente ao egoísmo, ainda que Jesus, com grande sabedoria, não deixe de considerar de forma alguma o amor-próprio, e tampouco tenha valorizado o masoquismo, como o praticado pelos ascetas" (PFISTER, 1928[2003], p.28). O pastor enumera algumas virtudes cristãs que considera não derivarem da satisfação pulsional, mas da conquista de ideais através de um longo processo de aceitação dolorosa da realidade.

> A mansidão e a humildade, a negação de si mesmo e a recusa de acumular tesouros, a entrega da própria vida por amor aos mais sublimes bens morais, em suma, toda a atitude de vida, como o crucificado do Gólgota à demanda dos seus discípulos, é diametralmente oposta às concupiscências da natureza humana originária. Ela corresponde, porém, a uma concepção mais elevada da natureza humana, certamente não derivada das baixas exigências pulsionais, mas que somente podia brotar de um realismo ideal conquistado sob duras aflições e surgido de uma grandiosa antropologia e cosmologia intuitiva (PFISTER, 1928[2003], p.28).

Também na prática da oração cristã ele identifica uma superação do egoísmo.

> Na oração de Jesus desaparece toda a dimensão egoísta – a prece pelo pão diário, este mínimo para a subsistência, não é mais egoísta – reinam os ideais éticos e universais, e, acima de tudo, está a sujeição à vontade divina ("Faça-se a Tua vontade"). Isto não é a ausência de desejo do budismo, tampouco uma introversão patogênica (PFISTER, 1928[2003], p.28).

Em seguida, o pastor se opõe à noção apresentada por Freud de que o cristianismo prega uma renúncia à vida terrena em benefício da promessa de obter recompensas no céu.

> É falsa a asserção de que, segundo a concepção cristã, tudo o que é recusado ao cristão na vida terrena lhe é dado no *além*. A renúncia à atividade sexual é recuperada no além de acordo com o Islã, mas de modo algum no cristianismo. Jesus ressalta enfaticamente que devem ser descartadas as expectativas sensuais da vida após a

> morte (Mt 22,30)[225]. Seu ideal mais sublime, o reino de Deus, tem como cenário a terra e como conteúdo bens ideais éticos e religiosos, que não têm nada a ver com desejos pulsionais (PFISTER, 1928[2003], p.29, grifo no original).

Neste ponto, Pfister imagina um opositor que lhe interroga se à religião não correspondem, então, desejos de natureza superior. O pastor responde afirmando a necessidade de diferenciar entre desejo e postulado.

O desejo busca satisfação através da alucinação e de outros fenômenos elucidados por Freud sem se importar com as situações reais. Pfister concorda que, de fato, "conhecemos muitos fenômenos religiosos que dão este salto ilusório do desejo à suposição de um ser" (PFISTER, 1928[2003], p.29). Entretanto, nem todos os desejos são satisfeitos de maneira psicopatológica: "ninguém afirmará que cada desejo chega à satisfação *unicamente* dessa maneira ilegítima" (*idem*, grifo no original). Assim, ele indica a possibilidade de conjugar desejo e realidade: "É possível buscar a satisfação dos desejos de um modo muito condizente com a realidade" (PFISTER, 1928[2003], p.29).

O postulado, ao contrário do desejo, parte do que existe, do que é reconhecido ou pressuposto como um dado assegurado, e tira conclusões de outro dado que seja um resultado lógico do primeiro. Pfister cita como exemplo de postulado o imperativo categórico do filósofo Immanuel Kant, mas afirma que ele próprio parte de outro ponto: o amor.

> Eu, pessoalmente, parti de outra certeza ética, que justamente se impôs a mim a partir da apreciação tanto psicanalítica quanto sociológica: a determinação de amar ao próximo, a si mesmo e ao ideal absoluto. Nesta norma, que resulta da particularidade do ser humano, porque o seu ser contém um dever, encontrei o lugar, a partir do qual tive de inferir um absoluto como origem do ser e do dever, como aliás de todos os valores. Esta operação filosófica não é fundamentalmente outra coisa que a certeza empírica e intuitiva que Jesus tinha de Deus (PFISTER, 1928[2003], p.30).

Pfister sugere que na ciência também se parte de ponderações antropomórficas enganadoras: "Não se trabalha também no pensamento científico com os arautos do antropomorfismo, que são ao mesmo tempo muito expressivos e muito dissimuladores?" (PFISTER, 1928[2003], p.30). Neste sentido, ele se lembra com "grata admiração" (PFISTER, 1928[2003], p.30) do estudo de Robitsek, intitulado *Symbolisches Denken in der chemischen Forschung* [Pensamento simbólico na pesquisa química], publicado na primeira edição da *Imago*, sobre a produção científica do químico Kekulé von Stradowitz. Segundo o estudo, a

[225] Na passagem do Evangelho segundo Mateus indicada por Pfister, Jesus afirma: "Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os anjos no céu" (BÍBLIA, 2010, p.1744).

teoria da estrutura do benzeno surgiu a partir de "fantasias visuais de pares e cobras dançantes" (PFISTER, 1928[2003], p.30-31), que foram posteriormente examinadas racionalmente: "a razão desperta tinha de examinar os sonhos" (PFISTER, 1928[2003], p.31). Assim, o pastor conclui: "Precisamos ter o cuidado de não ver imediatamente como produtos do desejo todas as concepções primitivas, que a nós, pensadores realistas do século XX, parecem fantásticas" (PFISTER, 1928[2003], p.30-31).

Na sequência, o analista suíço interroga se a projeção é um mecanismo exclusivo da religião ou se comparece também na filosofia e na ciência, por exemplo, quando esta se refere a fenômenos naturais utilizando termos antropomórficos como força, causa, efeito e lei, dentre muitos outros conceitos "que há muito já foram considerados pela teoria do conhecimento antropomorfismos bastante grosseiros, mesmo que imprescindíveis" (PFISTER, 1928[2003], p.31). E acrescenta: "Não é da mesma natureza o conceito de 'censura'?" (PFISTER, 1928[2003], p.31). Por fim, ele interroga: "A história das ciências é uma luta incessante com antropomorfismos e outras projeções não autorizadas de fatos conhecidos sobre desconhecidos. Por que a religião e a teologia constituiriam uma exceção?" (PFISTER, 1928[2003], p.31). Assim, Pfister conclui que, se a teologia se encontra estagnada na realização dos desejos, as outras ciências também se encontram.

> Entretanto, a pergunta é se a teologia, que se ocupou com a religião, teria ficado *com um pé no estágio dos desejos*. Sendo assim, temo seriamente (ou deveria esperá-lo?) que ela partilharia esta sorte, lamentável para uma ciência, com as demais ciências, não excluídas as ciências naturais e a história. Decididamente posso assegurá-lo com respeito à filosofia[226], e mesmo que se possa admitir que as ciências naturais, rigorosamente exatas, tenham uma vantagem de objetividade pura, ainda assim carecem daquilo que o criticismo empirista procurou tão apaixonada e infrutiferamente: a experiência pura, da qual ficariam eliminados os acréscimos da subjetividade humana (PFISTER, 1928[2003], p.31, grifo no original).

Pfister critica a noção de experiência pura, considerando-a um engano metodológico: "Se há um produto seguro nas opiniões revolucionárias das ciências naturais mais recentes e mais críticas, ele é a conclusão de que nesse campo ficamos enterrados até o pescoço nos desejos" (PFISTER, 1928[2003], p.32). E acrescenta: "Com a teologia também a religião se submeteu aos sacrifícios mais radicais e mais dolorosos para o desejo" (PFISTER, 1928[2003], p.32). Na sequência, ele indica que a religião não se coloca à parte do mundo à sua volta: "desde o início a religião foi capaz de absorver intensamente o saber sobre a natureza e os valores" (PFISTER, 1928[2003], p.32).

---

[226] Pfister havia discutido essa questão em seu artigo *Zur Psychologie des philosophischen Denkens* [Sobre a psicologia do pensamento filosófico], de 1923.

O pastor reconhece que houve resistência dos religiosos para aceitar as teorias de Copérnico e Darwin[227], mas não a considera grave, pois as teorias científicas estão em constante transformação, enquanto as transformações nas concepções religiosas são mais lentas e aguardam a consolidação das hipóteses da ciência. Além disso, muitos cientistas renomados não consideram que haja uma incompatibilidade entre ciência e religião, ao contrário da opinião comum, que tende a vê-las como inconciliáveis.

> A cristandade resistiu por longo tempo, até demasiado, contra Copérnico e a teoria da evolução, mas finalmente conformou-se com ela. Não constitui demérito que a cristandade não partilhe de todos os modismos científicos. Uma série de naturalistas proeminentes, até na atualidade, não tem dificuldades de colocar em sintonia a religião e a ciência, enquanto os de formação mais superficial alardeiam, nas rodas de cerveja, com mais facilidade que grandes pesquisadores do nível de Freud, a incompatibilidade de ambas (PFISTER, 1928[2003], p.32-33)

Em seguida, Pfister se refere ao que Freud havia indicado como contradições no pensamento religioso. Para ele, a teologia se esforça em superá-las, mas não é possível avaliar facilmente até que ponto isso foi alcançado. Seja como for, sempre restam enigmas não resolvidos, como acontece nas outras áreas, de modo que, segundo o pastor, a religião não possui resposta para tudo.

> Que dizer, porém, das *contradições* do pensamento religioso? Já falei do esforço sincero da teologia mais recente em superá-las. É difícil verificar se isso foi alcançado. Creio ter chegado a uma religiosidade que dominou as contradições, mesmo que tenham sobrado enigmas não resolvidos em cada passo, como em todas as áreas do pensamento humano (PFISTER, 1928[2003], p.33, grifo no original).

Também a ciência contém contradições, como Pfister indica em seguida, referindo-se a conceitos que são aceitos pelos cientistas sem rigor teórico e metodológico.

> Mas agora viro o feitiço contra o feiticeiro e pergunto: a ciência empírica não está repleta de crassas contradições? Nem sequer pretendo apontar para conceitos "capengas" como o éter cósmico, supostamente uma matéria, mas sem consistir de átomos, e que, apesar disso, foi saudado com cumprimentos submissos pelos cientistas naturais mais honrados e tratado como um senhor distinto (PFISTER, 1928[2003], p.33).

[227] Assim como houve resistência contra a psicanálise, como Freud indicou em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. Referindo-se às resistências ao heliocentrismo, ao evolucionismo e à psicanálise como os três golpes narcísicos que a humanidade sofreu em consequência da investigação científica, ele afirma que estes implicam numa destruição da "ilusão narcisista" (FREUD, 1917[2006], p.149), na medida em que interferem na representação do lugar do homem no mundo, deslocando-o do que acreditava ser o centro do universo, aproximando o abismo que acreditava existir entre ele e os animais e revelando que "*o ego não é o senhor da sua própria casa*" (FREUD, 1917[2006], p.153, grifo no original).

O pastor questiona se a religião e a teologia também não precisam ser tratadas com a mesma indulgência: “Então, não se deveria tratar de modo mais condescendente também a religião dos incultos e dos teólogos?” (PFISTER, 1928[2003], p.33). O pastor afirma que não irá empreender uma análise do pensamento realista no campo da religião em questões particulares, tendo em vista que a crítica de Freud foi generalizada: “Uma vez que Freud não pretendia examinar as contradições em particular, limitando-se a declarar a maioria das doutrinas religiosas como indemonstrável e irrefutável, não posso ingressar com uma defesa do pensamento realista religioso em casos isolados” (PFISTER, 1928[2003], p.33). Ele critica, portanto, que a ciência exija da religião o que ela própria não é capaz de oferecer: “no nosso problema é necessária máxima cautela, para que de modo algum exijamos de outros campos o que não temos em nosso próprio, e acusemos outros daquilo que nós mesmos praticamos” (PFISTER, 1928[2003], p.33).

Em contraposição a esta arrogância, Pfister elogia a humildade teórica de Freud na construção de suas hipóteses: “Com que moderação exemplar Freud fala da comprovação de suas proposições!” (PFISTER, 1928[2003], p.33). Ele recomenda que, seguindo esta mesma postura, é preciso questionar mesmo a unanimidade entre as autoridades científicas: “Igualmente devemos ter muita cautela para não tomar a unanimidade dos eruditos como depuração e validade de uma doutrina” (PFISTER, 1928[2003], p.33-34). Isto porque a aceitação generalizada de uma hipótese científica pode não necessariamente ser consequência de sua consistência, mas do cansaço dos cientistas na busca de explicações para um fenômeno: “Muitas vezes ela é apenas um sintoma de cansaço, e os pés dos coveiros talvez já estejam à porta” (PFISTER, 1928[2003], p.34). Por fim, Pfister se recusa a atribuir ao campo científico a exclusividade que acredita a ele ser outorgada por Freud: “tampouco vermos motivos de depositar todo nosso patrimônio no banco da ciência e considerar todos os demais bens culturais como supérfluos” (PFISTER, 1928[2003], p.34).

O pastor suíço, em seguida, se dedica a explorar a abordagem da religião como uma confusão alucinatória: “Quando Freud acusa a religião de *confusão alucinatória*, sem dúvida tem razão em relação a algumas, sim, a muitas de suas formas. No entanto, será que isto vale para todas as configurações da religiosidade?” (PFISTER, 1928[2003], p.34, grifo no original). Assim, Pfister dá sequência à sua linha de argumentação, indicando a multiplicidade das formas de religião, a respeito de cujas diferenças sugere que Freud desconhece: “Não penso assim. Novamente parece que o grande mestre tem perante seus olhos formas bem definidas e as generaliza. Creio até que ele foi um freqüentador raro de cultos protestantes e que também honrou raramente com sua visita a teologia crítica” (PFISTER, 1928[2003], p.34).

Seguindo numa direção diferente, Pfister também se recorda de que, através do método psicanalítico, Freud atribuiu um valor positivo a fenômenos semelhantes à alucinação, tais como o delírio[228]: "Aliás, justamente nós, analistas, que pela primeira vez levamos cabalmente a sério a psicologia do temperamento, sabemos muito bem que por trás da confusão alucinatória pode estar algo grande e profundo" (PFISTER, 1928[2003], p.34). O pastor se recorda que, na Primeira Carta aos Coríntios, São Paulo considera a crucificação de Jesus como loucura[229].

> Quando Paulo atesta que sua pregação da cruz é loucura para os incrédulos (1Cor 1,23), isto não constitui para ele um demérito. Para mim um fogoso espírito criativo, dionisíaco ou apolíneo que não considera suas revelações como vinho decantado, mas como mosto em fermentação, é muito mais precioso que um erudito sóbrio que consome sua força vital num estéril malabarismo de conceitos e numa meticulosa exatidão. Na verdade, a juventude impetuosa, com todas as suas "doidices" e tolices, tem uma dianteira não pequena em relação à idade da sensatez (PFISTER, 1928[2003], p.34).

O pastor afirma que procura submeter ao máximo suas crenças ao crivo da ciência: "na minha área, não consigo outra coisa que exercer o princípio realista com rigor implacável, ainda que sob a constante preocupação de perder bens valiosos nas malhas da definição conceitual científica" (PFISTER, 1928[2003], p.35). Entretanto, diante das questões fundamentais da vida humana, que convocam a todos e a cada um, o sujeito não pode esperar um estado ideal de amadurecimento para se posicionar: "Não é possível esperar o comer e o beber até que os senhores fisiologistas tenham terminado as análises dos alimentos e elaborado suas teorias nutricionais até a plena satisfação" (PFISTER, 1928[2003], p.34). As teorias científicas podem ser substituídas por outras melhores, mas as questões existenciais demandam uma aposta sem garantias.

> E não esqueçamos: hipóteses científicas podem ser recusadas. Nas questões práticas, de cuja resposta depende a construção da vida, precisamos tomar posição, mesmo quando faltam comprovações irrefutáveis. Do contrário, como se fundaria uma família, se abraçaria uma profissão, etc.? Do mesmo modo reside também na religião uma confiança (PFISTER, 1928[2003], p.35).

---

[228] Investigando o sistema paranoico de Schreber, Freud havia indicado que, através da psicanálise, foi possível reconhecer no delírio não a patologia, mas uma tentativa de cura: "*A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução*" (FREUD, 1911a[2006], p.78, grifo no original).

[229] Pfister se refere ao seguinte trecho da carta: "Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (BÍBLIA, 2010, p.1994).

Ainda assim, Pfister levanta uma advertência, enfatizando a importância de acolher na experiência da fé religiosa a dimensão da realidade: "Contudo, ai daquele que só se casa por desejo, que escolhe uma profissão e assume uma fé religiosa sem levar em conta cuidadosamente a realidade!" (PFISTER, 1928[2003], p.35).

O próximo subitem do artigo é intitulado "A religião como hostil à razão". Dessa vez, Pfister inicia demarcando claramente sua discordância: "Não consigo aceitar que a religião em si seja *hostil à razão*" (PFISTER, 1928[2003], p.35, grifo no original). Em seguida, ele reage energicamente às três respostas apresentadas por Freud como sendo presumivelmente de um religioso a quem se perguntassem os motivos de acreditar nas crenças religiosas:

> Admitamos que aqui e acolá tenham surgido argumentações horríveis como essas. Mas que cristão instruído se contentaria hoje com elas? *Nós, protestantes*, é certo que não. Criticamos a *Bíblia* e os dogmas com a mesma radicalidade que a Homero e Aristóteles. No que concerne aos católicos, eles ao menos antepõem à sua dogmática uma apologética que visa a corresponder às demandas da razão. Podemos como filósofos negar a necessidade racional dessa apologética, como alunos de Freud diagnosticá-la como racionalização, como protestantes rejeitar ao menos uma parte dela como *lettre de cachet*[230], ainda assim sobra um trabalho intelectual digno de respeito (PFISTER, 1928[2003], p.35-36, grifo no original).

O pastor defende seu ponto de vista afirmando que a religião não é hostil à razão, mas Freud é que assim o pressupõe. Os reformadores protestantes, por exemplo, estudaram com professores de formação científica, o que leva Pfister a afirmar: "Nós, protestantes, sabemos muito bem quanto devemos à razão para a nossa religião" (PFISTER, 1928[2003], p.36). Além disso, o pastor afirma que a abordagem crítica da teologia contemporânea implica na reflexão racional sobre a fé: "A teologia mais recente, que produziu e ainda produz frutos consideráveis pela negação radical, está consciente de que presta melhores serviços à religião justamente através de seu rigoroso raciocínio realista" (PFISTER, 1928[2003], p.36).

Portanto, Pfister acha estranha a ideia de compreender a religião como hostil à razão, pois nos círculos eclesiásticos não apenas os religiosos liberais, mas também os conservadores são abertos à crítica e valorizam mais a fé amadurecida pela razão do que a repetição sem questionamento.

> Em minhas cercanias jamais ouvi falar da proibição de refletir sobre assuntos religiosos. Pelo contrário, nós, pastores protestantes, exigimos de nossos alunos o livre pensamento crítico. Isso é óbvio para os pastores de orientação liberal, mas também conheço-o em relação a muitos conservadores. Tranqüilizamos pessoas atemorizadas, acometidos por aflições de fé, através da afirmação de que Deus ama ao sincero que tem dúvidas e de que uma fé fortalecida pela razão é muito mais valiosa que uma fé

[230] Carta com o sinete do rei, contendo ordem de prisão ou de exílio sem julgamento.

> simplesmente copiada e aprendida. Exigimos e cultivamos o livre pensar também na religião dos adultos (PFISTER, 1928[2003], p.36).

Pfister também argumenta que muitos dos grandes pensadores da humanidade foram religiosos, sem que isto implicasse numa diminuição de sua capacidade intelectual.

> Segundo Freud, a razão seria debilitada pela religião. É verdade que ele acrescenta logo após que o efeito da proibição religiosa de pensar talvez não seja tão negativo quanto presume. Não obstante, ele sustenta que valeria a pena tentar uma educação livre do doce veneno da religião. Historicamente podemos indicar uma longa cadeia de pensadores, dos mais profundos e independentes, que inegavelmente enriqueceram de forma inestimável a vida intelectual da humanidade, e que aderiram simultaneamente à ciência e à religião – freqüentemente com maior devoção à religião. Não posso crer que Freud suponha que teriam criado algo mais magnífico se nunca tivesse ouvido nada a respeito de religião (PFISTER, 1928[2003], p.36-37).

A seguir, o pastor apresenta uma longa lista de cientistas, filósofos e escritores para quem essa afirmação vale, dentre os quais Isaac Newton, Charles Darwin, Blaise Bascal, Immanuel Kant, Friedrich Hegel, Henri Bergson e Wolfgang von Goethe, dentre muitos outros que, segundo o pastor, acreditavam em Deus e se dedicavam fervorosamente a práticas religiosas sem prejuízo da capacidade de uso da razão.

> [...] de uma longa cadeia de nomes brilhantes tão-somente escolho rapidamente alguns – afinal, não revelam deficiências intelectuais, apesar de terem crido em Deus. Eu realmente não saberia de nada que justificasse a suposição de que sua mente se teria elevado para feitos ainda maiores se a religião não tivesse cruzado seu caminho. Uma parte dos citados encontra-se muito acima da média dos crentes em matéria de fervor religioso, quando na realidade, em vista de suas grandes realizações intelectuais, se deveria supor o contrário, caso o risco de tornar alguém ignorante estivesse tão intimamente ligado à religião (PFISTER, 1928[2003], p.37).

Em acréscimo a esse argumento, o pastor se refere ao fato de que, através da razão, cientistas naturais importantes, tais como Einstein, Becher e Driesch, "chegaram à certeza, ou pelo menos à probabilidade, da existência de uma vontade construtiva do universo" (PFISTER, 1928[2003], p.37). Embora tenha se dedicado a apresentar os nomes de vários pensadores, Pfister afirma que "nem mesmo nessas autoridades basearemos a demonstração da veracidade da religião" (PFISTER, 1928[2003], p.37). Dessa forma, ele questiona se o ensino religioso de fato conduz a um estreitamento de raciocínio, como Freud postulava.

> No passado, Freud ressaltava que o impulso de pensar das crianças seria prejudicado se a pergunta pela origem dos objetos da natureza fosse respondida com a referência sumária a Deus. Concordo com ele, mas gostaria de perguntar se o resultado seria diferente se disséssemos: a natureza os criou. Ademais ressalto que no ensino religioso

> sempre indicamos que Deus age *nos fenômenos da natureza* e *através do agir humano* (PFISTER, 1928[2003], p.37, grifos no original).

O pastor considera que a influência religiosa em sua vida não limitou sua capacidade racional, mas, ao contrário, estimulou sua ampliação e aguçou sua curiosidade.

> Eu próprio recordo que meu pensamento foi ricamente fertilizado pela religião. Foram estimulados inúmeros problemas de raciocínio que, afinal, têm de ser tratados em dado momento, porque não se pode brincar de avestruz em relação à vida. Eu sentiria como uma perda irreparável se fossem arrancadas as memórias religiosas da minha vida. Também o fato de a *Bíblia* ter sido me apresentada como infalível palavra de Deus aguçou meu pensamento. Ainda me lembro que, aos doze anos, após uma leitura sobre o dilúvio, corri ao museu zoológico para comparar as medidas da arca com as daquelas estantes de vidro e, com base nelas, formular uma teoria infantil da evolução. Ao mesmo tempo, porém, assumi uma atitude cética em relação à *Bíblia*, que mais tarde se transformou em crítica independente (PFISTER, 1928[2003], p.37-38).

Por outro lado, o projeto de uma educação sem religião não era original, pois já havia sido levado a cabo diversas vezes, inclusive estava sendo realizado no comunismo russo, como o próprio Freud indicara. A experiência clínica de Pfister, entretanto, mostrara ao pastor que tal educação não contribuía para um aprimoramento intelectivo.

> Em minhas análises freqüentemente tive de lidar com pessoas educadas sem religião, mas realmente não posso assegurar que tenha encontrado nelas um adicional de inteligência, respectivamente um desenvolvimento mais vantajoso das bases do raciocínio, da mesma forma como eu tampouco teria reconhecido os ateus como superiores entre os filósofos [...] Até aqui a história, em todo caso, proferiu outra sentença (PFISTER, 1928[2003], p.38).

Pfister passa ao subitem seguinte, onde examina a indicação de Freud da religião como proteção da cultura. Segundo o pastor, agindo assim Freud atribui à religião uma "missão policial" (PFISTER, 1928[2003], p.38), sobre a qual Pfister concorda que a religião não realizou adequadamente. Entretanto, o pastor não considera que isto se deva ao fracasso da religião em cumprir sua missão, mas simplesmente que sua tarefa não é esta.

> Consigo concordar plenamente com Freud quanto ao fato de que a religião às vezes não comprovou singularmente sua competência como polícia cultural. No entanto, acrescento: parece-me uma felicidade que tenha sido assim, pois a religião tem coisas mais importantes a fazer que proteger a mistura de sublimidades e atrocidades que hoje se chama cultura (PFISTER, 1928[2003], p.39).

O autor inicia sua justificativa de que a religião não está a serviço da cultura analisando a concepção de cultura apresentada por Freud em seu ensaio, que inclui tudo o que distingue o homem do animal.

> Tenho de confessar que, a meu ver, naquilo que distingue o ser humano do animal encontram-se muitas coisas vergonhosas e danosas. Conhecimento e capacidades, os bens para a satisfação das necessidades humanas, as instituições para regulamentar as relações sociais e distribuir os bens, tudo me parece tão impregnado de crueldade, injustiça e germes tóxicos que a religião realmente não tem motivos para se empenhar pela conservação do estado atual das coisas. Guerra, ganância, obsessão por prazer, miséria em massa, espoliação, opressão e outros males incontáveis apontam para a necessidade de diferenciarmos, no que se chama de cultura, entre o bom e digno de proteção, e o mal que deve ser combatido (PFISTER, 1928[2003], p.39).

Assim, embora a religião de fato seja aliada de algumas das tendências da cultura, por outro lado ela se coloca na contramão de outras: "Parece-me até que o cristianismo levado a sério deve aspirar a revoluções muito profundas em relação à nossa cultura, que se mostra tão superficial e tão atrofiada de valores interiores, principalmente de valores de caráter" (PFISTER, 1928[2003], p. 39-40). Pfister afirma que o estudo da psicanálise reforçou sua opinião de que a religião tem como uma de suas missões elevar a cultura em direção a valores mais dignos: "A religião não deveria tornar-se para nós uma polícia conservadora, mas guia e luz para a verdadeira cultura, retirando-nos da nossa cultura de aparências" (PFISTER, 1928[2003], p. 40).

Do mesmo modo, para Pfister, atribuir à religião a função de consolar os indivíduos pelas renúncias pulsionais que a cultura exige é desconsiderar a missão religiosa, que trabalha no sentido de promover ideais que favoreçam a sublimação.

> Igualmente me pareceria indigno à religião, se com Freud lhe atribuíssemos a tarefa de proporcionar *consolo para as renúncias pulsionais* exigidas pela cultura, por assim dizer, de fornecer focinheiras ou algemas para as massas anti-sociais. Pelo contrário, dominar os instintos animalescos (até onde prejudicam o bem-estar e a dignidade humana) deve ser somente o reverso da solução de uma tarefa positiva: a religião deve desencadear as mais sublimes forças intelectuais e de caráter, fomentar as realizações mais elevadas na arte e na ciência, preencher a vida de todos, também dos mais pobres, com os bens máximos da verdade, da beleza e do amor, ajudar a vencer as aflições reais da vida, abrir caminho para novas formas mais substanciosas e autênticas de vida social. Assim pode dar vida a uma humanidade mais nobre e rica interiormente, que corresponda melhor às exigências da natureza humana e da ética do que a nossa tão glorificada não-cultura (PFISTER, 1928[2003], p.40, grifo no original).

O pastor volta a criticar a noção difundida de que a religião prega um afastamento do mundo em troca de substitutos para os sofrimentos na vida após a morte. Para ele, ao contrário, Jesus convoca a trabalhar pela justiça na terra.

> Subestima-se completamente a essência do cristianismo quando se presume que ele oferece o céu como substituto para a terra entregue à miséria. "Venha a nós o teu Reino!", reza o *Pai-nosso*, incumbindo da obrigação de aplicar todas as forças em favor deste reino de Deus na terra, assim como os mandamentos do evangelho também são destinados à vida terrestre. "Antes que faças a tua oferta perante o altar, vai

> primeiro reconciliar-te com o teu irmão!", exige o *Sermão do Monte* (Mt 5,24). Jesus não tem culpa de que a cristandade tantas vezes compreendeu erroneamente essa exigência. Freud nos propiciou a possibilidade de reconhecer por que, através de um processo neurótico obsessivo, as intenções do fundador da religião cristã foram deturpadas muitas vezes para uma caricatura (PFISTER, 1928[2003], p.40).

Desta forma, para o *Analysenpfarrer*, o cristianismo não apenas não afasta da realidade, mas é um realismo autêntico, embora não no mesmo sentido de realismo ao qual Freud se refere e que Pfister considera filosoficamente insustentável.

> *Não há realismo mais autêntico que o cristianismo*. Apenas não se deve esquecer que pertence à realidade não somente o concreto, perceptível pelos órgãos olfativos e outras janelinhas da alma, mas também aquilo que está atrás das janelinhas, no fundo da alma e atrás das fontes de estímulo dos nossos sentidos. Obviamente há necessidade de uma visão essencial mais profunda e de uma filosofia de valores para compreendermos que abandonar essas realidades superiores situadas além do palpável e maciço apenas conduz a um realismo *ruim* (PFISTER, 1928[2003], p.41, grifos no original).

Prosseguindo com sua crítica, Pfister persegue essa questão, nomeando o próximo item como "O cientificismo de Freud", que se inicia com o subitem "A crença de que a ciência traz felicidade à humanidade". O pastor compara o ponto de vista do pai da psicanálise sobre a ciência à fé religiosa, indicando que Freud não discutiu na obra o conceito de ciência, pressupondo que toda ciência seja intrinsecamente positivista.

> À fé religiosa Freud contrapõe a fé no *poder da ciência* como fonte de felicidade. Na ciência Freud inclui apenas a *empírica*. Nela a ilusão cedeu à verdade. Aparentemente a questão "Que é ciência?" lhe causa menos preocupações que a ponderação paralela de Pilatos, "Que é verdade?"[231] Freud é positivista, e podemos agradecer a Deus por isso. Sem a sua dedicação concentrada no empírico ele não se teria transformado no grande desbravador. A um pioneiro tão genial e bem-sucedido podemos conceder o crédito de que, no momento em que tenta estrangular a ilusão da religião, ele erija o messianismo da ciência, sem notar que também nesta crença a ilusão se alastra[232] (PFISTER, 1928[2003], p.41, grifos no original).

[231] Pfister se refere à pergunta de Pilatos a Jesus no Evangelho de João 18, 38. Tendo sido entregue às autoridades religiosas e políticas, Jesus afirma: "Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunha da verdade. Quem é da verdade escuta minha voz" (BÍBLIA, 2010, p.1890). Pôncio Pilatos, que era o governador romano da Judeia naquela época, responde levantando a questão: "O que é verdade?" (BÍBLIA, 2010, p.1890), retirando-se em seguida. Pfister compara Freud a Pilatos ao considerar que ambos, levantando uma questão de tamanha envergadura, retiram-se como se não precisassem respondê-la ou discuti-la.

[232] Para Peter Gay, ao sustentar que a crença do pai da psicanálise na vitória da ciência sobre a religião era uma ilusão, "Pfister inverteu os papéis com seu velho amigo, pois acusou Freud, o pessimista inveterado, de um otimismo injustificado. O conhecimento, argumentou Pfister, não garante o progresso. A ciência, seca e asséptica, também não poderá jamais ocupar o lugar da religião; não consegue inspirar valores morais ou obras de arte duradouras" (GAY, 2012, p.539).

Entretanto, Pfister pondera sua argumentação, afirmando que "Freud é uma cabeça genial demais para que se entregue cegamente à fé vulgar e acrítica na onipotência das ciências naturais" (PFISTER, 1928[2003], p.41). Assim, ele lembra que o próprio Freud havia levantado a possibilidade de que estivesse defendendo uma ilusão: "É verdade que Freud imediatamente admite que talvez também esta esperança seja de natureza ilusória. [...] Nesse caso, possivelmente apenas teríamos de trocar a ilusão religiosa pela científica? Seria a diferença que uma com certeza nos faz de bobos e a outra talvez o faça?" (PFISTER, 1928[2003], p.42). O pastor indica que, segundo Freud, não é apenas a religião que sabe consolar, mas também a voz suave do intelecto. Por fim, Pfister comenta o final do ensaio de Freud, no qual este afirma que a ciência não é uma ilusão, indicando que a ciência não é capaz de oferecer um sentido para a vida.

> Com esta frase, de excelente conseqüência lógica, Freud encerra sua profecia do *naufrágio da religião*, e do glorioso absolutismo da ciência. O deus Logos [razão] derruba do trono o Deus da religião e governa no reino da necessidade, sobre cujo sentido por enquanto ainda não sabemos o mínimo (PFISTER, 1928[2003], p.43, grifo no original).

No subitem seguinte, "Iluminação histórica", Pfister afirma que esse "ideal científico" (PFISTER, 1928[2003], p.43), como Freud sabe, "repousa sobre um passado digno de honra" (PFISTER, 1928[2003], p.43). O pastor indica a origem das concepções freudianas no Iluminismo, mas afirma que o empirismo do pai da psicanálise é ainda mais radical.

> O criador da psicanálise talvez tenha empreendido apenas um aguçamento, na medida em que, em seu positivismo, isolou mais fortemente do que foi usual o conceito de ciência diante da filosofia. Seu empirismo é totalmente diferente daquele dos empiristas ingleses, que se apoderam com máxima precisão do mundo da experiência, mas que paralelamente, no agir, deixavam a condução não mais à ciência, mas ao instinto natural e à consciência, ou até, como John Stuart Mill, educado absolutamente sem religião, ainda buscavam apoiar-se na religião (PFISTER, 1928[2003], p.43).

Segundo o pastor, Freud radicaliza a posição positivista, na medida em que até mesmo na obra de Augusto Comte ainda havia espaço para concepções românticas.

> *O futuro de uma ilusão* também se afasta totalmente do positivismo de Augusto Comte, que primeiro destroça o patamar do pensamento mitológico e depois o do metafísico, para entoar o louvor das ciências específicas como único caminho de salvação. Em seguida, porém, tenta explicar o mundo a partir do sentimento ético do ser humano e constrói uma religião da humanidade altamente romântica e fantástica, o que vem a ser um testemunho bastante divertido de que seu cientificismo, baseado decididamente num fundamento amplo, não é suficiente (PFISTER, 1928[2003], p.43).

Na mesma linha de argumentação, o próximo item se denomina “O otimismo de Freud diante da ciência”, no qual o pastor procura focalizar com clareza o que Freud entende por ciência e até onde vai seu otimismo em relação a ela. Quanto à primeira questão, Pfister afirma que não é possível obter informações detalhadas sobre a concepção que Freud tem da ciência, em grande parte pelo fato de que este se mostrava refratário à filosofia. Quanto à segunda, o pastor considera que, para a sua satisfação, em seu ensaio Freud parece atribuir validade à teoria do conhecimento, na medida em que discute as possibilidades e limites do aparelho psíquico para apreender a realidade externa. Pfister, entretanto, questiona a abordagem freudiana, recorrendo à filosofia da ciência para afirmar que ele “supõe como evidente que só temos a tratar com o mundo sensível” (PFISTER, 1928[2003], p.44).

Para o pastor, entretanto, não é possível abordar um mundo puramente empírico, em decorrência dos próprios limites epistemológicos da ciência: “a natureza da ciência não consiste sempre em decompor este mundo perceptível e contrapor-lhe abstrações que nos proporcionarão o entendimento daquele mundo dos sentidos?” (PFISTER, 1928[2003], p.44). Assim, ele exemplifica sua colocação referindo-se às cores, que são o modo como o nosso sistema perceptivo apreende vibrações de ondas: “a ótica decompõe as cores em vibrações de ‘corpos’ incolores, que novamente são privados de sua ‘corporalidade’ pela física e química e decompostos em energias, elétrons e outras abstrações não corpóreas” (PFISTER, 1928[2003], p.44). De maneira semelhante, também conceitos utilizados pelas ciências são abstrações e interpretações da realidade: “Em lugar algum vemos ou cheiramos a causalidade, em nossa interpretação a introduzimos nas aparências” (PFISTER, 1928[2003], p.45).

Pfister continua a argumentação afirmando que o aparelho perceptivo “de modo algum representa uma figura nítida, protegida de equívocos” (PFISTER, 1928[2003], p.45). Assim, ele escreve num tom de alerta contra o que considera um engano: “Será que ainda não compreendemos em que labirintos científicos nos metemos quando acolhemos levianamente conceitos da teoria do conhecimento e da metafísica sob o destaque enganador das ciências naturais?” (PFISTER, 1928[2003], p.45). Por fim, ele conclui: “Não há *ciência natural sem metafísica*, nunca ouve nem haverá” (PFISTER, 1928[2003], p.45, grifo no original). Depois, Pfister relata um pouco de sua trajetória acadêmica no que diz respeito ao empirismo.

> Eu próprio passei pela escola do criticismo empírico e procurei por “experiência pura” durante alguns semestres, no sentido de um conhecimento da realidade que estivesse completamente livre de todos os ingredientes subjetivos. Que tentativa vã! O mundo só nos é acessível através da nossa organização anímica, isto é, não apenas pelos portões dos nossos sentidos, que na realidade ainda não possibilitam nenhum conhecimento. Nossas categorias de pensamento, independente de as pensarmos à

> maneira de Kant ou de outro, sempre interferem. Por isso temos de fomentar a crítica epistemológica. Além disso, precisamos de conceitos como o de causa e efeito, mesmo que tenham sido classificados como antropomorfismos pela sua origem (PFISTER, 1928[2003], p.45).

Assim, a ciência implica necessariamente em abstrações, sendo impossível prescindir delas, o que, para o pastor, torna o empirismo radical insustentável. Isto o leva a sugerir que, no que diz respeito ao seu desinteresse pelos fundamentos filosóficos da ciência, Freud se comporta como um laico confuso.

> Quem teme a abstração precisa tirar as mãos da ciência. O próprio ato de medir e pesar tem a ver com abstrações, pois conceitos numéricos, como todos os conceitos, naturalmente são abstratos. A filosofia encetada imediatamente onde termina a experiência se entrelaça com as ciências empíricas, e quem não se aprofunda seriamente em problemas filosóficos o faz como um laico confuso (PFISTER, 1928[2003], p.45-46).

Após uma longa digressão pelo campo da filosofia da ciência, Pfister retorna ao tema da religião, mostrando que tais questões se encontram intimamente conectadas: "como seremos capazes de solucionar a questão religiosa se desconsideramos as questões básicas da teoria do conhecimento?" (PFISTER, 1928[2003], p.46). Assim, ele sugere que Freud está sendo dogmático ao declarar *a priori* que não há uma ordem moral universal: "Não representa simplesmente um dogmatismo declarar, por decisão arbitrária, que não existem uma vontade e um sentido universais?" (PFISTER, 1928[2003], p.46). A filosofia, para Pfister, se encontra intimamente entrelaçada à ciência: "Quando se acredita que a filosofia é uma mania de cabeças distantes da vida e da realidade, cabe referir ao fato de que a história da filosofia exibe uma série de nomes brilhantes de pessoas que realizaram grandiosidades na física, matemática, astronomia, etc." (PFISTER, 1928[2003], p.46). A seguir, ele continua indicando a importância da filosofia para uma apreciação mais justa das possibilidades e limites da ciência.

> Quando ainda hoje um cientista [...] passa à filosofia, quando psiquiatras tomam o mesmo rumo, isto deveria assinalar que a filosofia não trata apenas de manias e quimeras, e sim de uma realidade cuja existência não pode ser descartada facilmente. A meu ver este mundo de ordem intelectual, que pode ser depreendido do mundo empírico, se apresenta a nós com mais segurança que o mundo dos sentidos, que com certeza é enganador (PFISTER, 1928[2003], p.46).

O conceito de ciência ao qual Freud se refere não parece ao pastor suficientemente claro para que seja possível determinar seus limites e sua confiabilidade.

> Por conseqüência, não consigo saber do conceito corriqueiro de ciência de *Freud* até que ponto vai o conhecimento, que grau de confiabilidade ele pode atingir e que chances lhe são atribuídas. Como posso saber, então, se existem ou não um fundamento intelectual originário e uma vontade cósmica ordenadora e, portanto, pensante? Como saberei se a expansão do poder através do conhecimento representa um acréscimo de felicidade para a humanidade ou não? (PFISTER, 1928[2003], p.46, grifo no original).

Pfister afirma que, apresentadas essas questões, irá se dedicar ao "*prognóstico científico* de Freud"[233] (PFISTER, 1928[2003], p.46, grifo no original). Em primeiro lugar, ele sugere que a ciência não é suficiente para construir valores éticos imprescindíveis para a vida em sociedade: "Seria impensável que uma cultura guiada somente pela ciência sucumbirá às paixões selvagens, depois que a guerra mundial desvelou a barbárie oculta nas profundezas dos povos?" (PFISTER, 1928[2003], p.47). Segundo o pastor, o prognóstico de Freud baseia-se numa dedução por analogia que não lhe parece confiável: a de que o desenvolvimento científico continuará trazendo vantagens à humanidade por tê-lo feito até aquele momento. Isto leva Pfister a dizer que, no argumento de Freud, "no fundo está uma crença na ciência" (PFISTER, 1928[2003], p.47).

O pastor também questiona a afirmação do pai da psicanálise de que a humanidade precisará aprender a suportar com resignação as contingências do destino: "ainda que me incline perante a grandeza da alma do ateu que reúne esta resignação, quem me garante, que e por que justamente a resignação tem de ser a última palavra?" (PFISTER, 1928[2003], p.48). Assim, ele volta a apontar que a ciência não é capaz de oferecer esperança e sentido para a vida: "Alguns meteram desesperadamente uma bala na cabeça, mesmo se encontrando nos altivos pináculos da ciência" (PFISTER, 1928[2003], p.48).

Por fim, Pfister sugere que a crença de Freud no triunfo da ciência é mobilizada pelo desejo e, portanto uma nova ilusão: "Não será que, por trás da crença de Freud no triunfo final do intelecto, está o *desejo*, e que sua profecia do fim de uma ilusão engloba o surgimento de uma *nova* ilusão, a saber, a *ilusão científica*?" (PFISTER, 1928[2003], p.48, grifos no original). Assim, o pastor discorda da crença e do prognóstico de Freud como consequência de sua reflexão filosófica: "não consigo aderir, justamente porque o princípio da realidade se interpõe como advertência" (PFISTER, 1928[2003], p.48).

O item seguinte do texto é denominado "A crença de Freud na suficiência da ciência", onde Pfister se refere à afirmação final do texto de Freud como uma confissão de fé: "Nestas

[233] Vale notar que Freud se mostrará muito menos otimista em relação aos progressos da ciência em suas obras posteriores a *O futuro de uma ilusão* (1927), particularmente em *O mal estar na cultura* (1930[1929]) e em sua correspondência com Einstein, publicada sob o título *Por que a guerra?* (1933b/1932[2006]).

palavras culmina a confissão de fé de Freud" (PFISTER, 1928[2003], p.48). Para o pastor, Freud se refere à ciência não apenas como um meio de conhecimento do mundo externo, mas também como um substituto para a religião: "Do contexto depreendemos que ele tem em vista o conhecimento acerca do mundo. Mas a disposição de todo o livro revela que nessa afirmação ele está pensando [...] no substitutivo pleno para aquilo que a religião oferecia"[234] (PFISTER, 1928[2003], p.48). Assim, para Pfister, ao confiar inteiramente na ciência e desprezar a religião, Freud ultrapassa o alcance epistemológico da psicanálise.

> Por mais que eu acompanhe Freud com alegria e entusiasmo no maravilhoso caminho da sua ciência experimental, neste ponto é impossível para mim manter o passo com ele. Aqui o brilhante intelecto de Freud excede-se num intelectualismo, o qual, extasiado pelos seus sucessos, esquece seus limites (PFISTER, 1928[2003], p.48).

O homem não se satisfaz apenas com a reflexão racional: "Nós, pessoas, não somos apenas aparelhos de pensar, somos entes vivos, sensitivos volitivos. Precisamos de bens e valores, necessitamos de algo que satisfaça nossas emoções, anime nosso querer" (PFISTER, 1928[2003], p.48-49). Pfister acredita que Freud não considerou suficientemente em seu ensaio a importância dos valores e dos afetos, embora o tivesse feito em sua vida pessoal: "É flagrante que Freud precisa abrigar em algum lugar de seu edifício científico os *valores afetivos*, dos quais sua própria vida evidencia uma riqueza tão admirável. Contudo, não consigo encontrar este lugar em seu conceito de ciência" (PFISTER, 1928[2003], p.49, grifo no original). Uma educação puramente científica não transmite valores morais: "Um canalha sem coração pode dispor de uma inteligência lúcida, e uma pessoa intelectualmente fraca é capaz de se indignar diante de uma perfídia. A ciência carece da capacidade de avaliar grandezas estéticas e éticas" (PFISTER, 1928[2003], p.49).

Também a arte, segundo o pastor, não teve seu valor devidamente apreciado por Freud no texto: "Tampouco vejo onde ele deixa colocados os templos da *arte*"[235] (PFISTER, 1928[2003], p.49, grifo no original). A arte para Pfister é mensageira de mistérios e tesouros

---

[234] Ao retomar *O futuro de uma ilusão* em *O mal-estar na cultura*, Freud se referirá aos versos de Goethe sobre a relação da religião com a arte e a ciência: "*Wer Wissenchaft und Kunst besitzt, hat auch Religion; / Wer jene beide nicht besitzt, der habe Religion!*" [Aquele que tem ciência e arte, tem também religião; / o que não tem nenhuma delas, que tenha religião!] (GOETHE apud FREUD, 1930/1929[2006], p.82). Freud os comenta: "Esses dois versos, por um lado, traçam uma antítese entre a religião e as duas mais altas realizações do homem, e, por outro, asseveram que, com relação ao seu valor na vida, essas realizações e a religião podem representar-se ou substituir-se mutuamente" (FREUD, 1930/1929[2006], p.82-83).

[235] Esta afirmação nos parece incompreensível, posto que Freud claramente valoriza altamente o lugar da arte em seu ensaio, como vimos, afirmando que ela "serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização" (FREUD, 1927a[2006], p.23).

que escapam aos homens da ciência: "Para mim, a arte continua sendo o arauto bendito de profundos mistérios e preciosos tesouros, que escapam e escaparão aos óculos dos eruditos, um milagre que sacia almas famintas, uma mensagem de paz do reino dos ideais" (PFISTER, 1928[2003], p.50). Além disso, acredita que as obras de arte "seguramente pertencem mais à verdadeira realidade que as materialidade palpáveis e demais falsificações dos sentidos" (PFISTER, 1928[2003], p.50). Por fim, exclama: "Como fico horrorizado diante de um Estado de eruditos privado da arte!" (PFISTER, 1928[2003], p.50).

A psicanálise mostrou que não basta esclarecer a dinâmica inconsciente para que se consiga interromper a repetição sintomático, sendo necessário modificá-la através da relação com o analista: "Também o conhecimento analítico da dinâmica do inconsciente e das suas raízes mais profundas por si só ainda não auxilia, como hoje sabemos, na libertação do seu jugo. Freud nos ensina que as pulsões aprisionadas igualmente precisam ser redimidas na *transferência*" (PFISTER, 1928[2003], p.50, grifo no original).

Para Pfister, a ciência não pode substituir a religião e seus desdobramentos nas artes e na ética: "não creio na *substituição da religião pela ciência*. A religião é o sol que gerou o mais belo florescer da arte e a colheita mais rica da mentalidade ética. Toda arte magnífica e portentosa é oração e oferta perante o altar de Deus" (PFISTER, 1928[2003], p.51, grifo no original). Afirmando que toda arte é uma forma de oração, o pastor entrelaça diferentes concepções de Deus, que variam desde a filosofia da religião até a devoção religiosa.

> Deus, que para o filósofo da religião é o fundamento real dos ideais, é para o devoto o fundamento ideal do seu real agir, é o Espírito de Pentecostes que desce em línguas de fogo sobre a terra[236], o Revelador, cujo "Haja luz" também ilumina com ofuscante claridade as trevas das mentes humanas. Aquele que pudesse destruir a religião perfuraria a raiz-mestra da grande arte que revela o sentido mais profundo e as mais elevadas forças da vida (PFISTER, 1928[2003], p.51, grifo no original).

Sem a religião, em sua opinião, não se pode alcançar o sentido mais profundo da vida, a moral e a ética: "Da mesma forma vislumbramos na religião um *pilar fundamental da moral*" (PFISTER, 1928[2003], p.51, grifo no original). A ética adveio, segundo Pfister, dos fundadores de religiões, e não dos cientistas: "os avanços éticos mais ousados e maravilhosos apenas puderam iniciar como religião. Os grandes avanços da ética não são devidos aos cientistas, mas aos fundadores de religiões" (PFISTER, 1928[2003], p.51). Assim, ele afirma: "O *pensamento positivista*, a *ciência*, como *Freud* parece ter em mente, não é capaz de nos

[236] Pfister se refere ao relato bíblico de Pentecostes. Após as narrativas da morte, ressurreição e ascensão de Jesus, o livro dos Atos dos Apóstolos (At 2, 1-4) narra que seus discípulos se encontravam reunidos escondidos num cenáculo quando o Espírito de Deus os visitou como línguas de fogo (BÍBLIA, 2010, p.1902).

fazer avançar muito, mesmo que nos possa fornecer [...] elementos altamente valiosos para a ética. Esta sempre continuará sendo uma disciplina filosófica"[237] (PFISTER, 1928[2003], p.52, grifos no original). Portanto, "a ciência empírica nos abandona ao construirmos conceitos éticos" (PFISTER, 1928[2003], p.52), o que leva Pfister a concluir que o mais importante é que a moralidade "nunca foi alcançada mediante teorias áridas e conceitos inteligentes. Negar esse fato representaria uma censura da pior espécie" (PFISTER, 1928[2003], p.52).

Na sequência, o pastor louva aquelas que lhe parecem algumas das grandes virtudes da religião, que ele considera anteciparem, de certa maneira, a psicanálise.

> A religião, com seus símbolos em parte sublimes, em parte encantadores, com seu esplendor poético e suas avassaladoras interpretações da realidade, com seus personagens arrebatadores, que atraem por suas ações e seus sofrimentos comoventes e que por suas falhas e fraquezas alertam por um lado e por outro novamente insuflam ânimo na pessoa abatida para com novas forças perseguir seu ideal, a religião com suas gigantescas bases metafísicas e perspectivas de futuro, com sua sanção divina dos mandamentos morais e *sua mensagem de redenção, que antecipa algumas das mais significativas conquistas da psicanálise*, a religião com suas exigências que superam toda a resistência do mundo empírico pela certeza de um compromisso e uma aliança maiores, em suma: todo este mundo do ideal, que apenas tem certeza de ser expressão de uma realidade superior, suprema, e que com facilidade pode acolher todas as dádivas da ciência, mas que apresenta uma plenitude de outras riquezas, de bens e forças vitais, é uma educadora que de forma alguma visa a substituir a ciência e suas teorias (PFISTER, 1928[2003], p.52-53, grifo nosso).

Embora a religião lhe pareça tão valiosa, Pfister se afirma disposto a abandoná-la se seu exame racional o considerasse necessário: "Contudo, se a fé fosse inverdade, teríamos de combatê-la apesar de suas realizações" (PFISTER, 1928[2003], p.53), concluindo: "É melhor ir ao inferno com a verdade que ao céu à custa de mentiras!" (PFISTER, 1928[2003], p.53).

Em seguida, o pastor retoma a referência de Freud de que a religião funciona como uma proteção contra a neurose: "Em sua tolerância Freud enalteceu a religião como proteção contra neuroses. Anteriormente ele expôs que desde o enfraquecimento das religiões as neuroses se multiplicaram extraordinariamente. Será que o cavalheirismo fez com que Freud fosse longe demais?" (PFISTER, 1928[2003], p.53). Ele próprio encontrava muitos casos de neurose entre os fiéis: "Constato igualmente nas multidões de devotos resolutos uma imensidade de histéricos e neuróticos obsessivos" (PFISTER, 1928[2003], p.53). Assim, conclui que a religião não necessariamente protege da neurose: "Não levando em conta que todas as ortodoxias devem ser

[237] Vale notar que em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan recorrerá à ética filosófica, particularmente Aristóteles e Kant, para distingui-la de uma ética propriamente psicanalítica, cujas coordenadas irá traçar a partir do texto de Freud. Para o psicanalista francês, a psicanálise coloca em cena uma dimensão trágica ao interpelar o sujeito através de uma questão que tem valor de Juízo Final: "Agiste conforme o desejo que te habita?" (LACAN, 1959-1960[2008], p.367).

consideradas como neuroses compulsivas coletivas, há entre cristãos muito devotos uma grande parcela de psiconeuróticos" (PFISTER, 1928[2003], p.53). A religião pode comparecer de várias maneiras na dinâmica psíquica: "tudo depende da forma como a devoção é construída, o quanto ela atua de maneira repressora" (PFISTER, 1928[2003], p.53). Por outro lado, para ele, a religião fundamentada no Evangelho de Jesus afasta a neurose: "No entanto, não se pode negar que o livre sopro do evangelho genuíno constitui uma proteção indispensável contra o perigo das neuroses" (PFISTER, 1928[2003], p.53).

Após tantas considerações, Pfister afirma que tudo o que indicou não esgota o campo da religião: "o campo da religião não foi nem de longe delineado de forma exaustiva. A religião não se deixa diluir em entusiasmo pela arte, em moral e em proteção contra a neurose. Agrega ainda uma série de outros aspectos" (PFISTER, 1928[2003], p.53). Assim, ele se aproxima da conclusão indicando que a ciência não se ocupa dos mesmos temas que a religião, tais como o sentido da vida, o anseio pela paz e o desejo pela união mística.

> A religião se ocupa com a pergunta pelo sentido e valor da vida, com o impulso por unificação da razão numa concepção universal de mundo que abarca o ser e o dever, com o anseio por um lar e paz, com o impulso pela *unio mystica* com o absoluto, com as algemas de culpa da alma, com o anseio de liberdade por graça, com a necessidade de um amor que esteja livre das inseguranças insuportáveis do terreno, com inúmeros outros anelos, que, quando não satisfeitos, sufocam e amedrontam a alma, mas que pela harmonização religiosa elevam a vida humana para alturas esplêndidas com horizontes indescritivelmente encantadores, que fortalecem o coração e que elevam o valor da existência pela incumbência de compromissos morais muito pesados no espírito de amor (PFISTER, 1928[2003], p.53).

O pastor suíço compara a sensibilidade religiosa à sensibilidade musical: "O não-religioso não consegue senti-lo, do mesmo modo como o não-musical é incapaz de vislumbrar o conteúdo de uma composição musical de Brahms" (PFISTER, 1928[2003], p. 53-54). Em seguida, indica como entende a noção de fé: "sob fé não compreendemos apenas uma imaginação, mas uma comoção de todo interior da pessoa" (PFISTER, 1928[2003], p. 54). Diante da fé religiosa, a ciência lhe parece pequena: "Quanto a ciência nos parece pobre diante dessa plenitude, da qual apenas consegui indicar uma parcela bem pequena, porque faltou o espaço para maiores explanações e porque palavras nem sequer conseguem reproduzir o indizível!" (PFISTER, 1928[2003], p. 54). Portanto, ele não se surpreende quando cientistas e poetas compreendem sua atividade não em contraposição à fé, mas como parte integrante desta: "A mim não surpreende que alguns dos mais proeminentes cientistas compreenderam o seu agir como um culto a Deus e que alguns dos maiores artistas e poetas depositaram humildemente suas coroa de louros defronte o altar divino" (PFISTER, 1928[2003], p. 54).

Pfister inicia a conclusão de seu ensaio retomando o debate sobre a ilusão desencadeado a partir do artigo de Freud.

> Portanto, como imaginaremos o futuro da ilusão criticada por Freud? Também eu sou da opinião que, se for apenas ilusão, tem de cair e desaparecer. Contudo, Freud nem visava a levantar a pergunta pela verdade. Ele acentua expressamente que a ilusão poderia ser verdadeira. Em decorrência, sou da opinião que o pensamento realista deve avançar ao máximo o que a *essência da realidade* permite (PFISTER, 1928[2003], p.54, grifo no original).

Pfister concorda que as ilusões precisam ser superadas e aponta para aquilo que Freud já havia indicado em seu ensaio, ou seja, que nele não tratava do conteúdo das crenças religiosas, mas da estrutura psíquica subjacente a elas. Em seguida, o pastor se refere ao seu texto *Weltanschauung und Psychoanalyse*[238] [Visão de mundo e psicanálise], onde apresenta seu argumento de que a ciência implica numa metafísica.

> Assinalei como a partir da ciência empírica resulta como complemento logicamente necessário uma metafísica, mas que – e isto é ainda mais importante para a religião – é possível ou até necessário traçar conclusões da determinação ética acerca do sentido e da vontade universal (PFISTER, 1928[2003], p.54).

Assim, o pastor sustenta a possibilidade de uma religião esclarecida, onde pensamento de desejo e pensamento realista fazem dialogar fé e ciência.

> Uma religião esclarecida só pode surgir do *entrelaçamento harmônico entre fé e ciência*, a partir de uma mútua interpenetração entre o pensamento de desejo e o pensamento realista, na qual, entretanto, o conteúdo do pensamento do real não pode sofrer nenhuma falsificação da realidade e das suas correlações (PFISTER, 1928[2003], p.54-55, grifo no original).

Ele interroga se tal entrelaçamento significaria uma deformação da religião: "No entanto, com essa síntese, o conteúdo verdadeiro da religião não vaza para as profundezas? Freud o presume; contudo não posso compartilhar de sua conjectura" (PFISTER, 1928[2003], p.55). Assim, afirma que uma religião esclarecida apenas amadurece a fé e a torna mais sublime: "O Deus destituído de grosseiros antropomorfismos, da teologia moderna trabalhada filosoficamente, a vontade universal, que visa à concretização do amor no sentido ético mais elevado, é mais excelso" (PFISTER, 1928[2003], p. 55). Assim, por exemplo, ocorreu com a Bíblia, que para ele "não se tornou menor [...], mas mais maravilhosa, desde que não mais a consideramos um papa de papel e oráculo infalível, como base legal para processos contra

[238] Publicado em *Zum kampf um die Psychoanalyse* [Para lutar pela psicanálise] no ano de 1920.

hereges, e sim, em virtude da liberdade evangélica, a submetemos à crítica mas inexorável" (PFISTER, 1928[2003], p. 55). Também a ordem ética universal, assunto frequente em suas controvérsias com Freud, parece ao pastor ser fruto de um reconhecimento "pela observação da realidade da vida" (PFISTER, 1928[2003], p. 56).

Dessa forma, Pfister julga que um futuro sem religião é uma ilusão de Freud.

> Podemos dispensar este aprofundamento religioso? Será que o avanço das ciências exatas o tornará supérfluo? A atual marcha à direita rumo às ortodoxias não deve ser decisória para a nossa sentença. Somente a partir da essência da humanidade e da estreita limitação do intelecto tenho de contrapor à profecia de Freud sobre o futuro de uma ilusão a afirmação, não mais profetizadora, mas fundamentada psicologicamente, da ilusão de um futuro desses (PFISTER, 1928[2003], p. 56).

O pastor considera que sua concepção não está tão distante daquela de Freud quanto possa parecer a princípio. O mesmo *Logos* da filosofia grega é apresentado no Evangelho segundo João como sendo o Cristo.

> Alegra-me muito que no fundo o próprio Freud busque o mesmo alvo, ele com seu olhar genial de pesquisador, eu com meus parcos recursos. Ele é impelido pelo seu deus Logos, sob o qual ele compreende o intelecto, "presumivelmente" para o alvo do *amor humano* e da *diminuição do sofrimento*. A mim me impele aos mesmos alvos o meu deus Logos, que eu, obviamente, com base no primeiro capítulo do Evangelho de João[239], compreendo como *sabedoria* e *amor* divinos (PFISTER, 1928[2003], p.56 grifos no original)

Por fim, como fizera tantas outras vezes, Pfister se refere a Freud como um cristão, levando em consideração o critério dado por Jesus para identificar um de seus discípulos.

> Não é a confissão de fé que constitui o verdadeiro critério do cristão. Em Jo 13,35 um outro parâmetro é dado: "Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros". Correndo o risco de ser alvo de zombaria das más línguas, arrisco-me mais uma vez a afirmar que à luz dessa palavra, embora se denominando gentio, Freud, com sua concepção e obra de vida, está à frente de muitos cristãos freqüentadores de igrejas (PFISTER, 1928[2003], p. 56).

O ensaio de Pfister é concluído com uma afirmação entusiasmada e um pouco ingênua quanto à possibilidade de integrar suas concepções sobre a religião com as de Freud: "Unem-

[239] Pfister se refere ao gesto do evangelista de retomar o conceito de *Logos* da filosofia grega e incorporá-lo à teologia cristã para transmitir a mensagem evangélica, identificando o *Logos* com Jesus: "No princípio era o Verbo [Logos], e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus [...] E o verbo se fez carne, e habitou entre nós" (BÍBLIA, 2010, p.1842-1843).

se, pois, *O futuro de uma ilusão* e *A ilusão de um futuro* numa mesma fé sólida, cujo credo é: *A verdade vos libertará*![240]" (PFISTER, 1928[2003], p. 56, grifos no original).

3.5 **Um conflito entre pulsão de morte e sentido da vida**

A possibilidade de encontrar síntese e harmonia entre psicanálise e religião, como Pfister pretendia, mostrava-se cada vez mais como um empreendimento irrealizável, o que se tornou particularmente evidente na controvérsia teórica com Freud que foi engendrada a partir da elaboração do conceito de pulsão de morte, que curiosamente quase não apareceu no debate sobre a ilusão.

No dia 24 de fevereiro de 1928, apenas quatro dias após ter recebido o manuscrito de *A ilusão de um futuro*, Freud responde a Pfister que sua contra-argumentação já estava na redação, sem lhe haver imposto qualquer objeção à publicação. Ao contrário, Freud afirma que considerava necessário que seu livro *O futuro de uma ilusão* fosse contestado por um membro do próprio movimento psicanalítico, e relata sua satisfação pelo fato de que isto tivesse acontecido de maneira tão cordial.

Quanto aos efeitos nele das críticas empreendidas por Pfister, Freud afirma que alguns argumentos lhe pareciam puro lirismo, outros lhe pareciam baratos, e outros ainda lhe pareciam injustos, pois achava que os religiosos exploravam de maneira tendenciosa demais as limitações das teorias científicas. Ao final permite-se também demonstrar sua impaciência quanto à crença de Pfister numa ordem moral universal.

> Era sobremaneira necessário que minha *Ilusão*[241] fosse contestada dentro dos nossos círculos, e é belo que isto tenha acontecido de forma tão digna e amistosa. Pelo efeito de suas colocações sobre mim, o senhor não precisa perguntar-me. Alguns de seus argumentos parecem-me lirismo; outros, como a enumeração dos grandes intelectuais que mesmo assim acreditaram em Deus, parecem-me baratos. Exigir da ciência que estabeleça uma ética é injusto – a ética é uma espécie de código de trânsito para o tráfego entre os homens. O fato de que a física admita atualmente que sejam redondos os átomos, que anteriormente eram quadrados, é explorado de maneira abusivamente tendenciosa por todos os famintos de fé. Enquanto a física estender nosso domínio sobre a natureza, tais mudanças deveriam ser-lhe indiferentes. E, por fim, permita-me, por uma vez, tornar-me impolido – por que diabos o senhor une tudo que

[240] Sem citar a fonte, o pastor se refere a um discurso de Jesus aos judeus que acreditaram nele, conforme relatado no Evangelho de João 8, 31-32: "Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (BÍBLIA, 2010, p.1865).

[241] Não deixa de ser curioso notar que Freud tenha se referido ao seu texto com a abreviação "minha *Ilusão*".

> experimentamos e o que devemos esperar na vida ao seu postulado de uma ordem moral universal? Fico curioso em sabê-lo, mas não está obrigado a responder (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.158-159).

Freud termina a carta desejando de maneira bem-humorada as melhoras a Pfister, que esteve acamado durante semanas com flebite, condição na qual havia escrito o artigo: "Agora chega de reflexões profundas. Estou regredindo para a pressuposição tola mas genericamente aceita da onipotência dos pensamentos, e lhe desejo rápidas melhoras e ressurreição" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.159).

Pfister lhe respondeu em 16 de novembro de 1928, impressionado pelo fato de que a *Imago* tivesse publicado seu texto com tamanha imparcialidade. Os adversários da psicanálise não tinham razão, continua ele, quando criticavam os psicanalistas de serem intolerantes.

> Impressionou-me bastante a postura da Revista Psicanalítica Internacional no debate sobre *O futuro de uma ilusão*. Esta imparcialidade teve um efeito dignificante. Quando os adversários sempre acusam de que os analistas são mais mesquinhos e hostis, mais intolerantes e fanáticos que os não analisados, este debate o refuta. Para mim a discussão com o senhor foi animadora e proveitosa. Deixe-me agradecer-lhe novamente, de coração, por sua bondade! (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.160).

Na mesma carta, Pfister também se refere a um trecho dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905a[2006]) no qual Freud escreve sobre pulsões desprovidas de qualidade, que somente alcançam suas características específicas a partir das fontes e alvos somáticos. Para ele, tais pulsões eram importantes para compreender a unidade da organização do indivíduo: "As pulsões desprovidas de qualidade parecem-me muito importantes para domiciliarem a unidade organizada do indivíduo e para descartarem a impressão de que o senhor o considera composto como um mosaico" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.161).

Freud reage com perplexidade à surpresa de Pfister diante da pretensa "tolerância" (ele coloca a palavra entre aspas) da revista. Em 25 de novembro de 1928, ele escreve que nisto não havia mérito algum, mas somente a neutralidade própria da investigação científica: "Na sua carta, no geral tão gratificante, um ponto deixou-me perplexo: que o senhor tenha achado algo inesperado e digno de reconhecimento a atitude da Revista Internacional na questão da *Ilusão* (redação e editor). Afinal, em tal 'tolerância' não há nenhum mérito" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.162).

Na mesma carta, Freud comenta outros trabalhos de Pfister, cujos títulos não conseguimos identificar. Ele afirma concordar em grande parte com os trabalhos, mas apenas

no que dizia respeito à psicanálise. Segundo Freud, havia neles uma ruptura súbita no encadeamento das ideias, não apenas no conteúdo analítico, mas no teor científico, quando Pfister passava a se referir a Deus e a Jesus Cristo. Assim, numa de suas raras referências a Jesus, Freud passa a traçar distinções entre o método psicanalítico e a cura praticada pelo Cristo nos evangelhos[242]. Para Freud, enquanto a cura operada por Jesus supõe a fé de que ele seja o Filho de Deus e convoca a uma transferência sem barreiras, o analista opera a partir da transferência apenas para indicar o seu limite, de modo que o analisando se torne o mais independente possível dela[243].

> Nos dois trabalhos [...] pude ver com satisfação que grande parte do caminho da análise podemos trilhar juntos. A súbita ruptura de pensamento, não do pensamento analítico mas do científico, quando se chega a Deus e a Cristo, eu a tomo como uma das inconsequências da vida logicamente insustentáveis e compreensíveis apenas pela psicologia. Em geral, não dou valor à "imitação de Cristo". A uma expressão psicológica tão profundamente embasada como "Os teus estão perdoados, levanta e anda", contrapõem-se outras em grande número condicionadas nada mais que por seu tempo, psicologicamente impossíveis, inúteis para nossa vida. E até a [expressão] anterior provoca uma análise. Se o doente tivesse perguntado: "De onde você sabe que meus pecados foram perdoados?", a resposta só poderia ter sido: "Eu, o Filho de Deus, os perdoo a ti". Portanto, na realidade, é um convite à transferência sem barreiras[244]. Imagine, pois, o senhor, que eu dissesse a um doente: "Eu, o professor catedrático titular Sigmund Freud, perdoo-lhe os pecados". Que vergonha, no meu caso! Para o outro caso, porém, vale a frase de que a análise não se satisfaz com um resultado de sugestão, mas examina a origem e a legitimidade da transferência (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.162).

Quanto à questão sobre as pulsões, Freud afirma que ela lhe foi incompreensível: "Não sei o que a ausência de qualidade das pulsões parciais tem que ver com a questão consciente ou inconsciente; também nunca entendi anteriormente o que o senhor chama de 'mosaico' nem por que o teme" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.163).

---

[242] Como indicamos, Pfister trataria especificamente destas distinções em 1934, no artigo *Cura neotestamentária das almas e terapia psicanalítica*.

[243] Em *Wahrheit und Schönheit in der Psychanalyse* [Verdade e beleza na psicanálise], publicado em 1918, Pfister apresentou o caso clínico da Sra. A., de onde extraímos um fragmento: "Certa noite, de repende, fantasia comigo como homem, que, com braços bem abertos, a mantém longe de Deus" (PFISTER apud WONDRACEK, 2005, p.125). Quando Pfister pede associações, a Sra. A. lhe informa que, ao depositar seu amor no analista, ela perde o amor de Deus. Assim, o analista parece colocar uma barra em relação à divindade. Num outro fragmento clínico, a analisanda relata um sonho que parece testemunhar suas dificuldades com o idealismo do *Analysenpfarrer*, pois nele "o analista se afasta, subindo uma montanha, e ela não consegue acompanhá-lo. Desesperada, ajoelha-se e pede a Deus que lhe dê forças para continuar a jornada" (WONDRACEK, 2005, p.124).

[244] Este comentário de Freud reforça a possibilidade de abordar a religião cristã como uma transferência com Jesus, ideia que gostaríamos de desenvolver futuramente num outro trabalho.

Em seguida, Freud se refere a uma importante questão metapsicológica que havia surgido a partir do atendimento clínico de um analisando de Pfister, sobre o qual este havia interrogado a respeito da possibilidade de o recalque incidir sobre os representantes éticos conscientes, e não sobre os representantes pulsionais inconscientes. Freud concorda que isto possa ocorrer, mas afirma que tal situação precisa ser melhor investigada.

> Seu relato sobre o caso mal sucedido reanima um problema interessante. Realmente pode ocorrer que, ao contrário da ordem habitual, não seja o "mal", o inadequado pulsional que seja recalcado, mas antes a consciência, a melhor compreensão, o "mais nobre". Dinamicamente, parece não haver nenhuma dificuldade nisto, mas deve depender de condições especiais que não foram estudadas (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.163).

Por fim, Freud se refere a uma conexão íntima entre *A questão de uma análise leiga* e *O futuro de uma ilusão*.

> Não sei se o senhor adivinhou a ligação secreta entre a *Análise laica* e a *Ilusão*. Na primeira quero proteger a análise dos médicos, na segunda, dos sacerdotes. Quero entregá-la a uma categoria que ainda não existe, uma categoria de curas de alma seculares, que não necessitam ser médicos e não podem ser sacerdotes[245] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.163).

Na resposta de 9 de fevereiro de 1929, Pfister se refere unicamente a esta última questão, queixando-se de que Freud tenha escrito que psicanalistas não podem ser sacerdotes. Ele afirma que, de fato, a psicanálise é uma atividade laica e secular, que não propõe valores morais e religiosos. Também ele próprio muitas vezes conduzia o atendimento espiritual sem fazer referência a elementos religiosos. Quando o fiel lhe buscava atendimento, ele atuava como analista, interpretando os elementos recalcados sem esperar uma conversão religiosa como moeda de troca – o que ele compara à parábola de Jesus sobre o bom samaritano[246]. O pastor também indica que o protestantismo retirou a diferença entre leigos e sacerdotes e que, além

[245] Sobre esta afirmação de Freud, Peter Gay escreveu que, na realidade, "a pré-história da *Ilusão* foi muito mais longa e mais íntima do que isso. Décadas de ateísmo por princípio e de reflexão psicanalítica sobre a religião o haviam preparado para tal. Fora um ateísta coerente e militante desde os dias de estudante, zombando de Deus e da religião" (GAY, 2012, p.528). Também sobre esta carta, Sérgio Nazar David afirmou: "Freud quis deixar claro que a psicanálise não deveria ser confundida com a medicina nem com a religião" (DAVID, 2003, p.7).

[246] Jesus conta esta parábola no Evangelho de Lucas 10, 30-37 (BÍBLIA, 2010, p.1808) a um judeu legista que lhe havia perguntado a quem deveria considerar como seu próximo. Na história, um homem é assaltado, espancado e deixado na estrada à beira da morte. Um sacerdote e depois um levita, ambos judeus, passaram adiante ignorando o moribundo. Mas um samaritano, cujo povo não mantinha boas relações com os judeus, passou por aquele homem e, movido por compaixão, tratou de suas feridas, conduziu-o a uma hospedaria e pagou por todos os seus cuidados, sem exigir nada em troca – a questão da retribuição nem ao menos é mencionada na parábola.

disso, até mesmo o mais fervoroso dos fiéis considera que o amor divino não limita sua atuação às celebrações litúrgicas.

> Permita-me, por favor, voltar à sua observação de que os analistas desejados pelo senhor não *podem* ser sacerdotes! Parece-me que a análise como tal precisa ser uma atividade puramente "secular". Em sua essência ela é privada e não fornece valores diretamente. Em inúmeros casos eu também não fiz nada diferente do que realizar este trabalho negativo, e nunca foi falada uma só palavra sobre religião. O samaritano misericordioso também não fez nenhum sermão, e seria de mau gosto querer que a cura bem-sucedida fosse paga posteriormente por meio de obrigações de fé. Como o protestantismo suspendeu a diferença entre laicos e sacerdotes, assim também a cura de almas deve ser desclericalizada e secularizada. Até o mais devoto tem de admitir que o amor de Deus não corresponde somente àquilo que traz consigo um cheirinho de incenso (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.164, grifo no original).

Entretanto, Pfister pondera que muitas das pessoas que ele acompanha frequentemente anseiam por valores morais e por encontrar um sentido na vida, e que a psicanálise não pode oferecê-los. Assim, como religioso, ele se propõe a apresentar elementos dessa ordem aos seus acompanhados – o que, como vimos, Freud admitia como sendo uma particularidade intrínseca ao seu ofício de pastor. Além disso, muitos pacientes trazem para o tratamento conflitos morais patogênicos e demandam ao pastor analista ponderações de ordem ética, que ele não lhes podia negar.

> Contudo, parece-me que não só crianças, mas também adultos, muitas vezes têm um anseio por valores de vida positivos de ordem intelectual, por visão de mundo e ética, e a psicanálise não os pode dar [...] Muitos já necessitam de ponderações éticas para a resolução de conflitos morais patogênicos, que eles não querem simplesmente regular pela via da transferência (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.164).

Pfister chega a escrever que, se um pastor não pode analisar, nenhum cristão ou religioso o pode. O próprio Freud havia ressaltado que a psicanálise é independente da visão de mundo[247]. Afinal, também a descrença é uma crença negativa. Para Pfister, portanto, a psicanálise não negava a religião, assim como não negava a arte e a filosofia, mas apenas contribuía para amadurecer esses caminhos diversos.

[247] Embora sempre tenha enfatizado que a psicanálise não conduz a uma nova visão de mundo, na conferência *A questão de uma Weltanschauung* Freud indicará que ela se sustenta na concepção científica de mundo, a qual enfatiza a necessidade de submeter-se ao mundo externo real e rejeita as ilusões derivadas dos desejos inconscientes. Freud conclui a conferência afirmando que aquele que exige mais do que aquilo que a visão de mundo científica pode oferecer deve procurar consolo em outro lugar que não a psicanálise: "Todo semelhante nosso que está insatisfeito com essa situação, que exige mais do que isso para seu consolo momentâneo, haverá de procurá-lo onde o possa encontrar. Não o levaremos a mal, não podemos ajudá-lo, mas nem podemos, por causa disso, pensar de modo diferente" (FREUD, 1933a/1932[2006], p.177).

> A rigor, se o pastor não puder analisar, não o poderia fazer também nenhum cristão, e nenhuma pessoa religiosa e eticamente alicerçada; mas o senhor mesmo ressaltou que a análise é independente da visão de mundo. A descrença é simplesmente uma crença negativa. Não creio que a psicanálise ponha de lado a arte, a filosofia, a religião, mas que ajude a purificá-las. Perdoe um velho aficcionado pela arte, fã da humanidade, servo de Deus! (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.164).

Em seguida, o pastor suíço afirma que a obra de Freud lhe convoca a contemplar a profundidade da vida, da qual ele próprio não consegue ficar apenas como espectador. Citando Goethe, declara sentir necessidade não apenas de analisar a religião, a filosofia e a arte, mas também de mergulhar nelas. Numa referência indireta ao desinteresse de Freud pela música, o pastor se refere a um professor que, embora talentoso, desprezava a dimensal musical. Pfister, entretanto, gostava de ouvir música clássica, que o fazia sentir-se renovado.

> Deixo-me guiar justamente pela obra maravilhosa da sua vida e sua terna bondade, que encarnam por assim dizer o sentido do ser, em direção às fontes profundas da vida. E não posso, na margem delas, ficar somente pesquisando; tenho de beber e recolher forças vitais. A frase de Goethe, "se não o sentirdes, não o conseguireis alcançar", é válida de novo, como sempre. Meu professor de ginásio mais talentoso definia a música como um guinchar lamentoso; eu não queria convertê-lo, mas me refazia com Beethoven e Schubert (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.165).

Por fim, Pfister volta a escrever que, para ele, Freud está mais próximo da posição religiosa do que pode imaginar e que sua conduta ética é tal que ele age como se supusesse um sentido para a vida e para o mundo. Assim, o pastor declara que apenas pode unir seus esforços aos de Freud, com uma contribuição muito mais humilde, para levar ao campo da religião os desenvolvimentos da teoria e da técnica analíticas. Por fim, ele retorna à questão inicial, buscando se certificar de que Freud aceita sua atividade como psicanalista.

> No fundo, o senhor serve ao mesmo sentido de vida que eu, e age "como se" houvesse um sentido de vida e de mundo. Eu posso apenas, com minhas escassas forças, incorporar seus admiráveis desenvolvimento e forças de cura analíticas àquele esquema acima argumentado. O senhor realmente quer excluir um "sacerdócio" assim entendido da atividade analítica? Não creio que o senhor tenha entendido desse modo a sua palavra (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.165).

Freud responde muito amigavelmente e com um toque de humor em 16 de fevereiro de 1929, afirmando que, se até aquele momento os médicos podiam se tornar analistas, também os sacerdotes o poderiam: "Minha observação de que os analistas da minha fantasia futurista não deveriam ser sacerdotes não soa muito tolerante, isto eu admito. Mas, queira considerar, falei de um futuro distante. Na atualidade também os médicos são-me admissíveis, por que não os sacerdotes?" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.166). Assim, ele concorda que a

psicanálise não cria uma nova visão de mundo, mas alerta que isto se deve ao fato de que se sustenta na visão de mundo da ciência, com a qual considera que a visão de mundo religiosa é incompatível. Para Freud, a religião fornece um ideal a ser seguido e ilusões referentes a uma ordem moral e providencial universal que segundo ele contradizem a razão, de modo que o sacerdote religioso fica constrangido a exercer o papel de representante dessas crenças, o que dificultaria ou até mesmo poderia impedir sua atuação como analista.

> O senhor também tem razão em alertar que a análise não fornece uma nova visão de mundo. Mas ela não o necessita, pois repousa sobre a visão de mundo científica comum, com a qual a religiosa permanece incompatível. Para esta última, porém, não é essencial se ela vê o ideal para o agir humano em Cristo, Buda ou Confúcio e os recomenda para imitação. Sua essência são as ilusões piedosas de providência e ordem ética do mundo, que contradizem a razão. O sacerdote ficará amarrado a representá-las (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.166-167).

Mesmo considerando a ciência e a religião incompatíveis, Freud ainda admite, num tom chistoso, que se possa recorrer ao direito humano de agir com incoerência: "Naturalmente a gente pode fazer uso do direito humano de inconsequência, andar um trecho com a análise, então fazer uma parada, por exemplo, como Charles Darwin, ir regularmente à igreja aos domingos" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.167). Quanto ao anseio ético dos analisandos, Freud concorda que é digno de respeito[248], mas considera a ética de maneira diferente de Pfister. Para ele, tratam-se simplesmente de regras humanas, e discorda de que ele próprio aja como se acreditasse num sentido transcendente para a vida. Referindo-se ao personagem judeu do livro *Nathan, der Weise* [Nathan, o sábio], de Heine, Freud escreve que, apesar de tudo, também Pfister insiste em ver nele um cristão.

> O anseio dos pacientes por valores éticos é digno do meu respeito; não vejo nenhum problema nisso. A ética está fundada sobre as inevitáveis exigências do convívio humano, não sobre a ordem mundial extra-humana. Não creio que eu me comporte como se houvesse "um sentido de vida e de mundo", isto está pensado amigavelmente demais; lembra-me sempre do irmão que queria de qualquer modo ver em Nathan um cristão. Eu nem de longe sou Nathan, mas também não posso evitar de continuar sendo "bom" para o senhor[249] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.167).

[248] Freud afirmara no texto *Observações sobre o amor transferencial*: "[...] o tratamento analítico se baseia na sinceridade, e neste fato reside grande parte de seu efeito educativo e de seu valor ético" (FREUD, 1915/1914[2006], p.182).

[249] Numa carta datada de 23 de abril de 1932, Pfister voltaria a se referir a esta comparação de Freud, discordando dele: "Estou muito emocionado pelos grandes sacrifícios que o senhor fez à editora psicanalítica e com isto ao movimento psicanalítico. Não posso impedir que o senhor novamente me apareça como o nobre Nathan, que sobrepuja os cristãos nominais" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.178).

Na próxima carta, datada de 23 de fevereiro de 1929, Freud presta suas condolências ao amigo pelo falecimento de sua esposa Erika Pfister-Wunderli (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.167). Três meses depois, em 26 de maio de 1929, volta a lhe escrever, sentindo como um peso o dever de ter de agradecer ao pastor os cumprimentos por seu aniversário, pois a vida lhe parece cada vez mais difícil.

> A vida já não é fácil em si, seu valor é duvidoso, e ter de agradecer que se fez 73 anos parece-me uma das tais injustiças que meu amigo Pfister suporta melhor que eu. Entretanto, se o senhor prometer que não o fará mais, quero perdoá-lo ainda esta vez, assim como o senhor parece perdoar-me várias coisas, *O futuro de uma ilusão* e outras (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.168).

Entre o final daquele ano e o início do ano seguinte, Freud publica *O mal-estar na cultura*, que de certa maneira dá continuidade às reflexões de *O futuro de uma ilusão*[250]. O livro se abria com uma discussão despertada a partir da reação a este livro por parte de seu amigo Romain Rolland, romancista, pacifista militante e ganhador do Prêmio Nobel de literatura, com quem Freud mantinha uma correspondência de mútua admiração desde 1923[251]. Quando Freud lhe enviara um exemplar de *O futuro de uma ilusão*, Rolland respondeu expressando que, de maneira geral, concordava com a análise da religião ali empreendida, mas questionava se Freud teria realmente descoberto a verdadeira fonte do sentimento religioso, que ele supunha estar num sentimento de eternidade ou de ilimitado.

> Agradeço sua gentileza em me enviar seu lúcido e corajoso pequeno livro. Com um calmo bom senso, e num tom moderado, ele retira a venda dos eternos adolescentes, que somos todos nós, cujo espírito anfíbio flutua entre a ilusão de ontem e... a ilusão de amanhã. Sua análise das religiões é muito justa. Mas eu teria apreciado vê-lo fazendo a análise do *sentimento religioso* [*sentiment religieux*] espontâneo ou, mais exatamente, da *sensação* religiosa [*sensation religieuse*], que é totalmente diferente das *religiões* propriamente ditas, e muito mais durável. O que eu quero dizer é: – totalmente independentemente de todo dogma, de todo credo, de todas as

[250] Peter Gay relata que, tal como ocorrera com *O futuro de uma ilusão*, Freud ficara insatisfeito com *O mal-estar na cultura*, sem imaginar que este viria a se tornar um de seus textos de maior alcance e influência. O biógrafo o considera como sendo "o livro mais sombrio de Freud, e em alguns aspectos também o mais inseguro" (GAY, 2012, p.546).

[251] Por ocasião do sexagésimo aniversário de Rolland, Freud lhe havia escrito uma carta, na qual sua admiração fica evidente e onde ele se refere ao amigo e a si mesmo respectivamente como apóstolo e como discípulo do amor da humanidade: "Inesquecível amigo! Com que dificuldades e sofrimentos você deve ter lutado para atingir o ponto culminante da humanidade como o seu! Muitos anos antes de vê-lo, eu o havia exaltado como um artista e um apóstolo do amor da humanidade. Eu próprio fui um discípulo do amor da humanidade, não por motivos sentimentais ou em busca de um ideal, mas por motivos desapaixonados e econômicos, porque, sendo as nossas pulsões inatas e o mundo que nos cerca o que são, não poderia deixar de considerar esse amor como não menos essencial para a sobrevivência da raça humana do que tais coisas como a tecnologia. E quando finalmente vim a conhecê-lo pessoalmente, fiquei surpreendido em verificar que você pode apreciar a força e a energia tão altamente e que você mesmo encarna essa força de vontade" (FREUD, 1926b[2006], p.270).

> organizações da Igreja, de todos os Livros Sagrados, de toda esperança na sobrevivência pessoal, etc., – o fato simples e direto da *sensação do "eterno"* (que pode muito bem não ser eterno, mas simplesmente sem limites perceptíveis, e como se fosse oceânico) (ROLLAND apud TERÊNCIO, 2011, p.53, grifos no original).

Ao interrogar a ênfase de Freud no complexo paterno em sua abordagem da religião, Rolland levantou a possibilidade de existirem para ela motivações mais profundas. De certa forma, Freud levantara um questionamento semelhante ao fazer alusão às origens maternas da religião. Ele responde à indagação no primeiro capítulo de *O mal-estar na cultura*, situando a experiência mística, em sua topologia psíquica, como uma regressão a um tempo no qual as fronteiras entre o eu e o mundo externo ainda não se encontram bem demarcadas. Por outro lado, ao retomar *O futuro de uma ilusão* em *O mal-estar na cultura*, Freud indicará que nele

> estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião – o sistema de doutrinas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso. Tudo é tão patentemente infantil, tão estranho à realidade, que, para qualquer pessoa que manifeste uma atitude amistosa em relação à humanidade, é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de superar essa visão da vida. Mais humilhante ainda é descobrir como é vasto o número de pessoas de hoje que não podem deixar de perceber que essa religião é insustentável e, não obstante isso, tentam defendê-la, item por item, numa série lamentável de atos retrógrados (FREUD, 1930/1929[2006], p.82).

Em 4 de fevereiro de 1930, Pfister envia suas reações ao novo livro de Freud. É curioso, entretanto, que não mencione a questão do sentimento oceânico, concentrando-se em discutir a noção de pulsão de morte. Como de costume, antes de iniciar a discussão teórica, Pfister endereça elogios efusivos ao amigo.

> Perdoe-me com a maior bondade que, por tanto tempo, não tenha respondido ao amigável envio do seu texto sobre o mal-estar na cultura! Certamente o senhor o atribuiu a um mal-estar pelo *Mal-estar*. Todavia tenho de acrescentar que além disso também experimentei muita alegria no livro. Recordo como o senhor me escreveu, há duas décadas (se não me engano), que pensava com horror no tempo em que sua capacidade intelectual declinasse. Agora o senhor está um pedaço acima dos 70, e seu vigor anima e enriquece. O senhor viveria em altura solitárias, se fosse somente pensador; pois quem poderia comparar-se ao senhor? Mas o senhor vive no meio de um círculo de pessoas que o amam, honram e lhe são gratas, porque, apesar do seu pessimismo, o senhor é bondade e benignidade (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.168-169).

Podemos deduzir que Freud lhe havia convidado a fazer uma crítica do livro, pois Pfister escreve: “Com prazer faço uso do seu convite para exercer livre crítica ao seu livro” (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.169). Segundo o pastor suíço, o livro “sem dúvida contém muitíssimos pensamentos profundos e importantes, mas que, assim me parece, não acerta em tudo” (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.169). Não podendo comentar todas as questões discutidas no livro, Pfister escolhe tratar das principais: “Não posso entrar em detalhes, pois então surgiria um tratado. Permita-me apenas algumas generalidades” (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.169). Assim, ele inicia referindo-se a um ponto crucial de discordância teórica entre os dois, na medida em que critica o conceito de pulsão de morte, que considera apenas como declínio da pulsão de vida.

> Na doutrina das pulsões o senhor tem pensamento conservador, eu progressista. Vejo, como na doutrina da evolução dos biólogos, uma tendência impulsionadora ascendente, tal como na primavera olímpica de Spitteler, em que os deuses, escalando penosamente e escorregando de volta, sobem mediante esforços indizíveis. A “pulsão de morte” vejo somente como declínio da “força vital”, não como uma pulsão propriamente dita, e [penso que] mesmo a morte dos indivíduos não pode deter o desenrolar da vontade universal, mas apenas fomentá-la (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.169).

Para sustentar sua concepção, Pfister contrapõe o estado presente da cultura ao estado futuro ansiado.

> Vejo a cultura cheia de tensões: assim como no homem volitivo o *status praesens* contrapõe-se ao *status futurus* desejado, também na cultura. Assim como seria errado ver nas realidades efetivas do indivíduo a sua totalidade, ignorando, porém, seus esforços, também seria incorreto julgar as abominações culturais presentes como sendo simplesmente a cultura, pois a elas também se contrapõem magnificências culturais (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.169).

Em seguida, o pastor se refere ao seu texto *Psicanálise e visão de mundo* para afirmar que a ética auxilia não apenas no tratamento das neuroses, mas também na proteção contra elas: “Descrevi (talvez como primeiro) a ética, no meu texto sobre psicanálise e visão de mundo, como providência higiênica. Não a concebo apenas como tentativa terapêutica [...], mas também como profilaxia; contudo, creio com isto ter apenas descrito uma parte da questão” (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.170). Por fim, ele conclui a carta com uma metáfora própria a um montanhista aventureiro e o entusiasmo permanente que mantinha com a psicanálise.

> Diante do seu livro, acontece comigo como numa viagem por uma região montanhosa. Ali desemboca um desfiladeiro no qual o olhar não consegue penetrar, mas adiante abre-se um amplo vale. Em algumas frases concisas sente-se a pressão de continuar explorando e se está seguro de encontrar importante *terra incógnita* (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.170, grifo no original).

Em 7 de fevereiro de 1930, Freud responde a essas reações com a sobriedade de sempre. Ao considerar em seu livro as relações pessoais como uma das grandes fontes de sofrimento do homem, elas lhe pareciam igualmente fonte de grande satisfação, merecendo ser preservadas. Assim, tendo sua amizade com o pastor sobrevivido ao intenso debate sobre a a ilusão, Freud achava que eles tinham motivações ainda mais fortes para mantê-la.

> Nem tudo o que o senhor conta de si é agradável, mas será que temos o direito de esperar que tudo seja agradável? Eu ao menos me agrado do próprio fato de que o senhor escreve de si e sobre o que trabalha, o que espera, do que sente falta. Com o distanciamento geográfico, facilmente a gente se afasta quando não se ouve nada um do outro, quando não pode vivenciar nada junto, e as relações pessoais são algo especialmente valioso, que não pode ser coberto por comunhão de trabalho ou de interesses. Justamente nós dois, depois que nos conscientizamos das últimas diferenças fundamentais de nossas concepções de vida, temos agora motivos especiais – mas também inclinações especiais, eu espero – para cultivar tais relações (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.170-171).

Aproveitando os elogios de Pfister, Freud afirma que irá se utilizar de seu intelecto preservado para apresentar uma defesa de seus argumentos, limitando-se a um único ponto: ao considerar a influência pregnante da pulsão de morte na cultura, o pai da psicanálise não considera que esteja expressando suas disposições de caráter, mas apenas constatando um dado da realidade.

> O senhor tem razão quando acha que minhas forças mentais não desapareceram nestes anos excedentes [...] quero servir-me desta vantagem, e contrapor à sua crítica breve e respeitosa uma defesa ainda menor e mais modesta. Quero tratar apenas de um ponto. Quando duvido da disposição da humanidade de avançar no caminho da cultura para uma perfeição ainda maior, quando detecto na sua vida uma luta continuada entre Eros e pulsão de morte, cujo resultado me parece incerto, creio não ter dado com isto qualquer expressão das minhas próprias características constitucionais ou das disposições adquiridas de sentimentos. Não sou um autoflagelador nem um *Bosnickel*[252], quero de bom grado conceder algo de bom a mim e aos outros, e também acharia bem mais belo e consolador se pudéssemos contar com um futuro tão brilhante. Mas parece-me novamente um caso da luta entre ilusão (cumprimento de desejo) e reconhecimento. Não se trata de modo algum de aceitar o que seja mais agradável ou mais cômodo e vantajoso para a vida, e sim o que mais se aproxima da enigmática realidade que existe fora de nós[253] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.171-172).

[252] Trata-se de uma expressão vienense usada para se referir a alguém que se agrada com o sofrimento de outrem.

[253] Gostaríamos de mencionar que Freud utilizava dois termos distintos para se referir à realidade: *Wirklichkeit* e *Realität*, e só podemos lamentar não poder realizar neste trabalho uma investigação mais aprofundada de seus

Desde a construção do conceito de pulsão de morte, este parece a Freud cada vez mais primordial para abordar tanto o funcionamento psíquico quanto os fenômenos da cultura. Para ele, seu realismo pessimista é fruto da pesquisa científica, enquanto o otimismo de Pfister e de seus adversários é uma pressuposição baseada em ilusões.

> A pulsão de morte não me é um anseio do coração, ela surge somente como uma hipótese inevitável a partir de razões biológicas e psicológicas. Disto se deduz todo o restante. Meu pessimismo aparece-me então como resultado; o otimismo dos meus adversários, como uma pressuposição. Eu poderia também dizer que fiz um casamento de conveniência racional com minhas teorias sombrias, [e que] os outros vivem com as suas um casamento por inclinação sentimental. Espero assim que eles se tornem mais felizes que eu (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.172).

Apesar de sua convicção teórica, Freud admite que pode ter se equivocado de três maneiras distintas: sua construção pode efetivamente ser fruto de suas próprias tendências psíquicas, seus argumentos para sustentá-la podem ser fracos e o próprio conteúdo dela pode ser falho. Afinal, manter aberta a possibilidade do erro favorece a pesquisa analítica e explicita sua conexão com a *Weltanschauung* científica.

> Naturalmente é bem possível que eu incorra em erros em todos os três pontos: na independência da minha teoria em relação à minha disposição, na valoração dos meus argumentos para essa teoria e no conteúdo dela própria. O senhor sabe, quanto mais grandiosos os prospectos, tanto menor a certeza e tanto mais apaixonada – no que não queremos participar – a tomada de partido das pessoas (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.172).

Freud termina sua carta propondo que Pfister imagine que os dinossauros, quando dominavam a terra, deviam se sentir muito orgulhosos de seu desenvolvimento. Se o espírito humano é realmente surpreendente, isto não significa que a natureza o tratará com respeito maior do que aquele que demonstrou com a extinção desses grandes répteis.

> Posso imaginar que há vários milhões de anos, no período triásico, toda a raça dos grandes sáurios estava bem orgulhosa do seu desenvolvimento e sabe Deus que grandioso futuro eles esperavam para si. E então eles se extinguiram, com exceção do pobre crocodilo. O senhor há de argumentar: "É que estes sáurios certamente não pensaram assim, eles só pensavam em comer. Mas o homem tem o espírito, que lhe dá o direito de pensar no seu futuro e de crer". Bem, o espírito certamente é algo de extraordinário; sabe-se tão pouco dele e da sua relação com a natureza! Tenho muito respeito pelo espírito, mas será que a natureza também o tem? Pois ele é uma parte dela, o restante parece sair-se bem sem esta parte. Será que por consideração ao espírito ela realmente se deixará influenciar de forma ampla? Digno de inveja quem

usos para aferir melhor a abordagem freudiana da religião. Notamos também, de passagem, que nos parece muito produtivo investigar a partir daí o conceito lacaniano de real e seus efeitos na abordagem lacaniana da religião.

> souber algo mais seguro do que eu a respeito! (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.172-173).

O conceito de pulsão de morte coloca em primeiro plano um questionamento radical de todo e qualquer sentido. Referindo-se ao texto *Mais além do princípio de prazer*, no qual este conceito foi introduzido, Lacan afirmará: "Não há texto que coloque em questão num mais alto grau o próprio sentido da vida" (LACAN, 1954-1955[2010], p. 40). Do ponto de vista da dinâmica metapsicológica, a pulsão de vida procura manter os seres humanos vivos "criando subterfúgios e ilusões, distraindo a pulsão de morte" (BARROS, 2009, p.33).

Marco Antonio Coutinho Jorge sustenta que o conflito entre psicanálise e religião parece ser definitivamente irreconciliável, na medida em que seria corolário do conflito entre pulsão de morte e sentido da vida.

> Dos quatro grandes caminhos do homem, classicamente considerados como sendo a arte, a ciência, a filosofia e a religião, a psicanálise sempre manteve uma relação de troca constante com os três primeiros, e apenas em relação à religião, como um discurso, Freud produziu uma reflexão francamente opositiva com a psicanálise. [...] Acredito que, se isso ocorre, é porque psicanálise e religião constituem dois modos radicalmente opostos de operar com o sentido: a religião opera fechando o sentido, ao excluir dele o real, ao passo que a psicanálise, incluindo-o, opera abrindo o sentido (JORGE, 2010, p.213).

O autor assim se expressou a respeito de *A ilusão de um futuro*: "o problema do sentido buscado pela religião domina todo o texto" (JORGE, 2010, p.212). Segundo ele, Freud estabeleceu uma oposição radical entre psicanálise e religião, que considerou antagônicas pelo modo como tratam diferentemente a questão do sentido: "trata-se, nessa oposição entre psicanálise e religião, de uma *questão discursiva* que pode ser resumida na forma diversa com que psicanálise e religião lidam com o problema do *sentido*" (JORGE, 1992, p.165, grifos no original). Desta forma, ele indica um ponto de disjunção estrutural entre psicanálise e religião em decorrência do modo como cada uma lida com o sentido, "uma espécie de bipolarização extrema quanto aos modos de frequentação do sentido, a neurose e a religião permanecendo numa referência constante ao sentido dado (fechado) e a psicanálise numa referência constante ao sentido novo (por vir)" (JORGE, 1992, p.173). Para o autor, Pfister renegou o conceito de pulsão de morte justamente pelo fato de que este coloca em xeque o sentido da vida:

> [Freud] concentra seus esforços em localizar o poder da religião na dependência do desamparo infantil que deixa sua marca indelével no adulto. O homem religioso, com seu deus-pai todo poderoso, se comporta como a criança pequena para a qual o pai representa uma proteção em relação aos inúmeros perigos que a vida oferece. Em essência, a religião constitui para Freud a tentativa mais poderosa de dar sentido à

> vida e, por isso mesmo, ela é capaz de fornecer sentido inclusive para a morte. Pois como conciliar o sentido que a religião prega incessantemente – através, sobretudo, da apologia do amor e do recalcamento do ódio – com o não senso da morte, senão dando a esta igualmente uma significação última e essencial? O diálogo estabelecido entre Freud e o pastor Oskar Pfister foi bastante ilustrativo disso, ao mostrar que este último renegou de modo absoluto a derradeira visão de Freud sobre as pulsões, divididas, a partir de 1920, em dois campos opostos – de vida e de morte. Para Pfister, que também era psicanalista e discípulo de Freud, foi totalmente impossível assimilar a teoria da pulsão de morte, pois como conciliar com a religião a ideia de que no cerne do aparelho psíquico do homem impera soberano o desejo de morte? (JORGE, 2011b, p.11-12).

Considerando a controvérsia sobre a pulsão de morte e o sentido da vida no diálogo entre Freud e Pfister como a essência do conflito entre psicanálise e religião, o autor considera que *A ilusão de um futuro* corrobora a indicação freudiana de que a essência da religião é se ocupar com a pergunta pelo sentido da vida.

> Nele, Pfister se empenha em negar, uma por uma, as "acusações" que Freud faz à religião: a religião como obsessão neurótica, como configuração do desejo, como hostil à razão, como proteção (policial) da cultura. Sua conclusão desemboca na ideia de que a religião "se ocupa com a pergunta pelo sentido e valor da vida". Pfister corrobora, assim, aquilo que Freud considerava 'a essência da questão': a religião como algo que é valorizado pelo fato de atribuir sentido à vida, sendo que, para tanto, necessita anular a falta de sentido inerente à morte (JORGE, 2010, p.212).

Retomaremos essas elaborações quando, na conclusão, voltarmos a interrogar o estatuto do diálogo entre psicanálise e religião.

3.6 **As últimas cartas**

Em 31 de julho de 1930, Pfister conta a Freud que estava escrevendo uma palestra para a Sociedade Psicanalítica de Nova York sobre *O surgimento e superação da angústia e da compulsão na história da religião judaico-cristã*[254]. O pastor relata que pesquisava esse tema havia anos e que este comprovava o ensino de Freud. A pesquisa também colocou novos problemas, como, por exemplo, a substituição da doutrina religiosa da expiação sacrifícial pelo mandamento do amor, conforme relatado na parábola do filho pródigo. A partir desse conflito, Pfister questiona como equilibrar a educação com as regras e o amor, aproximando a experiência da graça e do perdão da cura analítica.

[254] Este trabalho de certa forma anteciparia o tema da obra magna de Pfister, como veremos.

> O tema ocupa-me há anos. A princípio me surpreendeu, porque fornece preciosas comprovações do seu ensino. Mas então ele colocou tantos novos problemas de peso, como, por exemplo, a substituição da doutrina da reparação e do sacrifício pelo princípio do amor e da graça. A prática dos sacrifícios eu posso entender facilmente pelos meus princípios da continuidade psíquica. A necessidade de expiação foi grandiosamente trabalhada pelas suas investigações dos últimos anos. Na concepção genuinamente cristã da graça, como aparece na parábola do filho perdido (Lucas 15), acontece evidentemente uma regressão para aquela fase infantil, na qual a criança ainda não é tratada segundo a medida do bem ou do mal, mas simplesmente é servida com amor e bondade. Mas com isto ainda não está solucionado o verdadeiro problema. Na educação a aplicação dos princípios da expiação ou da graça também pertence ao mais difícil. Sempre temos de erigir regras, e justamente assim acabamos caindo em todo tipo de diabruras, até que derrubamos as regras e retomamos novamente a meta original. Por acaso não reside em toda graça e perdão uma prática analítica? (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.173-174).

Pfister também se alegra que a psicanálise continuasse se difundindo: "Para mim é motivo de grande alegria ver como a corrente principal que se liga ao seu nome desenvolve-se sempre com maior força, aprofundando e alargando seu leito" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.174).

Em 5 de setembro de 1930, Pfister comenta um trecho do livro de Freud intitulado *O eu e o isso*, afirmando que o pai da psicanálise pensa o homem de maneira conservadora ao considerar que ele constrói seu ideal do eu a partir da identificação com os pais, enquanto Pfister constata muito mais frequentemente o desejo de ultrapassar os pais, interrogando se não estaria aí a diferença entre o homem e o animal.

> Nos últimos dias reli novamente – talvez pela 10ª vez – seu *O Ego e o Id* e alegrei-me por como, desde este texto, o senhor se dirigiu aos jardins da humanidade, tendo antes investigado somente os fundamentos e as cloacas das suas casas. De uma coisa me admiro bastante, mas talvez eu não o compreenda totalmente: O senhor pensa o homem de modo tão conservador, fala de identificação, de formação do Ideal do Eu através dos pais. Será que vejo errado, quando constato que em toda parte atua muito mais a pulsão de sobrepujar os pais? Não nego que o menino ocasionalmente se identifique realmente com o pai, isto é, que queira ele próprio ser o pai. Pode-se também dizer: ele introjeta o pai idealizado. Mas com isto a vida mental ganha outro aspecto. Parece-me que todos os conservadores têm uma falha na forma de sentimentos de inferioridade, e quem quiser ser como o pai, sente-se inferior a ele. Será que não está aqui talvez a maior diferença entre homem e animal, que nós queremos subir mais, sobre cadáveres e figuras parentais, enquanto o macaco, belamente como seu papai, sempre se pendura pelo rabo, a não ser que a natureza não totalmente conservadora da filogênese o empurre para frente? (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.175-176).

Pfister afirma que o ideal do eu pode conter valores éticos genuínos transmitidos pelos pais, de modo que seria um equívoco considerar que se deva simplesmente destroná-lo.

> Parece-me ser consequência das suas novas ideias que o Ideal do Eu seja trabalhado com maior profundidade do que alguns o fazem. Desvalorizando-o como imitação dos

> pais, eu não consigo chegar ao alvo com os meus clientes. Assim como o amor genuíno não se extingue mesmo quando fica claro o contexto de que a mãe foi o primeiro objeto de amor, assim também o Ideal do Eu não desmorona quando se descobre sua origem na casa paterna. Pois pode ser que os pais tenham razão e, com sua exigência ética, deem expressão correta a uma ordem válida, que é análoga à ordem higiênica. Não se chega lá com o destronamento do Ideal do Eu. A imoralidade não pode, de forma alguma, ser a última palavra, senão o engano e a mentira seriam tão bons e valiosos como a sinceridade, e a luta pela verdade com armas brancas seria uma tolice (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.176).

Assim, o pastor se refere novamente à elevada moral de Freud e lamenta que muitos de seus discípulos não o acompanhem nisto, preferindo encontrar justificativas psicológicas para não alcançarem ideais éticos elevados.

> Sua moral, caro professor, impressionou-me profundamente; digo-o, embora saiba que o senhor teria o ímpeto de rir dessa frase, porque ela tem um som tão moralista – tão honesto e infantil. Mas preocupa-me como tão poucos dos seus alunos levam a sério o ajuste aos valores éticos mais elevados da vida e que, com a expressão rasa "perdoar-se a si próprio", queiram retirar todos os problemas do mundo, o que já por razões psicológicas não atinge pessoas de natureza mais profunda (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.176-177).

Para Pfister, a moral tem um efeito repressor e gerador de angústia quando se encontra desvinculada da ordem universal, mas o restabelecimento da conexão entre a moral e o sentido da vida gera como efeito a recuperação.

> Ajudo-me muito mais considerando analiticamente o próprio mandamento moral, encarando-o como expressão inadequada de uma ordem imperativista que visa o bem-estar humano. Quando se desvincula a exigência moral desta suprema determinação biológica e ética, ela tem um efeito repressor e formador de angústia. A restauração desse sentido supremo conduz à libertação[255], ao restabelecimento[256] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.177).

Em seguida, o pastor afirma que a psicanálise conduz à conquista da autonomia ao invés da heteronomia, de modo que o analisando se torna capaz de arbitrar suas ações com mais liberdade, não se preocupando em agir conforme a vontade de outros. Para alcançar isto, é preciso ampliar a capacidade de sublimação, mas ao mesmo tempo manter uma conexão com sua origem libidinal, para que o indivíduo seja capaz de expressar amor em sua atividade.

> É para a conquista da autonomia, em lugar da moral heteronômica, que a análise prepara. No intuito de concretizar esta vontade de bem-estar é necessário sublimar, ou melhor, organizar a personalidade toda, com inclusão das pulsões. Nisto, porém, a sublimação não vai longe, no sentido de uma passagem para funções elevadas não

[255] *Erlösung* também pode significar salvação, remissão, redenção.

[256] *Genesung* também pode significar cura, recuperação.

> sexuais. Quero dizer que até por trás da matemática tem de estar o amor às pessoas, senão surge a feia imagem do homem de números. Prefiro a moralização total, que sempre carrega no amor humano uma bela medida de investimento de libido, no sentido mais estrito (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.177).

Não temos acesso à resposta de Freud a esta carta, embora em diversas outras oportunidades ele tenha manifestado a Pfister que não concordava com a crença numa ordem moral universal. A próxima carta à qual temos acesso é datada do ano seguinte, de 16 de maio de 1931, na qual Freud informa a Pfister que havia feito uma nova grande cirurgia e ainda se sentia indisposto, mas se alegra com a possibilidade da visita de Pfister por ocasião de sua viagem para o Congresso de Psicologia da Religião em Viena: "[...] se no final deste mês eu novamente tiver chegado a um tipo de síntese – assim me prometem – poderia eu desperdiçar a oportunidade de ver junto a mim meu velho amigo, rejuvenescido pela graça de Deus, o senhor pastor?" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.178). Freud também se refere ao novo casamento de Pfister com sua prima Martha Zuppinger-Urner, que estivera viúva. O casal viveria em grande felicidade e teriam mais dois filhos.

A essas demonstrações de gentileza, o pastor responde em 16 de maio de 1931, mais uma vez elogiando as virtudes de Freud: "Que apesar das suas experiências dolorosas, o senhor escreva tão bondosamente, é para mim uma nova prova do seu amor e um sinal da sua moral, nem tão obviamente vivida, que o senhor nunca quer formular" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.178).

Naquele mesmo ano, Pfister participa de uma mesa-redonda com outros pastores reformados da Suíça, na qual relata seu encontro com a psicanálise e defende que seria muito proveitoso se os pastores fizessem uso dela em seu trabalho pastoral. O pastor suíço apresenta a seguinte metáfora: a psicanálise atua abrindo sulcos na terra e o cuidado pastoral vem em seguida, semeando e plantando[257].

> Como cheguei à psicanálise? Simplesmente porque não podia fazer nada válido com os velhos métodos. Com a psicanálise, pode-se ter êxito onde antes era impossível, podem ser reativadas grandes quantidades de energias humanas que previamente não tinham saída e que conduziam à doença, ao manicômio e a outras formas de miséria. O inconsciente é um poder forte e pode causar sérias aberrações. A psicanálise pode apenas abrir sulcos, mas não pode plantar. É óbvio que um cuidado pastoral deve unir-se à psicanálise. Este é um ponto sobre o qual a maioria das pessoas passa por cima. É verdade que Freud considera a religião uma ilusão. Como pastores, entretanto,

[257] Talvez Pfister estivesse fazendo uma referência indireta à parábola do semeador contada por Jesus no Evangelho de Mateus 13, 1-9. Depois que o semeador sai para semear, várias sementes não crescem porque caíram à beira do caminho, em terreno pedregoso ou entre os espinhos. Apenas as sementes que caíram em terra boa puderam crescer e produzir frutos (BÍBLIA, 2010, p.1727). De maneira semelhante, para Pfister, o atendimento pastoral através da cura de almas psicanalítica funcionava como um meio de preparar o fiel para acolher a mensagem do Evangelho.

> podemos fazer análise e nos adentrar nessas novas tarefas com toda reverência, e nos tornaremos pastores da alma apenas quando conduzirmos as pessoas para a luz: um conceito que nos foi legado por Jesus (PFISTER apud DOMÍNGUEZ, 2008, p.22-23)[258].

Dois anos depois, em 24 de maio de 1933, Pfister escreve a Freud lamentando a morte de Ferenczi e revelando sua admiração pela sua humildade e pela maneira particular com a qual investigou a psicologia do pensamento filosófico, em especial a metafísica: "Espero que ele tenha conseguido peregrinar sem agonia à terra do inconsciente!" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.180). Em seguida, o pastor acrescenta que a perda de Ferenczi é ainda mais sentida num momento tenebroso da história europeia e mundial.

> A perda do valente guerreiro deve doer especialmente neste nosso tempo diabólico e de pobreza intelectual. (...) Na última semana estive rapidamente na Alemanha e trouxe comigo um sentimento de nojo, do qual por muito tempo não me poderei livrar. O militarismo proletário fede pior ainda que o espírito de sangue azul, fidalgo, da era guilhermiana. Covarde para fora, ele canaliza sua raiva infantil em indefesos judeus e até saqueia as bibliotecas. Bem-aventurado é aquele que, em vista de tão indigna estupidez, ainda conserva forças para a contemplação médica da alma![259] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.180).

Freud agradece os pêsames pelo falecimento de seu querido discípulo, cuja perda lhe foi deveras dolorosa, numa carta datada de 28 de maio de 1933. Nela, Freud também se refere com doloroso pesar à ideologia nazista.

> Ouvir tantas coisas boas do senhor muito me alegra. Nosso horizonte obscureceu-se bastante pelos acontecimentos na Alemanha [...] Houve poucos motivos para mudar meu julgamento a respeito da natureza humana, principalmente a cristã-ariana. Minha correspondência com Einsten foi editada simultaneamente em alemão, francês e inglês; somente na Alemanha ela não pode ser anunciada ou vendida[260] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.181).

No ano seguinte, Pfister recebeu o título de doutor *honoris causa* em teologia pela Faculdade de Teologia de Genebra, pelo qual Freud o felicitou em 13 de junho de 1934.

> Eu o felicito pelo *Dr. theologiae*, mas não posso permitir que o senhor atribua a mim a honra recebida. Como defensor da religião contra meu *Futuro de uma ilusão*, o

[258] Texto encontrado originalmente em *Unpublished Report of Discussion, Transactions of Swiss Reformed Pastors Association*, 31 ago. 1931 apud KIENAST, The significance of Oskar Pfister's in-depth pastoral care. *Journal of Religion and Health*, 13, 1974, p.83-95.

[259] Pfister se refere a Freud como um bem-aventurado com a mesma estrutura frasal utilizando por Jesus ao proclamar as bem-aventuranças no Sermão da Montanha, como podemos ler no Evangelho de Mateus 5, 1-12 (BÍBLIA, 2010, p.1710-1711).

[260] A correspondência foi publicada em 1933 sob o título *Por que a guerra?*.

> senhor tem o direito a ele sozinho. Pelo menos é digno de reconhecimento o fato de que a Faculdade de Genebra não se deixou impedir por causa da análise (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.182).

Naquele mesmo ano, Pfister publicou o trabalho *Neutestamentliche Seelsorge und psychoanalytische Therapie* [Cura neotestamentária das almas e terapia psicanalítica], onde traçou semelhanças e diferenças entre a cura de almas operada por Jesus no Novo Testamento bíblico e o tratamento analítico. A proposta de Pfister é polêmica e ousada: "No que segue, espero provar que o psicanalista, apesar de seu rígido procedimento metódico, segue os passos do Evangelho e que, no fundo, apenas desenvolve algumas inspirações profundas da verdade neotestamentária" (PFISTER apud WONDRACEK, 2003, p.66-67).

Dentre as analogias sinalizadas por Pfister entre as propostas do Evangelho e da psicanálise, a principal é que ambas trabalham no sentido de liberar a capacidade de amar. Para o pastor, ambas nasceram da exigência de superação da angústia em consequência da transgressão de uma autoridade concebida como absoluta, de modo que o tratamento consiste na substituição desta instância através de uma reelaboração da figura paterna, que se torna menos autoritária e mais acolhedora (DOMÍNGUEZ, 2008, p.71-72).

Quanto às diferenças, o pastor indica quatro fundamentais: na atividade pastoral a cura é um caminho para a finalidade principal de tornar a pessoa mais apta a amar a Deus e ao próximo, enquanto na terapia psicanalítica a cura é o próprio fim; na cura neotestamentária adota-se uma perspectiva religiosa, enquanto na psicanálise a perspectiva é exclusivamente científica; o tratamento religioso fundamenta-se em grande medida em critérios universais, enquanto o tratamento analítico se baseia na elaboração rigorosa de fatores singulares; por fim, do ponto de vista tópico, a proposta evangélica se desenvolve a partir da consciência, enquanto o trabalho analítico privilegia o inconsciente (DOMÍNGUEZ, 2008, p.72-73).

Após apresentar diversos pontos, Pfister termina o estudo concluindo que, embora certamente haja diferenças entre as atividades pastoral e psicanalítica, também há entre elas muitos pontos em comum. Por fim, o pastor questiona se psicanálise e religião precisam realmente se considerar adversárias ou se não poderiam tratar-se como aliadas.

> A terapia psicanalítica é uma cura de almas secularizada e elaborada cientificamente, que concorda em muitos pontos com a de Jesus. Em todo caso, apesar das diferenças fundamentais entre a pastoral de almas neotestamentária e a terapia psicanalítica – que aspiram à libertação por intermédio da verdade e da restauração do amor –, elas apresentam afinidades tão grandes que não deveriam combater-se mutuamente como adversárias (que é o que tem ocorrido até o momento), mas, sim, considerar-se aliadas. Na medida em que ambas buscam libertar e curar o indivíduo e a sociedade pela verdade e pelo amor, elas se conjugam, apesar das diferenças, pelos mesmos resultados (PFISTER apud DOMÍNGUEZ, 2008, p.73).

Em 8 de novembro de 1934, Pfister escreve a Freud a respeito da tradução para o dinamarquês de sua obra *Die Psychoanalyse im Dienste der Erziehung* [A psicanálise a serviço da educação], cujo prefácio havia sido escrito por um importante bispo da Dinamarca, que havia sido analisado por Pfister. Sua inteligência e senso de realidade são elogiados pelo analista como mais elevados que os de cientistas que julgavam-se superiores aos religiosos.

> Não lhe será enfadonho, se eu já de novo lhe enviar uma tradução do meu pequeno livrete pedagógico? Agora foi publicado em alemão, francês, inglês, italiano, espanhol, polonês, grego e, por fim, em dinamarquês. Espero que ele ao menos estimule o apetite para saborear pratos de mais difícil digestão. O prefácio é do maior líder teológico dinamarquês, um bispo, pastor da catedral e professor universitário, que me procurou há quatro anos para se deixar analisar. Infelizmente ele só pôde ficar aqui por poucas semanas, mas levou consigo impressões fortes da profundidade e do poder da psicanálise, o que, aliás, também aconteceu com um outro bispo nórdico[261]. Adquiri grande respeito pela inteligência e honestidade de ambos, que sobrepujam de longe em senso de realidade a muitos cientistas naturais preconceituosos, e que somente renunciaram às suas dúvidas após as mais fortes resistências (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.183).

Pfister também se refere a mais um congresso psicanalítico. Embora o trabalho científico avançasse mais lentamente, o encontro havia sido frutuoso. Por fim, ele conclui a carta comparando o gesto freudiano de criar a psicanálise ao gesto divino de criar o universo.

> O Congresso em Lucerna certamente trouxe bons frutos. Já não estamos mais naqueles grandes tempos, nos quais cada congresso gerava descobertas poderosas através das intervenções do senhor e dos quais a gente retornava com admirável júbilo. Já não mais se descobrem continentes e dá-se de graça a pioneiros. Iniciou a era dos colonizadores, rica em trabalhos miúdos, tateios e buscas, igualmente rica em enganos e erros, como os tempos que lembram as primeiras maravilhas da criação da psicanálise e seu "Haja luz"[262] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.183-184).

Freud responde em 25 de novembro de 1934, feliz com o fato de que a obra de Pfister tivesse trabalhado para esclarecer e divulgar a psicanálise. Assim, ele demonstra sua surpresa de que, após tantos anos envolvido intensamente com o movimento psicanalítico, o pastor mantivesse a sua fé religiosa.

> Seu livrete em nova língua, que enfim me alcançou, experimentou uma bela carreira e certamente trabalhou em cada estação [ferroviária] pelo esclarecimento e divulgação da análise. Alegro-me por todos os seus sucessos. Que o senhor possa ser um analista

[261] Tratava-se do bispo norueguês Bergrav.

[262] No original: "*Es werde Licht*". Pfister faz uma alusão ao relato da Criação no Livro do Gênesis 1,3: "Deus disse: 'Haja luz', e houve luz" (BÍBLIA, 2010, p.33). Como indica Wondracek numa nota de tradução, talvez Pfister estivesse fazendo um jogo de palavras com o pronome neutro *Es*, que Freud utilizava para se referir à instância psíquica do Isso. Assim, o pastor relaciona a passagem bíblica da criação do universo com o gesto freudiano de lançar luz sobre o Isso.

> tão convicto e ao mesmo tempo um homem espiritual, pertence às contradições que tornam a vida tão interessante[263] (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.184).

A correspondência entre Freud e Pfister aparentemente foi se tornando escassa, possivelmente pelas condições difíceis dos anos que precederiam a Segunda Guerra Mundial, das quais somos informados em algumas das cartas. Em sua última carta ao pastor, datada de 27 de março de 1937, Freud lhe informa que estava escrevendo *O homem Moisés e a religião monoteísta*, onde apresentaria sua reconstrução psicanalítica da história da religião judaica.

> Alegra-me, depois de tanto tempo, ouvir novamente algo do senhor. Posso presumir que esteja passando bem, o senhor e sua família? [...] Minha filha certamente acolherá amigavelmente sua palestra. É pouco provável que ela negue, seu índice [da publicação] não está completo. Não mereço sua reclamação de que não estou escrevendo nada. Terminei um grande trabalho e de conteúdo significativo; apenas não pode ser divulgado por cuidado com fatos externos, ou perigos reais. Novamente a religião, não agradável também para o senhor. Assim só puderam ser aproveitados alguns pequenos artigos para o Almanaque e para a Imago (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.186-187).

Infelizmente não temos acesso às reações de Pfister ao último livro de Freud. A última carta do pastor suíço ao criador da psicanálise é datada de 12 de março de 1938, na qual oferece toda a ajuda possível para que o amigo escapasse da terrível situação em Viena.

> Abalado até as profundezas pelos acontecimentos que se desenrolaram na Áustria, não posso deixar de expressar minha simpatia mais íntima e oferecer-lhe toda ajuda que estiver em minhas forças. Muito me alegraria se eu pudesse demonstrar através de atos a gratidão que lhe devo. A palestra que proferirei hoje à noite novamente me fez consciente de como a ciência tem infinitamente a lhe agradecer. Estou convicto de que cada membro da Sociedade Psicanalítica ficará orgulhoso em poder servir ao senhor e sua amada família (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.187).

Freud se refugia em Londres, onde vive o último ano de sua longa e produtiva vida, falecendo em 23 de setembro de 1939. Alguns meses depois, Pfister escreve a Martha Freud, em 12 de dezembro de 1939, prestando suas condolências e contando a respeito de uma sessão solene no Sanatório de Doentes Mentais Königsfelden, realizada pela Sociedade Psicanalítica

---

[263] Peter Gay afirma a respeito deste comentário de Freud: "A habilidade com que as pessoas cultas combinavam a fé em Deus e a confiança na ciência era algo que Freud achava um tanto espantoso e muito engraçado" (GAY, 1992, p.88). O biógrafo cita, em seguida, uma carta que Freud escreveu em 2 de maio de 1939, poucos meses antes de morrer, a Rafael da Costa, um correspondente na Palestina: "O modo pelo qual você consegue reconciliar a estima pela pesquisa científica com a crença na veracidade do relato bíblico provoca a minha mais profunda admiração. Para mim, tal tarefa revelou-se impossível. [...] Mas de onde tiraram vocês o direito de dar o monopólio da verdade para a Bíblia? A meu ver, isto significa simplesmente: Creio por que creio" (FREUD apud GAY, 1992, p.88). Peter Gay conclui a respeito do ponto de vista de Freud: "Com isso, fica definida a questão, da maneira econômica habitual em Freud. Ele via o trabalho realizado por Pfister ao longo de toda a sua vida como uma grandiosa – e a seu modo admirável – contradição em termos" (GAY, 1992, p.88).

Suíça para honrar a memória de seu "grandioso marido" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.188). Ele se refere a Freud como "magistral e ao mesmo tempo infinitamente bondoso titã" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.188). A melhor forma de agradecer àquele "pesquisador genial e amigo paterno" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.188) seria trabalhando a partir do legado de sua obra.

> A cerimônia não foi uma homenagem ao precioso morto, a quem todos nós temos tanto a agradecer, mas sim uma confissão àquele que permanece vivo entre nós, ao qual não será com a expressão de nossa admiração e veneração que poderemos abater um pouco da nossa dívida de gratidão, mas somente com o zelo pela sua obra (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.188).

Pfister escreve que possuía 134 cartas de Freud, que ele considerava parte de seu "tesouro mais precioso" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.190), e afirma: "Enquanto eu viver vou consultá-las sempre de novo" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.190). O pastor confidencia também que, tendo crescido sem a presença do pai, ficou admirado com aquele ambiente familiar.

> No estudo das cartas do seu marido comoveu-me, dolorosa e alegremente ao mesmo tempo, sentir de novo o interminável valor que a sua família teve para ele. Lembro-me vivamente como ele me apresentou, em 25 de abril de 1909, à senhora, seus três robustos filhos, à Sophie cheia de vida e à mamãezinha das lagartixas. Eu, que cresci sem pai e por longo tempo sofri debaixo de uma educação unilateralmente branda, fiquei ofuscado pela beleza dessa vida familiar que, apesar da grandeza quase sobre-humana do pai da casa e sua profunda seriedade de vida, respirava liberdade e contentamento, graças a seu amor e a seu humor borbulhante (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.188-189).

A gentileza do cura de almas, que tanto admirava a família de Freud, transparece na sensibilidade com a qual ele escreve que, sem o apoio da esposa, o pai da psicanálise não teria se tornado o gênio que foi. Por fim, também afirma que ele próprio se sentia lisonjeado pelo fato de ter pertencido aos amigos próximos de Freud.

> Na casa da senhora a gente se sentia como num ensolarado jardim primaveril, escutava cotovias e sabiás cantarem felizes da vida, via canteiros reluzentes e pressentia ricas bênçãos para o verão. Logo ficava claro ao visitante que uma grande parte desta bênção devia ser considerada mérito da senhora, e que, com seu modo suave e bondoso, a senhora alcançava a seu marido sempre novas armas para a ardente luta da vida. Quanto mais as pessoas pareciam a ele como ralé (ele utiliza esta expressão numa de suas cartas), quanto mais o "rancoroso par de deuses *Ananke e Logos*" (são expressões dele) forçavam-no ao seu cruel serviço, tanto mais ele necessitava da senhora. E sem a senhora também este gigante não teria conseguido realizar seu colossal trabalho, que foi brindado à "inútil" humanidade através da obra da sua vida. Fez-me muito bem nesta triste tarefa do afetuoso necrológio [sentir] que, segundo o testemunho das cartas, também os amigos muito lhe significaram, e que

> também eu pude, por muitos anos, pertencer a esses amigos mais próximos (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.189).

Se Freud, tendo sido um "grande sofredor" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.190), tornou-se capaz de "desfrutar a vida até o final" (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.190), isto era devido ao cuidado de toda a sua família. Assim, afirma o pastor, o desejo de Freud de se manter intelectualmente íntegro até o final de sua vida se cumpriu: "Realizou-se, pois, pelo menos o desejo de acuidade intelectual, de uma morte na armadura régia do pensador." (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.190). Por fim, Pfister informa à viúva que seu trabalho continuava profundamente conectado ao campo teórico-clínico inaugurado por Freud.

> Trabalho em vários projetos que, com minhas pequenas forças, dão continuidade ao modo de trabalho do seu esposo. Mesmo que a malevolência da época atual prefira convidar o diabo da mentira para dançar, a ouvir as sinfonias da verdade, creio com o seu marido: *La vérité est en marche* [A verdade segue em marcha] (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.191).

Pfister continuou produzindo obras nas quais procurava articular os campos da psicanálise e da religião. Sua obra magna, que acompanha esta linha de trabalho, foi publicada em 1944, tendo sido intitulada *Das Christentum und die Angst: Eine religionpsychologische, historische und religionshygienische Untersuchung* [Cristianismo e angústia: uma investigação sobre a psicologia, a história e a higiene da religião]. Nela, o pastor suíço interpreta a história do cristianismo como sendo uma luta contínua contra a angústia. A cada reforma religiosa que procura resgatar o amor para o primeiro plano, sucede-se o estabelecimento de normas rígidas. Na medida mesmo em que se pretende tornar a palavra do reformador uma palavra final, perde-se o núcleo do que sua mensagem pretendia veicular[264]. No prefácio do livro, Pfister descreve sua passagem à psicanálise e defende sua concepção de que o cristianismo havia se deformado ao longo da história, deixando de ser uma religião de amor para se tornar uma religião de angústia diante dos dogmas:

> Tão logo procurei aplicar os novos conhecimentos na cura de almas, provei a alegria do descobridor e do auxiliador, sempre de novo experimentada. Principalmente o estudo das neuroses fóbicas e compulsivas, como também suas seqüelas na vida religiosa e moral, abriram meus olhos para as principais conexões e suas leis. Até as

[264] Nesse sentido, vale retomar o que Freud havia escrito em seu artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas*: "É inegável que também no campo religioso existe uma tendência para o deslocamento de valores psíquicos, e em sentido análogo, de forma que os cerimoniais triviais da prática religiosa gradualmente adquirem um caráter essencial, tomando o lugar dos pensamentos fundamentais. Por isso é que as religiões sofrem reformas de caráter retroativo, que visam estabelecer o equilíbrio original dos valores" (FREUD, 1907[2006], p.116).

> insensatas excentricidades religiosas, como as interessantes neoformações, aprendi a compreender em sua dimensão causal. (...) Experimentei como a neurose altera a prática cristã do devoto, de modo que esta adquire traços neuróticos (...) Os dogmas são monstruosamente ressaltados, transformando-se por vezes em fetichismo dogmático. Desta forma, de uma religião de amor, o cristianismo transformou-se, talvez até na maioria das vezes, em uma religião de angústia perante os dogmas. Deus, de um Pai celestial amoroso, transformou-se – em épocas especialmente negras de um cristianismo coercitivo – num Pai sinistramente dogmático (PFISTER apud FREUD; MENG, 2009, p.195).

Após uma vida alegre e produtiva, Pfister faleceu em 1956, tendo publicado diversos ensaios sobre temáticas diversas, como psicanálise e religião, a cura psicanalítica de almas, a técnica psicanalítica, a etiologia sexual das neuroses, psicologia da arte, filosofia e psicanálise, entre muitas outras. Pfister foi também um dos primeiros analistas leigos. Durante algum tempo a Sociedade Psicanalítica de Zurique foi a única a aceitar analistas não médicos e também a primeira a exigir análise para a formação de analistas. Depois da cisão com Jung foi durante anos o único analista suíço a permanecer ao lado de Freud. Também levou a análise aos professores, crianças e adolescentes no trabalho magisterial e eclesiástico.

Em 1983, foi criado o prêmio Oskar Pfister pela *American Psychiatric Association* [Associação Psiquiátrica Americana] e a *Association of Mental Health Clergy* [Associação de Saúde Mental do Clero], atualmente *Association of Professional Chaplains* [Associação de Capelães Profissionais], designado para honrar aqueles que fizeram contribuições significativas para o diálogo entre psiquiatria e religião[265].

[265] Dentre os autores citados neste trabalho, alguns deles foram condecorados com este prêmio: William Meissner em 1989, Peter Gay em 1990 e Ana-María Rizzutto em 1997.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – PSICANÁLISE E RELIGIÃO: DIÁLOGO COM OU SEM FUTURO?

As vias pelas quais psicanálise e religião tratam da demanda de sentido que lhe são dirigidas são distintas. Enquanto a psicanálise se fundamenta na imanência do mundo empírico para empreender uma abordagem teórico-clínica do psiquismo e sua constituição a partir da cultura, a religião se dirige à transcendência e mantém acesa no homem a esperança de entrar em contato com o divino através da mediação de um sistema de crenças e rituais. O encontro promovido através desse desencontro é inigualável, posto que as respostas de um campo tornam-se as perguntas do outro, mobilizando ambos na direção do incansável esforço do pensamento humano por elaborar sempre de novo o que insiste na repetição da memória subjetiva e coletiva encarnada na cultura.

Ao acompanhar o diálogo entre Freud e Pfister procurando os fundamentos de um diálogo entre psicanálise e religião, percebemos as complexidades e nuances de uma história de (des)encontros. Tendo investigado a história da relação entre a psicanálise e o cristianismo católico, Araújo (2014) enxergou nela um reflexo das possibilidades distintas de interação entre psicanálise e religião: de uma recusa veemente embora não oficial da psicanálise por parte da Igreja, seguiu-se uma generosa abertura à teoria e clínica psicanalíticas, que posteriormente gerou certo equilíbrio na relação, mas que depois desembocou num esfriamento mais marcado pela indiferença do que pela apaixonada oposição inicial. Considerando momentos tão distintos que chegam por vezes a ser opostos, variando desde a incompatibilidade radical ao concordismo ingênuo, o autor adota uma posição de abertura ao diálogo entre psicanálise e religião, mas sem ter a perspectiva de uma síntese.

Conforme tivemos a oportunidade de explorar, a atitude de Freud frente à religião foi marcada pela hostilidade desde o início de sua vida, muito antes de criar a psicanálise. Como ele mesmo diversas vezes indica, suas declarações sobre o futuro da religião são apenas em parte depreendidas de sua teoria metapsicológica – e, em parte, também de sua posição pessoal. Mas ao propor uma definição não usual de ilusão – crença mobilizada pelo desejo inconsciente que despreza a verificação na realidade – para abordar a significação psíquica da estrutura subjacente à crença, o pai da psicanálise parece não ter se restringido à própria definição que construiu ao divulgar seu prognóstico da religião como um erro que deve ser superado e sobre a qual ele se recusava a admitir matizes diferentes.

Por outro lado, Pfister nos parece demasiadamente otimista em relação à possibilidade de uma integração entre psicanálise e religião, chegando a comparar Jesus a um psicanalista e a insistir que Freud era um cristão não assumido. O *Analysenpfarrer* parece ter razão ao considerar que a psicanálise pode ter um efeito benéfico sobre formas de vivência religiosa imatura ou até mesmo psicopatológica. Entretanto, entusiasmado com o uso do dispositivo psicanalítico para o tratamento do sofrimento em sua prática pastoral, ele minimizava as diferenças entre esses campos, na medida em que seu forte desejo de integrá-los o impossibilitava de reconhecer diferenças fundamentais, que denunciariam como ilusória a sua concepção de alcançar uma completa harmonia entre campos distintos. Isto se tornou eviednte na correspondência nos diversos trechos em que o pastor suíço sustenta posições idealistas, o que o mestre vienense indicava frequentemente como uma questão a ser trabalhada.

Considerando as divergências nos modos de pensar de Freud e Pfister, é quase inacreditável pensar que tenham tido uma amizade tão rica em trocas teóricas e que o pai da psicanálise tenha até mesmo defendido o pastor suíço contra aqueles que consideravam impossível que ele pudesse exercer a psicanálise sendo clérigo. Enquanto Freud considerava a religião uma neurose obsessiva que trazia um sintoma atrelado a uma renúncia pulsional, Pfister a compreendia como uma das possíveis expressões da pulsão de vida, tendo inclusive investigado a possibilidade de o ateísmo ser o sintoma de um recalque da pulsão religiosa[266].

Ao comentar a discussão entre o pai da psicanálise e o pastor suíço sobre o tema da ilusão no prefácio à edição italiana que publicou *O futuro de uma ilusão* e *A ilusão de um futuro* em conjunto com trechos da correspondência, Piero di Giovanni indica que Pfister considerava Freud "ainda um mestre, embora não compartilhasse a tese de fundo segundo a qual a ciência está em contradição com a religião"[267] (DI GIOVANNI, 2009, p.18). Desse modo, Pfister se revelou para Freud um interlocutor interessante para debater o tema da religião, na medida em que sustentou uma posição diferente dele também referido ao campo teórico-clínico da psicanálise.

A leitura da correspondência impõe uma questão central para este trabalho: o diálogo entre psicanálise e religião é terminável ou interminável, possível ou impossível? Ao longo da

[266] Pfister sustentou esta hipótese no trabalho *Die verschiedenen Arten des unglaubens in psychoanalytischer Beleuchtung* [Os diferentes tipos de descrença na iluminação psicanalítica], que apresentou no Congresso Psicanalítico de Viena em 1931. Em muitos outros trabalhos, Pfister abordou casos de analisandos nos quais considera que o "ateísmo analisado transformou-se em religiosidade sublimada" (WONDRACEK, 2003, p.186).

[267] No original: "*pur sempre un maestro, anche se non condivide la tesi di fondo secondo la quale la scienza è da contrapporre ala religione*".

pesquisa bibiliográfica, verificamos que muitos autores se posicionaram quanto a essa questão, variando desde a defesa de um concordismo que procura homogeneizar esses campos e desconsiderar diferenças cruciais até a defesa de uma completa incompatibilidade, que considera impossível um diálogo entre esses campos.

Parece-nos que tal variedade de posições é possível porque a própria obra de Freud é cheia de nuances. Certamente há momentos em que ele se torna francamente combativo em relação à religião, mas em geral se mostra muito ponderado nas suas colocações, tanto nas cartas quanto nos textos dedicados ao tema. Ele escreve a Pfister que as opiniões expressas em *O futuro de uma ilusão* não são um componente da teoria analítica, e sim sua posição pessoal, ao mesmo tempo compartilhada por cientistas alheios ao campo da psicanálise e não compartilhada por analistas que eram religiosos, os quais, segundo ele, poderiam "utilizar a metodologia imparcial da análise também para o ponto de vista contrário" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.152), o que havia sido afirmado no próprio livro.

Para Marco Antonio Coutinho Jorge (2011b, p.11-12; 2010, p.212), o desencontro entre psicanálise e religião mostrou-se, no diálogo entre Freud e Pfister, como corolário do conflito entre a pulsão de morte e a questão do sentido na vida.

Philippe Julien indica em seu livro *A psicanálise e o religioso* que tanto a psicanálise quanto a religião recebem na contemporaneidade uma demanda de sentido, fazendo com que a relação entre psicanálise e religião se torne "uma questão inevitável" (JULIEN, 2010, p.10). Assim, ele apresenta da seguinte forma a discordância dos autores quanto a essa questão:

> Para alguns, psicanálise e religião são dois campos separados quanto a seu fim e, portanto, quanto a seus meios. Assim, a psicanálise não seria nem a favor nem contra a religião. Para outros, ao contrário, a experiência psicanalítica conduz, necessariamente, ao antiteísmo pela descoberta de que toda crença religiosa é, em si mesma, uma ilusão (JULIEN, 2010, p.10).

Entretanto, seguindo numa direção diferente, o autor sustenta que afirmar se a psicanálise necessariamente conduz ou não ao abandono da religião é uma questão irresolvível se partir de uma referência à teoria psicanalítica e não à prática clínica.

> Mas todas essas posições, sejam elas quais forem, têm o inconveniente de serem teóricas [...] Freud afirmava não haver uma teoria analítica *a priori* que fundamentaria a prática. O que predomina é a prática; em outras palavras, tudo depende de cada caso concreto. Assim, em certas situações, o religioso pode fazer resistência à análise, mantendo uma autoculpabilização do sexual. Existem outros casos, porém, em que pode ocorrer o inverso: há acordo e coincidência entre determinado discurso religioso e o progresso na análise (JULIEN, 2010, p.11).

O autor conclui, portanto, que existem muitas respostas possíveis sobre a relação entre psicanálise e religião: "a relação entre psicanálise e religião não é única. Deve ser discernida em função do conteúdo do discurso religioso e em função de cada prática da psicanálise" (JULIEN, 2010, p.11).

O posicionamento de Domínguez é semelhante ao de Julien. O psicanalista que atende um religioso não pode contar de antemão com a interpretação da enunciação da fé de seu analisando. Por outro lado, o religioso que procura um analista não pode se esquivar de ver interrogadas as motivações latentes e inconscientes de sua fé. Deste modo, o autor conclui:

> Por sua própria essência, parece forçoso que psicanálise e religião estão condenadas a manter a questão permanentemente, porque esta se apresenta de modo radicalmente novo cada vez que alguém fala, enuncia seu *Credo*. A psicanálise nunca pretenderá contar de antemão com a interpretação desse dizer, e o crente nunca poderá eludir a pergunta sobre o que se oculta sob esse dizer. O diálogo psicanálise-fé se apresenta, assim, não por acidente, mas por essência, como um *diálogo interminável* (DOMÍNGUEZ, 2008, contracapa, grifos no original).

Analisando a correspondência entre Freud e Pfister, Domínguez sustenta que o diálogo inicial da psicanálise com a religião coloca mais em cena a concepção iluminista do que as contribuições psicanalíticas propriamente ditas. Mesmo assim, o autor afirma que o diálogo entre esses campos nas cartas trocadas entre Freud e Pfister permanece inacabado porque é estruturalmente interminável. Dessa forma, não deveria nos surpreender que, ao longo da história da psicanálise, outros autores discutam de maneira tão diversa o (des)encontro entre psicanálise e religião.

Donald Winnicott desencadearia um movimento de grande otimismo entre analistas da escola inglesa quanto à possibilidade de integração entre esses campos, na medida em que se referirá à ilusão não mais como uma construção à margem da realidade, mas como um fenômeno transicional entre o desejo e a realidade, um espaço comum ao interno e ao externo[268]: "Reivindico aqui um estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade. Estou, portanto, estudando a substância da *ilusão*, aquilo que é permitido ao bebê e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião" (WINNICOTT, 1951[1978], p.391, grifo no original).

Para o autor, a ilusão é proporcionada através do cuidado de uma mãe suficientemente boa, que possibilita ao filho "a oportunidade de ter a *ilusão* de que seu seio faz parte do bebê"

[268] A bibliografia que segue essa tendência é vasta – ver, por exemplo, o artigo de Anita Sorenson (1990): "*Psychoanalytic perspectives on religion: the illusion has a future*" [Perspectivas psicanalíticas sobre a religião: a ilusão tem futuro].

(WINNICOTT, 1951[1978], p.402, grifo no original). Assim, a mãe se adapta às necessidades do bebê, de modo a dar "a este a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar" (WINNICOTT, 1951[1978], p.403, grifo no original). Dessa forma, tal como as artes, a religião é concebida como uma "área intermediária de experiência que não é contestada" (WINNICOTT, 1951[1978], p.404) e que se encontra "em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se 'perde' no brincar" (WINNICOTT, 1951[1978], p.404). Portanto, Winnicott identifica também um valor positivo na ilusão.

> Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador. Pode-se, dessa forma, afirmar a existência de um valor positivo da ilusão (WINNICOTT, 1951[1978], p.407).

As divergências de opinião quanto ao fenômeno religioso no movimento psicanalítico nos mobilizaram a procurar no diálogo entre Freud e Pfister os fundamentos do diálogo entre psicanálise e religião. Este não nos parece concluído, particularmente no que se refere à dimensão mística da experiência religiosa, ao qual apenas nos referimos superficialmente nesta oportunidade. Seguindo nesta direção, disciplinas como as ciências da religião e a teologia contemporânea podem descortinar novas perspectivas de diálogo entre os campos psicanalítico e religioso[269].

De fato, Freud sempre permaneceu cético quanto à possibilidade de uma integração entre psicanálise e religião, mas se manteve aberto ao diálogo entre esses campos até o fim da vida, como vemos na correspondência com Pfister, inclusive demandando que este lhe enviasse periódicos de teologia que se referissem à psicanálise. Numa de suas últimas cartas ao pastor, Freud escreveu: "Que o senhor possa ser um analista tão convicto e ao mesmo tempo um homem espiritual, pertence às contradições que tornam a vida tão interessante" (FREUD apud FREUD; MENG, 2009, p.184.). Em *O futuro de uma ilusão*, Freud afirma que o antagonismo entre psicanálise e religião talvez não seja irreconciliável, pois ambos buscam "o amor do homem e a diminuição do sofrimento" (FREUD, 1927[2006], p.61). Em outra carta a Pfister, foi ainda mais aberto ao diálogo ao escrever: "Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos" (FREUD apud FREUD; MENG,

[269] Ver, por exemplo, a obra de Domínguez (1998) intitulada *Teología y psicoanálisis* [Teologia e psicanálise], na qual o autor trata da interpelação da teologia pela psicanálise enfatizando dois temas: na soteriologia, a compreensão da salvação como sacrifício ou oferenda; e nas representações de Deus, distinguindo a imagem de Deus correspondente à nostalgia do pai daquela depreendida do anúncio de Jesus.

2009, p.146). Comentários como esses nos fizeram sustentar no trabalho que o diálogo entre psicanálise e religião tem futuro.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Bruno. "*Blue like jazz*": a Nota Azul abre a religiosidade ao Real? *Cadernos da Formação Básica do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*, 1º semestre, 2015a.

_____. "*Shemá, Yisrael*": a pulsão invocante na experiência religiosa judaico-cristã. *Cadernos da Formação Básica do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*, 2º semestre, 2015b.

_____. Mística e religião: uma êxtima relação? *Cadernos da Formação Básica do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*, 1º semestre, 2016a.

_____. A pulsão invocante nas religiões monoteístas. *VI Encontro Nacional e VI Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise*, Búzios, 2016b.

ALETTI, Mario. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. *Psicologia USP*, v.15, n.3, 2004, p.163-190. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000200009>. Acesso em 27 fev. 2017.

ARAÚJO, Ricardo Torri de. *Deus analisado: os católicos e Freud – A recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2014.

ASSOUN, Paul-Laurent. L'avenir d'une illusion. In: _____. *Dictionnaire thématique, historique et critique des oeuvres psychanalytiques, précédé de, Traité de l'oeuvre psychanalytique*. Paris: PUF, 2009.

BAKAN, David. *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition* [1958]. Mineola: Dover Publications, 2004.

BARROS, Rita Maria Manso de. Construção da subjetividade e educação. In: _____ (Org.). *Subjetividade e Educação: conexões contemporâneas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

BERNSTEIN, Richard. *Freud e o legado de Moisés*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2010.

BIRMAN, Joel. Desejo e promessa, encontro impossível: o discurso freudiano sobre a religião. MOURA, João Carlos. (Org.). *Hélio Pellegrino: A-Deus – Psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.116-143.

BOELICH, Walter. Posfácio. In: FREUD, Sigmund. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p.231-244.

COOPER-WHITE, Pamela. Why didn't Freud reject Pfister: a response to Isabelle Noth and Christoph Morgenthaler. *Pastoral Psychology*, v.63, fev. 2014, p.91-95.

DAVID, Sérgio Nazar. *Freud e a religião*. Coleção passo a passo, v. 20. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DI GIOVANNI, Piero. Prefazione. In: FREUD, Sigmund; PFISTER, Oskar. *L'avvenire di um'illusione, L'illusione di um avvenire*. Turim: Bollati Boringhieri, 2009, p.7-21.

DIDIER-WEILL, Alain. *Os nomes do pai*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

DOLTO, Françoise. *A fé à luz da psicanálise* [entrevistada por Gérard Sévérin]. Campinas: Verus, 2010.

_____. *Os Evangelhos à luz da psicanálise* [entrevistada por Gérard Sévérin]. Campinas: Verus, 2011.

DOMÍNGUEZ, Carlos. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável – Sigmund Freud e Oskar Pfister*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *El psicoanálisis freudiano de la religión: análisis textual y comentario crítico*. Madrid: Paulinas, 1991.

_____. Teología y psicoanálisis. *Cuadernos Institut de Teologia Fonamental – Saint Cugat del Vallès*, n.29. Barcelona: Cristianisme i justícia, 1998.

DROGUETT, Juan Guillermo. *Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ELLENBERGER, Henri. *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books, 1970.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo* [1842]. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERNÁNDEZ, Jose Herrera. *Freud, el teologo negativo*. Badajoz: Excma. Diputación Provincial de Badajoz, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. Os escritos religiosos de Freud: uma introdução. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p.59-72.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato, 2009.

FREUD, Sigmund. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein* [1871-1881]. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess [1950(1892-1899)]. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB), v.I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.217-331.

_____. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim [1956(1886)]. In: _____. *ESB, v.I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.35-49.

_____. Histeria [1888]. In: _____. *ESB, v. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Um caso de cura pelo hipnotismo [1892-1893]. In: _____. *ESB, v. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Prefácio e notas de rodapé à tradução das *Conferências das terças-feiras*, de Charcot [1892-1894]. In: _____. *ESB, v. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ & BREUER, Joseph. Estudos sobre a histeria [1893-1895]. In: _____. *ESB, v.II*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-319.

_____. Projeto para uma psicologia científica [1950(1895)]. In: _____. *ESB, v. I*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.333-454.

_____. A interpretação dos sonhos [1900]. In: _____. *ESB, v.IV-V*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-650.

_____. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana [1901]. In: _____. *ESB, v.VI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-272.

_____. Necrológio do professor S. Hammerschlag [1904]. In: _____. *ESB, v.IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.234.

_____. Sobre a psicoterapia [1905(1904)]. In: _____. *ESB, v.VII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.241-254.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905(1901)]. In: _____. *ESB, v.VII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-116.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905a]. In: _____. *ESB, v.VII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.117-231.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905b]. In: _____. *ESB, v.VIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.9-222.

_____. Atos obsessivos e práticas religiosas [1907]. In: _____. *ESB, v.IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.105-117.

_____. Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna [1908]. In: _____. *ESB, v.IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.165-186.

_____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos [1909a]. In: _____. *ESB, v.X*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-133.

_____. Notas sobre um caso de neurose obsessiva [1909b]. In: _____. *ESB, v.X*. Rio de Janeiro: Imago, 2006,p.135-276.

_____. Prefácio a *Psycho-analysis: essays in the field of psycho-analysis*, de Sandor Ferenczi [1910(1909)]. In: _____. *ESB, v.IX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.231.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância [1910]. In: _____. *ESB, v.XI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.67-141.

_____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*) [1911a]. In: _____. *ESB, v.XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-89.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental [1911b]. In: _____. *ESB, v.XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.231-244.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) [1912a]. In: _____. *ESB, v.XI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.181-195.

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise [1912b]. In: *ESB, v.XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.121-133.

_____. Totem e tabu: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos [1913(1912-1913)]. In: *ESB, v.XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-163.

_____. Introdução a *The psycho-analytic method*, de Pfister [1913]. In: *ESB, v.XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.351-357.

_____. O Moisés de Michelangelo [1914a]. In: *ESB, v.XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.213-241.

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar [1914b]. In: *ESB, v.XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.243-250.

_____. A história do movimento psicanalítico [1914c]. In: *ESB, v.XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-73.

_____. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) [1915(1914)]. In: *ESB, v. XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Os instintos e suas vicissitudes [1915a]. In: *ESB, v.XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.115-144.

_____. Reflexões para os tempos de guerra e morte [1915b]. In: *ESB, v.XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.281-312.

_____. Sobre a transitoriedade [1916(1915)]. In: _____. *ESB, v. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.313-319.

_____. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: _____. *ESB, v. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise [1916-1917(1915-1917)]. In: _____. *ESB, v.XV-XVI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-463.

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise [1917]. In: _____. *ESB, v.XVII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.143-153.

_____. História de uma neurose infantil [1918(1914)]. In: _____. *ESB, v.XVII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-129.

_____. Além do princípio de prazer [1920]. In: _____. *ESB, v. XVIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-75.

_____. Psicologia de grupo e análise do ego [1921]. In: _____. *ESB, v.XVIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.77-154.

_____. Uma neurose demoníaca do século XVII [1922(1923)]. In: _____. *ESB, v.XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.81-120.

_____. O ego e o id [1923]. In: _____. *ESB, v. XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-80.

_____. Um estudo autobiográfico [1925(1924)]. In: _____. *ESB, v.XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.9-73.

_____. A negativa [1925]. In: _____. *ESB, v.XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.263-269.

_____. O valor da vida: uma entrevista rara de Sigmund Freud [1957(1926)]. In: PAPÉIS. Boletim do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro – Escola de psicanálise, n. 10, ano X, ago. 2004.

_____. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial [1926a]. In: _____. *ESB, v.XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.173-240.

_____. A Romain Rolland [1926b]. In: _____. *ESB, v.XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.270.

_____. Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith [1941(1926)]. In: _____. *ESB, v. XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.261-266.

_____. O futuro de uma ilusão [1927a]. In: _____. *ESB, v.XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-63.

_____. Fetichismo [1927b]. In: _____. *ESB, v.XXI*.Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.149-160.

_____. Pós-escrito a *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial* [1927c]. In: _____. *ESB, v.XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.241-248.

_____. Uma experiência religiosa [1927(1928)]. In: _____. *ESB, v.XXI.* Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.171-177.

_____. O mal-estar na civilização [1930(1929)]. In: _____. *ESB, v. XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.65-148.

_____. O prêmio Goethe [1930]. In: _____. *ESB, v.XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.209-219.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise [1933a(1932)]. In: _____. *ESB, v.XXII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.11-177.

_____. Por que a guerra? (Einstein e Freud) [1933b(1932)]. In: _____. *ESB, v. XXII***.** Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.189-208.

_____. Pós-escrito a *Um estudo autobiográfico* [1935]. In: _____. *ESB, v.XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.75-78.

_____. Um distúrbio de memória na Acrópole [1936]. In: _____. *ESB, v. XXII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.233-245.

_____. Análise terminável e interminável [1937]. In: _____. *ESB, v.*XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.223-270.

_____. *O homem Moisés e a religião monoteísta: três ensaios* [1934-1938(1939)]. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. Achados, idéias, problemas [1941(1938)]. In: _____. *ESB, v.XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.317-318.

_____. O valor da vida: uma entrevista rara de Sigmund Freud [1926]. In: PAPÉIS. Boletim do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro – Escola de psicanálise, n. 10, ano X, ago. 2004.

FREUD, Sigmund; ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *O homem Moisés e a religião monoteísta – Três ensaios: o desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GAY, Peter. *Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GESCHÉ, Adolphe. *Deus para pensar*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: uma tragédia – primeira parte* [1808] (tradução do original alemão de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari; ilustrações de Eugêne Delacroix). 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

GOMEZ, Maria Luísa Trovato. O pastor psicanalista Oskar Pfister: um legado de desconforto. *Psicologia: ciência e profissão*. Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300007>. Acesso em 4 fev. 2016.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana* [1902]. São Paulo: Cultrix, 1991.

JONES, Ernest. *Psicanalise da religião cristã*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934.

_____. *A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 1: os anos de formação e as grandes descobertas (1856-1900)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989a.

_____. *A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 2: a maturidade (1901-1939)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989b.

_____. *A vida e a obra de Sigmund Freud, volume 3: última fase (1919-1939)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989c.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Nota sobre a questão do sentido na psicanálise, na religião e na neurose obsessiva. In: ARAÚJO, Marcos; BADARÓ, Maria; MAYA, Braga. (Orgs.). *Neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Letter, 1992, p.165-175.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. O desejo de despertar. In: MAURANO, Denise; NERI, Heloneida; JORGE, Marco Antonio Coutinho. (Orgs.). *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2011a, p.151-162.

_____. Prefácio. In: TERÊNCIO, Marlos. *Um percurso psicanalítico pela mística, de Freud a Lacan*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b, p.11-13.

JULIEN, Philippe. *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan.* Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JUNG, Carl Gustav. Relações entre a psicoterapia e a direção espiritual [1932]. In: _____. *Escritos diversos: psicologia e religião ocidental e oriental*. *C. G. Jung, obra completa, v. 11/6.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.81-104.

KRISTEVA, Julia. *No princípio era o amor: psicanálise e fé*. Campinas: Verus, 2010.

KÜNG, Hans. *Freud e a questão da religião*. 2. ed. Campinas: Verus, 2010.

LACAN, Jacques. *O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* [1954-1955]. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O seminário, livro 19: ...ou pior* [1971-1972]. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEE, David. Oskar Pfister: a protestant clerygman in a non-christian movement. *Fifth Congress of the International Association for the History of Psychoanalysis*. Berlim, 1994.

LEMERCIER, Grégoire. *Psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

LO BIANCO, Anna Carolina. *A materialidade da psicanálise*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MALAMOUD, Charles. Psicanálise e ciência das religiões. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.584-593.

MANNONI, Octave. Eu sei, mas mesmo assim... In: _____. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes, 1973, p.9-34.

MAURANO, Denise. *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MCGUIRE, William (Org.). *Freud/Jung: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. Ilusão. In: MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.926-928.

MILLOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MOURA, João Carlos. (Org.). *Hélio Pellegrino: A-Deus – Psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 1988.

OUTLER, Albert. *Psychotherapy and the Christian Message*. New York: Harper & Brothers Publisher, 1954.

PEGORARO, Olinto. *Freud, ética e metafísica: o que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PFISTER, Oskar. Psychanalytische Seelsorge und experimentelle Moralpädagogik [1909a]. *Protestantische Monatshefte* – Neue Folge der Protestantischen Kirchenzeitung, n. 13, p.6-42. Leipzig, 1909. Disponível em: <http://www.digizeitschriften.de/dms/resolveppn/?PID= PPN827943806_0013|LOG_0009>. Acesso em 7 de fev. 2017.

_____. Ein Fall von psychoanalytischer Seelsorge und Seelenheilung [1909b]. *Evangelische Freiheit*, n.9, 1909, p.108-114; 139-149; 175-189.

_____. A ilusão de um futuro: um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud [1928]. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p.17-56.

_____. *Christianity and fear: a study in history and in the psychology and hygiene of religion* [1944]. Londres: George Allen & Unwin LTD, 1948.

REIK, Theodor. Dogma und Zwangsidee: eine psychoanalytische Studie zur Entwicklung der Religion. *Imago – Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse aud fie Natur- und Geisteswissenchaften*, v. 13. Leipzig/Wien/Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1927.

_____. *Trente ans avec Freud, suivi des lettres inédites de Sigmund Freud à Theodor Reik*. Bruxelles: Complexe/Presses Universitaires de France, 1956.

RINALDI, Doris Luz. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Zahar, 1996.

_____. Comunicação oral no exame de defesa da dissertação de mestrado *Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião*, de Bruno Pinto de Albuquerque. Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Notas pessoais.

RIZZUTO, Ana-Maria. *Por que Freud rejeitou Deus?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Oskar Pfister (1873-1956). In: _____. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.588-589.

SORENSON, Anita Lehmann. Psychoanalytic perspectives on religion: the illusion has a future. *Journal of Psychology and Theology*, v.18, n.3, 1990, p.209-217.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. *Um percurso psicanalítico pela mística, de Freud a Lacan*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

URTUBEY, Luisa de. *Freud et le diable*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

VALLET, Odon. Religião e psicanálise. In: MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.1600.

VERGOTE, Antoine. Religion & Psychanalyse. In: ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Encyclopaedia Universalis et Albin Michel, 1997, p. 731-737.

VIVÈS, Jean-Michel. Comunicação oral no exame de defesa da dissertação de mestrado *Sigmund Freud e Oskar Pfister: um diálogo sobre psicanálise e religião*, de Bruno Pinto de Albuquerque. Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Notas pessoais.

WINNICOTT, Donald. Objetos transicionais e fenômenos transicionais [1951]. In: _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p.389-408.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. Prefácio à edição brasileira. In: FREUD, Ernst; MENG, Heinrich. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato, 2009, p.7-11.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZILBOORG, Gregory. *Psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 1969.